UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDSON GALVÃO MAIA

A REALIZAÇÃO FONÉTICA DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NOS MUNICÍPIOS DE BOCA DO ACRE, LÁBREA E TAPAUÁ

MANAUS
2012

EDSON GALVÃO MAIA

A REALIZAÇÃO FONÉTICA DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NOS MUNICÍPIOS DE BOCA DO ACRE, LÁBREA E TAPAUÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pachêco

Co-orientadora: Prof. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

MANAUS

2012

EDSON GALVÃO MAIA

A REALIZAÇÃO FONÉTICA DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NOS MUNICÍPIOS DE BOCA DO ACRE, LÁBREA E TAPAUÁ

Manaus, 27 de agosto de 2012.

Membros da Banca de Defesa:

_____

Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco (UFAM)
Orientador

_____

Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso (UFAM)
Co-orientadora

_____

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (UFSC)
Membro

_____

Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva (UFAM)
Membro

_____

Profa. Dra. Ana Carla dos Santos Bruno (INPA)
Suplente

_____

Profa. Dra. Maria Sandra Campos (UFAM)
Suplente

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Maia, Edson Galvão

M217r A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá / Edson Galvão Maia. - Manaus: UFAM, 2013.

150 f.; il. color.; v. I

Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pachêco

Co-orientadora: Profª. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

1. Dialetologia Pluridimensional 2. Fonética 3. Fonologia 4. Linguística 5. Linguagem e línguas I. Pachêco, Frantomé Bezerra (Orient.) II. Cruz-Cardoso, Maria Luiza de Carvalho (Co-orient.) III. Universidade Federal do Amazonas IV. Título

CDU (2007): 81’344.2(811.3)(043.3)

Dedico à minha família, esteio que sempre sustentou meu viver e instituição humana na qual posso confiar plenamente e que sei que daria por mim a vida.

Ao meu pai, Francisco Taumaturgo, homem grande, trabalhador e valoroso, meu espelho.

À Dona Graça Galvão, minha querida mãe, protetora, cuidadosa, coração do nosso lar.

A Ivo, João Neto, Miguel e Hudson, irmãos exemplares, frutos do trabalho de nossos pais.

A Marinês e Marinete, irmãs amorosas, mães...

A você, tia Davina (*In memoriam*) de quem sinto muitas saudades e que, estando agora perto do Pai, continua sendo minha grande incentivadora.

AGRADECIMENTOS

Uma conquista como essa não o é por si só e nem acontece em dois anos, ela se concretiza aqui, mas foi semeada ao longo de uma história, assim como não se encerra nesta etapa. Do mesmo modo, ninguém conquista algo sozinho e é isto que dá sentido à vida. O que seria de nós se não tivéssemos com quem dividir e a quem agradecer nossas conquistas? Eu não sou diferente, tenho muitas pessoas a agradecer e com quem regozijar-me nesse momento, muitos dos quais talvez nem saibam ou nem lembrem o quão importante foram para mim uma palavra de incentivo ou um simples ato de auxílio.

- A começar pela base de tudo, agradeço infinitamente à minha família, principalmente meus pais que não mediram esforços para a nossa educação. Nunca esquecerei as manhãs quando acordava e minha mãe havia preparado o café para que eu tomasse antes de ir pra escola. Meu pai não estava em casa porque abrira mão de nossa companhia para estar na lida diária, a fim de nos manter estudando. Um fato comum? Sim, eu seleciono os gestos simples e diários para expressar minha gratidão, por serem os mais bonitos e importantes. Isso não significa que não existiram os momentos de maior tensão (e como existiram!). Mãe, agradeço-te pela simples frase: "É pra escola? Então a gente dá um jeito". Pai, agradeço-te porque mesmo sem ter oportunidade de estudar e tendo que trabalhar desde criança, o senhor sempre nos ensinou que o conhecimento muda o mundo. Pai e mãe, vocês nunca deixaram de ser meus heróis e para mim nunca existiu melhor escola que nossa casa! Agradeço aos meus manos, Ivo, Neto, Miguel, Marinês, Marinete e Hudson. Como irmãos mais velhos, vocês sempre foram meus exemplos. À minha irmã por conquista, Branca Galvão, minha prima querida, que desde a seleção para esse mestrado foi "meu ouvido" preferido. No que eu sou tem um pouquinho de cada um de vocês!
- Quero agradecer aos meus colegas de mestrado que dividem comigo essa conquista, Hariele, irmã e amiga desde a faculdade, sempre dividindo lágrimas de alegria e tristeza, Jeiviane, Sérgio, Lorena, Evanilson e, em especial, à Vanessa. Amiga, nem sei o que teria sido de mim sem a sua força, sem seu apoio. Aprendi a ser bem mais humano com você e sua família (fale isso para "titia", a dona virtuosa, para o "titio" e para o Adam). Muito obrigado mesmo!! Ao meu amigo Filipe Misturini, a quem eu devo muito. Você foi um dos grandes incentivadores dessa conquista e eu quero dividi-la com você. Obrigadão!

- À Universidade Federal do Amazonas, representada por todos os meus professores, Herbert Braga, Sérgio Freire, Raynice Geraldine, e especialmente a professora Maria Luiza Cruz, que me possibilitou a descoberta da Dialetologia e me ensinou a paixão pela pesquisa. Se eu conseguir ser seu espelho, serei muito. Obrigado demais! Agradecimento não menos especial quero dedicar ao professor Magdiel Medeiros principalmente pelo incentivo. Às vezes eu não entendo como você pode acreditar mais em mim do que eu e sou muito grato por isso. Nesse mestrado você foi uma das maiores forças que encontrei para continuar. ありがと. Agradeço, ainda em caráter especial, ao meu orientador Frantomé Pacheco pelo tempo dedicado, pela força, pelo carinho, pela enorme quantidade de conhecimento, pela confiança... Dividir esse tempo com você foi enriquecedor para a pesquisa e principalmente para mim. Sua amizade e sua confiança em mim é a maior riqueza que levo de tudo isso.
- Ao Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Lábrea, instituição que me acolhe, na pessoa da Professora Anna Cássia (Diretora de Ensino). Não tenho palavras para expressar a minha gratidão a você pelos milagres que fiz para que eu concluísse esse curso. Também aos meus amigos e irmãos (bem mais que simples colegas de trabalho), Aline Luciana, Alline Penha, Alciane Paiva, Beatriz Dias, Jerdmiler Paiva, Francy Kelle, Leocinira, Vandreza e Wilson Montalvão pelo carinho, pela força e principalmente por nossos momentos “mais loucos”, eles foram essenciais para garantir meu equilíbrio. Amo vocês!
- Àquela que desde a graduação tem sido mais que uma amiga, tem sido irmã, confidente, incentivadora, exemplo, Flavinha... Sua “feia”, nem sei como te agradecer, entre as muitas coisas, pela atenção e paciência dispensadas nas ligações para contar as ideias, ouvir opiniões ou mesmo para a leitura do que eu tinha escrito nessa dissertação... Você sempre foi demais!
- Aos amigos do coração Jacqueline, Leydiane, Camila, Rafael, Rosinaldo, Cleuomar... por tolerarem minhas ausências e meus “papos chatos” sobre a “Dirce”. Cada um de vocês é uma peça-chave nessa conquista.
- Aos demais amigos, dos quais seria até injusto citar nomes, uma vez que são tantos que corro o risco de esquecer alguém. O homem sem amizades não pode ser nada. Devo isso a vocês.
- Ao amor da minha vida que em segredo não somente me dá forças, mas é a minha força sempre. Amo-te.

- Não posso deixar de agradecer a todos aqueles que mais diretamente tornaram essa pesquisa possível. Ao Flávio e toda família que me acolheu com todo carinho e atenção em Boca do Acre, bem como ao Antônio de Cássia, seu irmão Aurélio e família pela mesma acolhida fraterna em Tapauá. Minha gratidão é infinita a vocês. Aos moradores do Purus, especialmente, os informantes que gentilmente me receberam em suas casas com respeito e atenção, sempre com um sorriso no rosto. Meu muito obrigado a vocês também.
- Por fim, a Ele a quem eu devo minha vida e meu amor, meu Deus! Minha força maior que me permitiu realizar mais esse feito pelo poder de Seu braço e do seu nome. Obrigado, Senhor!

"[...] na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato toda gente dela se ocupa pouco ou muito; mas – consequência paradoxal do interesse que suscita – não há domínio onde tenham germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções"

Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral (1916)*

"A partir daquilo que você pesquisa, daquilo que você estuda, você pode contribuir para uma melhor compreensão dos problemas da sociedade"

Maria Bernadete Abaurre, *Conversas com Linguistas (2003)*

RESUMO

Esta pesquisa inscreve-se na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, proposta por Radtke & Thun (1996). Investigaram-se as variantes do /S/ pós-vocálico no falar dos habitantes de três localidades pertencentes à Microrregião do Purus, no Estado do Amazonas: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. Para realização deste trabalho foram consideradas as variáveis gênero e faixa etária, a fim de se observar a influência desses fatores na escolha das variantes pelo falante. Da mesma forma, realizou-se uma análise à luz das teorias fonológicas, a saber a Teoria Gerativa Clássica de Traços Distintivos proposta em *The Sound Pattern of English (SPE)*, de Chomsky e Halle (1968) e a Teoria da sílaba, para a melhor compreensão do fenômeno no próprio sistema linguístico. Nesta pesquisa, foram investigados 18 informantes residentes nas localidades em estudo, distribuídos da seguinte forma: 6 informantes em cada localidade, sendo um homem e uma mulher em cada uma das três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante). Os informantes foram selecionados obedecendo a critérios pré-estabelecidos: ser analfabeto, ser natural da localidade e ter pais também naturais da localidade, além de não ter se ausentado do município por mais de um terço de sua vida. O trabalho foi realizado seguindo orientações já consagradas pelo método geolinguístico: a) foram realizadas as entrevistas com as respostas ao questionário fonético-fonológico (QFF) e conversação livre de no máximo 30 minutos, gravadas de modo digital; b) realizou-se a transcrição grafemática de todas as entrevistas, tanto dos dados coletados pelo QFF quanto dos coletados em elocução livre, o que se constituiu em um banco de dados para futuras pesquisas dialetológicas; c) fez-se a transcrição fonética das palavras coletadas por meio do QFF. Esses dados resultaram em 51 cartas fonéticas e 13 cartas fonético-contextuais, que apontam o uso da variante alveolar como mais frequente na região. No entanto, a análise do fonema em contextos específicos revelou que as variantes são condicionadas por determinados contextos, dos quais se citam a variante pós-alveolar, que é privilegiada principalmente pelo contexto medial antes de oclusiva [t]; a variante aspirada, condicionada pelo contexto anterior a lateral e nasal; e o apagamento que ocorre frequentemente em contexto final, quando o /S/ é morfema de plural. À preponderância da variante alveolar sobre as demais é atribuído o fator histórico, uma vez que a região fora povoada por migrantes nordestinos dos Estado do Maranhão e Ceará, os seringueiros da borracha na época áurea do látex. Quanto às especificidades do fonema em cada contexto, encontrou-se explicação nas teorias fonológicas, principalmente na escala de sonoridade proposta por Jaspersen (1904, apud HOOPER, 1976). Percebeu-se que quanto mais sonoro o segmento seguinte, mas enfraquecido se torna o fonema em estudo, tendendo ao enfraquecimento (aspiração), quanto menos sonoro o segmento seguinte, mais carregado o fonema em estudo, privilegiando a variante pós-alveolar. A análise pelos fatores sociais, por sua vez, revela como variante conservadora a pronúncia alveolar, enquanto a aspirada parece ser a mais inovadora. A análise revela também a localidade de Tapauá como a mais conservadora e a localidade de Lábrea como a mais inovadora.

Palavras-chaves: Dialetologia Pluridimensional. Fonologia. /S/ pós-vocálico.

ABSTRACT

This research fits in the perspective of Pluridimensional Dialectology, proposed by Radtke & Thun (1996). We investigated the variants of the / S / post-vocalic in the speech of the inhabitants of three villages belonging to the micro-region of Purus, the State of Amazonas: Boca do Acre, and Lábrea Tapauá. For this study, we considered the variables gender and age in order to observe the influence of these factors in the selection of variants by speaker. Likewise, there was a review in the light of phonological theories, namely the Generative Theory of Classical Distinctive Traits proposed in The Sound Pattern of English (SPE), Chomsky and Halle (1968) and the Theory of the syllable, for the best understanding of the phenomenon in this language system. In this study, we investigated 18 informants living in the localities under investigation, distributed as follows: 6 informants in each locality, being a man and a woman in each of three age groups (18-35 years old, 36-55 years old and 56 years old on). The informants were selected obeying pre-established criteria: being illiterate, being natives of the locality under investigation and having parents who are also natives of that locality, besides not having been away from the city for more than a third part of their lives. The study was conducted following guidelines already established by the geolinguistic method: a) the interviews were conducted through responses to the phonetic-phonological questionnaire (PPQ) and free conversations of up to 30 minutes, both recorded digitally; b) the graphematic transcription of all interviews were done, both the data collected by the PPQ and the ones collected in free speech, constituting a database for future dialectology researches; c) the phonetic transcription of the words collected through the PPQ was done. These data resulted in 51 phonetic letters and 13contextual phonetic letters, that indicate the use of the alveolar variant as the most frequent in the area. However, the phoneme analysis in specific contexts showed that variants are conditioned by certain contexts, of which we cite the post-alveolar variant that is particularly preferred by the medial context before occlusive [t]; the aspirated variant, conditioned by anterior context, the lateral and the nasal; and deletion that occurs often in end context, when the / S / is a plural morpheme. To the prevalence of the alveolar variant over the others the historical factor is assigned, once the region was populated by migrants from the northeast state of Maranhão and Ceará, the rubber tappers in the heyday of the latex. As for the specificities of each phoneme in context, we found explanation in phonological theories, especially on the sonority scale proposed by Jaspersen (1904 cited in Hooper 1976). It was noticed that the noisier the next segment is, the less weak the phoneme under investigation becomes, tending to weakness (aspiration); the less noisy the next segment, the stronger the phoneme under investigation is, favoring the post-alveolar variant. The analysis by social factors, in turn, reveals as conservative variant the alveolar pronunciation, while the aspirated variant seems to be more innovative. The analysis also reveals the location of Tapauá as the most conservative and the location of Lábrea as the most innovative.

Keywords: Pluridimensional Dialectology. Phonology. Post-vocalic / S /.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

Figura 1 – Microrregião do Purus no mapa do Estado do Amazonas 26
Figura 2 – Municípios integrantes da Microrregião do Purus 26
Figura 3 – Localização da Bacia Hidrográfica do Purus 28
Figura 4 – Município de Boca do Acre no mapa do Amazonas 34
Figura 5 – Igreja Matriz de Boca do Acre 35
Figura 6 – Confluência do rio Acre com o rio Purus em Boca do Acre 35
Figura 7 – Município de Lábrea no mapa do Amazonas 39
Figura 8 – Praça Central de Lábrea 41
Figura 9 – Festa do Sol em Lábrea 43
Figura 10 – Vista aérea da cidade de Lábrea às margens do rio Purus 43
Figura 11 – Município de Tapauá no mapa do Amazonas 44
Figura 12 – Casas flutuantes na confluência dos rios Ipixuna e Purus, na frente da cidade de Tapauá 45
Figura 13 – Igreja de Santa de Cássia, localizada na praça de Tapauá 45
Figura 14 – Representação da regra de palatalização sem a segmentação dos sons em traços distintivos 75
Figura 15 – Representação da regra de palatalização com a segmentação dos sons em traços distintivos 75
Figura 16 – Hierarquia proposta por Nespor & Vogel (1986) e Hayes (1996 79
Figura 17 – Representação fonológica da sílaba de acordo com Kahn (1976) 80
Figura 18 – Representação fonológica da sílaba de acordo com Clements & Keyser (1983) 81
Figura 19 – Representação fonológica da sílaba de acordo com Selkirk (1982) 81
Figura 20 – Representação mórica de uma sílaba pesada 82
Figura 21 – Representação mórica de uma sílaba leve 82
Figura 22 – Representação silábica das sílabas “cri” de *lacrima* e “per” de *peperci* 82
Figura 23 – Molde silábico do Português 84
Figura 24 – Filtro de formação silábica do português 84
Figura 25 – Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico no território brasileiro 93
Figura 26 – Trecho da BR 317 que liga Boca do Acre a Rio Branco - AC 97
Figura 27 – Avião monomotor utilizado para o deslocamento de Canutama a Tapauá 97
Figura 28 – Pesquisador em coleta de dados em Tapauá 101

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (QUADROS)

Quadro 1 – Atlas regionais brasileiros publicados.....57

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (GRÁFICOS)

Gráfico 1 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /p/ 109
Gráfico 2 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /b/ 109
Gráfico 3 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /k/ 110
Gráfico 4 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /g/ 110
Gráfico 5 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva [t].....111
Gráfico 6 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /d/ 112
Gráfico 7 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à nasal /m/ 112
Gráfico 8 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à fricativa /f/.....113
Gráfico 9 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à fricativa /v/ 113
Gráfico 10 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à lateral /l/ 114
Gráfico 11 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à africada [tʃ].....115
Gráfico 12 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto final como parte da raiz da palavra 116
Gráfico 13 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto final como morfema de plural 116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação das consoantes do português segundo Câmara Jr. 89
Tabela 2 – Classificação das consoantes do português adotada por este trabalho 89
Tabela 3 – Distribuição dos informantes por gênero, faixa etária e localidade 98
Tabela 4 – Contextos internos observados na análise dos dados linguísticos e conceitos dos questionários 105
Tabela 5 – Percentual geral das variantes do /S/ pós-vocálico na região estudada 107
Tabela 6 - Percentual geral de ocorrência das variantes do /s/ pós-vocálico em Boca do Acre 117
Tabela 7 – Percentuais, por contexto fonológico, das variantes do /S/ pós-vocálico em Boca do Acre 117
Tabela 8 – Percentual geral das variantes do /S/ pós-vocálico em Lábrea 118
Tabela 9 – Percentuais, por contexto fonológico, das variantes do /S/ pós-vocálico em Lábrea 119
Tabela 10 – Percentual geral das ocorrências do /S/ pós-vocálico em Tapauá 120
Tabela 11 - Percentuais, por contexto fonológico, das variantes do /S/ pós-vocálico em Tapauá 121
Tabela 12 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero 123
Tabela 13 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero em Boca do Acre 124
Tabela 14 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero em Lábrea 124
Tabela 15 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero em Tapauá 124
Tabela 16 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária 125
Tabela 17 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária em Boca do Acre 126
Tabela 18 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária em Lábrea 126
Tabela 19 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária em Tapauá 126

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A – Ataque

AFBAM – Atlas dos Falares do Baixo Amazonas

ALAC – Atlas Linguístico do Acre

ALAM – Atlas Linguístico do Amazonas

ALECE - Atlas Linguístico do Ceará

ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil

ALES – Atlas Linguístico do Espírito Santo

ALESP – Atlas Linguístico do Estado de São Paulo

ALF – Atlas Linguístico da França

ALFARIN – Atlas dos Falares do Alto Rio Negro

ALIMA – Atlas Linguístico do Maranhão

ALiMAT – Atlas Linguístico de Mato Grosso

ALIPA – Atlas Geossociolinguístico do Pará

ALiPI – Atlas Linguístico do Piauí

ALIRN – Atlas Linguístico do rio Grande do Norte

ALiSon-Rio – Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro

ALISPA – Atlas Linguístico Sonoro do Pará

ALMS – Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul

ALPB – Atlas Linguístico da Paraíba

ALPR – Atlas Linguístico do Paraná

ALPR II – Atlas Linguístico do Paraná II

ALS – Atlas Linguístico de Sergipe

ALS II – Atlas Linguístico de Sergipe II

APERS – Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro

APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos

ATR – Avions Transport Regional

BASA – Banco da Amazônia S.A

C – Consoante

CEAM – Companhia Energética do Amazonas

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

Co – Coda

COSAMA – Companhia de Saneamento do Amazonas

EALMG – Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFAM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

IPA - International Phonetic Alphabet (Alfabeto Fonético Internacional)

MicroAFERJ – Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro

Nu – Núcleo

NURC – Projeto Norma Urbana Culta

PB – Português Brasileiro

PE – Português Europeu

QFF – Questionário Fonético-Fonológico

R – Rima

SPE – The Sound Patterno of English

SPVEA – Superintendência do Plano de Valorização da Borracha

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFeBG – Atlas Fonético do Entorno da Baía Guanabara

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

V – Vogal

LISTA DE SÍMBOLOS

μ - mora

σ – sílaba

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

CONSOANTES:

[p] oclusiva bilabial surda

[b] oclusiva bilabial sonora

[t] oclusiva alveolar surda

[d] oclusiva alveolar sonora

[k] oclusiva velar surda

[g] oclusiva velar sonora

[m] nasal bilabial sonora

[n] nasal alveolar sonora

[ɲ] nasal palatal sonora

[r] vibrante alveolar sonora

[ɾ] tepe alveolar sonoro

[f] fricativa lábio-dental surda

[v] fricativa lábio-dental sonora

[s] fricativa alveolar surda

[z] fricativa alveolar sonora

[ʃ] fricativa pós-alveolar surda

[ʒ] fricativa pós-alveolar sonora

[h] fricativa glotal surda

[ɦ] fricativa glotal sonora

[l] lateral alveolar sonora

[ʎ] lateral palatal sonora

[tʃ] africada pós-alveolar surda

[dʒ] africada pós-alveolar sonora

VOGAIS:

[i] anterior fechada

[ɪ] anterior entre [i] e [e] (átona)

[e] anterior média fechada

[ɛ] anterior média aberta

[u] posterior fechada

[ʊ] posterior entre [u] e [o] (átona)

[o] posterior média fechada

[ɔ] posterior média aberta

[a] anterior aberta

[ɐ] central meio-aberta (átona)

SEMIVOGAIS:

[j] semigoval anterior

[w] semivogal posterior

DIACRÍTICOS:

- (ˈ) Antecede a sílaba tônica;
- (~ Sobrescrito) indica nasalização;

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 20

1 O ESTADO DO AMAZONAS E A MICRORREGIÃO DO PURUS 24

1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA MICRORREGIÃO DO PURUS 25

1.2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAIS DA MICRORREGIÃO DO PURUS 30

1.3 PONTOS DE INQUÉRITO SELECIONADOS 34

1.3.1 O município de Boca do Acre 34

1.3.2 O município de Lábrea 38

1.3.3 O município de Tapauá 43

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 47

2.1 A DIALETOLOGIA E O MÉTODO GEOLINGUÍSTICO 47

2.1.1 Alguns conceitos importantes 51

2.1.2 A Dialetologia no Brasil 53

2.1.2.1 Breve histórico da Dialetologia no Brasil 54

2.1.2.2 Novos rumos da Dialetologia no Brasil: A Geolinguística Pluridimensional 65

2.1.3 A Dialetologia no Amazonas 68

2.2 FONOLOGIA 71

2.2.1 Traços distintivos 74

2.2.2 A Teoria da Sílaba 78

2.2.2.1 Representações fonológicas da estrutura silábica **80**

2.2.2.2 Silabação **83**

2.2.2.3 A sonoridade como princípio de boa formação silábica **85**

2.2.2.4 A posição de coda no padrão silábico do Português Brasileiro (PB) **86**

2.3 O FONEMA EM ESTUDO: O /S/ PÓS-VOCÁLICO 87

2.3.1 O /S/ pós-vocálico no sistema consonântico do português 87

2.3.2 Das origens e da distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico no português 90

3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA 94

3.1 COLETA DE DADOS 94

3.1.1 Os pontos de inquérito 94

3.1.2 Os informantes 97

3.1.3 O questionário fonético-fonológico (QFF) e conversação livre 99

3.1.4 As entrevistas 101
3.2 TRANSCRIÇÃO E REGISTRO DOS DADOS 102
3.3 ELABORAÇÃO DAS CARTAS FONÉTICAS 103
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS 103

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS 106

4.1 RESULTADOS GERAIS 107
4.2 RESULTADOS POR LOCALIDADE 116
4.2.1 Resultados de Boca do Acre 116
4.2.2 Resultados de Lábrea 118
4.2.3 Resultados de Tapauá 120
4.3 VARIÁVEIS SOCIAIS 122
4.3.1 Variável gênero 122

4.3.2 Variável faixa etária 125

CONSIDERAÇÕES FINAIS 128

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 131

APÊNDICES 137

ANEXOS 147

INTRODUÇÃO

Sabe-se que é na língua que se refletem os complexos valores dos grupos sociais. Faz-se, portanto, necessário conhecer os falares que os individualizam, de modo a detectar o legado de nossos antepassados neles ainda presente, e as contribuições das novas gerações, retratando, assim, a dinâmica não só da língua, mas também da cultura de seus usuários.

Os estudos dialetais têm contribuído significativamente para a caracterização do português brasileiro, registrando e analisando os seus diversos falares. No entanto, apesar do avanço das pesquisas sobre as variantes populares do português do Brasil, a Geografia Linguística ou Geolinguística tem sido mais produtiva em outras partes do mundo, pois, pela imensa área territorial brasileira e por questões diversas, poucos são os que se dedicam à elaboração de atlas linguísticos ou a estudos dialetais de modo geral.

Quando se fala em Amazonas, o que se observa é que esses estudos são ainda mais incipientes. Até o momento tem-se conhecimento de um estudo realizado por Corrêa (1980) em Itacoatiara e Silves; mais recentemente, o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004), o qual investigou nove localidades representantes de cada Microrregião[1] do Estado e a tese de doutorado de Campos (2009), que investiga as vogais posteriores em sílaba tônica no município de Borba; além de três dissertações de mestrado[2] e alguns projetos de iniciação científica ou de conclusão de curso de especialização[3].

Dentre os vários fenômenos de interesse dos pesquisadores, encontra-se o estudo do comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico tanto em contexto medial (como na palavra "mesmo") quanto final de palavra (como na palavra "mas"). Vários estudos já foram realizados sobre esse fenômeno, como os de Dinah Callou (1996) e Marta Scherre e Alzira Macedo (1991), mostrando que nos falares do português do Brasil há uma considerável variação do /S/ pós-vocálico. Segundo Scherre & Macedo (1991), esse fonema pode realizar-se de quatro formas: alveolar surda e sonora [s , z], pós-alveolar surda e sonora [ʃ , ʒ], glotal [h , ɦ] e zero fonético: [ø].

---

[1] Encontra-se no site da Wikipédia a seguinte definição: "Microrregião é, de acordo com a Constituição brasileira de 1988, um agrupamento de municípios limítrofes. Sua finalidade é integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, definidas por lei complementar estadual Entretanto, raras são as microrregiões assim definidas. Consequentemente, o termo é muito mais conhecido em função de seu uso prático pelo IBGE que, para fins estatísticos e com base em similaridades econômicas e sociais, divide os diversos estados da federação brasileira em microrregiões".

[2] BRITO (2010), SILVA (2009) e TORRES (2009).

[3] DIAS (2007), QUARA (2007), MAIA (2006, 2009) e MARTINS (2006, 2007, 2009).

No Amazonas, em dados registrados no ALAM (CRUZ, 2004), observam-se diferentes realizações dessa fricativa em alguns municípios. A pesquisadora levanta a hipótese de que os falares dos Rios Negro e Amazonas são caracterizados pela pronúncia pós-alveolar, como em [majʃ], e os do Rio Solimões pela alveolar, como em [majs].

Considerando ser o ALAM uma pesquisa feita com questionário aplicado a informantes de baixa escolaridade (até a 4ª série do Ensino Fundamental) no interior do estado, em contexto de fala formal (perguntas e respostas objetivas), seguindo os critérios da Geolinguística, com apenas um representante de cada microrregião, fazia-se necessária uma investigação também em outros municípios, na qual se poderia observar a realização do /S/ pós-vocálico e ainda verificar a influência de fatores externos como gênero e faixa etária na escolha de uma ou outra variante.

Dessa forma, escolheu-se a Microrregião do Purus, que compreende os municípios de Lábrea, Canutama, Tapauá, Pauini e Boca do Acre, uma região nunca explorada do ponto de vista linguístico, a não ser a cidade de Lábrea, investigada no ALAM. Assim seria possível a ampliação das localidades estudadas pelo ALAM e, consequentemente, um melhor conhecimento das particularidades do falar amazonense, uma vez que esta é uma região tão parcamente explorada do ponto de vista linguístico, bem como para a compreensão da língua portuguesa enquanto sistema diversificado e organizado, oferecendo a quem interesse subsídios para um ensino e aprendizagem que considere as variedades dialetais do país.

Neste sentido, esta pesquisa, de cunho dialetológico e fonológico, objetivou primordialmente contribuir para a caracterização do falar amazonense, seja a partir do registro e análise das ocorrências do fenômeno em estudo, seja por meio da elaboração de um banco de dados que possibilite futuras pesquisas dialetais na área.

De modo específico, objetivou-se investigar as variantes do /S/ pós-vocálico, nos contextos medial e final de palavra, no falar de três das cinco localidades que compõem a Microrregião do Purus: Tapauá, Lábrea e Boca do Acre, considerando as variáveis gênero e faixa etária, a fim de observar a influência desses fatores na escolha das variantes pelo falante. Tais procedimentos inscrevem esta pesquisa na perspectiva da Dialetologia Plurimensional, uma vez que não só a dimensão diatópica é contemplada, mas também as dimensões diageracional e diagenérica. Ainda objetivou-se observar os contextos fonológicos (linguísticos) que condicionam a realização de uma ou outra variante do /S/ pós-vocálico nesse falar, de modo a descrever os processos fonológicos envolvidos na articulação do fonema em estudo. Para essa tarefa, contou-se com a teoria clássica de traços distintivos,

proposta por Chomsky e Halle (1968) e com a teoria da sílaba. Outro objetivo pretendido e alcançado pela pesquisa foi a construção de um banco de dados para pesquisas nos diversos níveis de análise linguística e registro das ocorrências do /S/ pós-vocálico em cartas fonéticas, conforme o método geolinguístico.

A pesquisa que ora se apresenta divide-se em dois volumes: este que é a dissertação propriamente dita, e um segundo no qual se registram as cartas fonéticas com as devidas informações que auxiliam a leitura das mesmas, tais como normas de apresentação, sistema de transcrição fonética, informantes, questionário fonético-fonológico, etc.

Esta dissertação, por sua vez, está dividida em 5 capítulos.

No primeiro capítulo, faz-se um breve traçado sobre o perfil da Microrregião do Purus, em seus aspectos geográficos (localização, relevo, clima, hidrografia, fauna, flora e população), históricos, sociais e culturais. Neste capítulo, ainda apresentam-se, em caráter especial, informações acerca dos pontos de inquérito selecionados: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá.

O segundo capítulo apresenta os pressupostos teóricos da pesquisa. Trata-se de um capítulo extenso que se divide em três partes fundamentais: a primeira delas, "A dialetologia e o método geolinguístico", expõe os conceitos fundamentais da Dialetologia, enquanto disciplina linguística, e da geolinguística, enquanto método por excelência dessa disciplina, bem como um breve histórico da Dialetologia no Brasil, os novos rumos que ela vem tomando com a aquisição de fundamentos da Sociolinguística por meio da Dialetologia Pluridimensional, o projeto do *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* e como a Dialetologia vem sendo feita no Amazonas; a segunda, "Fonologia", situa a teoria clássica dos traços distintivos e a Teoria da sílaba, utilizadas na análise dos dados, no rol dos modelos da teoria fonológica, apresentando suas vantagens e suas incoerências, assim como o modo utilizado pela própria Fonologia para superar essas últimas, dando conta das questões que lhe aparecem; a terceira, por sua vez, apresenta a classificação e distribuição dos fonemas do português, a fim de apresentar o fonema em foco na pesquisa, o /S/ pós-vocálico, para, em seguida, por meio da literatura sobre ele, demonstrar como se distribuem suas variantes pelo território brasileiro.

O terceiro capítulo, "Fundamentação metodológica", versa sobre os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa, desde os critérios para a escolha dos pontos de inquérito, a escolha do tipo de inquérito e a elaboração do questionário, o perfil dos informantes, até uma descrição de como ocorreram as entrevistas e como os dados foram tratados (gravação, transcrição, armazenamento, digitação, elaboração de cartas fonéticas e análise), com detalhes inclusive das dificuldades que se apresentaram ao pesquisador.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação e discussão dos resultados da pesquisa, explicitando a distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico em três municípios da Microrregião do Purus e os contextos fonológicos condicionadores dos processos que envolvem a realização de uma ou outra variante. Também são apresentados os resultados e as discussões dos dados nos fatores sociais.

Por fim, as considerações finais concluem a pesquisa e caracterizam o quadro das variantes do /S/ pós-vocálico na região em estudo, além de orientar futuras pesquisas na região.

1 O ESTADO DO AMAZONAS E A MICRORREGIÃO DO PURUS

Não se faz dialetologia sem o conhecimento de aspectos geográficos, culturais e históricos da região estudada. Aliás, deve ser esse o primeiro passo do dialetólogo, uma vez que esse conhecimento, de certa forma, define a metodologia utilizada na pesquisa, bem como orienta e até explica os fenômenos linguísticos característicos dessa região. Logo, neste capítulo se apresentam informações valiosas sobre a história e a geografia da região e sobre a cultura do povo que a habita.

Antes de qualquer coisa se faz mister esclarecer o interesse pela região e a seleção das localidades-foco da pesquisa. O interesse pela região vem do berço do pesquisador. Como labrense, desde a infância buscava entender as diferenças de falares comparados ao da capital, principalmente no que se refere ao /S/ pós-vocálico, embora ainda não entendesse o fato linguístico. Sabia-se apenas que em Manaus as pessoas chiavam ao pronunciar o "s", diferentemente dos labrenses que não chiavam, e quando estes tinham contato com aqueles por muito tempo, retornavam ao lar chiando. Na universidade veio o contato com o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004) e um dos municípios estudados era Lábrea, representando a microrregião do Purus. Este atlas registra a diferença mencionada acima e inclusive propõe uma hipótese de divisão dialetal no que se refere ao /S/ pós-vocálico. O mesmo atlas seguiu a divisão administrativa do Estado em nove microrregiões, datada de 5 de outubro de 1989, selecionando um representante de cada uma delas. Daí surge o interesse em investigar a fundo a microrregião do Purus, berço do pesquisador, e ampliar o estudo linguístico nessa região.

Com vistas, dentre outros fatores, a manter um padrão nos estudos dialetológicos no Amazonas, optou-se por manter essa divisão em detrimento de uma mais atual que divide o estado em 13 microrregiões e a antiga microrregião do Purus em duas – Microrregião do Purus e Microrregião de Boca do Acre. Da antiga microrregião, composta por cinco municípios, selecionou-se três, Boca do Acre, Lábrea e Tapauá, obedecendo a critérios rigorosos e diversos, descritos na seção 3.1.1. Assim, a região de que se fala compreende esses três municípios amazonenses localizados às margens do rio Purus, um dos mais significativos afluentes do Amazonas.

Situado na região Norte do país, no coração da floresta amazônica, e limitando-se com os estados do Acre, Roraima, Rondônia, Pará e Mato Grosso, assim como com os países sul-americanos Venezuela e Peru, o estado do Amazonas é o maior em extensão entre os estado da federação brasileira (compreende mais de 18% do território nacional), com uma área de

1.559.161,682 km^2 (IBGE, 2010). Em toda essa extensão vivem 3.483.985 habitantes (IBGE, 2010), sendo a maior parte concentrada na capital, Manaus (1.802.014 habitantes). Os demais habitam os outros 61 municípios do interior. As discrepâncias entre a capital e o interior do estado não são refletidas apenas nesse aspecto. Economicamente Manaus, primeiramente com o ciclo da borracha, e posteriormente com a criação da zona franca de comércio e indústria, tem um surto de desenvolvimento e hoje abriga importante centro de fabricação de materiais elétricos e eletrônicos, ao passo que os municípios do interior ainda vivem às margens do progresso, com suas economias baseadas principalmente na agricultura de subsistência, no extrativismo e na pesca. O acesso aos municípios também é ainda muito precário, sendo feito pelos rios, uma vez que a construção e manutenção de rodovias encontra sempre a barreira da densa floresta tropical e das constantes chuvas da região, o que dificulta o escoamento da produção rural e consequentemente o desenvolvimento das cidades. Nesse contexto se incluem os três municípios selecionados, inclusive cita-se como exemplo a grande produção pecuária da região de Lábrea e Boca do Acre, a qual, pela dificuldade de acesso à capital amazonense, tem abastecido os frigoríficos de Rondônia e do Acre.

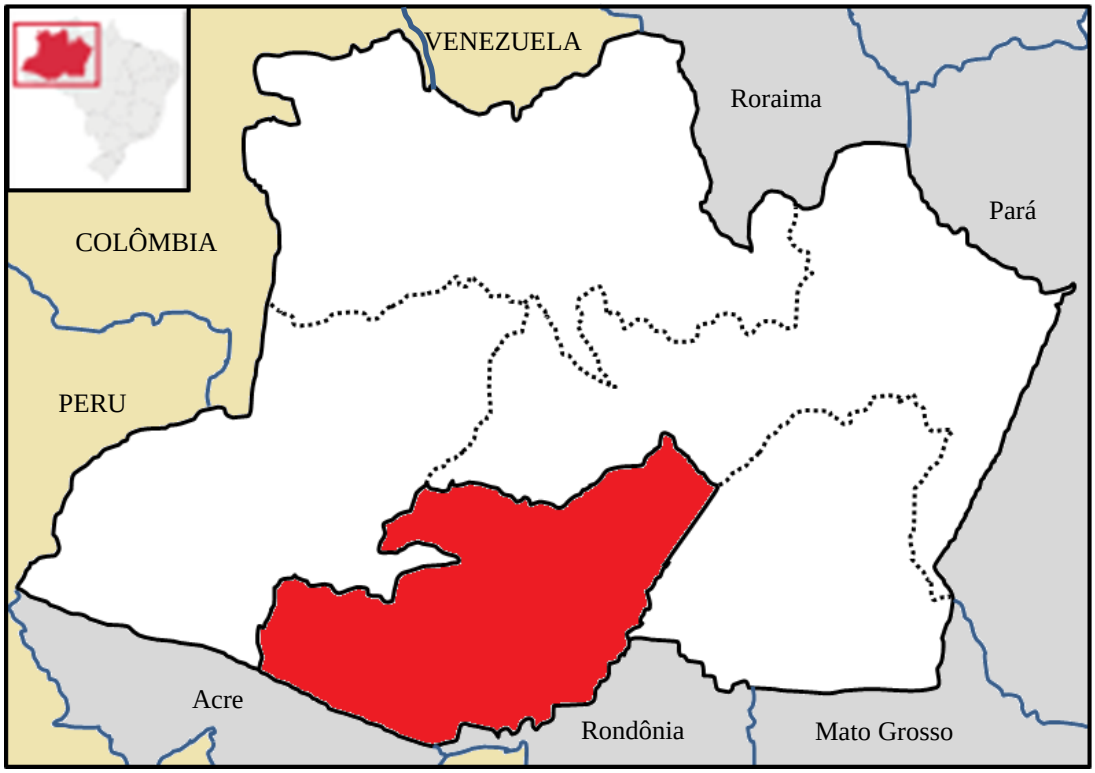
A seguir, apresentam-se os aspectos geográficos, históricos e culturais da microrregião estudada e as particularidades de cada localidade.

1.1 ASPECTOS GEOGRÁFICOS DA MICRORREGIÃO DO PURUS

Conforme se observa nos mapas a seguir, a Microrregião do Purus localiza-se na Mesorregião[4] do Sul Amazonense e compreende, de acordo com a divisão citada anteriormente, os municípios de Boca do Acre, Pauini, Lábrea, Canutama e Tapauá. Possui uma extensa área de 250.941,99 km^2 e uma população total de 118.414 habitantes, de acordo com dados do censo de 2010 (IBGE).

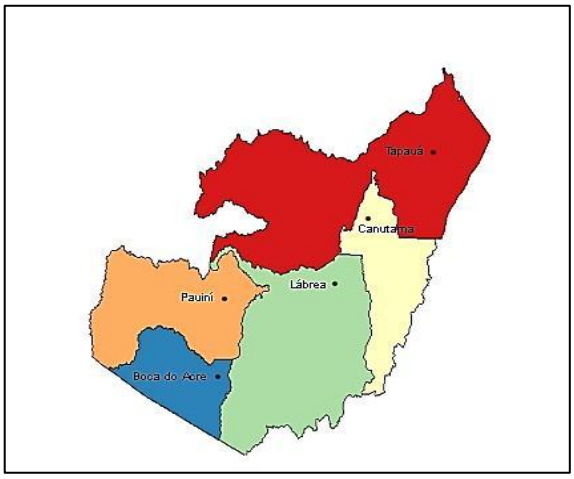
[4] No site da Wikipédia encontra-se a seguinte definição: "Mesorregião é uma subdivisão dos estados brasileiros que congrega diversos municípios de uma área geográfica com similaridades econômicas e sociais. Foi criada pelo IBGE e é utilizada para fins estatísticos e não constitui, portanto, uma entidade política ou administrativa".

Figura 1 – Microrregião do Purus no mapa do Estado do Amazonas



Fonte: Autoria própria

Figura 2 – Municípios integrantes da Microrregião do Purus



Fonte: SEPLAN (Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico)[5]

[5] Disponível em http://www.seplan.am.gov.br

O relevo da região, assim como do estado do Amazonas, apresenta características bastante peculiares. São três níveis de altitude: o igapó, a várzea e a terra firme. O primeiro são áreas constantemente inundadas, nas quais a flora se compõe de árvores com raízes profundas e adaptadas a ficar sob as águas; o segundo são áreas um pouco mais elevadas que apenas são inundadas periodicamente na época das cheias dos rios, período que ocorre na região entre os meses de dezembro a maio e enriquece o solo, tornando-o mais propício à agricultura; por sua vez, o último são terras altas, fora do alcance das águas, mesmo no período de cheia.

O clima predominante na região é o equatorial quente e úmido, de acordo com a classificação de Koppen. A temperatura média anual varia em torno de 24˚ e 27˚ mm/ano. Não existem estações definidas, uma vez que a região, estando situada próximo à linha do Equador, apresenta tendências às altas temperaturas e a influência dos verões dos dois hemisférios, elevando os índices de evaporação e, consequentemente, de precipitação durante todo o ano. No entanto, pode-se observar um período de estiagem que ocorre na região enquanto é inverno no hemisfério sul, a partir do mês de junho até dezembro, período esse em que os rios atingem os mais baixos níveis e as temperaturas se tornam mais elevadas (principalmente entre os meses de agosto e outubro), fazendo com que o amazônida popularmente o denominem como verão em contraposição à época das chuvas mais frequentes e da cheia dos rios, chamada de inverno. De igual modo, não ocorrem eventos climáticos extraordinários na região, além da friagem, período de mais ou menos uma semana entre os meses de maio e junho, em que as temperaturas baixam, principalmente no sul amazonense, onde podem chegar a 10˚, por influência da massa polar atlântica que atinge o Brasil no inverno do hemisfério sul.

A hidrografia da região é riquíssima. A bacia do rio Purus está inserida na maior bacia hidrográfica do mundo, a bacia amazônica, a qual concentra aproximadamente 25% da água doce do planeta. O rio Purus é um dos principais afluentes do rio Solimões (nome dado ao rio Amazonas antes de seu encontro com o Rio Negro) e de sua nascente, ainda com o nome de Pucani, nas colinas do Arco Fitzcarrald, na floresta baixa Peruana dos departamentos de Ucayali e Madre de Dios, um dos lugares mais inacessíveis do Peru, até o desemboque no Solimões, já em território brasileiro, percorre aproximadamente 3325 km. Juntamente com seus vários afluentes, dos quais se destacam o Acre, o Ituxi, o Passiá, o Pauini, o Tapauá, o Ipixuna, o Mucuim, Açuã e o Mari, compreende uma área de aproximadamente 376.000 km² (73% no Estado do Amazonas, 21% no Estado do Acre, 5,5% no Peru e 0,5% na Bolívia) em 21 municípios, 13 no Acre e 8 no Amazonas. De acordo com Ferrarini (2009, p. 14) acredita-

se que o nome Purus se origine da nação indígena Puru-puru, habitante do sertão do alto Purus até suas nascentes. Segundo ele, puru-puru também designa uma doença de pele que ataca esse povo, conhecida na Colômbia como Caratê.

Figura 3 – Localização da Bacia Hidrográfica do Purus



Fonte: INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais)[6].

Conforme se observa no mapa acima, o INPE, em função da dinâmica sócio-ambiental e da morfologia fluvial, adota a divisão da bacia em três trechos: o alto Purus, que compreende as áreas em que o rio cruza os municípios acreanos; o médio Purus, no sul da bacia no Estado do Amazonas, onde o rio cruza os municípios de Boca do Acre, Pauini, Lábrea e Canutama e o baixo Purus na parte mais próxima a foz, onde o rio cruza os municípios amazonenses de Tapauá, Anori e Beruri.

O rio Purus, pela classificação de SIOLLI (1951), é um rio de águas brancas (ou barrentas) [7]. Esses são geralmente rios jovens, uma vez que ainda estão em fase de definição de seus leitos e por isso a queda de suas barrancas deixa o rio com cor barrenta, mais forte ou mais fraca de acordo com a época do ano.

[6] Disponível em http://sigma.cptec.inpe.br/purus/index.jsp
[7] De acordo com essa classificação, baseada no linguajar amazônico, existem ainda os rios de águas pretas, mais velhos (já definidos), como o Rio Negro, e os rios de águas claras, também mais velhos, como o Rio Tapajós.

A região da bacia do rio Purus não sofreu muitas ações humanas e apresenta-se em patamares superiores em termos de conservação de seus ambientes naturais. No entanto, atualmente, por meio da logística permitida pelas rodovias BR-364, BR-319 e BR-230, a região situada entre a porção leste do estado do Acre e a divisa com o Amazonas tem sido cenário de expansão de fronteira agrícola, e, consequentemente, concentra o impacto da ocupação na bacia, associada, principalmente, às atividades madeireiras e agropecuárias (SOUSA JUNIOR et al., 2006 e REID et al., 2005).

Compõem sua população os assentados, ribeirinhos e indígenas, concentrados principalmente na calha principal do Purus, residindo nas sedes municipais, nas reservas indígenas, nos seringais e nos assentamentos rurais (SOUSA JÚNIOR et al., 2006).

Esse rio é rico também em espécies e seus lagos de várzea alimentam, com cerca de 40% do total de desembarque pesqueiro, também a cidade de Manaus.

Às suas margens também se encontram grandes reservas naturais, entre as quais se citam a Reserva Biológica do Abufari e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Piagaçu-Purus (no Estado do Amazonas) e a Floresta Estadual do Chandless (no Estado do Acre). Nelas tem-se buscado a preservação de espécies que sofreram muito com a exploração humana, chegando a vias de extinção, como o peixe-boi, a tartaruga da Amazônia[8] e o pirarucu.

Serve à população ainda como principal meio de transporte da região, uma vez que possui muitos trechos navegáveis em todas as épocas do ano, principalmente em território amazonense. Torna-se assim verdadeira "estrada natural", ligando uma cidade a outra. E embora denote aparentemente uma paisagem monótona, de acordo com Ferrarini

> Para navegar a calha que drena toda a bacia, o Rio Purus, da foz às nascentes, são necessárias semanas de viagem. Praias e estirões se sucedem. Na época das cheias é possível desvendar outros cenários aquáticos além do vasto caudal: furos, lagos e igapós. Grandes afluentes e igarapés alimentam o rio principal. Adentrando o rio Ituxi e subindo os seus afluentes da margem direita podem-se descortinar grandes extensões de campos naturais. No médio Ituxi o navegante é detido por lindas quedas d'água. O Purus tem grandes afluentes de águas pretas que, em sua foz, contrastam com as suas águas brancas. Os igapós proporcionam um passeio misterioso pela densa floresta. Varando a boca dos lagos podem-se observar nas margens plácidas destes a encantadora vitória-régia (2009, p.11).

[8] Dos ovos da tartaruga era extraído um óleo usado como importante fonte de energia elétrica, o que intensificou sua coleta nas praias do Purus.

A fauna e a flora da região também são riquíssimas em espécies. A floresta amazônica é considerada a maior área florestal do planeta, contendo áreas que encerram os maiores índices de biodiversidade do mundo.

Grande parte da região do Purus é coberta pela *Floresta Ombrófila Densa*, onde se encontra em abundância a seringueira (*Hevea brasiliensis* – Euphorbiaceae), a castanheira (*Bertholletia excelsa* - Lecythidaceae), a jacareúba (*Callophyllum brasiliense* – Guttiferae) e a sumaúma (*Ceiba pentandra* - Bombacaceae), além das grandes árvores, as trepadeiras lenhosas, as epífitas e as palmeiras, das quais destaca-se o palmiteiro (*Euterpe oleracea* – Palmaceae). Por sua vez, nas áreas próximas ao Acre e Peru, encontra-se a *Floresta Ombrófila Aberta*, caracterizadas por árvores mais espaçadas em quatro tipos de flora: (1) floresta-de-palmeiras ou cocal, que tem como principais representantes o inajá (*Maximiliana regia)* e o babaçu (*Orbignya phalerata*); (2) floresta-de-bambu ou bambuzal, em que os gêneros *Bombusa* e *Chusquea* despontam entre as Graminae; (3) floresta-de-cipó ou cipoal e (4) floresta-de-sororoca ou sororocal, agrupamentos de *Phenakospermum guyanense* – Musaceae. Das espécies aquáticas a vitória-régia (*Victoria amazonica* – Ninfaceacea) é a mais conhecida. Nas margens dos rios e lagos, encontram-se abundantemente as canaranas (CRUZ, 2004, p. 27).

Das espécies da fauna da região, merecem destaque os primatas como o macaco guariba (*Alouatta fusca* – Atellidae); a onça (*Pantera onca* - felidae); a anta (*Tapirus terrestris* - Tapiridae), maior mamífero do Brasil; o peixe-boi (*Trichechus inunguis* – Trichechidae); o boto cor-de-rosa (*Inia geoffroyensis* – Platanistidae) e jacaré-açu (*Melanosuchus niger* - alligatoritae), um dos maiores répteis do mundo; sem falar nas várias espécies de peixes de água doce, de que se calculam cerca de 1000 das 1500 espécies brasileiras (CRUZ, 2004, p. 28).

1.2 ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAIS DA MICRORREGIÃO DO PURUS

Costuma-se divulgar academicamente que a história da região do rio Purus está intimamente relacionada à expansão extrativista da borracha, de modo que a impressão que fica é a de que essa região estava totalmente inabitada antes desse período, desprovida assim de história, de cultura e sociedade. De fato, embora as primeiras notícias que tenhamos desse rio remontem aos primeiros cronistas navegantes do Amazonas no século XVI, os interesses nessa região só foram intensos no final do século XIX, em virtude da boa qualidade de suas

seringueiras. Todavia é importante lembrar que antes da chegada do não-nativo na região, o Purus era habitado, de acordo com Antônio Pereira Labre (apud FERRARINI, 2009, p. 13), militar explorador da região e fundador de Lábrea, por mais de 40 mil nativos falando 40 ou mais dialetos. Dentre essas nações indígenas citam-se as nações Caxarari, Canamari, Guaraio, Apurinã, Huatanari, Paumari, Catauxi, Juma (Carahati), Pacaguara, Caripuna, Pama, Arara, Simaniri, Catuquina, Cipó, Jamamadi, Mamori, Ximarimã, Culina e Deni.

Sabe-se que a visão da "não-ocupação" e da "aculturação" é reflexo do tipo de colonização estabelecida no Brasil com a chegada dos portugueses e não é objetivo deste trabalho discutir essa questão, no entanto, a exemplo de Leal (2011), percebe-se que "no caso do rio Purus [...], a historiografia tradicional preocupou-se apenas em destacar a presença dos chamados primeiros desbravadores do rio [...]". Essa é a visão do colonizador/desbravador que nunca considerou as populações indígenas em seus relatórios além do vislumbre de mão-de-obra para a exploração de potenciais riquezas que a região pudesse oferecer. Aliás, daí pode-se extrair um mérito de nossos primeiros desbravadores: apresentavam importantes informações sobre a região, uma vez que eram enviados pelo controle político-governamental por razão de seus conhecimentos de Geografia, Cartografia, Engenharia, etc. Os principais nomes dessa história do Purus são Manoel Urbano da Encarnação, João Martins da Silva Coutinho, Antônio Pereira Labre, William Chandless e João Gabriel de Carvalho e Melo.

Em virtude da visão do colonizador, o encontro do desbravador com o nativo quase nunca foi pacífico. Verdadeiros genocídios ocorreram em diversos rios da bacia do Purus. Longe das cidades, os seringueiros buscavam mulheres entre os nativos, mas para isso as aldeias passavam por inúmeras violências. De igual modo, a fim de se livrarem do nativo ocupante da terra, os seringueiros não hesitavam em matar homens, mulheres e crianças, destruir plantações e casas. Também se vendiam índios para os seringais vizinhos, sem falar nas mortandades advindas das doenças trazidas pelo homem branco. Diante de tais brutalidades e enfermidades, os remanescentes indígenas tiveram que se deslocar em fuga para outros locais, se refugiando no interior da floresta e margens de pequenos rios e igarapés. Foi assim que "o rescaldo do 'Ciclo da Borracha' levou a novas redefinições sociais e territoriais no Purus: fragmentação dos grupos indígenas, migrações, miscigenação, formação e reconfiguração de comunidades, grupos e cidades" (SANTOS, 2011, p. 18).

Ainda hoje nas sedes dos municípios da calha do Purus não se observa uma forte presença indígena, apesar dos esforços de órgãos de proteção como a FUNAI (Fundação Nacional do Índio). O que se observa são culturas totalmente distantes. O cidadão das cidades é diferente do indígena da aldeia. O tratamento continua diferenciado como na época da

colonização e da exploração, com uma diferença no discurso: “o índio precisa ser cuidado e recompensado”.

Até o momento a ideia que se forma dessa nova figura no cenário puruense, o seringueiro, é bastante negativa. No entanto, vale a ressalva de que o grande vilão de toda essa história não é o seringueiro. Muito pelo contrário, é ele apenas mais um explorado pelo sistema de aviação instaurado nos seringais pelo coronel da borracha, o único que lucrava com a extração e tratamento da goma elástica. O seringueiro, geralmente retirante nordestino, fugindo das áreas secas do sertão, chegava à região atraído pela promessa de enriquecimento, de fartura, de melhores condições de vida. Em seus planos estava geralmente um dia retornar à sua terra natal e resgatar a parentalha dos difíceis castigos do clima sertanejo, no entanto esse sistema de aviação imobilizava-o nos seringais amazônicos pela relação de trabalho lá estabelecidas. Na teoria, enquanto extrator de borracha, era considerado um homem livre, entretanto, na prática, a dívida que contraía e que dificilmente conseguia pagar o obrigava a tornar-se escravo do próprio trabalho e de seu patrão imediato.

A Província do Amazonas, criada em 1850, só ganha relevância econômica no período áureo da borracha (1880 a 1913). A capital Manaus, onde viviam os coronéis e suas famílias, passa a ostentar grande riqueza. Com seus palacetes luxuosos, é considerada a “Paris dos trópicos”, por imitar culturalmente a capital francesa. A maior parte dessa ostentação era custeada pelo suor do seringueiro do Purus. Já em 1883, o Purus despontava entre os demais com um valor oficial de 3.156.878$070 e receita de 114:155$803. Em 1902, o Purus também já era o rio “mais povoado” com população estimada em 120 mil habitantes, sendo que todo o Amazonas acusava 249.756 habitantes, 50.300 em Manaus (FERRARINI, 2009, p. 59 e 69).

Entretanto, em 1876, o botânico inglês Sir Henry Wickham, de modo clandestino, enviou grande quantidade de sementes de seringueira à Inglaterra, que, depois de cultivadas em estufa, foram plantadas em Ceilão, Malásia e outras colônias britânicas e holandesas. Bem adaptadas ao meio, produziram látex de melhor qualidade e menor custo. Esse fato, anos mais tarde, causa o declínio do monopólio brasileiro da borracha.

Vários foram os esforços para alavancar novamente a economia gumífera no estado, todos sem muito sucesso. Em 1923, uma comissão norte-americana e brasileira percorre os rios Acre e Purus, com vistas a reconhecer condições de plantio sistemático da *Hevea* em grande escala. Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e o controle do Japão sobre o oriente e os países exportadores de borracha, os olhares se voltam novamente para a Amazônia. Estados Unidos e Brasil unem forças para viabilizar um rápido crescimento da produção do látex. Surgem o *Banco de Créditos da Borracha* (mais tarde Banco de Créditos

da Amazônia S.A e, em seguida, BASA) e a *Superintendência do Plano de Valorização da Borracha* (SPVEA) e mais uma vez o Purus recebe uma leva de nordestinos, então chamados *soldados da Borracha*. Porém, o fim da grande guerra traz com ele também rapidamente novo desinteresse pela borracha amazônica.

De acordo com Ferrarini (2009, p. 81), "com a ruína do período gumífero, a miséria se instalou no Purus. O grande número de seringueiros continuou vegetando e muitos, para não sucumbir, dedicaram-se a outras atividades". Destacam-se o corte de lenha para as embarcações. Para Silva (2010, p. 167),

> milhares de seringueiros, já não contando, em grande parte, com mercadorias vendidas a um alto custo pelo seringalista, tiveram que produzir suas condições de vida no próprio local de trabalho. Abria-se, com isso, uma nova fase na economia ribeirinha, caracterizada pela diversificação da produção extrativista e agrícola.

A rotina do seringueiro, antes empenhado em cortar a mata pelas estradas de seringa, se amplia e ele passa também a preparar e cuidar da sua roça, de onde tiraria parte do sustento de sua família e, dependendo do esforço, ainda poderia vender parte de sua produção ao seringalista ou aos regatões. É assim que a produção agrícola da região vai aumentando e se diversificando. Juntamente com a borracha, que ainda continua sendo por bastante tempo o principal produto da região, o ribeirinho cultiva a mandioca, o feijão, o arroz, o fumo, a cana-de-açúcar. As paisagens também vão se modificando, as matas fechadas dos seringais vão dando lugar aos roçados e às margens dos rios nas várzeas, com sua terra sempre fertilizada pelas enchentes periódicas, se exibem grandes áreas de plantação.

Outras atividades que ganharam destaque na região foram o extrativismo, cujo principal produto é a castanha-do-brasil, e as atividades criatórias, com destaque para os gados bovinos, suínos, ovinos e caprinos.

É importante ressaltar que nem de longe esta mudança na economia substituiu a riqueza gerada pela economia do látex, entretanto, com raras exceções, é essa agricultura, extrativismo e pecuária de subsistência que movimenta a economia da região até os dias de hoje.

1.3 PONTOS DE INQUÉRITO SELECIONADOS

Apresentam-se resumidamente a seguir os principais aspectos das localidades selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa. A escolha deu-se obedecendo a critérios socioeconômicos, históricos, geográficos, culturais e demográficos.

1.3.1 O município de Boca do Acre

Boca do Acre é um município do Estado do Amazonas, com uma área de 21.936 quilômetros quadrados que abrigam uma população de 30.632 habitantes (IBGE, 2009). Sua sede está localizada à margem direita do rio Purus, na confluência com o rio Acre, a 67.39˚ de longitude e -8.75˚ de latitude. Seu clima é o amazônico, equatorial úmido. Limita-se ao norte e oeste com o município de Pauini – AM, ao sul com o Estado do Acre, ao leste com o município de Lábrea – AM. Sua vegetação dominante é a floresta tropical densa. O relevo da área é representado por planalto rebaixado da Amazônia e planície amazônica, unidade esta correspondente ao curso do rio Purus. A rede hidrográfica do município pertence à bacia do Rio Purus, que tem por afluentes principais os rios Pauini, Inauini e vários Igarapés à margem esquerda, destacando-se Capana, São Francisco, Igarapé Preto, São Domingos, Igarapé Grande, entre outros. A fauna e a flora da região são riquíssimas, como o é toda a fauna e flora amazônica, com suas madeiras, peixes e pássaros exóticos.

Figura 4 – Município de Boca do Acre no mapa do Amazonas



Fonte: www.wanderleydallas.com.br

A cidade de Boca do Acre nasceu na confluência dos rios Acre e Purus. Em 03 de fevereiro de 1878, o navio "Anajás" apontou à região, então habitada pelos índios apurinãs, trazendo uma expedição encarregada de desbravá-la.

É considerado fundador histórico de Boca do Acre, João Gabriel de Carvalho e Melo, que chefiava uma expedição de nordestinos, os quais vieram explorar os rios Purus e Acre. João Gabriel nasceu em Uruburetama no Ceará. Após ser humilhado por seu padrinho, ao tentar comprar uma novilha para a alimentação de sua esposa que acabara de dar à luz sua filha, por não poder pagar a vista, "ganha o mundo" com a promessa de somente voltar quando possuir mais recursos que seu padrinho, abandonando a família e indo parar no Amazonas. Seu espírito aventureiro lhe leva até o Purus e, posteriormente, ao descobrimento do rio Uaquiri (hoje rio Acre) de onde passa a explorar a borracha e onde convive pacificamente com os índios apurinãs, chefiados por Camapuã. A amizade entre o chefe apurinã e o chefe nordestino foi tão grande que o primeiro morreu defendendo Boca do Acre de outra tribo indígena que ameaçava invadir o barracão. 22 anos após sua partida do sertão, com o título de Comendador, retorna ao Ceará para buscar sua família e ao retornar ao Purus traz consigo muitos nordestinos, seus parentes e interessados no enriquecimento que noticiavam ser proporcionado pela Amazônia, a fim de povoar a região e acrescentar ao Brasil mais território.

Os expedicionários do "Anajás" localizaram-se em diferentes pontos do território, e Alexandre de Oliveira Lima, o Barão de Boca do Acre, fixou-se no local onde hoje se situa a cidade.

Figura 5 – Igreja Matriz de Boca do Acre



Foto: Edson Galvão Maia

Figura 6 – Confluência do rio Acre com o rio Purus em Boca do Acre



Foto: Edson Galvão Maia

O Município foi criado pelo decreto n˚ 67, de 22 de Outubro de 1890, do Governo do Estado do Amazonas, com território desmembrado de Lábrea, recebendo como doação, uma légua de terras para a construção do patrimônio municipal. Foi originalmente denominado "Antimary", tendo por sede a vila de igual nome, fundada por Manoel Felício Maciel, nas confluências dos rios Antimary e Acre.

Extinto pela Lei Estadual n˚ 110, de 28 de março de 1895, o município foi restaurado por meio da Lei n˚166, de 15 de maio de 1897, com o nome de Floriano Peixoto. O Decreto n˚ 232, de 09 de março de 1898, transferiu a sede municipal para um planalto à margem esquerda do rio Purus.

A Lei Municipal n˚ 08, de 18 de setembro de 1902, criou o Distrito de Boca do Acre. Em 1934, a sede municipal de Floriano Peixoto transferiu-se para o Distrito de Boca do Acre, que foi elevado à categoria de Vila em 27 de março do mesmo ano.

Conta-se que o nome Boca do Acre originou-se de um erro de pronúncia na ocasião da expedição, por meio do recebimento de uma carta de João Gabriel ao Visconde de Santo Elias, o português Elias José Nunes da Silva, chefe da firma que aviava as mercadorias ao Comendador João Gabriel, pedindo que os volumes fossem marcados com suas iniciais e destinados a "Boca do Uaquiri". Ao mandar a um de seus empregados que fosse até a sessão de embalagem para que assim fosse feito, este ou pronunciou ao encarregado "Boca do Acre" ou assim foi por ele compreendido, sendo todos os volumes etiquetados com "JG – Boca do Acre". Tal equívoco acabou por nomear a localidade, o rio e posteriormente o Estado brasileiro.

Em conformidade com o Decreto - lei Estadual n˚ 68, de 31 de março de 1938, o município de Floriano Peixoto passou a denominar-se Santa Maria da Boca do Acre, e em 1943 recebeu a atual denominação de Boca do Acre.

Os principais habitantes indígenas encontrados pelos desbravadores foram os Apurinãs, os Jamamadis e, destacando-se entre outros, os Catukinas, os Jumas, os Palmaris, os Mamoais, etc.

Localizado em terras baixas, as circunstâncias naturais obrigaram o então Governador do Estado Cel. João Valter de Andrade, a transferir a sede do Município para o Platô do Piquiá, com alusão a uma nova cidade que se chamaria Valterlândia em homenagem ao seu fundador. Tal lugar é hoje um bairro da cidade, afastado do restante 6 km, no qual se encontram a maior parte dos órgãos públicos, bancos e hospital, porém os moradores da parte baixa da cidade somente lá se abrigaram na histórica enchente de 1997, que inundou a cidade.

Na década de 70, o município atravessou uma fase de grandes transformações, tanto populacional quanto econômica. A corrida por novas terras poderia ser para os que vinham do sul, sudeste e centro-oeste um novo eldorado, tal qual foi a borracha para os nordestino à época da fundação. O Banco do Brasil se instalou na cidade, oferecendo a quem interessasse a realização dos sonhos da produção. A exploração da castanha e da borracha, em decadência, mas ainda viva, se misturou ao embalo financeiro, trazido pelo investimento dos novos habitantes. Um legado dessa nova leva de "desbravadores" são os conhecimentos na área de produção rural que transformou o município no maior rebanho de gado de corte do Estado.

Boca do Acre possui hoje um aeroporto de apoio, com uma pista de 1.800 metros de extensão que já funcionou três vezes por semana, ligando a cidade às capitais acreana e amazonense, bem como a outras cidades, porém hoje não existem empresas aéreas que operem na região. A comunicação com outras cidades somente pode ser feita pela BR 317 que liga a cidade a Rio Branco – AC (meio mais utilizado pelos moradores) ou pelos rios da região. Ainda assim a estrada não oferece boas condições de tráfego o ano inteiro, uma vez que possui áreas não pavimentadas por questões de divergências entre Estado e indígenas que resistiram à época da pavimentação em trechos que passam por reservas indígenas. Tais trechos na época chuvosa se tornam quase intrafegáveis. Com Rio Branco, o município mantém o mais estreito laço de reciprocidade comercial. A proximidade com a capital acreana tem facilitado a vida da população bocacrense.

O município conta com alguns hotéis para receber os visitantes, três agências bancárias, um canal de rádio e três canais de televisão, através de antenas parabólicas. Conta ainda com a comunicação de telefonia móvel oferecida pela empresa Tim, novidade no município. A CEAM (Companhia Energética do Amazonas) fornece energia elétrica e a COSAMA (Companhia de Saneamento do Amazonas) a água. Maior parte das ruas é pavimentada.

Na área de Educação o município tem se destacado entre os municípios amazonenses, com suas mais de 270 escolas estaduais e municipais que oferecem a educação infantil e básica e empregam mais de 600 profissionais da educação e um polo da Universidade Estadual do Amazonas – UEA que, desde 2002, tem oferecido alguns cursos superiores à população. O analfabetismo na zona rural do município ainda apresenta índices consideráveis, diminuindo bastante na zona urbana. A última novidade é a criação de uma escola modelo da rede estadual que conta com uma moderna infraestrutura.

A economia da região é movimentada principalmente pela pecuária e pela agricultura.

O município conta com um hospital e alguns postos de saúde para atendimento da população. A Secretaria Municipal de Saúde, juntamente com os Governos Estadual e Federal, tem realizado programas de atendimento que têm melhorado consideravelmente a saúde e expectativa de vida da população.

Peculiar como em outros municípios brasileiros, o esporte tem laços muito fortes com seu passado. A revelação de nomes de atletas, em outras praças esportivas, principalmente na prática do futebol de campo, deixaram para a atual geração um grande legado. O município conta com um estádio de futebol e uma quadra de Esportes. A cultura, por sua vez, tem grandes marcas nas festas populares. Festas culturais tradicionais e religiosas como a de São Francisco e a do padroeiro São Pedro, na qual se faz uma passeata tanto terrestre quanto fluvial, expressam a religiosidade e a cultura da região. Essas festas trazem a realização de danças folclóricas típicas da época junina. O festival de Praia que acontece no mês de agosto é um evento que consegue trazer razoável número de turistas de outros Estados à cidade. Nesse festival, acontecem torneios esportivos, as pessoas se banham nas águas do rio, acontecem desfiles e atrações musicais.

1.3.2 O município de Lábrea

Lábrea é um município do Estado do Amazonas, com uma área de 68.233,96 quilômetros quadrados que abrigam uma população de 37.701 habitantes. Sua sede está localizada à margem direita do rio Purus, a 64.79˚ de longitude e -7.25˚ de latitude. Seu clima é o amazônico, equatorial úmido. Limita-se ao norte com o município de Tapauá – AM, ao oeste com os municípios de Pauini – AM e Boca do Acre - AM, ao leste com o município de Canutama – AM e ao sul com os Estados de Rondônia e Acre. Distancia-se da capital do estado 783 km em linha reta e 1.926 km por via fluvial. Sua vegetação dominante é a floresta tropical densa. O relevo da área é representado por planalto rebaixado da Amazônia e planície amazônica, unidade esta correspondente ao curso do rio Purus. A rede hidrográfica do município pertence à bacia do Rio Purus, que tem por afluentes principais os rios Ituxi, Caititu, Passiá e vários Igarapés. A fauna e a flora da região são riquíssimas, como o é toda a fauna e flora amazônica, com suas madeiras, peixes e pássaros exóticos.

Figura 7 – Município de Lábrea no mapa do Amazonas



Fonte: www.silascamara.com.br

Sua história remonta às primeiras expedições ao rio Purus. No final do século XIX, este rio, juntamente com os rios Juruá e Madeira, servia de vias de comércio nessa parte do Amazonas e atraía muitos extrativistas devido à boa qualidade de suas seringueiras. No ano de 1847, João Cunha Correa, conhecido como João Cametá, navega o Purus, chegando à foz do Ituxi. Em 1852, parte de Manaus, a mando do então presidente da Província, João Batista Tenreiro Aranha, uma expedição chefiada por Serafim da Silva Salgado, com o objetivo de encontrar ligação, através das campinas, entre os rios Purus e Madeira, atendendo a um dos principais interesses do governo durante longos anos. Essa primeira tentativa, bem como todas as outras foram mal sucedidas.

Dois anos mais tarde, em 1854, frei Pedro Coriana funda a primeira missão de índios no rio Purus, sob o nome de *São Luís Gonzaga*. O interesse pelo látex leva à região, em 1869, a primeira leva de cearenses sob o comando de João Gabriel de Carvalho e Melo. No entanto, o maior contingente de nordestinos aporta a região em 1871, vindos do Maranhão e chefiados pelo Coronel Antônio Pereira Labre. Habitam a terra denominada de Maciari, que em língua indígena significa “doente eu caio” ou “terra firme doentia”. Construiu-se logo ali uma capela de palha, mais tarde reconstruída de alvenaria pelo Padre Francisco Leite Barbosa. Estavam lançados os alicerces da vila de Lábrea.

Em 15 de maio de 1873, Lábrea é elevada à categoria de Freguesia com o nome de *Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré do Ituxi* e um ano mais tarde cria-se o Distrito de Paz de Lábrea. Enfim, em 14 de maio de 1881, pela Lei Provincial n° 523, institui-se o Município de Lábrea, com território desmembrado de Manaus, por proposta do então deputado Pereira

Labre. A freguesia, por sua vez, também passa a vila. No entanto o município, por questões logísticas, apenas é instalado em 7 de março de 1886. Essa demora gera divergências entre os moradores a respeito da data de aniversário do município, hoje comemorado em 7 de março.

Lábrea é elevada à categoria de cidade em 1894, pela Lei Estadual n° 97, com denominação de *São Luiz da Lábrea.*

A extensão do município passou por muitas modificações. Em 1890, pelo Decreto Estadual nº. 67, é desmembrado de Lábrea o território que formou o município de Boca do Acre. Já em 1896, sofre outro desmembramento territorial, desta vez para construir o município de Canutama.

Faz parte da história de Lábrea a ilustre visita do escritor Euclides da Cunha em 22 de abril de 1905, o qual na ocasião coordenava uma missão de reconhecimento do Alto Purus.

Atualmente a cidade, respeitando as limitações do interior amazônico, apresenta boas condições de vida aos seus moradores. O labrense pode contar com um aeroporto em atividade, embora apenas uma empresa opere voos duas vezes por semana para as capitais amazonense e rondoniense. Outra alternativa é o transporte pelo rio, no entanto tratam-se de viagens demoradas, considerando a distância com relação às outras cidades. Lábrea também conta com uma rodovia, a BR 230, sendo o ponto final da transamazônica, no entanto este trecho é o mais intrafegável pela falta de pavimentação e pelas constantes chuvas na região. Ainda assim, pela proximidade com o estado de Rondônia, Lábrea mantém boas relações comerciais com a cidade de Porto Velho, principalmente nos meses de verão, quando é mais fácil o tráfego pela rodovia até Humaitá e de lá para a capital rondoniense.

O visitante conta com alguns hotéis e pode ainda contemplar obras arquitetônicas da época da fundação da cidade. Uma delas é a Praça Central, onde se localiza a igreja matriz, inaugurada em 1911 com o nome de *Matriz de Nossa Senhora de Nazaré da Prelazia de Lábrea*, o coreto e estátua da padroeira da cidade, conforme se observa na figura abaixo.

Figura 8 – Praça Central de Lábrea



Foto: Edmar Barros

Na cidade também operam duas agências bancárias, quatro canais de TV e um canal de rádio. A energia elétrica ainda é termelétrica, fornecida à população pela Amazonas Energia. A água é fornecida pela COSAMA, no entanto a maior parte da população utiliza água de poços artesianos particulares. O serviço de telefonia móvel é prestado pelas empresas Vivo, Tim e Claro.

A economia do município volta-se para a agricultura e o extrativismo. Destacando-se o cultivo de mandioca, arroz, abacaxi, batata-doce, cana-de-açúcar, fumo, milho e principalmente o feijão-caupi (feijão-de-praia), produto em que o município desponta como maior produtor do Estado. Nas culturas permanentes, destacam-se ainda o abacate, a banana, a laranja e o limão. O município tem sido destaque também na extração de castanha, borracha, madeira, açaí e óleo de copaíba. A pesca é basicamente de subsistência e o rebanho de gado bovino vem crescendo na região. Nos últimos anos vêm se organizando na cidade cooperativas que facilitam a vida dos pequenos produtores e pescadores da região.

Com relação à educação básica, as famílias labrenses sempre puderam contar com o apoio das irmãs agostinianas e dos irmãos maristas, administradores das mais antigas escolas da região. A cidade possui uma rede de aproximadamente 145 escolas (municipais, estaduais e federais) com cerca de 450 professores que atendem 11.247 alunos desde a pré-escola até o Ensino Médio (IBGE, 2009). Atualmente estão instalados na cidade um polo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) por meio da Universidade Aberta do Brasil (UAB) e um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) que juntos têm levado o ensino técnico e superior não só aos moradores de Lábrea, mas também dos demais municípios da calha do Purus.

A cidade tem carregado durante décadas o estigma já observado pelos índios em sua fundação ao designarem a terra como doentia. O município sempre foi um dos mais atingidos pela malária por causa do rio Ituxi, considerado pelos pesquisadores como um dos mais malarígenos. Por serem também comuns e terem apresentado altos índices de mortandade na região, a "febre de Lábrea" (febre negra), a "hepatite de Lábrea" e a hanseníase agregam o nome do município aos seus. Por outro lado, esses males, embora ainda ocorram, têm sido controlados pelos agentes de saúde que trabalham no município. O Hospital Regional de Lábrea hoje modernizou seus aparelhos e diminuiu a necessidade de deslocamento para cidades como Manaus e Porto Velho, comuns em pacientes com doenças mais graves. A população, além do hospital, também pode contar com os postos de saúde espalhados por todos os bairros da cidade e com as casas de saúde nas aldeias indígenas e comunidades ribeirinhas.

A cidade oferece opções de esporte aos jovens, por meio das quadras, ginásios e do estádio de futebol recentemente reformado. Entre os esportes preferidos pelos jovens encontram-se o futsal tanto masculino quanto feminino e o voleibol. A Secretaria de esportes do município sempre organiza campeonatos e torneios que têm incentivado bastante os jovens à prática de esportes. Encontram-se ainda nos bairros outras praças, além da central, onde se encontram lanchonetes e restaurantes.

As manifestações culturais se realizam por meio de festas tradicionais, das quais destacam-se o Aniversário do Município (março), a Gincana do Trabalhador (maio), os Festivais Folclóricos (junho), a Festa da Padroeira Nossa Senhora de Nazaré (setembro) e principalmente a Festa do Sol, evento que ocorre em 3 dias entre os meses de agosto e setembro quando a Praia de Lábrea torna-se mais propícia para os banhistas. Na ocasião dessa festividade a cidade recebe muitos visitantes, principalmente de cidades vizinhas e de Rondônia. Na festa ocorrem competições esportivas, escolha da garota e garoto sol e atrações musicais regionais e nacionais, tanto na praia durante o dia, quanto na cidade durante a noite.

Figura 9 – Festa do Sol em Lábrea

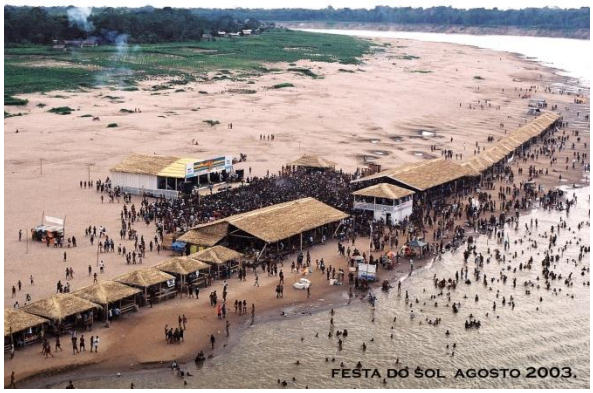


Foto: Edmar Barros

Figura 10 – Vista aérea da cidade de Lábrea às margens do rio Purus

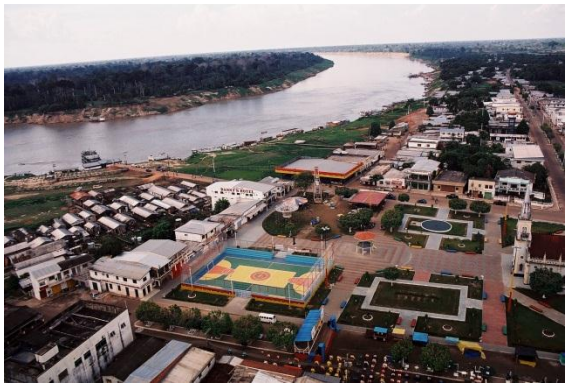


Foto: Edmar Barros

1.3.3 O município de Tapauá

Tapauá é um município do Estado do Amazonas, com uma área de 89.325,274 quilômetros quadrados que abrigam uma população de 19.077 habitantes (IBGE, 2009). Sua sede está localizada à margem esquerda do rio Purus, na confluência com o rio Ipixuna, a 63.18˚ de longitude e -5.62˚ de latitude. Seu clima é o amazônico, equatorial úmido. Limita-se ao norte com os municípios de Carauari – AM, Tefé – AM, Coari – AM, Anori – AM e Beruri – AM; ao oeste com o município de Itamarati – AM; ao sul com os municípios de Lábrea – AM, Canutama – AM e Humaitá – AM e ao leste com o município de Manicoré - AM. Sua vegetação dominante é a floresta tropical densa. O relevo da área é representado por planalto rebaixado da Amazônia e planície amazônica, unidade esta correspondente ao curso do rio Purus. A rede hidrográfica do município pertence à bacia do rio Purus, que tem como um dos principais afluentes os rios Ipixuna e Tapauá e vários Igarapés. A fauna e a flora da região são riquíssimas, como o é toda a fauna e flora amazônica, com suas madeiras, peixes e pássaros exóticos.

Figura 11 – Município de Tapauá no mapa do Amazonas



Fonte: www.wanderleydallas.com.br

Dos municípios amazonenses do Purus é o mais novo e sua história liga-se à de Lábrea nos primeiros anos, uma vez que seu atual território já fora inicialmente território labrense e posteriormente território canutamense.

Em 1852, sobe o rio Purus uma expedição confiada pelo governo da Província a Serafim da Silva Salgado com o intuito de encontrar uma ligação entre os rios Purus e Madeira. Já em 1861 outra expedição também navegou pelas águas do caudaloso rio, esta confiada a Manuel Urbano da Encarnação, perito em coisas de sua terra, cujos segredos sabia desvendar dos indígenas.

O primeiro núcleo de povoamento organizado na zona do rio Purus foi, provavelmente, a Missão de São Luiz Gonzaga, fundada em 1854, por Frei Pedro Ceriano. A Missão, no entanto, teve existência efêmera, pois o frei, enfermo, teve de abandoná-la.

Em 1871, começaram a chegar os nordestinos, na terra firme do Amaciari (Lábrea), na ocasião, trazidos pelo Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre.

Manuel Urbano da Encarnação, um dos célebres nomes da história puruense, ″mestiço de grande tato e consumado explorador do Purus″, funda Canutama em 1874.

Quatro anos mais tarde, em 1878, o Comendador João Gabriel de Carvalho, com vários companheiros, desembarcou em terras do atual município de Boca do Acre, iniciando-se o povoamento do alto Purus e de seus afluentes.

Em 1938, subordinado ainda ao município de Canutama, é criado o Distrito denominado Boca do Tapauá pela Lei Estadual nº 176, de 01 de dezembro. Esse distrito é

elevado à categoria de município com a denominação de Tapauá, pela lei estadual nº 96, de 19 de dezembro de 1955, desmembrado do município de Canutama e com sede na vila da Boca de Tapauá, elevada pela mesma lei à categoria de cidade com o nome de Tapauá. O município foi então instalado em 31 de janeiro de 1956.

Em 10 de dezembro de 1981, pela Emenda Constitucional nº 12, Tapauá perde partes de seu território, em favor dos novos municípios de Auxiliadora, Camaruã e Itamarati, no entanto apenas o último desses se efetivou como município.

Como os demais municípios da região também tem sua economia voltada para a agricultura e o extrativismo, com destaque para a mandioca, o milho, o feijão e a banana, além da castanha. A pesca é basicamente artesanal e de subsistência e não há representação significativa para o Estado na pecuária.

A cidade apresenta boa infraestrutura com as ruas todas pavimentadas, sete estabelecimentos de saúde, duas agências bancárias, correios, serviço de telefonia móvel pela empresa Vivo, televisão e rádio. Os serviços de água e energia elétrica ainda são fornecidos pela COSAMA e CEAM, respectivamente. Não existem rodovias na cidade, sendo o transporte feito apenas pelo rio. O aeroporto da cidade também se encontra desativado, apenas são feitos voos em aviões pequenos de cinco lugares, dependendo da necessidade. Aspecto curioso na cidade é o número de casas flutuantes que se localizam na frente da cidade, formando um bairro inteiro sob as águas, onde vivem muitas famílias tapauenses.

Figura 12 – Casas flutuantes na confluência dos rios Ipixuna e Purus, na frente da cidade de Tapauá

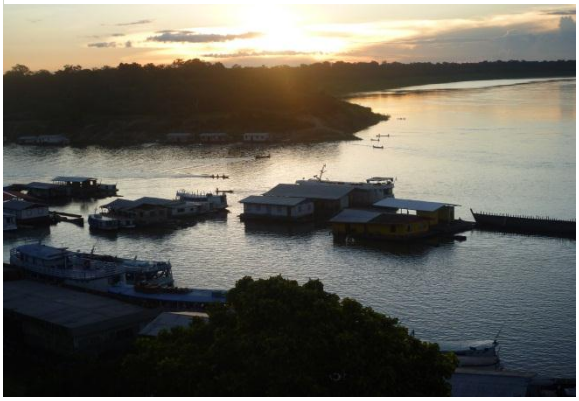


Foto: Edson Galvão Maia

Figura 13 – Igreja de Santa de Cássia, localizada na praça de Tapauá



Foto: Edson Galvão Maia

A população pode contar com uma rede de 182 escolas que atendem desde a pré-escola até Ensino Médio. O Ensino Superior é contemplado com um polo da Universidade do

Estado do Amazonas (UEA), mas a maioria dos estudantes ainda precisam se deslocar para outras cidades como Lábrea, Humaitá e Manaus para cursar uma faculdade.

As manifestações culturais são realizadas por meio de festas tradicionais como os Festejos da Padroeira Santa Rita de Cássia que ocorre na praça da cidade.

Como se observa, a escolha dessas três localidades está pautada em critérios socioeconômicos, considerando a posição das três localidades como as maiores economias da região e, consequentemente, como as três localidades como melhor padrão de vida aos moradores; critérios históricos, tendo em vista a seleção de Lábrea e Boca do Acre, os dois primeiros municípios criados na região; critérios geográficos, uma vez que as três localidades se distribuem no mapa em áreas distintas da microrregião (alto Purus, médio Purus e baixo Purus), abrangendo todo o território da mesma; critérios culturais, já que nas três localidades se observam manifestações culturais tradicionais como as festas religiosas, tão comuns no interior do Estado; e, critérios demográficos, considerando as três maiores populações da microrregião.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa em Dialetologia e pretende seguir as tendências atuais dessa área linguística no Brasil, ou seja, busca estudar o falar da Microrregião do Purus em uma perspectiva da Geolinguística Pluridimensional, relacionando o fenômeno em estudo aos aspectos sociais da comunidade pesquisada. Da mesma forma, pretende-se analisá-lo à luz da Fonologia, a fim de apresentar uma caracterização também pautada na teoria linguística, em aspectos da língua.

Nesse sentido, apresentam-se aqui os fundamentos teóricos, nos quais se norteia a pesquisa.

2.1 A DIALETOLOGIA E O MÉTODO GEOLINGUÍSTICO

A exemplo de Coseriu (1982), antes de se iniciar uma discussão acerca da Dialetologia, esclarece-se aqui o conceito de dialeto adotado nesta pesquisa. De acordo com o ilustre autor, *dialeto* é um conceito que "está longe de ser firmemente estabelecido do ponto de vista teórico, o qual é motivo de constantes ilusões e incoerências"[9] (COSERIU, 1982, p. 06, tradução nossa).

A definição do termo *dialeto* depende logicamente do conceito de *língua* e os estudos linguísticos têm demonstrado que nem sempre é fácil distinguir língua e dialeto.

Para Ferreira e Cardoso (1994), "uma língua é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É resultado de um processo histórico, evolutivo" (p. 11). As autoras chegam ao conceito de dialeto ao considerar a complexidade do sistema linguístico, reconhecendo uma abstração, visto que, enquanto substância, a língua concretiza-se nos atos de fala e já aparece diversificada. Essa diversidade as leva a entender dialeto como "subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua" (p. 12).

Coseriu (1982) apresenta uma distinção de base histórica entre língua e dialeto e compartilha da noção de dialeto como subsistema. Segundo ele, dialeto é um termo que, se opondo à língua, não deixa de ser uma língua menor, incluída em outra maior (língua histórica ou idioma), sendo assim a distinção dialeto/língua é apenas uma questão de *status* histórico, uma vez que por questões outras (políticas, histórias, sociológicas, geográficas, etc.) um dialeto pode vir a tornar-se uma língua. O autor reconhece o fator social da variação, no

[9] Trecho Original: "[…] es cierto que el concepto mismo se halla muy lejos de estar firmemente estabelecido desde el punto de vista teórico, lo cual es motivo de frecuentes espelismos e incoherencias".

entanto atribui o termo somente às variações diatópicas (geográficas), limitando o estudo da dialetologia a essa dimensão, ao passo que caberia à sociolinguística o tratamento da dimensão diastrática (social) e à estilística o da dimensão diafásica (de estilo).

Elia (1989) nota que não existe nenhuma diferença estrutural entre dialeto e língua, uma vez que os dialetos podem cumprir qualquer função linguística, e atribui a diferença aos aspectos social e histórico, por meio dos quais os dialetos de uma língua estão subordinados a ela, já que as línguas, como instrumento de expressão dos Estados organizados nacionalmente, detêm maior prestígio social e acumulam um grande patrimônio cultural. Dessa forma, a língua seria "o falar de uma comunidade, estruturalmente diferenciado, portador de apreciável tradição cultural e reconhecido oficialmente por um Estado como forma de expressão em suas relações internas e externas" (ELIA, 1989, p. 15). Já o dialeto é o "falar de uma comunidade, parte de uma comunidade maior, com cujo falar mantém afinidades estruturais, praticado geralmente como forma oral e não reconhecido por um Estado como forma de comunicação em suas realizações internas e externas" (ELIA, 1989, p. 15).

Chambers e Trudgill (1980) usam o termo dialetologia para designar o estudo de todos os dialetos, sejam eles espaciais ou sociais e apresentam uma discussão sobre um critério capaz de distinguir *língua* de *dialeto*: o critério da mútua inteligibilidade. "Língua é uma coleção de dialetos mutuamente inteligíveis"[10] (p. 03, tradução nossa). Dialeto então é uma subparte de uma língua. Por outro lado, os próprios autores reconhecem que tal caracterização não abarca todas as línguas. Por exemplo, as línguas escandinavas (norueguês, sueco, dinamarquês), embora com o *status* de língua, são mutuamente inteligíveis e deveriam, portanto, ser consideradas dialetos. Já o alemão, que é considerado uma única língua, possui formas (dialetos) ininteligíveis entre os falantes. Reconhecem, assim, outras razões de cunho social para explicar essas exceções.

Não se pretende aqui estender uma discussão sobre língua e dialeto[11], porém faz-se necessário destacar que nesta pesquisa o termo *língua* é visto como sistema linguístico, abstração subjacente aos usos individuais (fala), o qual Saussure denominou *langue*[12].

O senso comum costuma associar os dialetos à fala de pessoas incultas, de grupos desprestigiados da sociedade, desvios da norma, aberrações de uma forma correta de língua e,

[10] A language is a collection of mutually intelligible dialects (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 03).
[11] A respeito dessa discussão cf. também BRANDÃO, Silva Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991. A autora dedica um subtópico à distinção entre língua, dialeto e falar.
[12] Cf. SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini et al. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

portanto, inferiores a ela. Da mesma forma, o termo tem sido aplicado para designar formas linguísticas de falantes das partes mais isoladas do mundo e que não possuem a modalidade escrita (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 03). Para fugir a esse estigma é que alguns autores, dos quais citam-se Chambers e Trudgill (1980), Ferguson (1964), Fishman (1971) e Tarallo (1990), preferem o uso do termo *variedade linguística*, termo neutro e livre de preconceitos. Os primeiros chegam mesmo a classificar a língua como uma "variedade autônoma" constituída de "variedades heterônimas", dependentes, que seriam os dialetos, esclarecendo ainda que os papéis podem se reverter e essas variedades heterônimas, por alguma razão extrínseca a elas, tornarem-se autônomas, originando novas línguas.

Nesse sentido, uma distinção entre dialeto e língua nunca poderá ser categórica. No entanto, assim como esses autores (e a grande maioria dos linguistas modernos), entende-se o termo *dialeto* como variação de uma língua condicionada pelos mais diversos fatores (históricos, sociais, geográficos), bem como parte-se da ideia de que nenhum dialeto é superior a outro.

É importante ainda observar que, assim como nesses autores, o termo dialeto é aqui entendido como sistema (um subsistema ainda é um sistema), ou seja, mesmo em dialeto trabalha-se com uma abstração, nos termos de Ferreira e Cardoso (1994), uma vez que não pode ser confundido com o termo *idioleto*, o qual representa um falar individual. Ora, nenhum falante, ainda que pertença a uma mesma região ou possua características sociais iguais a outros falantes como classe, escolaridade, sexo, faixa etária, fala igual a outro. Não faria sentido entender falares particulares como dialetos, nem seria muito valioso um estudo pautado nessas variações. Dessa forma, uma das características do dialeto é a sua coletividade.

Assim, define-se o dialeto como objeto da Dialetologia, disciplina linguística que "tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica" (CARDOSO, 2010, p. 15). Conceituando assim, Cardoso demonstra ser a Dialetologia um estudo sistemático de todas as formas de dialeto e não apenas do regional, como é entendida erroneamente por muitos.

É certo que a tradição em pesquisas dialetais conta desde o século XIX com o método da geolinguística ou geografia linguística, método esse segundo o qual, a partir da elaboração e aplicação de um questionário ou mesmo por meio de conversas gravadas em entrevistas (elocução livre), o pesquisador pode elaborar atlas compostos de cartas linguísticas (mapas), nas quais se registram as formas linguísticas presentes em determinada área geográfica. Dessa forma, considerando o fator geográfico, apresentam um panorama geral do falar dessa região

nos níveis de análise linguística, estipulam, se possível, limites geográficos entre os dialetos por meio de linhas imaginárias (isoglossas), além de constituir-se numa fonte de informação preciosa sobre a história cultural da região em estudo. Tal método tem suas origens na elaboração do *Atlas Linguístico da França – ALF,* por Jules Gilliéron, (1902-1910) e foi desenvolvido ao longo dos anos, mostrando-se muito eficiente no objetivo a que se propunha.

A Dialetologia, ao longo de sua tradição, tem demonstrado maior interesse pelas variedades geográficas, principalmente a variedade rural, partindo do princípio de que quanto mais isolada a comunidade pesquisada, mais êxito será alcançado no sentido de conhecer o dialeto na sua forma primitiva, sem influências. Não obstante, os dialetólogos, embora reconheçam a geolinguística como método por excelência da Dialetologia, também reconhecem a necessidade que a Dialetologia tem de considerar o fator social, externo à língua.

Por outro lado, apenas na década de 1960, surge uma disciplina linguística que enfatiza mais firmemente essa necessidade, a Sociolinguística. A partir dos estudos sociolinguísticos de William Labov, os olhares se voltam também para outros fatores que condicionam as variedades linguísticas (além do geográfico), sejam eles sociais, estilísticos ou mesmo biológicos. Na Sociolinguística as variantes são explicadas não só por fatores linguísticos, mas também, e principalmente, por fatores extralinguísticos como sexo, faixa etária, escolaridade, classe social, entre outros.

Modernamente, um estabelecimento de um limite entre Dialetologia e Sociolinguística não é um ponto pacífico entre os linguistas[13].

Ferreira e Cardoso (1994) observam que "ambas têm como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos de fala" (p. 19), mas claramente assumem uma posição que leva a considerar as disciplinas como sinônimas, uma vez que, na concepção das autoras, "muito antes de a Sociolinguística se ter fixado como um novo ramo da ciência e da linguagem [...], a Dialetologia já interpretava os fatos linguísticos, segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etária, sexo, etc." (p. 19).

Assim como as autoras, acredita-se que a Sociolinguística surge para aprimorar o que já se fazia em Dialetologia, estudar a língua falada e suas peculiaridades, conforme bem observa Thun (1998):

[13] Para uma discussão mais detalhada, cf. ALVAR, Manuel & LOPE BLANCHE, Juan M. *Em torno à la sociolinguística.* México, Instituto de Investigaciones Filosóficas / Centro de linguística Hispánica, 1978; CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, Peter. *Dialectology.* Cambridge, Cambridge university, 1980); e TRUDGILL, Peter. *On dialect: social and geographical perspectives.* Oxford, Basil Blackwell, 1983.

> A dialetologia areal, monodiemensional por tradição, mas não por necessidade intrínseca, é uma sociolinguística (e pragmática) limitada. A Sociolinguística, pluridimensional por tradição, mas resistente ao espaço, é uma dialetologia limitada (p. 72).

Compartilha-se neste trabalho das ideias desse autor e seguem-se as orientações de Radtke e Thun (apud CRUZ, 2004, p. 98): utilizar a sociolinguística como apoio na sistematização das variantes, o que já foi feito por Cruz (2004) no *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, e que hoje é uma das tendências da dialetologia atual, denominada Geolinguística Pluridimensional ou Moderna, apresentada mais adiante no subitem 2.1.2.2.

2.1.1 Alguns conceitos importantes

Antes de apresentar os rumos que a Dialetologia vem tomando no Brasil, procura-se discutir brevemente aqui alguns conceitos fundamentais para os estudos dialetológicos.

Como entidade social, a língua varia de comunidade para comunidade, de região para região, de estrato social para estrato social, de indivíduo para indivíduo. Ferreira e Cardoso (1994) apresentam as diferenças internas que existem em uma língua histórica. Elas podem ser diferenças no espaço geográfico (**diatópicas**), em estratos socioculturais (**diastráticas**), no estilo expressivo de cada falante (**diafásicas**), no gênero (**diagenéricas**) ou ainda em faixas etárias (**diageracionais**). Por se constituírem na coletividade, as três primeiras são apresentadas como fundamentais.

Partindo desses conceitos e da ideia de abstração que caracteriza a língua como um sistema, e baseadas na proposta de Coseriu (1982), as autoras demonstram que existem nas línguas três tipos de subsistemas: as **unidades sintópicas** (reconhecidas mais facilmente como dialetos, por exemplo, dialeto amazonense, o do Purus, o de Lábrea, etc.), as **unidades sintráticas** (a linguagem culta, a popular, etc.) e as **unidades sinfásicas** (a linguagem formal, a literária, a familiar, etc.).

As autoras não deixam de observar ainda que

> [...] em cada unidade sintópica, por exemplo, em um dialeto de determinada região, pode haver ou há diferenças diastráticas (socioculturais) ou diafásicas (de estilo); em cada unidade diastrática, por exemplo, a linguagem culta, há diferenças diatópicas (regionais) e diafásicas (de estilo); e em cada unidade sintrática, por exemplo, na linguagem familiar, há diferenças diatópicas e diastráticas (p. 12).

Nesta pesquisa, levam-se em consideração as diferenças diatópica, diageracional, diagenérica e diafásica, uma vez que controla-se os dados de falantes de uma região (Microrregião do Purus), por meio de sua idade e gênero, assim como procura-se fazer o inquérito de duas formas distintas (questionário e conversa informal), a fim de registrar dados do mesmo falante em duas circunstâncias de comunicação. A diferença diastrática não é considerada, uma vez que os informantes não são escolarizados (estudaram no máximo até o 5º ano do ensino fundamental) e pertencem, em sua maioria, à classe baixa.

Outro conceito a ser esclarecido é o conceito de isoglossa. De acordo com Chambers e Trudgill (1980), o termo fora usado pela primeira vez por J. G. A. Bielenstein, em 1892, e significa literalmente "língua igual" (iso + gloss). Ao conceituar isoglossa, Chambers e Trudgill (1980) assim se expressam: "Presumivelmente, o termo intenciona transmitir o fato de que uma linha traçada ao longe de uma região mostrará duas áreas em cada lado dela, que concordam em algum aspecto do uso linguístico, mas que discordam entre si"[14] (p. 103, tradução nossa). Nas palavras de Ferreira e Cardoso (1994), isoglossa é "uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas" (p. 12).

As isoglossas podem apontar diferenças e semelhanças no espaço geográfico, podem mostrar semelhanças e contrastes linguísticos socioculturais ou podem configurar diferenças de estilo. Classificam-se, assim, respectivamente como **isoglossas diatópicas**, **isoglossas diastráticas** e **isoglossas diafásicas**. Ainda, quanto à natureza dos fatos linguísticos analisados, a isoglossa poderá ser lexical (**isoléxica**), fônica (**isófona**), morfológica (**isomorfa**) ou mesmo sintática (**isosintagmática**) (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 13).

Partindo desse conceito, as autoras apresentam dialeto como um "feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outra" (p. 16). Um ponto deve ser destacado, a "relativa homogeneidade". As autoras reconhecem a inexistência de limites rígidos entre as línguas, pois toda língua histórica constitui-se de um conjunto de dialetos.

A partir de dados do *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*, Cruz (2004, p. 134) estabelece uma hipótese de isoglossa (isófona) que dividiria o Estado do Amazonas em duas áreas, referente ao fenômeno aqui investigado, o /S/ pós-vocálico. A linha estabeleceria dois falares: os falares do Rio Negro e Amazonas, caracterizados pela pronúncia pós-alveolar, e os

[14] Trecho original: "Presumably, the term is intended to convey the fact that a line drawn across a region will show two areas on either side of it which concur on some aspect of linguistic usage but which disagree with each other".

falares do Rio Solimões, caracterizados pela pronúncia alveolar. Esta pesquisa contribui para a confirmação ou não dessa hipótese a partir do momento que estuda o fenômeno em uma das áreas estabelecidas pela isoglossa, a Microrregião do Purus, rio afluente do Solimões.

2.1.2 A Dialetologia no Brasil

Quando se fala em dialetologia no Brasil, logo se pensa na extensão territorial de nosso estado maior, nas dificuldades de comunicação e de locomoção que ele ainda apresenta. Áreas relativamente isoladas se apresentam como fontes riquíssimas a pesquisas linguísticas, mas ao mesmo tempo representam um desafio ao pesquisador.

Além disso, o Brasil, tendo em vista o processo de colonização a que foi submetido, as condições em que se deu a sua independência política e seu desenvolvimento, apresenta grandes contrastes regionais e sociais, de modo que um retrato fiel da realidade brasileira colocaria lado a lado: executivos de grandes empresas; técnicos que manipulam com desenvoltura o computador; operários de pequenas, médias e grandes indústrias; vaqueiros isolados em latifúndios; cortadores de cana; pescadores artesanais; plantadores de mandioca em humildes roças; pombeiros que comercializam pelo sertão e indígenas aculturados (BRANDÃO, 1991).

Acrescentam-se ainda os imigrantes e seus descendentes, concentrados em algumas regiões, e os migrantes, os quais, motivados pelo crescimento acelerado de alguns centros urbanos, têm "provocado uma alteração profunda no tabuleiro linguístico regional, rapidamente nivelado pela influência avassaladora da norma que delas (as migrações internas) emana" (CUNHA, 1979 apud BRANDÃO, 1991, p. 17).

Não menos importante ressaltar ainda a desigualdade existente dentro da mesma área, como nas grandes cidades, onde se encontram áreas luxuosas em contraste com a periferia, na qual comunidades vivem à margem do progresso.

Todavia, certa é a necessidade de se conhecer as variedades regionais do português brasileiro e, mesmo frente às grandes dificuldades, muito se tem feito com a elaboração de trabalhos monográficos nas mais diversas áreas do país, elaboração e publicação de atlas regionais, e principalmente o projeto de um atlas nacional, o *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, em curso desde 1996.

Procura-se apresentar agora como tem se dado essa movimentação em nosso país e o que se tem feito, desde os primeiros passos até as tendências atuais, para se conhecer as variedades populares do português brasileiro.

2.1.2.1 Breve histórico da Dialetologia no Brasil

Costuma-se dividir a história dos estudos dialetais no Brasil em três fases. As duas primeiras são estabelecidas por Nascentes (1952; 1953) e são complementadas por uma terceira, apresentada por Ferreira e Cardoso (1994).

A primeira fase tem como marco inicial o estudo comparativo entre o português de Portugal e o português do Brasil, feito por Domingos Borges de Barros, o visconde de Pedra Branca, para integrar o *Atlas Ethnographique du Globe*, de autoria do geógrafo vêneto Adrien Balbi, e data de 1826. Os estudos que fazem parte dessa fase caracterizam-se fundamentalmente por sua natureza lexical. São em sua maioria glossários, dicionários, vocabulários e léxicos regionais, dentre os quais se encontra o primeiro estudo no campo gramatical, *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, de autoria do brasileiro José Jorge Paranhos da Silva (1879), obra que trata de diferentes aspectos da variação do português brasileiro em contraposição ao europeu. Exemplos de obras significativas dessa fase são: *Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada* (do visconde de Beaurepaire-Rohan, 1883 e 1884, posteriormente transformada no *Dicionário de vocábulos brasileiros*, 1889), *O tupi na geografia nacional* (de Teodoro Sampaio, 1901), *Glossário paraense: coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó* (de Vicente Chermont de Miranda), *Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros* (de P. Carlos Teschauer, 1912), *Dicionário de brasileirismos* (de Rodolfo Garcia, 1912).

A publicação, em 1920, de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, torna-se o divisor de águas entre a primeira e a segunda fase, marcada, por sua vez, pelos trabalhos monográficos, empenhados em estudar determinadas áreas no intuito de descrever os fenômenos linguísticos que as caracterizam não apenas sob a ótica lexical e semântica, mas também nos níveis fonético-fonológico e morfossintático. Nota-se ainda nessa fase, principalmente nas obras de Amadeu Amaral, Antenor Nascente e Mário Marroquim, uma nova forma de olhar a realidade linguística brasileira, com a preocupação de observá-la *in loco*.

A respeito de *O dialeto carioca*, dizem Ferreira e Cardoso (1994):

> Dá, assim, aos que a ele sucederiam no tempo e no campo da investigação dialetal, as linhas básicas para um trabalho sério: a observação imparcial; a sistemática, o método, no trabalho, a retratação fiel da realidade a partir do que as amostras recolhidas permitiam; e, por fim, a importância da verificação pessoal dos fatos e da sua constatação, eliminando-se tudo o que ficasse no terreno hipotético ou no campo da incerteza (p. 40).

E mais adiante, à página 41, "A porta se abriu para os estudos dialetais com *O dialeto caipira*. Nele encontram-se as linhas gerais para o estudo monográfico de uma região". De fato, o autor demonstra, em sua obra, a preocupação de que se façam estudos regionais com o mesmo rigor na metodologia por ele utilizado.

Em 1922, Antenor Nascentes, com *O linguajar carioca em 1922* (em sua segunda edição de 1953, apenas *O linguajar carioca*), discute o processo de dialetação no Brasil e apresenta uma divisão dos falares brasileiros. Essa divisão é fruto de profundas observações feitas pelo dialetólogo ao percorrer o país "do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá" e sendo a "primeira a ser proposta em bases estritamente linguísticas" (CARDOSO, 2010, p. 135), mostra-se pertinente até os dias de hoje e serve de orientação aos trabalhos contemporâneos que buscam contrariá-la ou corroborá-la.

Ainda merece destaque, nessa segunda fase, a obra de Mário Marroquim, *A língua do Nordeste* (1934), que oferece uma visão sobre a linguagem em Alagoas e Pernambuco e demonstra a preocupação do autor com os estudos dialetais e com a raridade de publicações a respeito dessa temática à época.

Ferreira e Cardoso (1994) apontam como marco da terceira fase o decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que criou o Centro de Pesquisa Casa de Rui Barbosa e, em seu artigo 3º, estabeleceu como principal finalidade da Comissão de Filologia, a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil.* Essa fase é caracterizada pelo início dos estudos da geolinguística com a publicação, em 1963, do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, o primeiro atlas regional brasileiro. A essa fase pertencem então os pioneiros Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha e Nelson Rossi.

Em 1957, Serafim da Silva Neto, impulsionado pelo desejo de "criar uma mentalidade dialetológica", ou seja, enfatizando a necessidade dos estudos da variação linguística, publica o seu *Guia para estudos dialetológicos*, obra que, além de comentar a metodologia da pesquisa de campo, sugerir temas e apresentar um modelo de questionário, estabelece as tarefas consideradas urgentes para os estudos dialetais, dentre elas a realizações de sondagens,

e elaboração de pesquisas monográficas e de atlas regionais para, enfim, se elaborar um atlas nacional. Dessa forma, Serafim da Silva Neto "foi um grande incentivador do Atlas Linguístico do Brasil, sem deixar, porém, de enfatizar a importância de estudos dialetais nas suas diversas manifestações" (CARDOSO, 2010, p. 140).

No ano seguinte, Antenor Nascente publica o primeiro volume das *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, seguido de um segundo volume publicado em 1961. Como sugere o título, a obra se propõe a estabelecer os passos fundamentais para cumprir aquela que era a principal finalidade da comissão de filologia da Casa de Rui Barbosa, nos termos da lei. Não obstante, o autor, a exemplo de Serafim da Silva Neto, argumenta que, pela vastidão do território brasileiro (motivo que impossibilitaria a execução de tal tarefa inclusive em Estados mais desenvolvidos que o nosso), melhor seria que se começasse a conhecer a realidade linguística regionalmente, com a elaboração de atlas regionais.

Celso Cunha dedicou atenção ao ensino da língua, reconhecendo a necessidade de conhecimento pleno da língua e, assim como os demais, defendeu a realização de atlas regionais, embora fosse um grande incentivador de um projeto nacional.

O primeiro passo foi dado, então, por Nelson Rossi que, em coautoria com Dinah Isensee e Carlota Ferreira, publica o já mencionado *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (1963).

O que a história demonstrou foi que esses dialetólogos estavam certos. Ao APFB seguiram até o dia de hoje outros 13 atlas regionais e alguns outros estão em andamento, enquanto o projeto de um atlas nacional só pôde ser retomado em 1996.

Apresenta-se abaixo, por meio dos atlas regionais concluídos e em andamento, um panorama dos rumos que a dialetologia vem tomando no Brasil.

Quadro 1 – Atlas regionais brasileiros publicados

ATLAS CONCLUÍDOS			
Título / sigla	**Ano**	**Autor**	**Características**
Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB	1963	Nelson Rossi, Dinah Isensee e Carlota Ferreira	50 localidades pesquisadas (cobrindo todo o território baiano), num total de 100 informantes (homens e mulheres entre 25 e 84 anos, analfabetos e semianalfabetos, distribuídos aleatoriamente). Questionário, basicamente léxico-semântico, com 182 questões em quatro áreas temáticas: terra, vegetais, homens e animais. A transcrição era feita imediatamente na coleta de dados (método direto). Constitui-se de 209 cartas (11 de identificação, 154 fonéticas e léxicas e 44 de resumo). Algumas cartas apresentam dados etnográficos, inclusive com ilustrações.
Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG	1977	Mário Zári, José Passini e Antônio Gaio	O projeto prevê quatro volumes, dos quais somente um foi publicado. São 116 localidades pesquisadas (cobrindo todo o território mineiro), num total de 116 informantes (um por município, do sexo masculino, entre 30 e 50 anos e com escolaridade até a 4ª série primária). O questionário possui 415 questões em oito áreas temáticas e foi aplicado diretamente ou por correspondência. Esse primeiro volume está constituído de 73 cartas (introdutórias, léxicas e fonéticas, isófonas e isoléxicas). Os termos vêm com símbolos e legendas.
Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB	1984	Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes	O projeto prevê três volumes, dos quais dois encontram-se publicados. O primeiro traz as 149 cartas (léxicas e fonéticas) e o segundo traz uma descrição detalhada da metodologia utilizada, os dados histórico-geográficos, geoeconômicos e socioculturais das localidades, a ficha dos informantes, os informantes por localidade, a análise das formas e estruturas linguísticas encontradas sob os aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos. Foram pesquisadas 25 localidades bases e 75 localidades satélites. O questionário de 187 questões (gerais e específicas) foi aplicado a mais de 100 informantes (homens e mulheres, entre 30 a 75 anos, analfabetos a primário completo).

Atlas Linguístico de Sergipe – ALS	1987	Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi	Pronto para a publicação desde 1973 só pôde ser publicado 14 anos depois. São 171 cartas, das quais 12 são duplas (Bahia-Sergipe), que apresentam dados não publicados do APFB. O atlas segue a mesma metodologia do APFB, porém inova ao controlar a variável gênero, pois conta com dados de 30 informantes, um homem e uma mulher em cada uma das 15 localidades pesquisadas. Também apresenta um questionário mais amplo de 800 questões. As cartas léxicas apresentam transcrição pormenorizada e numerosos dados etnográficos, tendo em vista a quantidade de notas que as acompanham. Em cada carta há a remissão à carta correspondente no APFB.
Atlas Linguístico do Paraná – ALPR	1994	Vanderci Aguilera	É apresentado em dois volumes: o primeiro faz uma apresentação com introdução, esboço histórico da colonização paranaense, pontos linguísticos investigados, características dos informantes, questionário, notações fonéticas, apresentação das cartas e notas; o segundo reúne as 191 cartas (de identificação, léxicas, fonéticas, isoléxicas, isófonas e anexas). A pesquisa foi feita em 65 localidades, num total de 130 informantes, sendo um homem e uma mulher em cada ponto de inquérito. O questionário estava constituído de 325 questões em dois campos semânticos, o homem e a terra. No verso de cada carta há notas explicativas e de análise do material coletado.

Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS	2002	Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Wilson	Primeiro e único atlas a compreender uma região e não um estado, publicado em dois volumes: o primeiro de caráter introdutório e o segundo constituído de 176 cartas (fonético-fonológicas, morfossintáticas e auxiliares). Conta com 275 pontos na área rural: 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul; e 19 pontos na área urbana: 6 no Paraná, 6 em Santa Catarina e 7 no Rio Grande do Sul. Os informantes são dois por ponto na zona rural e seis nos pontos urbanos, homens e mulheres entre 28 e 58 anos, analfabetos ou com escolaridade até a 4ª. série do ensino fundamental. O questionário é dividido em três partes (semântico-lexical com itens gerais e específicos para cada estado; fonético-fonológico e morfossintático). Contempla ainda situações de bilinguismo em áreas de colonização não-portuguesa. Recentemente, em 2011, passou por uma reedição em que os volumes 1 e 2 foram republicados em um único volume, além da publicação de um volume de cartas semântico-lexicais com 954 páginas.
Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA	2004	Abdelhak Razky	Primeiro atlas sonoro do Brasil. Faz parte de um projeto maior, o *Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALIPA* e apresenta um menu, no qual pode-se buscar as cartas por localidades, por informantes, por faixas etárias, por sexo, podendo-se ouvir as realizações fonéticas produzidas pelos informantes, para cada item do questionário, além da possibilidade de uma busca automática da variação fonética, em certos contextos, e sua relação com os fatores sociolinguísticos. Pode-se, também, ouvir as entrevistas integrais dos 40 informantes (homens e mulheres em duas faixas etárias e com nível de instrução até a 4ª. série do ensino fundamental). A pesquisa foi feita em 10 localidades e utilizou o questionário fonético-fonológico (QFF) do ALiB com adaptações, o que gerou as 795 cartas fonéticas que compõem o atlas.

Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM (Em fase de publicação)	2004	Maria Luiza de Carvalho Cruz	Atlas concluído e em fase de publicação, o ALAM possui uma rede de pontos de nove localidades, cada uma representando uma microrregião do Estado, nas quais foram entrevistados 6 informantes (totalizando 54), homens e mulheres, distribuídos em 3 faixas etárias (uma inovação em atlas brasileiros), 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante. Foi aplicado um questionário fonético de 156 questões e um semântico-lexical com 327 questões, nos campos "homem" e "terra". O atlas registra, assim, em seu segundo volume, as 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais; no primeiro volume encontra-se a tese de doutoramento com introdução, fundamentação teórico-metodológica e informações histórico-culturais do estado e em especial das localidades pesquisadas.
Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS II	2005	Suzana Alice Cardoso	A obra apresenta dados de 30 informantes, homens e mulheres de 25 a 65 anos, semianalfabetos, de 15 localidades, aproveitando o material coletado para o ALS I. O Questionário Semântico-Lexical possui 700 questões nos campos semânticos: terra, homem, animais, vegetais. O Atlas compõe-se de dois volumes, com três tomos e um CD, com amostras dos questionários aplicados a 15 informantes. O Volume I contém uma introdução com uma fundamentação teórica, a metodologia e uma bibliografia. No Volume II encontramos uma introdução das cartas, com os inquéritos, o questionário da área semântica "homem", os critérios de apresentação das cartas, referências bibliográficas, índice de formas transcritas e índice onomasiológico, além das 108 cartas.
Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara - UFeBG)	2006	Luciana Gomes de Lima	Conta com uma rede de quatro pontos (comunidades fluminenses). O Questionário Fonético-Fonológico foi espe-cialmente desenvolvido para esse fim e é adaptado à reali-dade das comunidades investigadas, constituído de 279 questões para entrevistas com 24 informantes, homens e mulheres. Constitui-se de 308 cartas fonéticas e foi defendido como dissertação de mestrado junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul – ALMS	2008	Dercir Pedro de Oliveira	A rede de pontos contempla 32 localidades. Os informantes, num total de 132, são identificados de acordo com o gênero, a faixa etária, o grau de instrução (rudimentar ou com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental) e naturalidade. As entrevistas foram realizadas pelo método direto e indireto, com a aplicação de dois questionários, um lexical, com 506 perguntas e um fonético, com 46 questões, além de 04 perguntas sobre lendas, superstições e simpatias e 01 narrativa – relato de experiência pessoal. Esse material gerou um total de 207 cartas (47 fonéticas, 153 semântico-lexicais e 7 morfossintáticas).
Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – MicroAFERJ	2008	Fabiana da Silva Campos Almeida	Abrange 12 comunidades fluminenses e controla sistemati-camente variações regionais e sociais. O questionário foné-tico é composto por 279 perguntas que, subdivididas, perfa-zem um total de 309 palavras. Cada ponto de inquérito conta com seis informantes, distribuídos por gênero e três faixas etárias (18-35 anos, 36-55 anos, 56 anos em diante), num total de 72 indivíduos, com nível de instrução até, no máximo, a 4ª série do ensino fundamental. 312 cartas, sendo 6 introdutórias.
Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM	2010	Roseanny Brito	Este atlas foi desenvolvido como dissertação de mestrado junto à Universidade Federal do Amazonas e segue a mesma metodologia adotada pelo ALAM, o que permite ampliar a rede de pontos do mesmo, no que diz respeito ao registro fonético. A pesquisa foi realizada em 5 pontos da microrregião do Baixo Amazonas com 30 informantes e resultou em 132 cartas fonéticas. Ao atlas acompanha um CD, no qual se pode visualizar as cartas e ouvir cada realização por informante.
Atlas Lingístico do Ceará – ALECE	2010	José Rogério Fontenele Bessa	Está concluído e em fase de publicação. Abrange 69 localidades e registra dados de 268 homens e mulheres, de 30 a 60 anos, analfabetos ou com nível de instrução até a 4ª série do ensino fundamental. O Questionário contém 306 questões, compreendendo 583 itens, nos campos semânticos: natureza e homem. Apresenta 223 cartas (75 lexicais e 148 fonéticas).

Fonte: Adaptado de Aragão, Mota e Cardoso (2006), Cardoso (2010) e Brito (2010).

A esses logo se juntarão os atlas em andamento, dos quais se destacam: o *Atlas Linguístico do Estado de São Paulo – ALESP*, coordenado por Pedro Caruso; o *Atlas Geossociolinguístico do Pará – ALIPA*, sob a coordenação de Abdelhak Razky; o *Atlas Linguístico de Mato Grosso – ALiMAT*; o *Atlas Linguístico do Maranhão – ALIMA*, coordenado por Conceição Maria de Araújo Ramos; o *Atlas Linguístico do Espírito Santo – ALES*, coordenado por Catarina Vaz; o *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro – APERJ*; o *Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte – ALIRN*, coordenado por Maria das Neves Pereira; o *Atlas Etnolinguístico do Acre – ALAC*, projeto retomado e agora coordenado por Luiza Galvão Lessa, o *Atlas Linguístico do Paraná II – ALPR II*; o *Atlas dos falares do Alto Rio Negro – ALFARIN*, projeto desenvolvido como dissertação de mestrado por Jeiviane Justino (UFAM); o *Atlas linguístico do Rio de Janeiro*, proposto recentemente, de acordo com Cardoso (2010); o *Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro ALiSon-Rio*; o *Atlas Linguístico do Piauí – AliPI*; e o *Atlas Lingüístico Rural do Município de Ponta-Porã-Mato Grosso do Sul*, projeto de dissertação de Mestrado de Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS); dentre outros.

O grande número de atlas apresentado, somado às inúmeras pesquisas monográficas existentes, comprovam a eficiência do método geolinguístico no Brasil. Da mesma forma, percebe-se que no decorrer do tempo o método pôde ser desenvolvido e aperfeiçoado, o que permite a elaboração de trabalhos cada vez mais modernos.

Enquanto os atlas regionais vêm sendo desenvolvidos, o sonho de um atlas único que cobrisse todo o território nacional, nascido em meados do século XX, foi retomado em 1996, por um grupo de professores e pesquisadores da Universidade Federal da Bahia, em virtude do Seminário "Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil". Nasce, assim, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, envolvendo 17 instituições universitárias brasileiras, sob a responsabilidade de um Comitê Nacional, constituído de uma diretora-presidente, na pessoa de Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA); uma diretora executiva, Jacyra Andrade Mota (UFBA) e atualmente nove diretores científicos, representantes dos atlas regionais publicados e em andamento.

O Projeto ALiB apresenta os seguintes objetivos, dispostos no site[15] e em Cardoso (2010, p. 169):

> 1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas,

[15] Disponível no endereço eletrônico: www.alib.ufba.br.

> morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
> 2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
> 3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
> 4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
> 5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, consequentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
> 6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (PROJETO ALiB, versão 2001).

A fim de alcançar esses objetivos, o projeto conta com uma metodologia bem definida:

- Pontos de Inquérito: serão investigadas 250 localidades em todo território, 23 na região Norte, 71 na região Nordeste, 79 na região Sudeste, 41 na região Sul e 21 na região Centro-Oeste; consideradas a extensão, aspectos demográficos, socioculturais, históricos e de povoamento de cada região, bem como os pontos sugeridos por Nascentes (1961) nas suas bases. Estão contempladas todas as capitais brasileiras, exceto Palmas (TO) e Brasília, cidades ainda imaturas para esse tipo de trabalho;
- Informantes: num total aproximado de 1.100, distribuídos em duas faixas etárias: 18 a 30 anos e 45 a 60 anos, homens e mulheres, com nível de instrução no máximo a 7ª série do ensino fundamental, ou cursando a 8ª, e superior, nas capitais. De acordo com Cardoso (2010), a distância entre as faixas etárias permitirá "melhor confronto entre usos por diferentes faixas etárias e, também propiciará a análise da variação e da mudança linguística" (p. 173), uma vez que se tornaria muito onerosa a documentação de três faixas. A fim de possibilitar uma distribuição espacial, os informantes devem ser nascidos nas localidades e possuir pais também da mesma área.
- Questionários: Semântico Lexical, com 15 áreas semânticas e 202 questões; Morfossintático, com 49 questões; Fonético-fonológico, com 159 questões;

Pragmático, com 04 questões; 4 temas para discursos semi-dirigidos; texto para leitura.

Tal metodologia permitirá ao atlas se enquadrar nos modelos da Dialetologia Pluridimensional, uma vez que privilegia além da dimensão diatópica, as dimensões diagenérica, diafásica, diageracional e diastrática.

Estabelecida a metodologia, as entrevistas começaram em 2001 e atualmente o projeto, de acordo com dados do site, atualizado em dezembro de 2011, encontra-se com 229 localidades concluídas (91,6%) e 1016 informantes documentados (92,4%), em 19 estados (76%), ainda que tenha sempre enfrentado dificuldades de financiamento, aliadas às dificuldades logísticas que nosso estado maior ainda oferece.

Cardoso (2010) não deixa de assinalar que a execução do projeto nacional "não vem de encontro aos atlas regionais nem se interpõe como obstáculo à continuidade de investida nessa dimensão geográfica" (p. 167). Eles continuam sendo o maior interesse, uma vez que penetram mais densamente na realidade de cada área, revelando as especificidades de forma mais intensiva.

Considerando a inexistência ainda hoje de dados que permitam traçar divisões dialetais no território brasileiro, além da divisão de Nascentes (1953), baseada na realização das vogais mediais pretônicas, Aguilera (2005) assinala a importância de um projeto nacional ao mencionar a respeito da opção por um novo e único projeto e não a reunião de projetos regionais:

> Preliminarmente, esses atlas publicados (os regionais), embora todos pautados pelos princípios da geografia Linguística – e não poderia ter sido outro o caminho – seguem metodologias próprias na escolha de informantes, no tipo de questionário aplicado, na forma de registro dos dados, nas prioridades estabelecidas. Em segundo lugar, os dados vêm sendo recolhidos em diferentes momentos de que resultam diferentes sincronias espelhadas nos resultados cartografados (p. 05).

Somente um atlas nacional permitirá traçar os limites linguísticos brasileiros, no que diz respeito à língua portuguesa, de forma mais uniforme, porém é o desenvolvimento de estudos por estado e regiões que permitirá um conhecimento mais acurado da realidade linguística brasileira.

A retomada desse projeto, em 1996, é apontada por Mota e Cardoso (2006) como o marco inicial de uma possível quarta fase da dialetologia brasileira, caracterizada pela implementação de princípios sociolinguísticos ao método da Geografia Linguística, que sai do

plano apenas horizontal (eixo da arealidade) para um plano também vertical (eixo da socialidade); e pela superação da suposta crise da geolinguística românica, apresentada por Radtke e Thun (1996), uma vez que mostra-se cada vez mais crescente o interesse pelos estudos dialetais dentro das universidades, onde se observa um número significativo de publicações, comunicações e congressos, trabalhos de pós-graduação e, especialmente, a elaboração dos atlas regionais. As autoras não deixam de lembrar ainda que nessa nova fase os campos de estudo "não se restringem mais a dados fonético-fonológicos e léxico-semânticos [...], incorporando dados morfossintáticos, pragmático-discursivos, metalinguísticos e etc." (p. 23); além do fato de que as formas de apresentação dos dados vêm se revestindo dos mais modernos instrumentos como cartas comentadas e CDs que reproduzem a voz do informante.

2.1.2.2 Novos rumos da Dialetologia no Brasil: A Geolinguística Pluridimensional

Embora tenha sido muito produtivo desde sua origem, o método geolinguístico na sua forma tradicional vem sofrendo críticas, principalmente no que diz respeito à delimitação de seu campo de interesse principal: a dimensão espacial da variedade linguística. Blanch (1978), por exemplo, lembra que "se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das variedades regionais quanto das sociais, tanto no eixo horizontal quanto no vertical" (p. 42). Radtke e Thun (1996), por sua vez, afirmam que o tratamento monodimensional restringe a análise ao eixo horizontal e chegam mesmo a dizer que um tratamento pluridimensional reuniria num mesmo enfoque os eixos horizontal e vertical (social) da variação linguística, tornando-se assim a Dialetologia "a verdadeira ciência da variação" (p. 30).

Geolinguística Pluridimensional é o termo que modernamente vem sendo utilizado para designar a "nova geolinguística [que] se caracteriza pelo alargamento do seu campo de observação e por um trabalho de profundidade mais desenvolvido" (THUN, 2000, p. 407), ao controlar sistematicamente as variáveis sociais, além da já consagrada variação espacial, e cartografar a incrível quantidade de dados advindos dessa metodologia.

É bem verdade que o fator social da linguagem já vem sendo percebido desde o surgimento da Dialetologia, mas é apenas com o surgimento da Sociolinguística, em meados do século XX, por iniciativa de Willian Labov, que ele é controlado de forma sistemática e rigorosa. Logo, "a dialetologia e especificamente os estudos geolinguísticos deixam de

apresentar-se numa visão dominantemente diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social" (CARDOSO, 2010, p. 61).

Radtke e Thun (1996) explicam que a adoção dessa nova forma de ver o método deve-se ao fato de a geolinguística românica – chamada "tradicional", nos moldes de Guillierón, centrada nas diferenças espaciais, ou seja, monodimensional por natureza – estar enfrentando uma possível crise, um desinteresse por investigações de natureza dialetal utilizando esse método, uma vez que ele não poderia mais dar conta do mundo moderno da cidade, da mobilidade populacional, dos meios de comunicação, sendo superado por disciplinas como a Sociolinguística, a Pragmática, a Psicolinguística, etc. Em suas palavras, a dialetologia areal encontrava-se "ultrapassada e obsoleta" (p. 26).

De fato estava. Cardoso (2006), não diferente, salienta que as bases para o que chama de "redefinição de prioridades" estão longe de ser apenas linguísticas. São sócio-históricas e políticas. Ora, os contextos sociais e históricos estão em constantes modificações e um método para ser eficiente e dar conta de todas essas transformações também precisa se transformar, se desenvolver.

Assim, se no modelo tradicional importava para o estudo de uma área, um falante ideal (ou dois), aquele nascido na localidade, com pais também da área, geralmente homem, do meio rural, mais velho, com pouca ou nenhuma mobilidade e grau de instrução, no modelo moderno buscam-se informantes com diferentes perfis, a fim de se manter o controle de todas as dimensões. Isso fica evidente no excerto seguinte:

> Os parâmetros que regem, assim, a escolha e o perfil de informantes passam a se revestir de uma multiplicidade de aspectos, pondo em destaque um complexo rol de variáveis a considerar. O falante é visto como um ser geograficamente situado, mas socialmente comprometido e em múltiplas direções. Os instrumentos de recolha de dados, por sua vez, vão se tornando capazes de captar a variação nas suas diferentes manifestações. Os questionários se diversificam; a natureza do interrogatório, da inquirição, atinge alto grau de especificidade; as formas de registro de dados captam não apenas a emissão, mas também as condições de que se reveste o ato de fala naquele momento, permitindo amplas considerações de ordem pragmática (CARDOSO, 1996, p. 10).

Um desafio que se põe a esse tipo de abordagem é a indicação cartográfica da quantidade de dados resultantes da combinação de diversos fatores sociais, fato observado por Thun (2000): "A geolinguística pluridimensional deve pensar em uma organização inteligente e racional da grande quantidade de dados que recolhe" (p. 408); e por Belmann (1999), segundo o qual um estudo bidimensional, nos eixos da arealidade e da socialidade, atingirá bons resultados "desde que se efetue o levantamento dos dados com suficiente exatidão" (p.

20). As cartas pluridimensionais permitem cruzar variáveis e exibir resultados que mostrem o comportamento de cada uma delas. (CARDOSO, 2010, p. 64).

Outro aspecto a ser incluído numa abordagem pluridimensional é o contato linguístico. Sabe-se que as línguas em contato exercem uma mútua influência entre si, e um trabalho dialetal em áreas de contato deve incluir também esse fator, embora ele represente dificuldades (RADTKE; THUN, 1996, p. 36). Vale a ressalva do fato de que considerar as línguas em contato não se trata simplesmente de documentar a coexistência dessas, como já se tem feito em pesquisas dialetológicas tradicionais, mas sim fazer um levantamento de dados que considere as influências exercidas entre elas.

Os rumos que os estudos dialetológicos vêm tomando no Brasil, por meio da elaboração dos atlas regionais e especialmente com o desenvolvimento do projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (cuja metodologia permitirá controlar uma grande quantidade de variáveis sociais), permitem dizer que se passa de uma dialetologia monodimensional, centrada apenas nas diferenças espaciais das línguas, para uma dialetologia pluridimensional, que busca considerar as diferenças diastráticas, diagenéricas, diafásicas, diageracionais, diarreferenciais, etc. Mesmo a dimensão diatópica ganha uma subdivisão. Fala-se em dimensão diatópica topostática, que controla sistematicamente os falantes com pouca mobilidade, isto é, nascidos e criados na localidade, sem se ausentar por muito tempo dela; e em dimensão diatópica topodinâmica, que controla falantes com certo grau de mobilidade.

Dois dos nossos atlas regionais publicados, o *Atlas Linguístico de Sergipe* e o *Atlas Linguístico do Paraná*, são apontados por Thun (apud CARDOSO, 2006, p. 12) entre os três primeiros atlas sistematicamente pluridimensionais, pois acrescentam à dimensão diatópica a dimensão diagenérica. A esses seguiram todos os outros publicados posteriormente, conforme apresentado acima, e também o Projeto ALiB, sempre considerando o fator social da língua sem deixar de ser essencialmente diatópicos.

A esse respeito e à guisa de conclusão, recorre-se a Cardoso (2010):

> [...] a geolingüística assume outros parâmetros que não o diatópico ao tomar em consideração variáveis sociais, mas permanece diatópica, como afirma Contini e Tuaillon (1996, p. 7): ‘A dialetologia tem por finalidade essencial estudar a variação geolinguística’. E nisso está sua ‘identidade’, a definição do seu campo, a afirmação dos seus objetivos próprios [...] (p. 67).

2.1.3 A Dialetologia no Amazonas

Se a realização de pesquisas dialetais no território brasileiro é uma tarefa difícil, por todas as dificuldades de deslocamento e comunicação já apresentadas, no estado do Amazonas essa dificuldade se multiplica. Estamos falando do maior estado em extensão territorial do país. Estamos falando ainda de localidades que buscam se desenvolver envoltas à maior floresta tropical do mundo. O que aparenta ser muito exuberante e enche os olhos de turistas e amantes da ecologia, também representa alguns desafios em se tratando de pesquisa. Um sistema rodoviário deficiente (a maioria das rodovias existentes não é pavimentada, o que dificulta o tráfego durante o ano todo e o impossibilita durante a metade do ano, na estação chuvosa), obriga o pesquisador a cortar o estado pelas voltas dos extensos rios, o que demanda muito tempo, ou pelos ares (nas poucas localidades que dispõem de aeroportos), que, por sua vez, demanda muitos gastos, ainda mais quando não se tem nenhum financiamento para a pesquisa, o que representa a maioria dos casos. Soma-se ainda a dificuldade de comunicação que a maioria das comunidades ainda apresenta (em muitas delas não se tem acesso à internet ou rede de telefonia móvel). Caso se considere as dificuldades já inerentes a pesquisas de campo, como a relação com os informantes face-a-face, antes e durante as entrevistas, ou mesmo as dificuldades de encontrar falantes com o perfil desejável à pesquisa e que aceitem contribuir com ela, percebe-se mais do que nunca que os que optam por conhecer e fazer conhecer as variantes populares do português são mais que pesquisadores, são desbravadores. Mais que isso, percebe-se a urgência em formar pesquisadores com esse perfil dentro das universidades.

Foi pensando nisso que a dialetóloga Maria Luíza Carvalho Cruz, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Amazonas, em ocasião da coleta de dados para o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM,* coletou além das respostas aos questionários (utilizadas em sua pesquisa), uma conversa informal (elocuções livres semidirigidas), com fins não só de constituir um banco de dados que viabilizasse futuras pesquisas linguísticas, mas também de preparar um grupo de futuros pesquisadores na área. Esse certamente é o gene de uma mentalidade dialetológica no Amazonas que já vem apresentando seus primeiros frutos.

A primeira pesquisa dialetológica no Amazonas trata-se de uma dissertação de mestrado de Hydelvídia Corrêa, defendida em 1980. O trabalho intitulado *O falar do "caboco" amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves,* investigando 42 informantes nas duas localidades estudadas, seguindo os critérios da dialetologia tradicional, busca registrar formas semânticas peculiares da região, assim como

aspectos fonéticos-fonológicos da região, dos quais destacamos, em caráter especial, o alçamento da vogal tônica /o/, como em b[u]to e can[u]a, e o abaixamento da vogal tônica /u/, como em t[o]do (tudo) e ág[o]a (água), aspectos bastante curiosos e característicos exclusivamente do falar do norte. Outros fenômenos documentados pela pesquisa são a monotongação de [ow] e [ey] e o alçamento da vogal média pretônica /e/.

Passaram-se mais de 20 anos para que ressurgisse o interesse pelas pesquisas dialetais. E esse veio em grande estilo. Elaborou-se um trabalho pioneiro, nos moldes da Geografia Linguística de Guilliéron, o *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM* (CRUZ, 2004). Defendido como tese de doutorado junto à Universidade Federal do Rio de Janeiro, o atlas constitui-se no primeiro olhar global do falar amazonense que vem orientando outras pesquisas de cunho dialetológico na região, representando mais que uma contribuição, um marco para a propagação dos estudos da variação no estado. O ALAM reúne em suas 107 cartas fonéticas e 150 semântico-lexicais o resultado de ampla pesquisa realizada em nove localidades representativas das microrregiões do estado (Benjamin Constant, Tefé, Lábrea, Eirunepé, Humaitá, Barcelos, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins), selecionadas seguindo critérios rigorosos de caráter histórico, cultural e econômico, bem como as orientações de Nascente (1958). Os informantes, num total de 54 (6 por localidade) foram distribuídos de modo a se manter o controle sistemático das variáveis gênero e faixa etária e enquadraram-se no seguinte perfil: natural da localidade, com pais também da região, com escolaridade igual ou inferior à 4ª série do ensino fundamental, com pouca mobilidade.

O atlas traz um retrato do falar amazonense e procuramos destacar aqui dois aspectos importantes observados pela pesquisadora. O primeiro (e que mais interessa para esta pesquisa) diz respeito à distribuição do fonema /S/ em contexto final de sílaba. O atlas mostra uma distribuição muito uniforme, possibilitando uma hipótese de uma isófona que dividiria o estado em dois falares, os falares do Rio Negro e Amazonas pronunciariam a variante pós-alveolar, enquanto os falares do Rio Solimões (e afluentes), a variante alveolar. O segundo diz respeito ao alçamento da vogal tônica /o/, constatado por Corrêa (1980). No atlas, esse fenômeno se mostrou pouco produtivo e o mais curioso foi que as poucas ocorrências concentraram-se em falantes da terceira faixa etária, o que levou a pesquisadora a levantar a hipótese de que este seria um fenômeno em extinção e que teríamos uma mudança em curso, no que se refere a esse fenômeno.

Procurando confirmar ou não essas duas hipóteses e objetivando a formação de futuros dialetólogos, cria-se um grupo de estudos, em nível de iniciação científica, de onde surgem trabalhos, os quais utilizam e completam o banco de dados do ALAM, por meio das

elocuções livres que não foram utilizadas por Cruz (2004). As pesquisas de Maia (2006), Martins (2006) e Dias (2007), abrangendo juntas todas as localidades pesquisadas pelo ALAM[16], puderam corroborar com a hipótese de extinção do fenômeno de alçamento da vogal tônica /o/ também em situação de fala distensa. Por sua vez, Martins (2007) e Quara (2007) também confirmam a hipótese de divisão dos falares amazonenses com relação ao /S/ pós-vocálico nos dados de elocução livre nas nove localidades[17].

Conforme previsto por Cruz (2004), o banco de dados constituído das transcrições grafemáticas de elocuções livres do ALAM, seguindo as regras do Projeto NURC, dispostas em Pretti (1993), puderam subsidiar pesquisas nos diferentes níveis linguísticos. Destacam-se duas de caráter monográfico, em nível de especialização: *Estudo dialetológico e sociolinguístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas* (MAIA, 2009) e *Uma abordagem sociolinguísitica da concordância nominal no falar dos habitantes de Benjamin Constant* (MARTINS, 2009).

A partir de 2007, surgem três projetos de pesquisa em nível de mestrado, defendidos em 2010. Duas dessas pesquisas desenvolveram-se nas localidades de Silves e Itapiranga: *A realização das variantes palatais / ʎ / e /ɲ /nos municípios de Itapiranga e Silves* (TORRES, 2010) e *O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves* (SILVA, 2010). Ambas as pesquisas seguiram a metodologia do ALAM. Esta reúne um acervo de 132 cartas fonéticas e constatou mais uma vez a baixa ocorrência do fenômeno de alçamento e aquela, em suas 156 cartas, observou um grande índice de palatalização dos fonemas em estudo, condicionada pela vogal *i*. O terceiro projeto foi o *Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM* (BRITO, 2010). Também adotando a metodologia do ALAM, o atlas constitui-se de 132 cartas fonéticas, construídas com base em dados de 5 localidades do Baixo Amazonas, o que significa uma ampliação dos pontos do ALAM e um ganho para a pesquisa dialetal no Amazonas.

Um trabalho também muito significativo é *O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas*, tese de doutorado de Maria Sandra Campos. Este trabalho busca também averiguar o fenômeno de alçamento da vogal tônica na localidade de Borba, município não contemplado nas pesquisas do ALAM. A pesquisa dividiu as 15 localidades do munícipio investigadas (rurais e urbanas) em quatro grupos e contou com um total de 24 informantes, homens e mulheres, distribuídos em 3 faixas

[16] Maia (2006) investiga o fenômeno em Itacoatiara e Manacapuru, Martins (2006) em Parintins e Tefé e Dias (2007) nas demais localidades.
[17] Martins (2007) investiga o /s/ pós vocálico em Itacoatiara, Manacapuru, Parintins, Tefé, Barcelos e Benjamin Constant; ao passo que Quara (2007) o faz em Eirunepé, Lábrea e Humaitá.

etárias. A análise geral permitiu a constatação de que o fenômeno ainda é produtivo na região e apontou determinados contextos linguísticos que privilegiam sua pronúncia; porém uma análise pautada nas faixas etárias evidencia uma menor incidência nos informantes mais jovens, levando a pesquisadora a afirmar: "Diante do que foi analisado, observamos que, de maneira geral, o fenômeno passa por um processo de enfraquecimento" (CAMPOS, 2009, p. 150).

Atualmente, outros dois projetos, além deste, estão em fase de conclusão no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas. Tratam-se de *A Realização das Vogais Médias Pretônicas no Falar de Manaus (AM)* e o *Atlas dos Falares do Alto Rio Negro – ALFARIN*, o terceiro atlas amazonense que, também seguindo a metodologia do ALAM, permitirá um conhecimento mais apurado do português falado no Amazonas, em pontos não contemplados pelo ALAM.

Diante do exposto, observa-se que o Amazonas foi por muito esquecido no que concerne ao desenvolvimento de pesquisas dialetológicas. No entanto, nos últimos anos, principalmente em virtude do largo passo dado pelo *Atlas Linguístico do Amazonas,* nota-se um grande interesse em desvendar os segredos do falar 'caboco', como bem denominou Corrêa (1980), ainda que muitas dificuldades se apresentem. E muito há ainda que ser feito para que se possa conhecer com detalhes nossas variantes populares.

2.2 FONOLOGIA

Sabendo-se que o fonema em estudo, o /S/ pós-vocálico, possui muitas variações fonéticas no português brasileiro e considerando-se a importância de não apenas descrever tais variações existentes no espaço geográfico estudado, optou-se, nesta pesquisa, por entender como o sistema linguístico do português organiza essas variações de modo que a comunicação se processe sem prejuízo. Somada a isso, está a necessidade de se estabelecer contextos fonológicos que condicionam ou não determinados usos do fonema. Para cumprir com essa tarefa, recorre-se à teoria da Fonologia Clássica e à Teoria da Sílaba, porém torna-se mister um esclarecimento acerca dos suportes teóricos dessa disciplina, a começar por sua distinção com uma disciplina afim, a Fonética.

Fonética e fonologia são duas disciplinas linguísticas semelhantes, autônomas e complementares. São semelhantes à medida que dividem um objeto de estudo: os sons utilizados pelos falantes de uma língua como veículo de significação e interação social. São

autônomas quando tratam esse objeto de estudo de forma diferente. A primeira preocupando-se com a articulação dos sons pelo aparelho fonador, com as propriedades físicas dessa produção sonora, bem como a forma como esses sons se propagam e são recebidos pelo interlocutor; a segunda dedicando-se a descrever a estrutura e o funcionamento dos sistemas de sons, ou seja, como eles se organizam nas línguas para que ocorra a comunicação (MATZENAUER, 2005). Nesse sentido, a fonética trata do som como objeto concreto e a ela importam todos os sons produzidos pelo aparelho fonador humano, todavia a fonologia trata do som como entidade abstrata, importando a ela apenas os sons capazes de distinguir significados, conhecidos como *fonemas*. São, portanto, níveis de análise diferentes com graus de proximidade também diferentes nos sons da voz humana. Fonema é, pois, de acordo com Genouvrier e Peytard (1973), "a menor unidade de som capaz de produzir modificações do sentido por mera comutação, sem ter ele próprio um sentido. É a unidade mínima pertinente de uma língua dada" (p. 62). Por fim, as duas disciplinas, embora diferentes, são complementares, pois a fonologia não poderia operar sem o apoio das descrições físicas dos sons feitas pelos foneticistas; por sua vez, os sons sem a organização no sistema abstrato que é a própria língua, não passariam de meros ruídos, e não faria sentido para o foneticista estudar esses sons, estaria a fonética perdida em coisas inúteis. Logo, embora tratem do mesmo objeto sonoro, as disciplinas possuem métodos e técnicas diferentes para alcançar resultados diferentes (CAGLIARI, 1997, p. 09).

Assim, percebe-se, como Matzenauer (2005), que

> no estudo de qualquer língua, pode fazer-se uma descrição fonética e uma descrição fonológica. Da primeira, a unidade de descrição são os sons, representados entre colchetes [ ]; da segunda, a unidade são os fonemas, representados entre barras / /. Há, portanto, dois níveis de representação dos sons: um nível fonético e um nível fonológico (p. 13).

Antes dessa distinção entre Fonética e Fonologia, fundamentada por Saussure (2000) em virtude do estabelecimento da distinção entre *língua* e *fala* e estabelecida por seus sucessores da Escola de Praga, Nicolai Troubetzkoy, Roman Jakobson e Serge Karcevski, o termo fonema era utilizado para definir uma unidade de som e não se destacava o seu caráter distintivo e abstrato (psicológico), ou seja, fone e fonema eram entendidos como sinônimos[18]. A partir dessa distinção o fone passa a ser objeto da Fonética, enquanto o fonema passa a ser unidade da Fonologia (DIAS, 2008).

[18] A distinção entre língua e fala, estabelecida por Saussure (2000), vai permitir ligar os conceitos de fonema e fone, respectivamente à *língua* e à *fala*, uma vez que o primeiro trata-se de uma unidade abstrata do sistema (língua), enquanto o segundo representa a unidade concreta realizada individualmente pelo falante.

Conforme se observa, o interesse pelos sons da língua não é atual. Um breve olhar sobre a história da Linguística revela que mesmo antes do estabelecimento da mesma como ciência (o que se dá com o estruturalismo saussuriano), à época dos estudos histórico-comparativos, os sons das línguas eram bastante discutidos a fim de se classificar as línguas em famílias por suas origens e semelhanças. Por meio das "leis fonéticas" e da "analogia", buscava-se estabelecer o percurso da mudança fonética das línguas em estágios, de modo a reconstruir as formas originais.

Com o estruturalismo veio o estabelecimento do objeto da Linguística enquanto ciência e os fonemas passam a ser vistos como a menor unidade de um sistema abstrato que é a língua. Esses existem por sua capacidade distintiva e por serem diferentes entre si, uma vez que a troca de um implica em mudança de significado.

> É a partir daqui que a descrição estrutural de um sistema fonológico não significa só descrever os sons existentes de uma língua, mas mostrar como esses sons se combinam resultando em signos. Portanto, não se deve apenas fazer um mapeamento articulatório do som, como também mostrar sua funcionalidade dentro do sistema ao descrever os fonemas (PEDROSA, 2009, p. 76).

Saussure (2000), dessa forma, apresenta o fonema como a "menor unidade" de análise, indivisível e de onde se obtinha a funcionalidade do sistema. Porém, seus sucessores da Escola de Praga, apresentam um novo olhar sobre essa noção de menor unidade. Para eles, a menor unidade de análise serão os traços distintivos que compõem os fonemas, pois são eles que tornam os fonemas diferentes entre si e são, portanto, os responsáveis pelas mudanças de significado. Dessa forma, por exemplo, o que diferencia o significado de "vaca" e "faca" é o traço de sonoridade presente no fonema /v/ de "vaca" e ausente no fonema /f/ de "faca". A noção de marcação também é herança dessa Escola. Assim, o fonema /v/ recebe uma marcação positiva no traço sonoridade [+sonoro], enquanto o fonema /f/ recebe uma marcação negativa nesse mesmo traço [-sonoro].

A partir dessas contribuições, surgem diversos modelos teóricos que visam à descrição e análise da organização dos sons da fala em uma língua. Tais modelos podem ser *lineares* ou *não-lineares*. De acordo com Matzenauer (2005), os modelos lineares entendem a fala como "uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, com uma relação de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, com limites morfológicos e sintáticos" (p. 13), enquanto nos modelos não-lineares esses limites não seriam tão definidos, uma vez que os traços estão organizados hierarquicamente em diferentes camadas (*tiers*) e "podem

estender-se aquém ou além de um segmento, ligar-se a mais de uma unidade, como também funcionar isoladamente ou em conjuntos solitários" (p.13).

Como exemplo de modelo linear existe o gerativo de Chomsky e Halle (1968), reformulado posteriormente por diversos fonólogos e foneticistas. Como exemplos de modelos não-lineares existem a Fonologia Autossegmental, a Fonologia Métrica, a Fonologia Prosódica e a Fonologia Lexical. De acordo com Pedrosa (2009), "a Teoria da Sílaba pode ser considerada um direcionamento voltado para a estrutura silábica advindo da Teoria Métrica e da Prosódica" (p. 80).

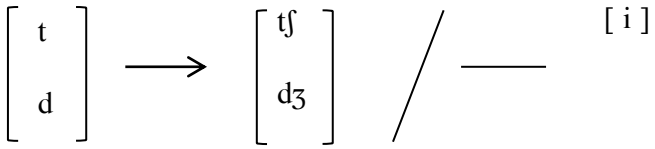
Aqui, apresentam-se as teoria fonológica que serviram de base para a análise do fenômeno em estudo, a saber o modelo gerativo da Fonologia Clássica - o modelo de Chomsky e Halle (1968) e a Teoria da Sílaba.

2.2.1 Traços distintivos

Modelos como o estruturalismo saussuriano que considera o fonema como unidade de análise íntegra e atômica (indivisível) têm sido questionados por teorias posteriores, principalmente gerativas, que consideram que o fonema constitui-se de propriedades articulatórias e acústicas, as quais, podendo estabelecer uma oposição fonológica entre segmentos que as possuam e segmentos que não as possuam, vêm sendo tomados independentemente como objeto de análise. Exatamente por essa capacidade, tais propriedades são denominadas *traços distintivos.*

Matzenauer (2005), no intuito de demonstrar a relevância dos traços distintivos, mostra o ganho do analista em utilizá-los como unidade de análise. De acordo com a linguista, uma análise em traços "tem servido como instrumento formal para mostrar a naturalidade do funcionamento dos sistemas linguísticos" (p. 26), uma vez que uma análise baseada apenas nos segmentos não revela com clareza o processo fonológico ocorrido para a formulação da regra. Como exemplo, utiliza a regra de palatalização dos fonemas /t/ e /d/ diante do segmento /i/, comum em dialetos do português brasileiro. Sem a segmentação em traços, sua representação é expressa abaixo:

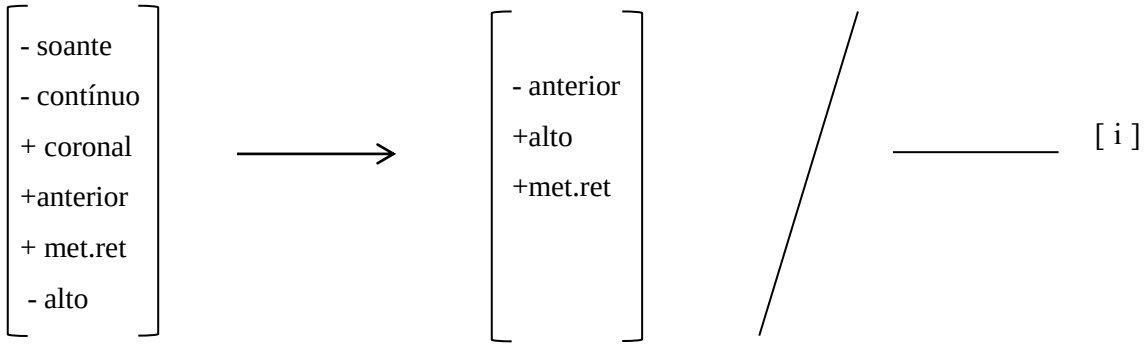
Figura 14 – Representação da regra de palatalização sem a segmentação dos sons em traços distintivos



Leia-se: os segmentos /t/ e /d/ tornam-se respectivamente [tʃ] e [dʒ] quando antecedem [i].

Por sua vez, uma análise que levasse em conta os traços distintivos dos segmentos envolvidos, formataria a mesma regra da seguinte forma:

Figura 15 – Representação da regra de palatalização com a segmentação dos sons em traços distintivos



Fonte: MATZENAUER (2005, p. 26).

Conforme se observa, a segunda representação expressa que o traço [alto], não marcado no primeiro segmento, recebe uma marcação positiva diante de segmento com o traço [+alto], constatando a naturalidade da mudança, ao passo que a primeira representação, ao mostrar apenas que um som se transforma por influência de outro som, sugere que o processo fonológico ocorre sem motivação. A segunda representação também deixa claro que alguns traços são alterados no processo, porém outros permanecem inalterados. Tais evidências atestam a importância dos traços como instrumentos formais de descrição e análise fonológicas.

Dentre as obras que apresentam as propostas teóricas referentes aos traços distintivos, o tradicional modelo apresentado por Chomsky e Halle (1968) em *The Sound Pattern of English* (SPE), foi o mais bem sucedido e obteve maior aceitação, embora tenha passado por

muitas reformulações. Este modelo - baseado nos modelos anteriores de Jakobson, Fant e Halle (1952) e Jakobson e Halle (1956) - apresenta as linhas gerais da teoria fonológica gerativa, uma vez que, apesar de apresentada para a descrição dos sons do inglês, a teoria pretendia dar aos traços um caráter universal.

A principal característica do modelo da SPE é a representação, não apenas fonológica (os modelos anteriores buscavam descrever as línguas com um número reduzido de traços, considerando apenas as propriedades distintivas), como também fonética, descrevendo seu conteúdo com base em propriedades acústicas e articulatórias. Logo, de acordo com Matzenauer (2005), os traços são definidos nesse modelo em dois níveis: fonético e fonológico. No nível fonético, são escalas físicas universais que descrevem aspectos do evento da fala, podendo ser tomados de forma independente. Já no nível fonológico, os traços funcionam como marcadores classificatórios abstratos, identificadores dos itens lexicais da língua (p. 18). Dessa forma, a teoria estabelece relações mais claras entre o aspecto abstrato (universal) e concreto (específico), o que já vinha sendo almejado por estruturalistas e funcionalistas.

Pedrosa (2009) observa que as matrizes fonológicas não precisam ser totalmente especificadas no caso de existência de um traço redundante[19], visto que a unidade mínima de valor operacional e realidade psicológica é o traço e não o feixe de traços (conforme considerava a Escola de Praga); por sua vez, as matrizes fonéticas, por seu caráter descritivo e concreto, necessitam de especificações plenas com detalhes das propriedades acústicas e articulatórias de realização dos sons (p. 79).

Outra característica do modelo é a noção de regra e de derivação que garantem maior clareza e simplicidade nas comparações entre línguas. A formulação de regras representa a concepção da língua não mais como um conjunto de representações, mas como um sistema de regras, que representadas em termos de traços, garantem ao analista alcançar significativas generalizações linguísticas (MATZENAUER; MIRANDA, 2010, p. 15-16). Nesse sentido, por meio de um formalismo elaborado, a descrição de processos fonológicos encontra força nessa teoria.

Ainda a respeito das regras, é importante ressaltar que a aplicação da teoria mostrou que as regras se aplicam a *classes naturais* de segmentos e não a conjuntos arbitrários de segmentos. Hyman (1975), ao definir critérios para identificar classes naturais, já expõe essa constatação, visto que estabelece como primeiro critério o fato de os segmentos sofrerem

[19] A teoria entende como traço redundante traços que caracterizam apenas sons sem oposição fonológica na língua (alofones), em contraposição aos traços distintivos.

regras fonológicas juntos. “Diz-se que dois ou mais segmentos constituem uma classe natural quando é necessário, para especificar a classe, um número de traços menor do que o número necessário para caracterizar cada membro da classe isoladamente” (MATZENAUER, 2005, p. 30). Dessa forma, os segmentos /t/ e /d/, caracterizados com no mínimo seis traços, formam classe natural, pois a classe pode ser caracterizada com apenas 5 traços.

Embora esse modelo tenha representado grandes avanços para a teoria fonológica clássica, seja por apresentar uma proposta atraente para a utilização de traços distintivos em valores binários, seja pela formatação de regras que lhe conferem um alto poder descritivo e uma grande força explanatória, ou mesmo pela possibilidade de representar generalizações por meio das classes naturais, não esteve livre de críticas principalmente no que se refere à falta de economia na representação de processos fonológicos e à falta de hierarquia entre os traços, fatores aos quais é conferida a deficiência do modelo em descrever alguns fenômenos fonológicos.

O modelo de Chomsky e Halle (1968), no dizer de Matzenauer e Miranda (2010),

> [...] é considerado por muitos uma teoria baseada no segmento, mesmo que tenha uma proposta para traços. Assim, ainda que como modelo teórico avance na formulação de regras, o SPE não progride suficientemente na descrição dos fenômenos fonológicos, seja porque segmentos são vistos como conjuntos de traços não ordenados hierarquicamente e em relação bijetiva com o segmento, seja porque unidades estruturais maiores do que o segmento, tais como a sílaba, por exemplo, não têm *status* na representação (p. 18).

De acordo com a *Restrição de Bijectividade (Bijectivity Constraint)*, “cada segmento corresponde exatamente a uma especificação em termos de traços e, conversamente, cada especificação em termos de traços corresponde a um segmento” (WETZELS, 1995, p. 06). Tal relação entre os traços e seus segmentos, implica em um sistema o qual garante que existe uma correspondência de um-por-um entre segmentos e matriz de traços. Uma regra que se aplique ao segmento mexe com toda a matriz, tornando, assim, o modelo pouco econômico. Por esta restrição, não é possível representar, por exemplo, quando um segmento se apaga, mas o traço permanece; quando especificações incompletas são inseridas ou quando dois ou mais segmentos compartilham um traço.

A solução para esse problema seria um ordenamento hierárquico dos traços, proposta apresentada pela Fonologia Autossegmental, por meio da Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985). Esse modelo busca superar as limitações do modelo clássico não só no que se refere ao ordenamento dos traços na matriz, mas também com relação ao envolvimento de toda a matriz nos processos fonológicos.

Para isso, o modelo abandona a ideia de traços como componentes de uma matriz (um feixe) e os concebe como autossegmentos, o que significa considerá-lo "autônomo, um traço concreto cuja relação com as posições estruturais do esqueleto de uma consoante ou de uma vogal não está em proporção de um para um, o que torna possível o alcance do autossegmento ser maior ou menor que o próprio segmento" (MATZENAUER; MIRANDA, 2010, p. 19).

Ao organizar os traços em camadas hierarquizadas, por meio de uma representação arbórea em que linhas de associação conectam um traço a um ou mais segmentos, a Geometria de Traços permite que esses traços sofram regras fonológicas individualmente ou em conjunto. Assim, esses traços autônomos podem efetivar um processo, independente de sua matriz.

Nesse sentido, a representação da Geometria de traços, expressa a naturalidade dos processos fonológicos, mostrando que constituem uma única operação, quer seja de desligamento de uma linha de associação ou de espraiamento de um traço (MATZENAUER, 2005).

Muito embora se admita, o ganho que esse modelo representa para a Fonologia de Traços, nesta pesquisa, optou-se por representar os processos fonológicos envolvidos na realização fonética do /S/ pós-vocálico por meio da teoria clássica, uma vez que ela mostra-se suficiente para os objetivos da pesquisa, conforme se apresenta em 2.4.4.

2.2.2 A Teoria da Sílaba

De acordo com Collischonn (2005, p. 101), embora não seja nova a noção de sílaba na fonologia, a teoria da sílaba fora recentemente incorporada à fonologia gerativa. Nos anos 70 se discutia o *status* fonológico da sílaba e os trabalhos de Hooper (1976) e Kahn (1976) conferem à sílaba, gradativamente, uma aceitação enquanto unidade fonológica, o que faz com que muitas pesquisas se desenvolvam em torno de sua natureza e função na fonologia das línguas. É a partir daí que, para Pedrosa (2009, p. 46), as teorias fonológicas mudam seu foco de observação: o segmento, até então considerado o principal elemento de análise, passa a ocupar papel secundário; ao passo que a sílaba passa a ser vista como um lugar onde os processos fonológicos ocorrem.

A autora ainda complementa:

> A Teoria da Sílaba ganha grande impulso a partir das concepções da Fonologia Prosódica [...], reforçando a ideia de que a língua se organiza através de domínios prosódicos aos quais alguns fenômenos são sensíveis. Dentre esses domínios

> prosódicos, encontramos a sílaba, considerada pela maior parte dos teóricos [...] como a menor categoria prosódica (PEDROSA, 2009, p. 46).

A observação dos segmentos em relação à posição que ocupa na sílaba passa a ser foco principal no sentido de organizar e estabelecer tipos de língua (tipologia linguística) por meio do estabelecimento dos padrões silábicos das línguas.

A partir dos estudos de Nespor &Vogel (1986) e Hayes (1989), que propuseram uma organização hierárquica para as instâncias maiores que os segmentos, estabelecem-se os domínios prosódicos na Fonologia Autossegmental conforme se observa abaixo.

Figura 16 – Hierarquia proposta por Nespor & Vogel (1986) e Hayes (1996



Fonte: Pedrosa (2009, p. 49)

Selkirk (1982) defende a ideia de que os domínios abaixo da palavra devem ser tratados separadamente da relação sintaxe e fonologia, sendo os processos fonológicos neles estabelecidos objeto da Teoria lexical.

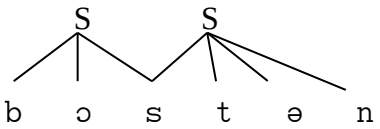
De acordo com Alves e Keller (2010, p. 58), as teorias fonológicas, no que se refere à sílaba, analisaram basicamente a representação fonológica, a associação de segmentos a

posições silábicas e os princípios de boa formação da sílaba. A seguir, apresentam-se resumidamente a maneira como cada modelo lidou com essas noções sobre a sílaba. Em seguida, apresenta-se a abordagem de Hora et al. (2010) e Pedrosa (2009) sobre o papel da coda, e em especial da fricativa coronal /S/, no padrão silábico do Português Brasileiro.

2.2.2.1 Representações fonológicas da estrutura silábica

Ao longo do tempo, foram surgindo várias maneiras de representar a estrutura interna da sílaba. Kahn (1976), representando a teoria autossegmental, propõe a seguinte representação:

Figura 17 – Representação fonológica da sílaba de acordo com Kahn (1976)

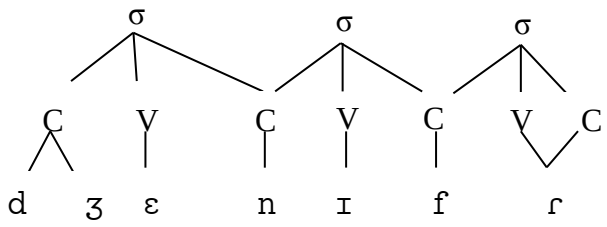


Fonte: Alves e Keller (2010, p. 59)

Nessa representação, conforme se observa, as camadas são independentes, estando os segmentos ligados diretamente à sílaba (S), a partir do que se conclui que é igual o relacionamento entre os elementos que, estando dominados por apenas um nó S, compõem a sílaba. Assim, na palavra *Boston*, exemplificada acima, existem duas sílabas e o s é um segmento ambissilábico, ou seja, dominado por dois nós ao mesmo tempo. Essa teoria, de acordo com Collischonn (2005), prevê que "somente a sílaba como um todo pode ser referida pelas regras fonológicas" (p. 102) e nela também não se distinguem picos e margens silábicos.

Entre os defensores desse modelo encontram-se Nespor & Vogel (1986) e Clements & Keyser (1983), elaborando estes últimos uma propostas que, de certa forma, complementam a proposta de Kahn (1976) com uma nova camada entre a camada da sílaba (σ) e a camada de segmentos, a camada CV ou esqueletal, conforme se observa a seguir.

Figura 18 – Representação fonológica da sílaba de acordo com Clements & Keyser (1983)

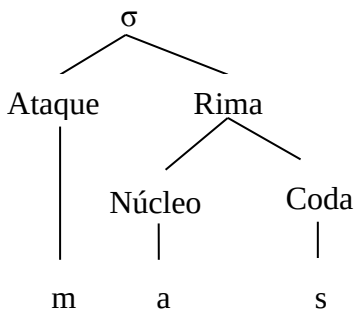


Fonte: Alves e Keller (2010, p. 59)

Em conformidade com o que se observa, essa abordagem, ao contrário da de Kahn (1976), possibilita uma distinção entre picos e margens da sílaba. Na palavra *Jhennifer*, representada acima, os segmentos dominados pelos nós V correspondem aos picos silábicos, já os dominados por C correspondem às margens.

A abordagem mais aceita atualmente é a de Selkirk (1982). Esta abordagem, conhecida como Teoria Métrica da Sílaba, representa a estrutura silábica em níveis hierárquicos, com divisão em constituintes. Na figura abaixo, a palavra "mas", composta de uma única sílaba que se divide em ataque (ou onset) e rima. Esta última, por sua vez, divide-se em núcleo (ou pico) e coda. Qualquer dessas categorias pode ser vazia, com exceção do núcleo

Figura 19 – Representação fonológica da sílaba de acordo com Selkirk (1982)



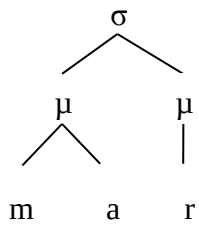
Fonte: Adaptado de Collischonn (2005)

Por usar a representação arbórea e, portanto, hierárquica, este modelo prevê um relacionamento mais direto entre a vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre a vogal e a consoante do ataque. Da mesma forma, entende-se que os processos fonológicos se processam inicialmente nos elementos pertencentes ao mesmo nó silábico. E não só isso, os

segmentos, consequentemente, terão comportamentos diferenciados a depender da posição que ocupam na sílaba, o que acaba por auxiliar no estabelecimento de tipologias linguísticas (PEDROSA, 2009, p. 50-51).

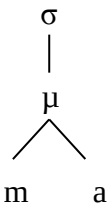
Alves e Keller (2010, p. 60) reconhecem ainda a abordagem mórica da sílaba de Hyman (1985) como um modelo de representação. Por essa abordagem, as moras (μ), unidades de peso, são associadas à sílaba. Assim, se a sílaba possui duas moras é uma sílaba pesada, como na figura 20 a seguir, no entanto se possui apenas uma mora, trata-se de uma sílaba leve, conforme representado na figura 21 a seguir.

Figura 20 – Representação mórica de uma sílaba pesada



Fonte: Alves e Keller (2010, p. 60)

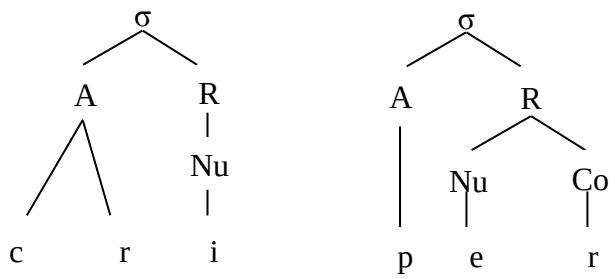
Figura 21 – Representação mórica de uma sílaba leve



Fonte: Alves e Keller (2010, p. 60)

Collischonn (2005, p. 104-105) vê uma equivalência na distinção entre sílabas pesadas e leves e a distinção entre sílabas com rima ramificada e sílabas com rima não-ramificada. Isso porque, para ela o ataque é irrelevante para o peso silábico. O exemplo citado vêm do latim. A palavra *lacrima*, cujo acento cai sobre a antepenúltima sílaba, tem na sílaba "cri" apenas uma mora, sendo, portanto, essa uma sílaba leve, ao passo que a palavra *peperci* tem na sílaba "per" uma sílaba pesada, isto é, com duas moras. Sendo ambas as sílabas mencionadas compostas de três elementos, a diferença se justifica por suas estruturas internas, representadas abaixo.

Figura 20 – Representação silábica das sílabas "cri" de *lacrima* e "per" de *peperci*



Fonte: Collischonn (2005, p.104)

Como se observa, a diferença reside na ramificação ou não da rima, visto que o ataque não atribui peso à sílaba, ou seja, consoante em início de sílaba não possui mora independente. Logo, rimas constituídas apenas por uma vogal são leves, ao passo que rimas constituídas de vogal e consoante ou vogal e vogal, nos casos dos ditongos e das vogais longas, são pesadas. Um exemplo de vogal longa é a vogal da sílaba "mi" da palavra latina *amicus*.

Por meio dessa abordagem aqui apresentada, pode-se notar que o mesmo consenso que existe sobre a importância da sílaba na hierarquia fonológica, não existe quanto à sua estrutura interna. Neste trabalho não se faz juízo de valor quanto aos modelos apresentados, no entanto para os exemplos optou-se pela representação arbórea proposta por Silkirk (1982).

2.2.2.2 Silabação

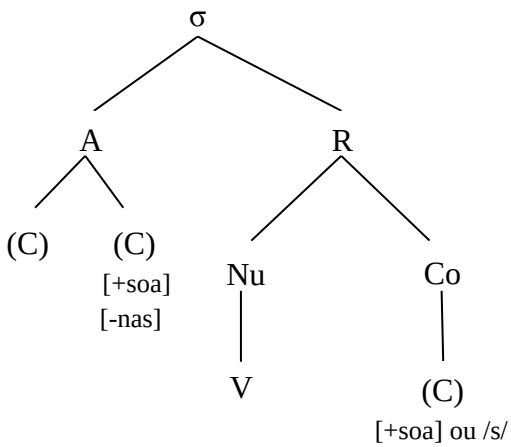
Ao defenderem que a sílaba não está presente na estrutura profunda, a teoria assume dois pontos de vista acerca do surgimento da sílaba.

O primeiro, defendido, entre outros, por Kahn (1976), Clements e keyser (1983) e Harris (1983), entende que a estrutura silábica constitui-se de regras. Harris (1987, p. 107), por exemplo, apresenta quatro regras formadoras das sílabas em espanhol. Segundo ele, a primeira sílaba da palavra *monstro* forma-se inicialmente pela aplicação da regra de núcleo que elege a vogal *o*. Em seguida, por meio da regra do onset, acrescenta-se a consoante *m*. O *n*, pela aplicação da regra de rima, forma rima com consoante nasal. Finalizando a formação, pela regra de adjunção de s, acrescenta-se a consoante *s*.

O segundo ponto de vista é defendido, entre outros, por Selkirk (1982), Itô (1986) e Clements (1990) e assume que a estrutura silábica é atribuída por princípios gerais de composição como o molde silábico e as restrições colocacionais (filtros).

O molde silábico expressa a diferença existente nas línguas quanto ao número de segmentos permitidos em cada constituinte silábico. É a afirmação geral a respeito da estrutura possível numa determinada língua (COLLISCHONN, 2005. p. 107-108). Abaixo apresenta-se o molde silábico do português.

Figura 21 – Molde silábico do Português



Fonte: Alves e Keller (2010, p.62)

Da leitura desse molde depreende-se que a primeira posição de ataque pode ser ocupada por qualquer consoante, diferentemente da segunda posição que somente licencia as líquidas *r* ou *l*. De igual modo o núcleo apenas pode ser preenchido por vogal e na coda apenas pode haver soantes e o *s*. Pelo uso ou não dos parênteses na representação, nota-se ainda que apenas o núcleo tem preenchimento obrigatório.

Esse molde dá conta de grande parte das sílabas em português, no entanto apresenta restrições no que diz respeito ao tepe que nunca inicia palavras[20] e ao ataque complexo que não aceita todas as combinações de consoantes e líquidas conforme o molde faz pensar. Por exemplo, não existe, em português, sequências *vl* ou *dl*. Para resolver esses casos a língua dispõe de filtros (restrições adicionais), como o representado a seguir.

Figura 22 – Filtro de formação silábica do português

$$* \begin{bmatrix} +\text{cont} & +\text{cont} \\ +\text{cor} & +\text{cor} \end{bmatrix}_{\text{ataque}}$$

Fonte: Collischonn (2005, p.110)

[20] Estudos do português de contato com o italiano e o alemão, feitos no sul do Brasil, vêm negando essa restrição, no entanto aqui se considera os estudos de Câmara Jr. (2008b), que faz a descrição e classificação dos fonemas do português brasileiro, conforme apresentado no item 2.3.1.

Leia-se: sequências de duas consoantes, sendo ambas +contínua +coronal, não são permitidas na posição de ataque. O asterisco marca essa proibição.

2.2.2.3 A sonoridade como princípio de boa formação silábica

A sonoridade vem sendo focada nos estudos fonológicos desde o final do século XIX, por linguistas como Sierves (1881) e Jespersen (1904), mostrando que ela governa a ordem dos segmentos no interior da sílaba.

Alves e Keller (2010, p.64) explicam que foneticamente cada sílaba da palavra possui um pico de sonoridade, isto é, um segmento que se sobressai sobre os demais e que marca o elemento silábico. A partir desse pico, em direção às margens da sílaba se sucede uma sequência de segmentos com um decréscimo progressivo de sonoridade, de modo que quanto mais afastado do núcleo o segmento está, menos sonoro ele torna.

De acordo com Hora et al. (2010, p. 72), as posições de ataque e coda, no que diz respeito à sonoridade, são consideradas mais débeis e por isso não são obrigatoriamente preenchidas, diferentemente do núcleo.

A fim de expressar a diferença sonora dos segmentos, Jespersen (1904, apud HOOPER, 1976) propõe uma escala de sonoridade que vai de [–soante] a [+soante], conforme especificada a seguir:

Consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterias < *trill* e *tape* < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas[21]

Assim, as vogais, por serem mais sonoras, na maioria das línguas, dentre elas o português, ocupam a posição de núcleo. O ataque, por iniciar a sílaba, é ocupado preferencialmente por consoantes menos sonoras. Já a coda, posição de travamento silábico, é ocupada por consoantes mais sonoras.

[21] Baseando-se nos traços de classe maiores, Clements (1990) apresenta essa mesma escala em resumo:

Obstruinte < Nasal < Líquida < Glide < Vogal

-	-	-	-	+	Silábico
-	-	-	+	+	Vocóide
-	-	+	-	+	Aproximante
-	+	+	+	+	Soante
0	1	2	3	4	

Sílabas bem formadas são sílabas que obedecem a princípios de boa formação, dos quais a sonoridade é elemento principal. Um desses, por exemplo, é o Princípio de Sequência de Sonoridade (CLEMENTS, 1990), segundo o qual se estabelecem entre membros de uma sílaba e o pico silábico apenas sons com alto grau de sonoridade. Logo, observa-se a tendência existente nas línguas de manterem próximos aos núcleos apenas os segmentos mais sonoros. Assim, sílabas como *pra* e *sma*, por exemplo, são permitidas em detrimento de sílabas como *rta* e *msa*, proibidas. É por essa razão também que, em português, a sequência *nt* (sonoridade decrescente) não ocupa posição de ataque, mas de coda; ao passo que a sequência *pr* (sonoridade crescente) não ocupa posição de coda, apenas de ataque.

2.2.2.4 A posição de coda no padrão silábico do Português Brasileiro (PB)

Hora et al. (2010) e Pedrosa (2009) apresentam uma discussão a respeito do padrão silábico do Português Brasileiro (PB), principalmente no que se refere à posição de coda (pós-vocálica), que se torna útil para a abordagem pretendida nesta pesquisa e, por isso, busca-se apresentar aqui.

De acordo com esses autores, o reconhecimento da estrutura silábica, bem com sua percepção enquanto base para os processos fonológicos e seu estudo, faz com que o molde silábico seja tomado como parâmetro para a tipologia linguística. As línguas passam a ser descritas por meio da observação não só das propriedades fonético-fonológicas dos segmentos, mas também por sua posição na sílaba, e são reconhecidos dois tipos principais de línguas: as de padrão CV, que permitem apenas sílabas abertas, e as de padrão CVC, que permitem tanto sílabas abertas quanto sílabas fechadas.

Com relação a essa tipologia, os autores defendem o sistema quadriforme de Harris e Gussmann (1998), que considera a tipologia biforme simplista, tendo em vista a existência de línguas em que a consoante que trava a sílaba apresenta diferentes comportamentos a depender de sua posição medial ou final na palavra. O sistema referido acima classifica as línguas em quatro tipos: (a) as que não permitem coda, (b) as que permitem coda interna, (c) as que permitem coda final e (d) as que permitem coda. Segundo Hora et al. (2010), os estudos variacionistas e de aquisição da linguagem que tratam da coda têm confirmado essa classificação, mostrando que as variações de coda no PB não tem obedecido uma distribuição uniforme nas posições interna e final.

Conforme já observado anteriormente a posição de coda é considerada uma posição débil e, consequentemente, suscetível às variações. Muitos são os processos que atuam sobre essa posição no PB, tais como semivocalização, enfraquecimento, palatalização, apagamento e, menos recorrente, mas não menos interessante, a inserção vocálica após a coda, que, por sua vez, passa a ser vista como ataque de uma sílaba seguinte.

Os autores notam que a fricativa coronal /S/ em posição pós-vocálica se comporta diferente das demais consoantes que podem preencher a coda. Segundo eles, pela debilidade da posição, há uma tendência geral ao apagamento em todos os tipos de codas se estão na posição final. Porém na posição medial a fricativa coronal, talvez por sua natureza obstruinte, diferentemente das demais, não apaga. Logo, analisando a posição final, tanto no caso de apagamento quanto de inserção, percebe-se no PB a tendência universal das línguas ao padrão CV; Já a análise da posição medial implica uma divisão em dois grupos, o das líquidas (/l/ e /R/) e o da fricativa coronal (/S/), sendo o primeiro entendido como coda e o segundo hipoteticamente como ataque de um núcleo foneticamente vazio.

Tais predições reforçariam a ideia de um padrão silábico (C)V. (C)V para o PB, no entanto, como se trata de uma hipótese, os autores apresentam o padrão silábico do PB como (C)V(C). (C)V(C), em que o ataque e a coda não são obrigatórios, assim como o tem apresentado a maioria dos estudiosos.

2.3 O FONEMA EM ESTUDO: O /S/ PÓS-VOCÁLICO

De posse das teorias que embasam esta pesquisa, aborda-se resumidamente aqui a problemática inerente ao comportamento do fonema /S/ em posição pós-vocálica desde suas origens, bem como algumas das inúmeras pesquisas que envolvem esse fonema no português, cujos resultados permitem distribuir espacialmente suas variantes no território brasileiro. No entanto, inicialmente faz-se mister entender o lugar desse fonema no sistema das consoantes da língua portuguesa.

2.3.1 O /S/ pós-vocálico no sistema consonântico do português

Fazendo-se uso de um critério articulatório e, portanto, fonético, qualquer manual de fonética/fonologia distingue os fones/fonemas de uma língua em dois grandes grupos: **vogais** e **consoantes**. As primeiras são caracterizadas pela livre passagem da corrente de ar no momento de sua produção, ao passo que as segundas caracterizam-se por uma obstrução

parcial ou total na passagem da corrente de ar na cavidade oral. Uma vez que o fonema em questão nesta pesquisa trata-se de uma consoante, atem-se aqui na descrição do sistema consonantal português.

Ao se pensar na descrição do português brasileiro, há de se pensar imediatamente na distribuição e classificação dos fonemas de nossa língua feita por Câmara Jr. (2008a, 2008b), que representa uma grande contribuição para os estudos linguísticos da língua de Camões em terras americanas. Para ele, as condições de contextos fonéticos em que se realizam os fonemas determinam variações nos mesmos, o que denominou *variações posicionais* ou *contextuais.* Assim, para a descrição e classificação das consoantes, assume que a consoante, enquanto elemento que se combina com vogais na formação de sílabas, pode ser **pré-vocálica**, se está antes da vogal ou **pós-vocálica** se estiver posicionada depois da vogal na sílaba.

Câmara Jr. (2008b) atenta para a necessidade de se distinguir, na posição pré-vocálica, as consoantes que iniciam palavras e as que estão em posição medial. Essas últimas, quando ficam entre vogais (intervocálicas), estão em uma "posição especial, que determina um enfraquecimento articulatório e o aparecimento, portanto, de alofones[22], às vezes foneticamente muito diversos da consoante pré-vocálica noutra posição" (p. 72).

Considerando a coincidência entre as consoantes iniciais e as não-intervocálicas, bem como o fato de não existirem palavras na língua portuguesa que iniciem com "lh" e "nh", a não ser alguns empréstimos como lhama e nhoque, e também o fato de o r brando (tepe) não aparecer na posição inicial, o linguista apresenta o inventário dos fonemas consonânticos da língua portuguesa a partir da posição intervocálica, em um número de 19 e caracterizadas por três espécies de oposições: quanto à natureza da obstrução bucal (ordens), quanto ao ponto articulatório bucal (séries) e quanto à atuação da glote (que diferencia as consoantes surda das sonora nas oclusivas e constritivas)

A distribuição para as oposições distintivas apresentadas em Câmara Jr. (2008 a; 2008b) estão resumidas na tabela abaixo, mantendo-se a terminologia e os símbolos utilizados pelo autor.

[22] Depreende-se do "Dicionário de Linguística e Fonética" de David Crystal o seguinte conceito de *alofone*: Variação perceptível da forma de um fonema que não afeta sua identidade funcional na língua, ou seja, variação linguisticamente não distintiva, pois não há mudança de sentido. Silva (2011), em seu "Dicionário de Fonética e Fonologia", define alofone (ou variante) como "som que apresenta equivalência funcional com um ou mais sons, constituindo o conjunto de realizações de um mesmo fonema" (p. 52). A autora enfatiza a permanência de significado quando alofones são substituídos no mesmo contexto de uma palavra. Ainda apresenta uma divisão dos alofones em "livres", quando associados a variações sociais da língua, e "posicionais", quando dependem do contexto em que ocorrem.

Tabela 1 – Classificação das consoantes do português segundo Câmara Jr.

		SÉRIE					
		Labial		**Dental (lingual anterior)**		**Palatal (lingual posterior**	
		(labiodental)		**(alveolar)**		**(velopalatal)**	
		Surda	sonora	Surda	sonora	Surda	sonora
ORDEM	**Oclusiva**	/p/	/b/	/t/	/d/	/k/	/g/
	Constritiva	/f/	/v/	/s/	/z/	/s'/	/z'/
	Nasal		/m/		/n/		/n'/
	Lateral				/l/		/l'/
	Vibrante				/r'/		/r/

Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (2008 a; 2008b).

A terminologia das séries que estão entre parênteses – labiodental, alveolar, velopalatal – referem-se ao ponto articulatório das constritivas /f/ e /v/, /s/ e /z/ e das oclusivas /k/ e /g/, respectivamente.

Pode-se traduzir essa tabela em uma nomenclatura moderna, utilizando os símbolos do IPA (Alfabeto Fonético Internacional), a qual se utiliza a partir desse ponto, por ser suficiente para os objetivos deste trabalho, embora seja "por demais fonética", no dizer de Câmara Jr. (2008a, p. 49).

Tabela 2 – Classificação das consoantes do português adotada por este trabalho

		PONTOS DE ARTICULAÇÃO									
		Bilabial		**Labidental**		**Alveolar**		**Pós-alveolar (palatal)**		**Velar**	
		surda	son.	surda	son.	surda	son.	surda	son.	surda	son.
MODOS DE ARTICULAÇÃO	**Oclusiva**	/ p /	/ b /			/ t /	/ d /			/ k /	/ g /
	Fricativa			/ f /	/ v /	/ s /	/ z /	/ʃ /	/ ʒ /		/ R /
	Nasal		/ m /				/ n /		/ ɲ /		
	Lateral						/ l /		/ ʎ /		
	Vibrante						/ ɾ /				

Fonte: Adaptado de Silva (2003) e Câmara Jr. (2008 a; 2008b).

Câmara Jr. (2008a) evidencia que, além do elemento consonântico nasal pós-vocálico, postulado fonemicamente por ele nas vogais nasais portuguesas e representado pelo arquifonema /N/, apenas as líquidas (lateral alveolar e vibrantes) e as fricativas alveolares e pós-alveolares podem aparecer na posição pós-vocálica, muito embora o vocabulário erudito

tenha introduzido um grande número de outras consoantes aparentemente nessa posição, como é o caso das palavras “pac-to”, “ad-vo ga-do” e “rit-mo”. Uma das evidências de que essa “divisão silábica usual, que as considera em fim de sílaba, é fonética e fonologicamente artificial” (p.81) é a pronúncia de uma vogal /i/ entre as duas consoantes, mesmo em falares mais cultos.

Quanto às fricativas alveolares e pós-alveolares, nessa posição, salienta que têm sua oposição fonológica neutralizada, reduzindo-se uma única, que se apresenta surda diante de pausa ou de consoante surda ou sonora diante de consoante sonora; alveolar ou pós-alveolar, a depender do dialeto regional. Logo, essa neutralização é representada pelo arquifonema /S/. Eis o objeto de estudo desta pesquisa.

Muitos estudos envolvendo a realização fonética do /S/ pós-vocálico já foram realizados no Brasil, dos quais podemos destacar os de Dinah Callou e J. Antônio Moraes (1996) e Marta Scherre e Alzira Macedo (1991). Todos comprovam que existem no português brasileiro pelo menos quatro variantes do /S/ pós-vocálico: a pós-alveolar surda e sonora [ʃ , ʒ], a alveolar surda e sonora [s , z], a glotal/aspirada [h] e o zero fonético [ø], sendo mais difundida e prestigiada a pronúncia alveolar. Por sua vez, a pronúncia pós-alveolar geralmente é mostrada como influência do português europeu. Silva Neto (1957) afirma que sua origem encontra-se na pronúncia pré-dorsal portuguesa, existente em Portugal no início do século XVI, época do descobrimento e da colonização.

2.3.2 Das origens e da distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico no português

Desde o período de formação da língua portuguesa, o fonema /S/ é um aspecto que desperta o interesse dos linguistas. Teyssier (2007), em *História da Língua Portuguesa*, descreve a evolução do sistema de sibilantes. O galego-português possuía quatro fonemas: /ts/, /s/, /dz/ e /z/, dos quais as duas africadas perderam seu elemento oclusivo por volta de 1500, no entanto não perderam a oposição fonêmica, uma vez que possuíam pontos de articulação diferentes. Assim, o português do século XVI possuía um sistema de quatro sibilantes em posição intervocálica: duas pré-dorsodentais – uma surda /s/, que se escrevia com ç e c (paço), e uma sonora /z/, que se escrevia com z (cozer) – e duas ápico alveolares – uma surda /š/, que se escrevia com s e ss (passo), e uma sonora /ž/, que se escrevia com s (coser). Elas não se confundiam na pronúncia. Os estudos dos textos no decorrer do tempo demonstram que a partir de 1550 começaram a haver confusões entre as pré-dorsodentais e ápico-alveolares e, ao fim do século, o sistema das sibilantes se reduziu em favor das pré-

dorsodentais no Centro-Sul de Portugal e das ápico-alveolares (hoje chamadas “s beirão”) numa zona intermediária do Noroeste-Centro-Leste. Numa zona arcaica do Nordeste (uma parte do Minho, Trás-os-Montes e uma parte da Beira Alta) se conservou o sistema de quatro sibilantes. É importante ressaltar que a pronúncia que se tornou padrão em Portugal foi a do Sul, enquanto a pronúncia do “s beirão” era considerado um rusticismo e chocava as pessoas cultas (SILVA NETO, 1960).

Silva Neto (1960) ressalta que para o Brasil vieram não só colonizadores provenientes do Sul de Portugal, mas também um grande número da zona arcaica e um apreciável contingente do Noroeste-Centro-Leste. A pronúncia que se generalizou no país foi a do sistema de pré-dorsodentais. A ápico-alveolar não se generalizou, de acordo com ele, por ser “eminentemente um fonema instável”.

Noll (2005) atribui às variantes do /S/ pós-vocálico (chamado por ele de /S/ implosivo) uma das principais diferenças na pronúncia entre o português europeu e o brasileiro. Segundo ele, no português europeu, o /S/ antes de consoantes surdas, bem como no final de palavras, realiza-se como pós-alveolar surda [ʃ] (visto [’viʃtʊ], dois [’doyʃ]), já antes de consoantes sonoras realiza-se com pós-alveolar sonora [ʒ] (mesmo [’mɐʒmʊ], os bois [uʒ ’boyʃ]). Por sua vez, o que ocorre no português brasileiro é a predominância da variante alveolar [s] e [z], sendo a alveolar surda realizada antes de consoantes surdas e em final absoluto (visto [’vistʊ], dois [’doys]), enquanto a alveolar sonora realiza-se antes de consoantes sonoras, assim como em sintagma, seguido de vogal (mesmo [’mɐzmʊ], as asas [a’zazas]). Aliás, de acordo com o autor, é no contexto de sintagma, antes de vogal, que o português brasileiro e o europeu encontram um ponto em comum com relação à pronúncia do /S/ em coda silábica. Em ambos, o fonema é realizado como [z] (os amigos, PE [ʊz a’migʊʃ], PB [ʊz a’migʊs]).

De acordo com Teyssier (2007), embora se possa, à primeira vista, atribuir esse chiamento generalizado do /S/ pós-vocálico no português europeu à transformação sofrida pelo sistema das sibilantes no decorrer do século XVI, quando o português comum, língua oficial (Centro-Sul de Portugal) passou por uma confusão entre as quatro sibilantes existentes e as ápico-alveolares passaram a ser pronunciadas como pré-dorsodentais no início de sílaba e teriam se palatalizado no final. Não é essa a hipótese mais aceita, uma vez que no Brasil a prática do chiamento é a menos comum e em estados como Minas Gerais, por exemplo, povoado no século XVIII, essa pronúncia é improdutiva. Para o autor, a hipótese mais

provável é a de que o /S/ implosivo teria sido sibilante até por volta do século XVIII, mais especificamente à época do primeiro testemunho (VERNEY, 1746), quando teria surgido o chiamento, hoje geral no português comum europeu.

É importante a ressalva de que a distribuição apresentada anteriormente não é tão homogênea em se tratando de português brasileiro, o que é observado por Noll (2005) e comprovado pelos mais variados estudos dialetais em diferentes regiões brasileiras. Com base nessa literatura pode-se apresentar um panorama da pronúncia no Brasil do /S/ pós-vocálico.

Confirmando a predominância da pronúncia alveolar, é possível encontrá-la fortemente no falar da região Sul (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), de São Paulo, de Minas Gerais, do Espírito Santo e de Goiás, com exceções para Santos (SP) e uma pequena faixa litorânea entre as cidades de Piçarras e Garopaba em Santa Catarina.

É do conhecimento geral que o carioca "chia" (realiza a pronúncia do /S/ pós vocálico como pós-alveolar) e quando se fala em exceção a esse fenômeno é a localidade que primeiro vem à mente. Os estudos de Scherre e Macedo (1991) comprovam essa afirmação, embora a pronúncia pós-alveolar não seja soberana na cidade. Os resultados apontam 63% dos casos para a realização pós-alveolar, 23% para a alveolar, 6% para a aspirada e 8% para o zero fonético. Os estudos de Callou e Duarte Marques (apud NOLL, 2005) atribuem essa predominância ao fator histórico. Rio de janeiro fora por muito tempo a capital federal e abrigou a corte da família real portuguesa. As pesquisadoras ainda apontam que na cidade essa pronúncia é prestigiada, o que justifica sua permanência ainda que a cidade tenha recebido um grande número de migrantes num crescimento populacional heterogeneamente linguístico. É importante lembrar ainda que o chiamento não se estende pelo Estado. Dados do *Atlas etnolinguístico dos pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (BRANDÃO apud NOLL, 2005) demonstram que na região norte fluminense a predominância é da pronúncia alveolar.

Também exceção à pronúncia alveolar se encontra a cidade de Cuiabá, no centro-oeste brasileiro. De acordo com os estudos de Zilda Fernandes (apud NOLL, 2005), nessa cidade o chiamento é generalizado.

O sul baiano, os estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão, constituem uma grande região intermediária, onde existe uma grande concorrência entre as variantes.

Por fim, na região Norte, encontra-se na cidade de Belém e Macapá uma predominância da pronúncia pós-alveolar, no entanto em Manaus o que temos é [s] e

[ʃ] como duas variantes livres. No Amazonas, os estudos de Cruz (2004) levantam a hipótese de uma divisão dialetal no estado no que concerne à realização do /S/ pós-vocálico: os falares dos Rios Negro e Amazonas seriam caracterizados pela pronúncia pós-alveolar (hipótese levantada por meio de dados para os municípios de Barcelos, Itacoatiara e Parintins) e os falares do rio Solimões pela pronúncia alveolar (hipótese levantada por meio de dados para os municípios de Benjamim Constant, Eirunepé, Humaitá, Manacapuru, Lábrea e Tefé). Tal hipótese vem sendo confirmada com os estudos realizados na região, porém ainda necessita maiores investigações.

No mapa abaixo, apresenta-se a distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico no território brasileiro, de acordo com os estudos realizados:

Figura 23 – Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico no território brasileiro



Fonte: Noll (2005).

Nota-se por meio da literatura que, embora seja um aspecto fonético bastante discutido, o /S/ pós-vocálico ainda precisa ser bastante investigado e espera-se contribuir para essa discussão por meio dos resultados aqui apresentados.

3 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

A fim de registrar o comportamento do fonema /S/ em posição pós-vocálica na microrregião do Purus, optou-se por utilizar o método da geolinguística pluridimensional, método com procedimentos bem definidos. Por sua vez, para analisar esse comportamento conta-se com os preceitos teóricos da Fonologia como a teoria clássica de traços distintivos e a teoria da sílaba.

O objetivo deste item é mostrar os procedimentos adotados para coleta, transcrição e análise dos dados linguísticos, desde a seleção das localidades e dos informantes, a elaboração do questionário, a realização das entrevistas, até o registro e tratamento dos dados que resultaram nas cartas fonéticas e nas considerações a respeito do fenômeno em foco.

3.1 COLETA DE DADOS

Os procedimentos de coleta de dados seguem as orientações do método geolinguístico, o qual, de acordo com Cardoso (2010), está fundamentado em um tripé básico constituído pela rede de pontos, os informantes e os questionários, por sua vez, estabelecidos à luz de diferentes perspectivas.

3.1.1 Os pontos de inquérito

Cardoso (2010) enfatiza que a área a ser estudada em uma pesquisa dialetológica é determinada em razão do espaço ou de suas caraterísticas linguísticas e sua escolha se dá por sua situação geográfica, sua história, as interferências de que tem sido objeto, seu tipo de povoamento, sua situação econômica e demográfica e sua relação com outras áreas. Desse modo, apresenta-se ao pesquisador uma gama de opções, desde uma localidade, um estado, uma região, um país, até mesmo um continente.

Nesta pesquisa, optou-se por estudar uma microrregião do Estado do Amazonas, a Microrregião do Purus, pertencente à Mesorregião do Sul Amazonense. Considera-se a divisão do Estado em microrregiões, baseada nas bacias hidrográficas dos principais afluentes do rio Amazonas, da Constituição Estatual datada de 5 de outubro de 1989. De acordo com esta divisão, o Estado do Amazonas divide-se em nove microrregiões e a microrregião do Purus compreende os municípios de Boca do Acre, Canutama, Lábrea, Pauini e Tapauá. Sabe-

se que atualmente esta divisão foi reformulada e o número de microrregiões passou de nove para treze, dentre as quais uma surgiu da fragmentação da Microrregião do Purus, a Microrregião de Boca do Acre, compreendendo os municípios de Boca do Acre e Pauini. No entanto, preferiu-se manter a divisão anterior por sua maior abrangência e por se perceber as semelhanças culturais existentes entre as cinco localidades localizadas à margem de toda a extensão do rio Purus.

Estabelecido o espaço a ser investigado, restava selecionar os pontos de inquérito para a realização das entrevistas.

De acordo com Brandão (1991), um trabalho dialetal requer antes de qualquer coisa um levantamento preliminar que possa servir como base para o estabelecimento de critérios que irão nortear a escolha dos pontos de inquérito. Para a autora, faz-se necessário a leitura de obras que possam caracterizar a área a ser pesquisada em seus aspectos históricos, geográficos, ecológicos, socioeconômicos, etc. dentre essas obras, a mesma destaca publicações sobre dados estatísticos, densidade demográfica, atividades econômicas, estabelecimentos de ensino; estudos linguísticos realizados anteriormente na região; e as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil* (NASCENTES, 1958-1961).

Brandão e Moraes (apud CRUZ, 2004) apontam que a seleção dos pontos tradicionalmente é feita com base em pelo menos dois dos seguintes critérios: **histórico** (que privilegia áreas de povoamentos mais antigas), **geográfico** (que busca distribuir os pontos uniformemente no espaço estudado), **demográfico** (por meio da densidade populacional, privilegiando áreas mais povoadas) e **socioeconômico** (por meio das atividades econômicas predominantes na área).

Assim, dentre os cinco municípios da microrregião, selecionou-se três: **Boca do Acre**, **Lábrea** e **Tapauá**. Essa escolha obedeceu à junção de todos esses critérios, bem como a literatura em dialetologia. O critério histórico é contemplado com a escolha de Lábrea e Boca do Acre, os dois primeiros municípios fundados na microrregião. O critério geográfico também foi observado de modo que a localização dos três pontos abrange todo o território da microrregião: Boca do Acre no alto Purus, Lábrea no médio Purus e Tapauá no baixo Purus. Os critérios demográfico e socioeconômico, por sua vez, estão contemplados pelos três pontos, são os municípios mais populosos e mais desenvolvidos da microrregião. Além disso, Lábrea é um dos pontos sugeridos por Nascentes (1958) e já fora alvo de estudo linguístico na pesquisa de Cruz (2004) para o *Atlas Linguístico do Amazonas.*

Uma vez selecionados os pontos de inquérito, buscou-se um aprofundamento do conhecimento da região por meio de pesquisa em obras locais ou *sites* como o do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A essas informações juntaram-se posteriormente as pesquisas desenvolvidas ao longo da pesquisa de campo nos dias em que se faziam as entrevistas, nas bibliotecas municipais, nas igrejas, com os próprios moradores, etc. Essas informações eram reunidas numa ficha da localidade com informações como nome, etimologia do nome, limites geográficos, gentilícios, distância da capital, meios de transporte, vias de acesso, aspectos físicos, demográficos, econômicos, religiosos e socioculturais, dentre outras, com o objetivo de subsidiar o registro da história e da cultura local e o acesso a essas informações, reunidas no primeiro capítulo desta dissertação. Da mesma forma, buscou-se registrar imagens das visitas a essas localidades, também disponíveis nesse capítulo.

Vale ressaltar mais uma vez a dificuldade que se encontrava no acesso às localidades pesquisadas. Em nenhuma das localidades se têm rodovias totalmente pavimentadas e com boas condições de tráfego. O acesso se fez pelos meios mais variados possíveis. Para chegar à Boca do Acre, foi necessário fazer um trecho aéreo até Rio Branco – AC e de lá seguir até cidade de táxi numa estrada que, por cortar áreas indígenas, não é pavimentada totalmente. Essa viagem durou seis horas e por diversas vezes o carro ficou parado nos atoleiros da estrada, tendo em vista a frequência de chuvas na região. O acesso à Lábrea não foi necessário, pois o pesquisador residia na cidade, no entanto para quem quer chegar a essa cidade vindo de Manaus ou enfrenta cinco dias dentro de uma embarcação ou duas horas e meia de avião do tipo ATR (*Avions Transport Regional*), modelo 42. Para Tapauá, o acesso teve que ser feito de Lábrea até Canutama de "voadeira", embarcação comum na região, uma espécie de canoa de alumínio com um motor na popa. Essa viagem durou sete horas. De Canutama para Tapauá o acesso se deu em um avião monomotor de cinco lugares, numa viagem de mais ou menos uma hora. Toda essa logística foi muito onerosa[23], sendo custeada integralmente pelo pesquisador, além de exigir muito esforço físico, por se tratar de viagens desconfortáveis.

[23] Apenas a título de ilustração, um trecho aéreo (apenas de ida) de Manaus a Lábrea, custa em torno de 800 reais. De Manaus a Rio Branco 450. Um trecho (apenas de ida) de Canutama a Tapauá em táxi aéreo custa 250 reais. Táxi de Rio Branco a Boca do Acre custa 120 reais. A voadeira de Lábrea a Canutama 300 reais.

Figura 26 – Trecho da BR 317 que liga Boca do Acre a Rio Branco - AC



Foto: Edson Galvão Maia

Figura 27 – Avião monomotor utilizado para o deslocamento de Canutama a Tapauá



Foto: Edson Galvão Maia

3.1.2 Os informantes

Brandão (1991), no que concerne à seleção dos informantes, expõe duas questões a serem consideradas pelo pesquisador: seu número por ponto de inquérito e os critérios que devem nortear sua escolha.

Como se apresentou anteriormente, nas pesquisas tradicionais do método geolinguístico, bastava somente um falante, denominado "falante ideal" que atendesse um perfil bem rigoroso pré-estabelecido pelo pesquisador, para que se caracterizasse o falar de uma região. Geralmente esse falante deveria ser um homem de idade avançada, nascido no lugar, lá residente sempre ou quase sempre, analfabeto, do meio rural. Todavia, atualmente, muitos linguistas não concordam com essa orientação que registra formas mais antigas em detrimento da dinâmica sincrônica da fala, e tem sido comum nas pesquisas dialetais, principalmente após o advento da Sociolinguística, o controle sistemático de variáveis sociais, no que se convencionou designar método da geolinguística pluridimensional.

Não diferente das pesquisas atuais, a metodologia do ALAM (CRUZ, 2004) buscou controlar as variáveis sociais sexo e faixa etária e inovou no número de faixas etárias (enquanto comumente se estabelecem duas, o atlas criou uma faixa intermediária que possibilitou detectar possíveis mudanças em curso). Seguiram este atlas o AFBAM (BRITO, 2010) e o ALFARIN (pesquisa em andamento), além de outras pesquisas de cunho monográfico. No intuito de se estabelecer um padrão no Amazonas, o que permitirá estudos comparativos das diversas áreas pesquisadas em diferentes projetos, optou-se por manter nesta pesquisa, o mesmo número de informantes por localidade do Projeto ALAM. Assim,

foram investigados nesta pesquisa 18 informantes, 6 por localidade, sendo um homem e uma mulher distribuídos em 3 faixas etárias, conforme mostra a tabela abaixo.

Tabela 3 – Distribuição dos informantes por gênero, faixa etária e localidade

Faixa Etária →	**1ª (18 - 35 anos)**		**2ª (36 – 55 anos)**		**3ª (mais de 56 anos)**	
Gênero →	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
Localidade ↓						
Boca do Acre	1	1	1	1	1	1
Lábrea	1	1	1	1	1	1
Tapauá	1	1	1	1	1	1

Fonte: Autoria própria.

Esses falantes estão enquadrados em um perfil rigoroso no que diz respeito às seguintes características, essenciais para a pesquisa dialetológica:

a) Ser natural da localidade investigada;
b) Possuir pais (e se possível cônjuges) também naturais dessa localidade;
c) Não ter se afastado da localidade por mais de um terço de sua vida;
d) Ser analfabeto ou ter cursado, no máximo, até o 5º ano do ensino fundamental;
e) Apresentar boas condições de fonação.

Dessa forma, além da dimensão diatópica, fez-se o controle direto das dimensões diageracional (por meio das 3 faixas etárias) e diagenérica (com a diferenciação de gêneros) Indiretamente, leva-se em consideração também as dimensões diastrática e diafásica uma vez que controlada a escolaridade e coletados também dados de elocução livre nesta pesquisa, pode-se, posteriormente, desenvolver-se um estudo diafásico comparando esses dados com os dados do QFF apresentados nesta etapa ou ainda coletar dados com falantes de escolaridade superior, e desenvolver também um estudo diastrático, também a título de comparação, o que não foi possível neste momento para atender os prazos da pesquisa.

Importante notar que um número de 18 informantes para a extensão da região ainda pode ser motivo de críticas. No entanto, assume-se aqui o mesmo pensamento de Cardoso (2010) que admite ser ideal a documentação de um número estatisticamente representativo do conjunto de falantes da língua em estudo, uma vez que seria possível traçar isoglossas e

estabelecer subáreas dialetais mais precisas. No entanto, no dizer da autora, "o desejável, porém, nem sempre é possível". Ora, a natureza da pesquisa, uma pesquisa de campo com métodos exaustivos e manuais, realizada por um único pesquisador, torna impossível tal empreitada em dois anos (tempo de um curso de mestrado).

Complementarmente, a mesma autora assim se manifesta a respeito das críticas ao método geolinguístico:

> Muitas vezes se levantam críticas ao método geolinguístico, procurando imputar-lhe incapacidade de dar a direção dos usos ou o caminho da variação-mudança. Tais críticas não procedem, uma vez que o que busca a dialetologia afirmar, prioritariamente, é o que num **dado lugar**, registra-se **tal fato**, recolhido em **tais circunstâncias** (CARDOSO, 2010, p. 92).

3.1.3 O questionário fonético-fonológico (QFF) e conversação livre

Cardoso (2010) apresenta duas opções para recolha de dados de caráter dialetal: questionário e conversa livre. A escolha do método se faz observando a natureza da pesquisa e os objetivos a serem atingidos, no entanto não se deve perder de vista a adequação à área pesquisada.

Silva Neto (1957), referindo-se ao método de conversação livre em comparação ao método de aplicação de questionários, assim se manifesta: "[...] parece-nos que o emprego do questionário oferece resultado mais proveitoso e materiais mais dignos de confiança" (p. 28). De fato, um questionário oferece mais segurança, uma vez que as respostas podem ser controladas pelo inquiridor. Além do mais, o questionário pode ser aplicado em outras regiões tornando possível uma comparação de resultados. Por outro lado, uma entrevista por si só já é uma situação formal, o que pode prejudicar a fidelidade dos resultados, sendo ela feita por meio de questionário, torna-se mais formal ainda, levando o informante a se policiar com relação à linguagem, tentando articular formas consideradas mais privilegiadas.

Nesse sentido, optou-se nesta pesquisa pela aplicação de um questionário fonético-fonológico que permitiu a recolha de dados de forma mais segura, mas também buscou-se registrar pelo menos 10 minutos de conversação livre que pudesse permitir comparar os resultados de dados coletados também em situação mais informal, além de permitir a análise do /S/ pós-vocálico em um contexto que se denominou aqui de "contexto externo", um contexto no qual as influências que sofre o fonema ultrapassam os limites da palavra, como por exemplo na sentença "Deus me livre", às vezes pronunciada [ʻdehmɪ'livɾɪ], em que a

variedade aspirada é condicionada pela presença da nasal da palavra seguinte. Um questionário, embora com limitações, poderia coletar esses dados, mas na conversa livre, apesar da falta de previsão, este dado se revestiria de maior naturalidade. Não obstante, os dados de conversação livre não foram considerados ainda neste trabalho devido o curto tempo para uma pesquisa dessa natureza. Esses dados apenas constituem um banco de dados para futuras pesquisas.

Na elaboração do questionário fonético-fonológico foram privilegiadas todas as questões do ALiB e do ALAM que tratavam do fonema /S/ em posição de coda silábica. Porém, a natureza desses trabalhos (são atlas e registram muitos fenômenos) requer um número reduzido de questões. Foi necessário, então, que se elaborassem outras questões a fim de garantir um número confiável para se atingir os objetivos desejados. O questionário buscou contemplar o uso do fonema em grande número de contextos, aqui denominados "contextos internos" de palavra, por exemplo, contexto interno medial antes de oclusiva (caspa, desbotada, isqueiro, rasgar, estrada), antes de nasal (mesma, esmola, desnecessário), antes de africada (vestido, poste), ou ainda contexto interno final em raiz (luz, arroz, lápis) e em desinência de número (reais, orelhas, gêmeas). O controle desses contextos permitiu estabelecer os fatores linguísticos que condicionam o uso de uma ou outra variedade pelo falante.

O questionário constitui-se, assim, de 53 questões e consiste de perguntas simples que direcionem o informante a uma única resposta como no exemplo a seguir:

043 ESFRIAR
Quando o café está muito quente e você quer beber, o que você precisa fazer?

Como o questionário foi elaborado para esta pesquisa, não tendo sendo anteriormente aplicado, existiram perguntas que não se mostraram produtivas, ou seja, os informantes não conseguiam chegar às respostas desejadas, como é o caso da questão 042 DESRESPEITO. Vale ressaltar ainda que a ineficiência dessas questões não prejudicou os resultados da pesquisa uma vez que já se contava com essa possibilidade e por isso o questionário sempre que possível contava sempre com mais de uma entrada.

Para a coleta da conversa livre, buscou-se deixar o falante a vontade, conversando sobre os mais variados assuntos como lendas contadas nas comunidades, histórias da infância, fatos importantes da vida pessoal (casamento, nascimentos dos filhos...) e etc.

3.1.4 As entrevistas

O inquérito linguístico foi realizado *in loco* pelo próprio pesquisador, o tipo de inquérito ideal de acordo com Silva Neto (1957). As entrevistas eram realizadas assim que conseguia encontrar o informante ou em horários previamente marcados, na maioria das vezes nas residências do informante ou em locais públicos.

Buscava-se sempre deixar o informante à vontade, sempre com uma conversa informal antes da aplicação do questionário. Inicialmente mantinha-se uma conversa de modo a explicar os motivos da pesquisa e colher informações sobre o informante que eram sempre registradas em fichas. Após entender a pesquisa e aceitar contribuir gratuitamente, o informante assinava o termo de consentimento, aprovado previamente pelo *Comitê de Ética em Pesquisa – CEP – UFAM,* e ficava com uma cópia que contém os números de contato do pesquisador, da instituição e do próprio comitê, de modo a garantir sua liberdade de sair da pesquisa em qualquer fase de desenvolvimento caso desejasse.

Em seguida, aplicava-se o questionário fonético-fonológico, conforme mencionado anteriormente, buscando facilitar ao máximo as perguntas de modo a garantir a eficácia e o maior número de respostas. Por vezes, lançou-se mão de gravuras, de objetos ou mesmo de mímicas para facilitar a obtenção das respostas. Após a aplicação do QFF, partia-se para a conversa dirigida, com o intuito de coletar dados informais. Para isso falava-se sobre fatos do dia-a-dia do informante, histórias que marcaram sua vida, lendas da região, o modo de vida na localidade, etc.

Figura 28 – Pesquisador em coleta de dados em Tapauá



Foto: Edson Galvão Maia

As entrevistas foram gravadas em gravador digital portátil de marca Panasonic, modelo RR-US551. Esse tipo de gravação permite um fácil armazenamento - pois os arquivos de dados podem ser transferidos para um computador e, posteriormente, gravados em CDs, pendrives ou outro tipo de disco - e uma excelente qualidade de som, mesmo em ambientes externos.

É importante ressaltar aqui as dificuldades que o pesquisador enfrenta no curso das entrevistas. A pesquisa de campo exige não só experiência do inquiridor, mas também força de vontade. Os problemas começam logo em encontrar um informante que se enquadre no perfil desejado[24] e que deseje contribuir com a pesquisa. Muitas vezes, andava-se horas pelas ruas da cidade e não se fazia nenhuma entrevista. O ideal é que se faça um contato com entidades governamentais e órgãos públicos das localidades antes de se deslocar a esses lugares. Nesta pesquisa, pôde-se contar com o apoio de amigos que residiam nessas localidades. Tal auxílio foi fundamental para o êxito da pesquisa. Outro grande problema enfrentado pelo inquiridor é a dificuldade e o medo que os informantes têm de se expressar frente ao gravador, frente ao próprio inquiridor. Só a experiência garante ao pesquisador que o informante esteja à vontade, descontraído, no decorrer do inquérito. Nesse sentido, registra-se aqui que esta experiência adquirida pelo pesquisador não cabe em livros. O contato com as pessoas é enriquecedor e, com certeza, é o maior resultado da pesquisa.

3.2 TRANSCRIÇÃO E REGISTRO DOS DADOS

Realizados os inquéritos, armazenados os dados das entrevistas, restava transferir esses dados para o papel com vistas a organizá-los para a análise. Inicialmente foi feita uma transcrição grafemática completa das entrevistas. Para esta etapa, seguiram-se as regras de transcrições do projeto NURC[25], dispostas no livro *Análise de Textos Orais,* organizado por Dino Pretti (1993). Para a análise do fenômeno, fez-se a transcrição fonética dos vocábulos previstos pelo questionário e dos vocábulos nos quais aparecia o fonema em estudo, oriundos da conversação livre. Essa transcrição foi feita pelo próprio pesquisador que utilizou os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional – IPA.

[24] Tal tarefa torna-se cada dia mais difícil. Por exemplo, encontrar um informante jovem que seja analfabeto nos dias de hoje é muito complicado, mesmo nas localidades mais longínquas e isoladas.
[25] Projeto da Norma Urbana Culta

Esta fase da pesquisa é muito exaustiva e exige muito esforço e atenção do pesquisador, pois é feita completamente de forma manual, sem o auxílio de tecnologias que não o computador para executar a gravação e um fone de ouvido profissional para garantir a audição com fidelidade das variações articuladas pelo falante e, consequentemente, dos resultados da pesquisa.

3.3 ELABORAÇÃO DAS CARTAS FONÉTICAS

Após essa fase os dados foram contabilizados em programa computacional *Excel*, que gerou os percentuais e gráficos apresentados no próximo capítulo. Os dados de áudio poderão ser inseridos no programa *Audacity 1.3 Beta*. Este programa permite editar dados de áudio digital, de modo a se construir um banco de dados, cujo áudio coletado (a fala de cada informante) poderá ser ouvido sempre que se quiser consultar uma resposta do questionário até mesmo nas cartas fonéticas, elaboradas nesta dissertação de modo a apresentar espacialmente a distribuição das variantes do fonema /S/ em posição pós-vocálica na microrregião em estudo. Com o áudio editado, as cartas poderão futuramente ser disponibilizadas em um site da internet e em CD ROM, nos quais os informantes poderão ser ouvidos com um clique.

As cartas linguísticas que se apresentam no volume II desta dissertação foram produzidas com o apoio dos programas *Word*, *Excel* e *Paint* e foram feitas pelo próprio pesquisador. Trazem dentro do mapa as transcrições fonéticas e fora dele os gráficos com os percentuais geral e os percentuais por sexo e faixa etária.

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Esta é uma pesquisa de cunho dialetológico, portanto seu principal objetivo é descrever e registrar as variantes do fonema em estudo na área investigada, contribuindo para a caracterização dos falares da região e delimitando áreas onde predominam uma ou outra variação. Também se busca observar a incidência de fatores sociais que possam estar influenciando o uso de uma ou de outra variante pelo falante, ou seja, considera-se aqui não só a dimensão diatópica, mas também as dimensões diagenérica, diageracional, diastrática e diafásica, de modo a se tecer considerações sobre a fala de homens ou de mulheres, jovens, adultos ou idosos, de um determinado estrato da sociedade da área estudada, em diferentes

situações de uso. Nesse sentido, a pesquisa insere-se na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional. Todavia, considerando a grande variação do fonema em estudo, o /S/ pós-vocálico, já constatada por muitos estudiosos, torna-se relevante observar também os fatores internos que possam estar condicionando o uso de determinada variante. Para isso, conta-se com o apoio da Fonologia por meio da Teoria Clássica dos Traços Distintivos e da Teoria da Sílaba.

Sabe-se que atualmente existem outras teorias fonológicas como o modelo não-linear da Fonologia Autossegmental, a Geometria de Traços, que trabalha com representações mais elaboradas e completas. Não obstante, optou-se por trabalhar o modelo de traços clássico de Chomsky e Halle (1968) por se entender que ele mostra-se eficaz e econômico para os objetivos da pesquisa. Pretende-se aqui observar e descrever as regras que atuam sobre a realização do fonema. Não é interesse da pesquisa uma representação do mapa mental dos falantes ao articularem o fonema, porém sabe-se que este pode ser um trabalho futuro, tendo em vista mais uma vez o prazo para pesquisas dessa natureza, uma dissertação de mestrado.

Assim, os procedimentos de análise foram aplicados em dois grandes momentos. Primeiramente, procurou-se uma análise dos fatores condicionadores internos da variante, isto é, os fatores linguísticos; em seguida, buscou-se tecer considerações com apoio nos fatores condicionadores externos ou sociais, como gênero, idade e situação comunicativa. É importante a ressalva de que a análise dos dados levou em conta tanto a Microrregião de modo geral quanto as localidades em particular.

Os procedimentos de análise linguística dos dados foram preestabelecidos desde a escolha dos tipos de inquérito e até mesmo na elaboração QFF, conforme descrito no item 2.4.1.3 que trata do questionário fonético-fonológico e da conversação livre. Assim, no QFF já se previu contextos como, por exemplo, “contexto medial antes de fricativa”, “contexto final como parte da raiz da palavra”, etc.

Considera-se, para a este tipo de análise, o que se denominou **contexto interno** e **contexto externo**. Para a definição de contexto interno e externo, considera-se o nível do vocábulo. Logo, naquele busca-se analisar o fonema /S/ em relação com um segmento posterior dentro do vocábulo, ao passo que neste em relação com um segmento posterior de outro vocábulo.

No contexto interno, foram observados os contextos medial e final. O primeiro no intuito de estabelecer as regras que atuam sobre a realização fonética do fonema e o segundo para observar as regras que atuam sob o apagamento do /S/ final das palavras. A seguir apresenta-se uma tabela com os contextos observados na análise dos dados para os coletados

pelas respostas ao QFF. A tabela também traz os conceitos do questionário que foram usadas para cada contexto.

Tabela 4 – Contextos internos observados na análise dos dados linguísticos e conceitos dos questionários

		Antes de / como:		**CONCEITOS**
CONTEXTO INTERNO	MEDIAL	oclusiva	/p/	caspa, hóspede, espiga, espinha
			/b/	desbotada, esburacada
			/k/	isqueiro, casca, escuro, pescoço, esquerdo, mosca, escola
			/g/	rasgar, esgoto
			/t/	estrada, costas, agosto, diarista, menstruação, madrasta, estragada
			/d/	Desdentado
		nasal	/m/	mesma, desmaio, esmola, desmatamento (desmatar)
		fricativa	/f/	fósforo, desfile, esfriar
			/v/	desvio
		lateral	/l/	desligar (desligada), deslizou
		africada	[tʃ]	vestido, poste, castigo, leste, oeste
	FINAL	parte da raiz		luz, arroz, três, dez, giz, voz, paz, lápis, tênis, ônibus
		morfema de plural		reais, colegas (amigas), orelhas, costas, hóspedes, gêmeas

Fonte: Autoria própria.

A análise do contexto externo utilizará os dados coletados em elocução livre e será objetivo de futuras pesquisas com fins comparativos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Seguindo os procedimentos de análise apresentados na seção anterior, apresentam-se a seguir os resultados quantitativos desta pesquisa em formato de tabelas e gráficos, seguidos de breves considerações a respeito da natureza fonológica e social das variantes registradas primeiramente de modo geral e, em seguida, por localidade.

Os resultados da pesquisa encontram-se nas 70 cartas que compõem o segundo volume desta dissertação. As 53 questões do questionário fonético-fonológico – QFF geraram 51 **cartas fonéticas**, as quais trazem as transcrições fonéticas, bem como os gráficos quantificando os dados, na própria carta. Nem todas as questões geraram carta, uma vez que algumas delas não se mostraram produtivas nas localidades, apresentando grandes índices de ausência de respostas por parte dos informantes. São elas as questões 023 (hóspede), 037 (desnecessário), 042 (desrespeito), 049 (deslizou) e uma das respostas de 050 (oeste)[26]. As questões 002 (isqueiro/fósforo) e 017 (costas) geraram duas cartas cada, a primeira pelos dois conceitos que apresentava e a segunda pelos dois segmentos /s/ do conceito, um em posição pós-vocálica medial e outro em posição pós-vocálica final. As cartas fonéticas, por sua vez, reunidas por contexto fonológico, geraram 13 **cartas fonético-contextuais**. Essas cartas apresentam, além dos gráficos externos com os resultados gerais, gráficos com os resultados por localidade dentro do mapa. São os resultados destas cartas que são discutidos a seguir. Somadas a essas cartas, o segundo volume apresenta ainda 6 **cartas introdutórias** que apresentam não só as divisões geográficas e localização da região estudada, mas também a bacia hidrográfica do Purus, as rodovias, aeroportos, etc.

É importante ressaltar que não é objetivo deste trabalho apresentar os dados da pesquisa como se fossem a única forma de falar na região estudada, mas tratam-se aqui de dados coletados por meio de 18 informantes da região, o que representa um recorte do falar da mesma, considerando-se as características do falante ideal, discutidas em 2.1.2.2 e apresentadas em 3.1.2. Assim, os percentuais aqui apresentados não se referem a toda população das localidades, uma vez que os dados não seguem um cálculo estatístico que, por sua vez, exigiria um número bem maior de informantes pesquisados tendo em vista o número de habitantes representados.

[26] Essa questão tinha como respostas as palavras “leste” e “oeste”. A primeira gerou carta, mas na segunda não.

4.1 RESULTADOS GERAIS

Nas três localidades em estudo, observa-se que o /S/ pós-vocálico apresenta três variantes fonéticas: alveolar surda e sonora ([s] e [z]), pós-alveolar surda e sonora ([ʃ] e [ʒ]) e glotal ([h]), e às vezes se apresenta apagado (zero fonético).

Contabilizando os dados coletados pelo QFF, sem considerar ainda nenhum contexto, a variante mais utilizada é a alveolar, corroborando com os dados de Cruz (2004) no *Atlas Linguístico do Amazonas* para a microrregião do Purus. Embora se entenda a dificuldade de expressar em números exatos a porcentagem de ocorrência, uma vez que a realização de um ou de outra depende do contexto em que se encontra o fonema e no questionário não foi possível equilibrar o número de questões para cada contexto, apenas a título de ilustração apresenta-se uma tabela com o percentual de ocorrência de cada variante. Vale ressaltar que para a contagem dos dados em caráter geral não foram diferenciadas as variantes surdas das sonoras, por entender que para caracterização diatópica essa variação não é relevante. Por outro lado, para a análise por contexto fonológico, observou-se o traço de sonoridade, conforme se observa a seguir.

Tabela 5 – Percentual geral das variantes do /S/ pós-vocálico na região estudada

Variante	**Nº de ocorrência / porcentagem**	
Alveolar surda e sonora	505/871	57,98%
Pós-alveolar surda e sonora	177/871	20,32%
Glotal	111/871	12,74%
Zero fonético	78/871	8,96%

Se considerarmos esses resultados, os do ALAM (CRUZ, 2004), bem como os dos demais estudos realizados na região, no que se refere ao /S/ pós-vocálico, podemos relacionar a hipótese levantada por Cruz (2004) de divisão dialetal do falar amazonense em dois sub-falares (falares do Rio Negro e Amazonas e falares do Solimões), à formação das cidades amazonenses e criar uma hipótese que explique tal fato. Essa explicação é simples e de cunho histórico. Os "falares do Solimões e seus afluentes", dos quais faz parte o Purus, são marcados pelo modo de falar de origem nordestina do maranhense e do cearense, trazido pelos seringueiros a essa região do mapa, onde o ciclo da borracha foi mais forte e presente.

Esse modo de falar sibila o /S/ em posição pós-vocálica. Já nas localidades dos rios Negro e Amazonas, apesar da presença nordestina, a maior influência é do modo de falar do português. Nesse modo de falar é mais comum o chiado. Essas cidades, formadas em períodos distintos, tem como bases históricas as missões fundadas para "civilizar" os índios de diversas etnias. É importante lembrar também que Manaus, cidade dessa região e que apresenta índices significativos de chiamento, embora tenha sido a grande beneficiada com a extração do látex, não abrigava os seringueiros nordestinos, mas sim os coronéis e seus familiares, sua grande maioria de descendência portuguesa. Dessa forma, estariam os "falares do Amazonas e Negro" caracterizados pelo uso da variante pós-alveolar do /S/ pós-vocálico. Não obstante, tal hipótese ainda precisa ser melhor investigada.

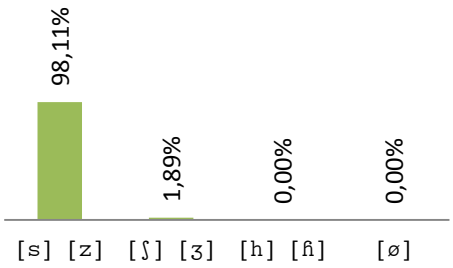
Porém é importante observar que as outras variantes apresentam índices que também merecem considerações, afinal juntos tratam-se de cerca de 42% dos dados que fogem à explicação histórica e/ou diatópica. Os estudiosos têm notado que uma análise que não considere os contextos fonéticos comete grave erro em generalizar o que talvez não se possa generalizar. Por essa razão neste trabalho privilegia-se a análise por contexto fonológico em detrimento de uma análise apenas geral. Assim, considerando os contextos, apresentados nas cartas fonético-contextuais do segundo volume desta dissertação, observa-se que as variantes são condicionadas pelos contextos linguísticos em que estão inseridas. Apresentam-se e discutem-se a seguir os resultados expressos nessas cartas, cartas essas advindas da reunião das cartas fonéticas por contexto fonológico, conforme abaixo.

a) Contexto interno medial

- Anterior à oclusiva /p/ (Carta fonético-contextual 001)

Nesse contexto é quase categórico o uso da variante alveolar surda. Essa variante apresenta um percentual de 98,11% das ocorrências contra 1,89% para a variante pós-alveolar, como demonstrado no gráfico a seguir.

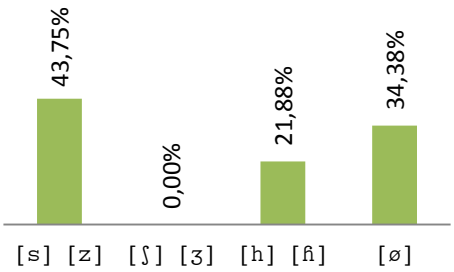
Gráfico 1 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /p/



- Anterior à oclusiva /b/ (Carta fonético-contextual 002)

O fonema nesse contexto realiza-se foneticamente em sua maioria como alveolar sonora (43,75%). No entanto, o apagamento (zero fonéticos) apresenta índices consideráveis (34,38%), em sua maioria ocorrências da palavra "esburacada", pronunciada sem o prefixo ("buracada") ou com nasalização da vogal inicial do prefixo ("emburacada"). Essa palavra parece ser uma variante mais formal, tendo em vista sua dicionarização, no entanto não deve está registrada no léxico mental desses informantes. Em seu lugar se encontram as variantes encontradas, não dicionarizadas ainda. Observe o gráfico abaixo.

Gráfico 2 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /b/

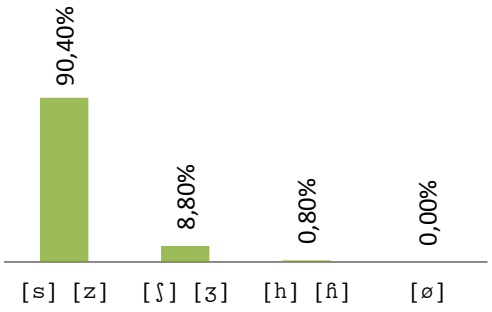


Este contexto mostra-se propício também à variação glotal (21, 88%), ou seja, ocorre perda do ponto de articulação, tendência observada por Hora et al. (2010) e que, de acordo com eles, demonstra o enfraquecimento da fricativa coronal na posição pós-vocálica, tendo em vista a ascendência que começa pela fricativa coronal alveolar, mais frequente, passa pela fricativa coronal palatal e chega à fricativa glotal.

- Anterior à oclusiva /k/ (Carta fonético-contextual 003)

Da mesma forma, esse contexto privilegia o uso alveolar do fonema. Os percentuais apontam 90,4% para a variante alveolar surda e 8,8% para a variante pós-alveolar surda, conforme o gráfico a seguir.

Gráfico 3 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /k/

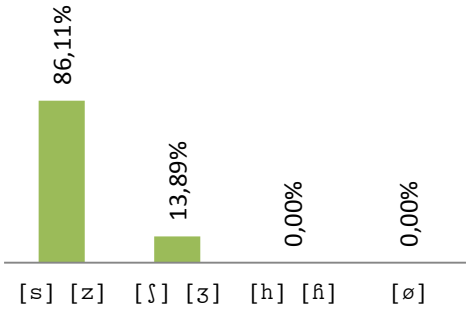


O índice de 0,8% apresentado para a variante glotal deve-se a seu uso na palavra "pescoço" (carta fonética 009), onde se observa uma ocorrência sendo pronunciada [peh'kosu].

- Anterior à oclusiva /g/ (Carta fonético-contextual 004)

Nesse contexto, observam-se resultados muito parecidos aos do contexto anterior, no entanto uma vez que o segmento seguinte é sonoro, as variantes envolvidas também se realizam como sonoras. Como se observa no gráfico a seguir, os índices apontam 86, 11% para a pronúncia alveolar e 13, 89% para a pós-alveolar. Não ocorre aspiração nesse contexto.

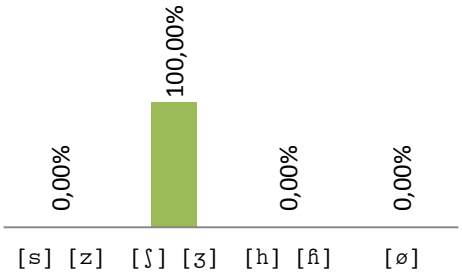
Gráfico 4 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /g/



- Anterior à oclusiva [t] (Carta fonético-contextual 005)

Os resultados para esse contexto apontam o segmento seguinte [t] como um forte condicionador para a articulação da variante pós-alveolar surda nos municípios investigados. O uso dessa variante é categórico, conforme se apresenta no gráfico.

Gráfico 5 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva [t]



Sem dúvida é este o dado mais curioso desta pesquisa, um contexto que contraria categoricamente a tendência diatópica para o uso da variante alveolar. Encontra-se explicação para esse fenômeno na teoria da sílaba, especialmente no princípio de sonoridade responsável pela formação da sílaba. Na escala de sonoridade[27] proposta por Jaspersen (1904 apud HOOPER, 1976), o [t] está no nível mais baixo, o das consoantes oclusivas e fricativas surdas, o que por si só já é um ambiente propício ao uso da variante pós-alveolar, mais "carregada" foneticamente que as demais, a fim de seguir o movimento de aclive e declive silábico. No grupo das oclusivas e fricativas surdas, encontraríamos ainda os segmentos /p/, /k/ e /f/, no entanto nestes contextos não ocorrem chiamento do /S/ pós-vocálico. O que levaria então ao tratamento diferenciado antes do segmento [t]? A resposta dessa vez vem da teoria clássica dos traços distintivos. Deste grupo, apenas o [t] tem em sua matriz fonológica um traço em comum com o /S/, o traço [+coronal], participando da mesma classe natural. Assim, a semelhança no ponto articulatório faz com que seja aplicado o princípio de sonoridade para a boa formação das sílabas. Essa é mais uma hipótese que necessita de maiores investigações.

- Anterior à oclusiva /d/ (Carta fonético-contextual 006)

Nesse contexto, a variante com maior índice é a alveolar sonora (54,55%), todavia no contexto também se mostrou muito produtivo o uso da variante glotal com 45,45% dos dados, conforme se expressa a seguir.

[27] Embora apresentada na seção 2.2.2.3, a título de ilustração, reproduz-se a escala de sonorfidade proposta por Jaspersen (1904, apud HOOPER, 1976): Consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterias < *trill* e *tape* < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas

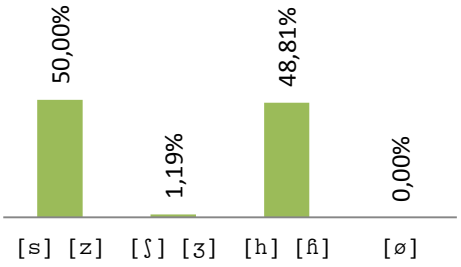
Gráfico 6 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à oclusiva /d/

Nota-se que o traço [+sonoro] faz com que o segmento /d/ suba um ponto na escala de sonoridade e, consequentemente, não privilegie o uso da variante pós-alveolar, o que também comprova o uso diferenciado do /S/ pós-vocálico antes do segmento [t], seu correspondente surdo. O que se observa é o contrário, diante da sonoridade desse segmento o /S/ perde ponto de articulação, tornando-se enfraquecido.

- Anterior à nasal /m/ (Carta fonético-contextual 007)

Este contexto, semelhantemente ao contexto anterior, embora apresente índice de 50% para a variante alveolar, também se mostrou propício à realização da variante glotal (48,81%). Os índices de pós-alveolar não são significativos, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 7 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à nasal /m/



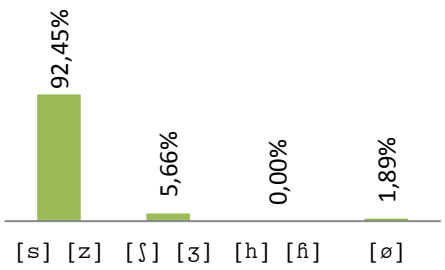
Este contexto também é formado por uma consoante que, na escala, apresenta alto grau de sonoridade, fazendo mais uma vez com que o /S/ perca ponto de articulação, enfraquecendo-se.

- Anterior à fricativa /f/ (Carta fonético-contextual 008)

A variante que mais se mostrou produtiva nesse contexto foi a alveolar surda com 92,45% das ocorrências. A variante pós-alveolar obteve índice de 5,66%. Registra-se ainda

uma ocorrência de zero fonético pelo informante homem da 1ª faixa etária no município de Boca do Acre que, ao pronunciar a palavra “esfriar” (carta fonética 030), nasalizou a vogal inicial ([ẽfrɪ’a]), representando 1,89% para essa variação. Observe o gráfico.

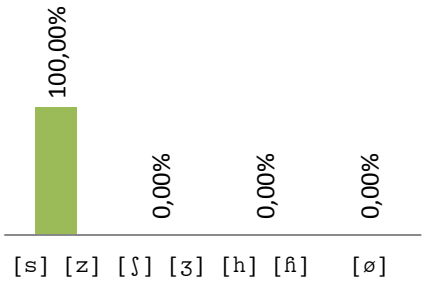
Gráfico 8 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à fricativa /f/



- Anterior à fricativa /v/ (Carta fonético-contextual 009)

Esse contexto apresenta uma produtividade de 100% para a variante alveolar sonora, conforme se observa abaixo.

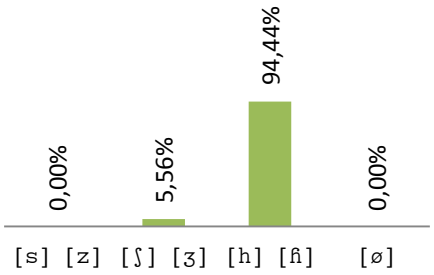
Gráfico 9 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à fricativa /v/



- Anterior à lateral /l/ (Carta fonético-contextual 010)

Nesse contexto, a variante glotal apresentou um índice de 94,44% das ocorrências, sendo categórica em dois dos três municípios estudados. Apenas em Tapauá houve ocorrência de pós-alveolar, o que representa um índice de 5,56%, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 10 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à lateral /l/



Mais uma vez, percebe-se o enfraquecimento do fonema em estudo pela posição antecedente a um segmento com alto grau de sonoridade na escala. Ao comparar os resultados até aqui apresentados, nota-se que quanto mais alto na escala está o segmento seguinte, maiores são os índices de enfraquecimento do /S/ pós-vocálico. Diante da oclusiva sonora /d/ já temos um índice de 45,45%; diante de nasal /m/, 48,81% e diante de lateral /l/ os percentuais chegam a 94,44%. Tais segmentos respectivamente encontram-se na escala em um grau ascendente de sonoridade, assim como os índices de enfraquecimento apresentados, conforme se observa abaixo.

Consoantes oclusivas e fricativas surdas < oclusivas sonoras < fricativas sonoras < nasais e laterias < *trill* e *tape* < vogais fechadas < vogais médias < vogais abertas (ESCALA DE SONORIDADE)

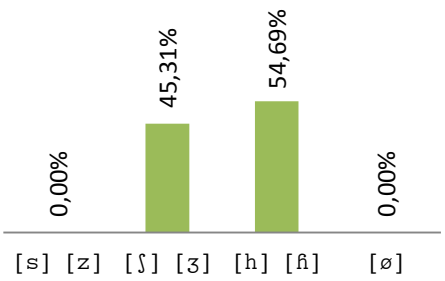
[t] < /d/ < /m/ < /l/ (CONTEXTOS OBSERVADOS)

[h] 0% < 45,45% < 48,81% < 94,44% (Enfraquecimento)

- Anterior à africada [tʃ] (Carta fonético-contextual 011)

Esse contexto também se mostra propício ao uso da variante glotal com um índice de 54,69%. No entanto, são também significativos os índice de pós-alveolar (45,31%), conforme demonstra o gráfico.

Gráfico 11 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto medial anterior à africada [tʃ]



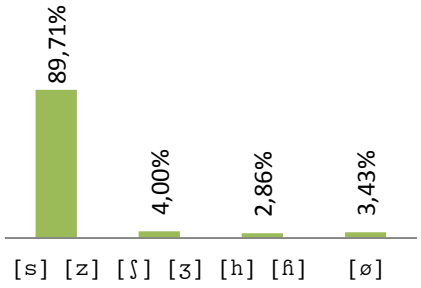
Temos aqui um fato curioso. Pela regra de palatalização, já mencionada anteriormente, o traço [+alto] do segmento vocálico /i/ torna palatal o fonema /t/. Essa mudança, por sua vez, influencia a pronúncia do /S/ pós-vocálico que antecede este fonema, uma vez que, como africada, ganha mais sonoridade na escala fazendo com que o falante pronuncie também, além da já explicada ocorrência de pós-alveolar antes de /t/, o fonema como glotal, som enfraquecido. Por tais razões, considerou-se nesta pesquisa o fonema antes de /t/ em dois contextos diferentes, representados entre colchetes (representação fonética) ao invés das barras, características da representação fonológica – anterior à oclusiva [t] e anterior à africada [tʃ].

b) Contexto interno final

- Como parte da raiz da palavra (Carta fonético-contextual 012)

Nesse contexto, observa-se que o apagamento (zero fonético) é quase inexistente. A maior incidência é de alveolar. Somadas as variantes surda e sonora, chega-se a um índice de 89,71%. A variante aspirada alcança um índice de 2,86%, em respostas nas quais o falante acrescentava, após a pronúncia do fonema, um marcador discursivo "né" ([ˈtɾejɦ ˈnɛ], por exemplo). Foram poucas também as ocorrências de pós-alveolar surda (4%). Veja o gráfico.

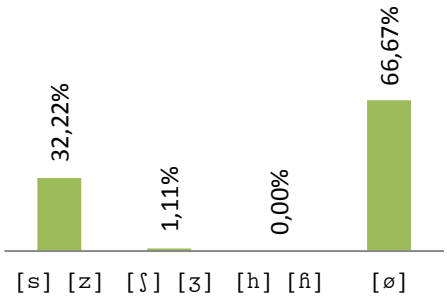
Gráfico 12 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto final como parte da raiz da palavra



- Como morfema de plural (Carta fonético-contextual 013)

Nesse contexto, pelo contrário, é muito produtivo o apagamento (zero fonético), que chega ao índice de 66,67%. Nos casos em que o fonema é marcado, a variante utilizada é a alveolar (32,22%). Os índices de pós-alveolar são pouco significativos, conforme se observa no gráfico.

Gráfico 13 - Variantes do /S/ pós-vocálico em contexto final como morfema de plural



Tanto esses resultados quanto os resultados do contexto anterior comprovam obedecer o apagamento aos limites morfológicos, visto que se faz parte do morfema lexical o fonema dificilmente é apagado, enquanto se for morfema gramatical (de plural), já marcado em outras palavras do enunciado, apresenta maior tendência ao apagamento.

4.2 RESULTADOS POR LOCALIDADE

4.2.1 Resultados de Boca do Acre

Na localidade de Boca do Acre, de modo geral, sem considerar nenhum contexto, a variante mais utilizada foi a alveolar, conforme se observa a seguir.

Tabela 6 - Percentual geral de ocorrência das variantes do /S/ pós-vocálico em Boca do Acre

Variante	Nº de ocorrência / porcentagem	
Alveolar surda e sonora	166/296	56,1%
Pós-alveolar surda e sonora	70/296	23,6%
Glotal	36/296	12,2%
Zero fonético	24/296	8,1%

Analisando os dados nos contextos previstos pelo QFF encontramos os resultados exposto na tabela a seguir.

Tabela 7 – Percentuais, por contexto fonológico, das variantes do /S/ pós-vocálico em Boca do Acre

		Antes de / como:		**RESULTADOS**	**CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL**
CONTEXTO INTERNO	MEDIAL	OCLUSIVA		Alveolar surda - 94% Pós-alveolar - 6%	1
			/b/	Alveolar sonora – 64% Glotal – 9% Zero fonético – 27%	2
			/k/	Alveolar surda – 86% Pós-alveolar surda – 14%	3
			/g/	Alveolar sonora – 75% Pós-alveolar sonora – 25%	4
			/t/	Pós-alveolar surda – 100%	5
			/d/	Glotal – 60% Alveolar sonora – 40%	6
		NASAL	/m/	Alveolar sonora – 55% Glotal – 41% Pós-alveolar – 4%	7
		FRICATIVA	/f/	Alveolar surda – 76% Pós-alveolar surda – 18% Zero fonético – 6%	8
			/v/	Alveolar sonora – 100%	9
		LATERAL	/l/	Glotal – 100%	10
		AFRICADA	[tʃ]	Glotal – 50% Pós-alveolar surda – 50%	11

	FINAL	PARTE DA RAIZ		Alveolar – 86% Glotal - 5% Pós-alveolar – 7% Zero fonético – 2%	12
		MORFEMA DE PLURAL		Zero fonético – 63% Alveolar – 37%	13

Com a análise descritiva dos dados coletados por meio do QFF na localidade de Boca do Acre, observa-se que as hipóteses do trabalho foram confirmadas. A variante do /S/ pós-vocálico que apresenta maior incidência é a alveolar, no entanto contextos linguísticos têm condicionado o uso de outras variantes. A variante pós-alveolar mostra-se muito produtiva em contexto medial antes da oclusiva /t/; a glotal em contexto medial antes de nasal, lateral e africada; e o zero fonético, por sua vez, em contexto final quando o /S/ é morfema de plural. Por sua vez, quando o /S/ pós-vocálico está em contexto medial, o apagamento é quase inexistente, registrado apenas em três ocorrências da palavra "esburacada", pronunciada sem o prefixo (buracada). Também fica claro que o traço de sonoridade condiciona a variante utilizada, de modo que se o segmento posterior é sonoro, o /S/ apresenta um traço [+ sonoro], se é surdo, apresenta um traço [- sonoro].

4.2.2 Resultados de Lábrea

Em Lábrea o fonema /S/ na posição pós-vocálica, de modo geral, sem levar em conta nenhum contexto, a variante mais utilizada foi a alveolar, conforme se observa na tabela abaixo.

Tabela 8 – Percentual geral das variantes do /S/ pós-vocálico em Lábrea

Variante	Nº de ocorrência / porcentagem	
Alveolar surda e sonora	164/287	57,1%
Pós-alveolar surda e sonora	50/287	17,4%
Glotal	44/287	15,3%
Zero fonético	29/287	10,1%

Por sua vez, ao considerar os contextos fonológicos, os resultados se apresentam conforme a seguir.

Tabela 9 – Percentuais, por contexto fonológico, das variantes do /S/ pós-vocálico em Lábrea

		Antes de / como:		**RESULTADOS**	**CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL**
CONTEXTO INTERNO	MEDIAL	OCLUSIVA	/p/	Alveolar surda - 100%	1
			/b/	Alveolar sonora – 42% Glotal – 42% Zero fonético – 15%	2
			/k/	Alveolar surda – 93% Pós-alveolar surda – 7%	3
			/g/	Alveolar sonora – 92% Pós-alveolar sonora – 8%	4
			/t/	Pós-alveolar surda – 100%	5
			/d/	Alveolar sonora – 100%	6
		NASAL	/m/	Glotal – 74% Alveolar sonora – 26%;	7
		FRICATIVA	/f/	Alveolar surda – 100%	8
			/v/	Alveolar sonora – 100%	9
		LATERAL	/l/	Glotal – 100%	10
		AFRICADA	[t͡ʃ]	Glotal – 62% Pós-alveolar surda – 38%	11
	FINAL	PARTE DA RAIZ		Alveolar – 97% Zero fonético – 3%	12
		MORFEMA DE PLURAL		Zero fonético – 73% Alveolar – 27%	13

Nota-se que os dados para o município de Lábrea não diferem muito dos dados de Boca do Acre, no entanto observa-se naquele, em relação a este, uma diferença no contexto interno medial antes de oclusiva /b/, nasal /m/ e africada [t͡ʃ], com o aumento nos índices da variante glotal em 6 pontos percentuais, o que indicaria a localidade como a mais inovadora entre as três selecionadas da microrregião contanto que se considere essa variante como inovadora.

Não obstante, ainda em comparação aos dados apresentados para município de Boca do Acre, observa-se que o município de Lábrea se mostra mais conservador no que se refere ao uso da variante mais prestigiada, a variante alveolar. O número de contextos onde essa

variante alcança índices de 100% é muito maior, ao passo que a variante pós-alveolar, só apresenta índices significativos nos contextos medial antes de oclusiva [t] e medial antes de africada [tʃ], contextos que, de modo geral, têm se mostrado propícios a essa variante em todos os municípios.

4.2.3 Resultados de Tapauá

Os dados coletados no município de Tapauá demonstram que o fonema /S/ na posição pós-vocálica, sem levar em consideração contexto algum, tem como variante mais utilizada a alveolar, conforme se observa na tabela abaixo.

Tabela 10 – Percentual geral das ocorrências do /S/ pós-vocálico em Tapauá

Variante	Nº de ocorrência / porcentagem	
Alveolar surda e sonora	175/288	60,8%
Pós-alveolar surda e sonora	57/288	19,8%
Glotal	31/288	10,8%
Zero fonético	25/288	8,7%

Considerando os contextos fonológicos, esses dados apresentam os seguintes resultados.

Tabela 11 - Percentuais, por contexto fonológico, das variantes do /S/ pós-vocálico em Tapauá

		Antes de / como:		**RESULTADOS**	**CARTA FONÉTICO-CONTEXTUAL**
CONTEXTO INTERNO	MEDIAL	OCLUSIVA	/p/	Alveolar surda - 100%	1
			/b/	Alveolar sonora – 56% Glotal – 33% Zero fonético – 11%	2
			/k/	Alveolar surda – 93% Pós-alveolar surda – 5% Glotal – 2%	3
			/g/	Alveolar sonora – 92% Pós-alveolar sonora – 8%	4
			/t/	Pós-alveolar surda – 100%	5
			/d/	Alveolar sonora – 50% Glotal – 50%	6
		NASAL	/m/	Alveolar sonora – 68% Glotal – 32%;	7
		FRICATIVA	/f/	Alveolar surda – 100%	8
			/v/	Alveolar sonora – 100%	9
		LATERAL	/l/	Glotal – 83% Pós-alveolar sonora – 17%	10
		AFRICADA	[tʃ]	Glotal – 52% Pós-alveolar surda – 48%	11
	FINAL	PARTE DA RAIZ		Alveolar – 86% Pós-alveolar – 5% Zero fonético – 5% Glotal – 4%	12
		MORFEMA DE PLURAL		Zero fonético – 63% Alveolar – 33% Pós-alveolar – 4%	13

Conforme se observa, comparados aos resultados dos dados coletados nas demais localidades, os resultados dos dados coletados em Tapauá se aproximam bem mais dos de Lábrea, no entanto a glotal se mostrou bem mais produtiva neste do que naquele. Quanto aos dados por contexto, observa-se uma regularidade nos três municípios, como, por exemplo, o contexto medial antes de oclusiva [t] que privilegia a variante pós-alveolar. Nesse contexto, o índice é de 100% nas três localidades. Tais observações reforçam a ideia de que não é apenas

o fator diatópico o responsável pela variação, bem como a necessidade de observação dos resultados por contexto fonológico.

Outro aspecto que une as localidades de Lábrea e Tapauá e que não fora observado em Boca do Acre é o realização fonética de um [i] epentético após o /S/ pós-vocálico, fenômeno observado por Hora et al. (2010) e que serve de apoio à hipótese do /S/ pós-vocálico como ataque e não como coda. Em alguns casos observa-se o fenômeno até mesmo em contexto medial como em [ˈmɐzⁱmɐ] (carta fonética 023). Esse aspecto merece melhores observações em pesquisas futuras.

4.3 VARIÁVEIS SOCIAIS

A metodologia dessa pesquisa também permitiu que se fizesse uma análise dos dados considerando as variáveis sociais gênero e faixa etária, conforme se apresenta a seguir:

4.3.1 Variável gênero

De acordo com Labov (2008), em situação de fala monitorada, as mulheres usam menos formas consideradas estigmatizadas do que os homens, sendo mais sensíveis ao padrão de prestígio. O autor enfatiza que "essa observação é confirmada inúmeras vezes, em Fischer (1958), em todo o trabalho de Shuy & Fasold em Detroit, em Lavine & Crockett, e no estudo de Anshen em Hillsboro" (p.281). Labov (2008), referindo-se a pesquisa de Gauchat (1905) sobre a diversidade fonética entre três gerações de falantes do francês suíço na aldeia de Charmey, afirma que além de estabelecer a variabilidade do dialeto da aldeia e a existência de mudança em progresso, o estudo estabelece o papel das mulheres na promoção da mudança linguística, uma vez que o estudo, caso após caso, demonstra que as mulheres usavam mais as formas linguísticas inovadoras do que os homens. O autor ainda aponta comportamento semelhante na evolução do inglês em Nova York. Seus estudos comprovam que as mulheres usam formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem no outro extremo da fala monitorada.

Como se observa, em um pesquisa sociolinguística é importante definir quais variantes são conservadoras e quais são inovadoras, bem como quais são estigmatizadas e prestigiadas em determinada região. No que se refere às variantes do /S/ pós-vocálico na microrregião do Purus há que se considerar alguns aspectos importantes para tal definição. Historicamente, a

variante pós-alveolar, por caracterizar o português europeu, deveria ser considerada como a variação conservadora. No entanto, conforme a discussão no item 2.3.2, a variante que se difundiu no Brasil foi a alveolar. Além disso, a microrregião estudada não sofre influência da colonização portuguesa e sim da colonização nordestina, a qual por sua vez trouxe para a região a pronúncia alveolar. Logo, torna-se mais coerente considerar a variante alveolar como a mais conservadora na região. Tal definição caracteriza as demais variantes como inovadoras. No que se refere à definição do prestígio e estigma das variantes, nota-se a necessidade de maiores investigações, porém, com base nas observações de pesquisa durante as entrevistas nas localidades investigadas, pode-se levantar a hipótese de que a variante alveolar também se configura como variante de prestígio, enquanto as variantes glotal e zero fonético são mais estigmatizadas. Tal constatação se explica pela difusão pela escola da correspondência entre linguagem oral e escrita, bem como o estabelecimento da variante alveolar como norma nessa região, fato constatado nas pesquisas de Cruz (2004) para o município de Lábrea e nesta pesquisa para as três localidades investigadas, considerando que as demais variações só se apresentam significativas em contextos específicos.

Para a análise dos resultados dessa variável, agruparam-se as variantes sem considerar o traço de sonoridade, assim, por exemplo, aos resultados para a variante alveolar engloba realizações surdas e sonoras, e assim para as demais variantes. De modo geral a variante do /S/ pós-vocálico se distribui na região estudada, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 12 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero

VARIANTE DO /S/	**GÊNERO**			
	Masculino		**Feminino**	
Alveolar	241/438	(55,02%)	264/433	(60,97%)
Pós-alveolar	99/438	(22,6%)	78/433	(18,01%)
Glotal	57/438	(13,01%)	54/433	(12,47%)
Zero fonético	41/438	(9,36%)	37/433	(8,55%)

Embora se mostre bastante equilibrada, a distribuição das variantes, conforme se pode notar na tabela, revela um aumento no índice de alveolar, e consequente diminuição no de pós-alveolar, no gênero feminino em relação ao masculino, o que permite supor ser a segunda variante a mais inovadora, uma vez que os falantes do gênero feminino costumam apresentar

um falar mais conservador. As variantes glotal e zero fonético, ainda que seja com índices muito aproximados nos dois gêneros, confirmam a tendência em considerar o falar dos homens como inovador, se se consideram essas variantes também como inovadoras, tendo em vista a maior incidência no falar masculino.

Abaixo se apresentam os resultados da variável gênero por localidade, com vistas a identificar se os municípios apresentam alguma particularidade com relação a essa variável.

As tabelas abaixo apresentam os resultados de cada uma das localidades.

Tabela 13 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero em Boca do Acre

VARIANTE DO /S/	**GÊNERO**			
	Masculino		**Feminino**	
Alveolar	77/149	(51,68%)	89/147	(60,54%)
Pós-alveolar	42/149	(28,19%)	28/147	(19,05%)
Glotal	19/149	(12,75%)	17/147	(11,56%)
Zero fonético	11/149	(7,38%)	13/147	(8,84%)

Tabela 14 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero em Lábrea

VARIANTE DO /S/	**GÊNERO**			
	Masculino		**Feminino**	
Alveolar	78/145	(53,79%)	86/142	(60,56%)
Pós-alveolar	27/145	(18,62%)	23/142	(16,20%)
Glotal	24/145	(16,55%)	20/142	(14,08%)
Zero fonético	16/145	(11,03%)	13/142	(9,15%)

Tabela 15 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por gênero em Tapauá

VARIANTE DO /S/	**GÊNERO**			
	Masculino		**Feminino**	
Alveolar	84/143	(59,72%)	89/144	(61,81%)
Pós-alveolar	31/143	(20,83%)	28/144	(18,75%)
Glotal	14/143	(9,72%)	16/144	(11,81%)
Zero fonético	14/143	(9,72%)	11/144	(7,64%)

Os já mencionados aumento nos índices de alveolar e diminuição nos de pós-alveolar no sexo masculino em relação ao feminino, se distribuem igualmente nas três localidades, no entanto chama atenção a maior incidência das variantes glotal e zero fonético no município de Lábrea, o que colocaria a localidade no patamar de mais inovadora entre as três, o que não é inesperado, tendo em vista ser esta a localidade mais desenvolvida economicamente e mais populosa da região. De igual modo e pelas mesmas razões, Tapauá também parece ser entre as três a localidade mais conservadora, apresentando índices mais altos da pronúncia alveolar. Essa questão é retomada a seguir, com vistas a saber se esta classificação se confirma com os dados contabilizados pela análise diageracional.

4.3.2 Variável faixa etária

Da mesma forma, aqui não se considera o traço de sonoridade. Os resultados gerais estão apresentados na tabela a seguir.

Tabela 16 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária

VARIANTES DO /S/	**FAIXA ETÁRIA**		
	1ª	**2ª**	**3ª**
Alveolar	176/291 (60,48%)	161/286 (56,29%)	168/294 (57,14%)
Pós-alveolar	48/291 (19,93%)	57/286 (19,93%)	62/294 (21,09%)
Glotal	36/291 (12,37%)	40/286 (13,99%)	35/294 (11,9%)
Zero fonético	21/291 (7,22%)	28/286 (9,79%)	29/294 (9,86%)

Embora não se verifique grandes diferenças percebe-se que a alveolar é mais incidente na 1ª faixa etária, enquanto a pós-alveolar o é na 3ª, o que não confirma a pós-alveolar como uma variante inovadora, posto que se considera que os jovens apresentam um falar mais inovador. Por sua vez, a glotal apresenta-se como variante inovadora, sendo mais produtiva entre os mais jovens (1ª e 2ª faixa etária). Já o apagamento é mais comum entre os mais velhos, pois seus maiores índices encontram-se na 2ª e na 3ª faixa etária.

A seguir estão expostos os resultados dessa variável por localidade.

Tabela 17 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária em Boca do Acre

VARIANTES DO /S/	FAIXA ETÁRIA		
	1ª	2ª	3ª
Alveolar	58/99 (58,59%)	53/98 (54,08%)	55/99 (55,56%)
Pós-alveolar	19/99 (19,19%)	22/98 (22,45%)	29/99 (29,29%)
Glotal	14/99 (14,14%)	13/98 (13,27%)	9/99 (9,09%)
Zero fonético	8/99 (8,08%)	10/98 (9,09%)	6/99 (6,06%)

Tabela 18 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária em Lábrea

VARIANTES DO /S/	FAIXA ETÁRIA		
	1ª	2ª	3ª
Alveolar	60/97 (61,86%)	46/92 (50%)	58/98 (59,18%)
Pós-alveolar	16/97 (16,49%)	17/92 (18,48%)	17/98 (17,35%)
Glotal	14/97 (14,43%)	18/92 (19,57%)	12/98 (12,24%)
Zero fonético	7/97 (7,22%)	11/92 (11,96%)	11/98 (11,22%)

Tabela 19 - Distribuição das variantes do /S/ pós-vocálico por faixa etária em Tapauá

VARIANTES DO /S/	FAIXA ETÁRIA		
	1ª	2ª	3ª
Alveolar	58/94 (61,7%)	62/95 (65,26%)	55/99 (55,55%)
Pós-alveolar	22/94 (23,4%)	17/95 (17,89%)	18/99 (18,18%)
Glotal	8/94 (8,51%)	9/95 (9,47%)	14/99 (14,14%)
Zero fonético	6/94 (6,38%)	7/95 (7,37%)	12/99 (12,12%)

A distribuição das variantes nas faixas etárias é bastante peculiar em cada localidade. No município de Boca do Acre, a pronúncia alveolar e glotal é mais incidente na 1ª faixa etária, a pós-alveolar na 3ª e o zero fonético na 2ª. Em Lábrea, a alveolar tem maiores índices na 1ª faixa etária e as demais variantes na 2ª. Já em Tapauá, a alveolar apresenta maior incidência na 2ª faixa etária, a pós-alveolar na 1ª e a glotal e zero fonético na 3ª. Essa maior incidência da alveolar em Tapauá talvez contribua para a afirmação de que esta localidade possa ser a mais conservadora entre as três, tendo em vista que a 2ª faixa etária é do

trabalhador ativo, da responsabilidade, sendo comum nessa faixa etária o conservadorismo até mesmo na linguagem.

Embora se tenha tecido aqui considerações sobre variantes inovadoras e conservadoras, bem como estigmatizadas ou prestigiadas, é importante ressaltar que os dados demonstram que, no que se refere às variações diagenéricas e diageracional, observa-se que o /S/ pós-vocálico na microrregião estudada é um fenômeno fonético estável, ou seja, não há nos dados índices que apontem para uma mudança linguística. A pronúncia alveolar tem se configurado como a variante prestigiada na comunidade, mesmo sendo a variante mais conservadora. Portanto, para esse fenômeno na região, observou-se que uma análise pautada no condicionamento linguístico mostrou-se mais válida que uma análise pautada em condicionamento social, especialmente diagenérico e diageracional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos aspectos que motivou a seleção do título deste capítulo como “Considerações Finais” em detrimento de “Conclusão” é a sensação de que uma pesquisa dessa natureza nunca está concluída. Primeiramente, porque a cada passo dado na pesquisa, percebe-se que esta é apenas uma etapa, percebe-se que cada resposta obtida gera muitas outras perguntas e talvez essa seja a maior riqueza adquirida neste percurso. Em seguida, porque se fala aqui numa região pouco explorada linguisticamente e de extensão territorial grande, de modo que o que se apresenta agora é um pequeno recorte das características linguísticas de um grupo social. Por fim, não se pode falar em conclusão pela própria dinâmica da variação linguística. A língua se modifica ao longo do tempo e vai continuar sempre se modificando, de maneira que se, daqui a alguns anos, fizermos uma pesquisa seguindo a mesma metodologia nas mesmas localidades, ainda assim alcançaríamos novos resultados e talvez uma nova realidade linguística.

Nesse sentido, faz-se necessário esclarecer que, embora apresentando os dados de forma quantitativa, em gráficos e porcentagens, nunca foi objetivo desta pesquisa generalizar os dados coletados a toda a microrregião do Purus, mas sim tratar esses dados como uma amostra do falar da região, à qual foi aplicada uma teoria linguística e esse é mais um motivo para que se prefira falar aqui em hipóteses e nunca em conclusões.

O método geolinguístico, principalmente em seu modelo tradicional, tem sofrido muitas críticas, principalmente no que se refere à quantidade de informantes que a pesquisa engloba, quase insignificante diante da extensão populacional que representa dentro da extensa área territorial que as pesquisas têm alcançado. No entanto o método merece honras pela visão macro da variação linguística de uma região e por orientar pesquisas mais profundas e de maior abrangência.

Os próprios dialetólogos admitem as limitações do método e por meio da dialetologia pluridimensional têm tentado responder às expectativas da comunidade acadêmica. Essa nova dialetologia representa a modernização de um método já consagrado ao longo da história linguística. Não obstante, uma das grandes conclusões que esta “etapa” de pesquisa proporciona é exatamente a percepção da necessidade de que se formem grupos de pesquisa para a tarefa dialetológica. Uma pesquisa da grandeza esperada pela comunidade acadêmica jamais poderá ser feita por um único pesquisador e muito menos no período de um curso do mestrado. O grande feito da dialetologia ao longo do tempo sempre tem sido o lançamento da semente e acredita-se que não aconteceu diferente com esta pesquisa. Aqui nasce o desejo de

ampliar as áreas de estudo, mas sem os prazos de cursos de pós-graduação e com o apoio de profissionais preparados para conhecer e fazer conhecer os falares regionais, belos por sua diversidade. Nota-se que isso não é uma observação nova, as universidades no país têm percebido essa necessidade e hoje têm se formado frentes de trabalho em muitos estados brasileiros. Um grande exemplo se encontra na equipe de elaboração do tão esperado *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. No Amazonas, por meio do ALAM (CRUZ, 2004), também se tem formado essa mentalidade, no entanto muito ainda precisa ser feito. Precisa-se que os projetos de pesquisas sejam realizados por grupos para que assim se possa trabalhar com um número de informantes que possam representar o falar da região, no entanto sabe-se que o grande empecilho para tal empreendimento é o financiamento. Fazer estudo dialetológico exige gastos ainda mais em territórios de difícil acesso como ainda são os nossos.

Ainda com todas essas limitações, já impostas pela natureza da pesquisa e do método, pode-se afirmar que esta pesquisa alcançou os objetivos propostos. Por meio das transcrições, tanto grafemáticas quanto fonéticas, elaborou-se um banco de dados que poderá subsidiar futuras pesquisas na região. Da mesma forma, também foram elaboradas as cartas linguísticas, em número de 70 – 6 introdutórias, 51 fonéticas e 13 fonético-contextuais, as quais, reunidas no segundo volume desta dissertação, expressam um pequeno recorte do falar da região com relação ao fonema estudado. Observou-se que a variante mais frequente entre os sujeitos da pesquisa foi a alveolar, dado que corrobora a hipótese de Cruz (2004) sobre a divisão dialetal do Estado do Amazonas em duas áreas, umas das quais se incluiria o falar do Purus, caracterizado pela pronúncia alveolar. Essa predominância alveolar foi então atribuída aos migrantes nordestinos (maranhenses e cearenses) que fundaram as cidades à época do ciclo da borracha no Amazonas. Observou-se ainda a distribuição das variantes em contextos fonológicos e confirmou-se a hipótese de que determinados contextos privilegiam o uso de uma ou outra variante. Assim, a variante pós-alveolar, por exemplo, mostrou-se produtiva em contexto medial antes de oclusiva [t]; já a variante glotal, mostrou-se produtiva em contexto medial anterior a nasal, lateral e africada; e o apagamento (zero fonético) em contexto final quando o /S/ pós-vocálico é morfema de plural. Essas particularidades encontraram na escala de sonoridade uma possível explicação – quanto mais soante na escala for o segmento posterior ao /S/ pós-vocálico, mais este se torna enfraquecido. Por essa razão, os maiores índices de enfraquecimento se encontram antes da lateral /l/, consoante mais soante na escala. Em sentido contrário, o uso da pós-alveolar, variante mais "carregada", encontra ambiente propício antes de oclusiva [t] não só por este segmento ser surdo e está no nível mais baixo na escala, mas também por dividir com o segmento /S/ o traço [+coronal], traço não presente nas

demais oclusivas e fricativas surdas. Também se observou que o traço de sonoridade condiciona a variante utilizada, de modo que se o segmento posterior é sonoro, o /S/ apresenta traço [+sonoro], se é surdo, apresenta um traço [-sonoro]. Observou-se ainda o fator social dos dados por meio da análise das variáveis gênero e faixa etária. Essa análise constatou que, embora com índices muito aproximados entre os gêneros e entre as faixas etárias, a variante alveolar tem se mostrado como conservadora e a glotal como inovadora. Mostrou ainda que entre as localidades, Tapauá parece ser a mais conservadora e Lábrea a mais inovadora, no entanto é necessário que se faça uma investigação mais aprofundada, com maior número de informantes, para que se faça qualquer afirmação dessa natureza, tendo em vista a estabilidade do fenômeno na região, constatada pela proximidade nos índices.

Das observações deste trabalho, surge o desejo de investigar mais profundamente a região estudada em vários aspectos. O mais próximo da realidade desta pesquisa é o estudo do /S/ pós-vocálico também em dados já coletados de elocução livre, a fim de confirmar ou não nesse tipo de dado os resultados obtidos nesta etapa e entender o fenômeno também em fronteiras de palavras. Outro fenômeno linguístico, observado na região no momento da coleta de dados, foi o uso da variante alveolar também, em detrimento da palatal no que se refere à lateral antes de [i], como em [ˈlivɾʊ] em comparação a outras regiões do estado. Isso sem falar no valor que teria em um estudo semântico na região, uma vez que o falar da mesma reserva muitas peculiaridades que o aproxima mais do falar nordestino do que do falar nortista. Mais além, encontra-se o desejo de realizar também um atlas linguístico na região e, assim, ampliar as redes de pontos do ALAM (CRUZ, 2004) e então mais uma vez observar potenciais aspectos de investigação, num ciclo tipicamente geolinguístico, porque isto é geolinguística, isto é Dialetologia, isto é o fazer linguístico, isto é ciência: a resposta das perguntas feitas na pesquisa é apenas uma semente plantada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILERA. Vanderci de Andrade, org. **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer.** Londrina: Eduel, 2005.

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; KELLER. Tatiana. **Sílaba**. In BISOL, Leda; SCHWINDT, Luiz Carlos (orgs.). Teoria da Otimidade: fonologia. São Paulo: Pontes, 2010, p. 57-92.

ARAGÃO, M. S. S. ; MOTA, J. ; CARDOSO, Suzana A.M. . **Os Estudos Geolinguísticos no Brasil: dos Atlas Regionais ao ALiB**. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice M.. (Org.). Documentos 2:projeto atlas lingüístico do Brasil. 1ª ed. Salvador - BA: Quarteto, 2006, v. 1, p. 35-65.

BELLMANN, G. **Variação e devariação**. Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS**.** Porto Alegre, n.4, p. 7-20, 1999.

BLANCH, J. L. **La sociolinguística y la dialectologia hispánica. En torno a la sociolingüística**. México, Instituto de Investigaciones Filológicas. p. 33-58, 1978.

BRANDÃO, Sílvia F. **A geografia linguística no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.

BRITO, Roseanny de Melo. **Atlas dos Falares do Baixo Amazonas – AFBAM.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2010. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. V.1. Campinas: Edição do autor, 1997.

CALLOU, Dinah; MORAES, J. Antônio. **A Norma da pronúncia do S e do R pós-vocálicos: Distribuição por áreas regionais**. In: Diversidade Linguística e Ensino. Org. Suzana Cardoso. Salvador: EDUFBA, 1996.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa.**41.ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.

_____. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2008b.

CAMPOS, Maria Sandra. **O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas.** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2009. Tese de Doutorado em Letras.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva . **A Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?**. Revista do GELNE (UFC), Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.

_____. **Geolinguística: tradição e modernidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHOMSKY, N; HALLE, M. **The sound pattern of English.** New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, G.N. **The geometry of phonological features.** Phonology Yearbook. n.2, 1985.

_____. **The role of the sonority cycle in core syllabification**. In KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (orgs.). Papers in laboratory phonology. Cambrigde: CUP, p. 283-333, 1990.

CLEMENTS, G.N; KEYSER, S.J. **CV Phonology: a generative theory of the syllable.** Linguistic Inquiry Monograph, Cambridge, Mass: MIT Press, n.9, 1983.

COLLISCHONN. Gisela. **A sílaba em português**. In BISOL, Leda (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p.101-133.

CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de. **O falar do caboclo: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves.** Rio de janeiro: PUC, 1980. Dissertação de Mestrado em Letras: Língua Portuguesa.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología.** México: ALFAL, 1982.

CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM.** Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas.

DIAS, Adriano de Souza. Análise crítica aos conceitos de fonema em nossas gramáticas e livros de Linguística, Comunicação, 2008. Disponível em http://www.filologia.org.br. Acesso em 22/02/2012.

DIAS, Daniele de Oliveira. **Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, no falar de cinco municípios do Amazonas: Barcelos, Benjamin Constant, Eirunepé, Lábrea e Humaitá.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007. (Relatório de pesquisa).

ELIA, Sílvio. **A língua portuguesa no mundo.** São Paulo: Ática, 1989.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **Rio Purus: história, cultura, ecologia**. São Paulo: FTD, 2009.

FERGUSON, C. A. **Diglossia**. In: HYMES, D. (Ed.). Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology. New York: Harper; Row, 1964.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A Dialetologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

FISHMAN, J. A. **Sociolinguistique**. Paris: Nathan, 1971.

GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. **Linguística e ensino do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1973.

HARRIS, John; GUSSMANN, Edmund. **Final codas: why the was wrong?** 1998. Mimeo.

HAYES, Bruce. **Compensatory lengthening in Moraic Phonology**. Linguistic Inquiri. Cambridge: Mit Press, vol. 20, n. 2, 1989, p. 253 – 306.

HYMAN, Larry. **Phonology:theory and analysis.** New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

HOOPER. Joan. **An Introducion to Natural Generative Phonology**. New York: Academic Press, 1976.

HORA, Dermerval da; PEDROSA, Juliene L. R.; CARDOSO, Walcir. ***Status* da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou *onset* com núcleo não preenchido foneticamente?** Letras de Hoje. v. 45, n. 1, p. 71-79. Porto Alegre: jan./mar. 2010.

JAKOBSON, Roman; FANT, G.; HALLE, Morris. **Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates**. Cambridge: Mit Press, 1952.

_____; HALLE, M. **Fundamentals of language**. The Hague, Mouton, 1956.

JESPERSEN, O. **Lerbuch der phonetic**. Leipzig und Berlin: B.G. Teubner, 1904.

KAHN. Daniel. **Syllable – based generalizations in English Phonology**. Cambrigge, Mass: MIT, 1976 (Tese de Doutorado).

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos.** Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEAL, Davi Avelino. **Cenários da fronteira: O rio Purus e o pensamento social na Amazônia**. In SANTOS, Gilson Mendes dos (org.). Álbum Purus. Manaus: EDUA, 2011.

MAIA, Edson Galvão. **Estudo dialectológico e sociolinguístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009. (Trabalho Monográfico).

_____. **Comportamento fonético-fonológico da vogal posterior média fechada /o/, em contexto tônico, no falar de Itacoatiara e Manacapuru.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2006. (Relatório de pesquisa).

MARTINS, Flávia Santos. **A pronúncia do -S pós-vocálico os municípios de Itacoatiara, Manacapuru, Parinitns, Tefé, Barcelos e Benjamim Constant.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007. (Relatório de pesquisa).

_____. **A realização da vogal posterior média fechada /o/, em posição tônica, nos municípios de Parintins e Tefé.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2006. (Relatório de pesquisa).

MATZENAUER, Carmen Lúcia. **Introdução à teoria fonológica.** In BISOL, Leda (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 4.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p.11-81.

_____; MIRANDA, Ana Ruth M. **Traços distintivos.** In BISOL, Leda; SCHWINDT, Luiz Carlos (orgs.). Teoria da Otimidade: fonologia. São Paulo: Pontes, 2010, p. 11-55.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice M. S., **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil.** Salvador: Quarteto Editora, 2006.

NASCENTES, Antenor. **Études dialectologiques du Brésil.** ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain, t. 1, n. 1, p. 181-184, 1952.

_____. **Études dialectologiques du Brésil.** ORBIS - Bulletin International de Documentation Linguistique, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

_____. O linguajar carioca. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. **Bases para a elaboração de um atlas linguístico do Brasil.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Casa de rui Barbosa, vol I, 1958, vol. II, 1961.

NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. **Prosodic Phonology**. Dorddrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

NOLL, Volker. **O português brasileiro: formação e contexto**. São Paulo: Globo, 2005.

PEDROSA, Juciene L. Ribeiro. **Análise do /S/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo vazio?** João Pessoa: UFPB/CCHLA, 2009 (Tese de doutorado).

PRETI, Dino (org). **Análise de Textos Orais.** São Paulo: FFLCH, 1993.

QUARA, Hariele. **Comportamento fonético-fonológico do -S pós-vocálico nos falares dos municípios de Eirunepé, Lábrea e Humaitá do Amazonas.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007. (Relatório de pesquisa)

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Nuevos camiños de la geolinguística románica. Un balance.** In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Neue Wege der Romanischen Geolinguistik. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

REID, J.; SOUSA JÚNIOR, W.C.. **Infrastructure and conservation policy in Brazil**: **Conservation Biology**. v. 19, n. 3, p. 740-746, 2005.

SANTOS, Gilson Mendes dos (org.). **Álbum Purus**. Manaus: EDUA, 2011.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Antônio Chelini et al. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

SCHERRE, Maria Marta P. e MACEDO, Alzira T. **Variação e Mudança: o caso da pronúncia do S pós-vocálico**. In: ABRALIN. Associação Brasileira de Linguística. Nº 11, Junho/ 1991.

SELKIRK, Elisabeth. **The syllable**. In HUST, Harry; SMITH, Van Der. The strutcture of phonological representations (part. II). Foris, Dordrecht, 1982, p. 337-383.

SIERVES, E. **Gründzuge der Phonetik**. Leipzig: Breitkopf und Härtel,1881.

SILVA, Lúcia Helena Ferreira da. **Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves.** Manaus: UFAM, Instituto de Ciências Humanas e Letras, 2009. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

SILVA, Pedro Pires da. **Retratos sul-amazônicos: fragmentos da história do rio Purus**. São Paulo: Scortecci, 2010.

SILVA, Thaïs Critófaro, **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Dicionário de fonética e fonologia.** São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA NETO, Serafim da. **A Língua Portuguesa no Brasil**. Separata da Revista de Portugal – Série A – Língua Portuguesa. vol. XXV. Lisboa: Editorial Império, 1960.

_____. **Guia para Estudos Dialectológicos.** Belém: Concelho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SIOLLI, Harald. **The Amazon: limnilogy and landscape ecology of a mighty tropical rives and it's basin**. Tradução U.A. s/a.

SOUSA JÚNIOR, W.C.; WAICHMAN, A.V.; JAIME, A.L.G.; SINISGALLI, P.A.A. **Gestão das águas na Amazônia: a bacia do rio Purus**. Workshop Gestão Estratégica de Recursos Hídricos, Brasília , 2006. Anais I GERH: ABRH, 4 p, 2006.

TARALLO, Fernando. **A estrutura na variação: do falante-ouvinte real ao falante-ouvinte real**. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 6, n. 2, 1990.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

THUN, Harald. **La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay).** CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21, 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni (org.). Atti... Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

_____. **Introduction à la table ronde.** CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET PHILOLOGIE ROMANES, 22., 1998, Bruxelas. Actes..., vol.3. Vivacité et diversité de la variation linguístique. Tübingen: Niemeyer, 2000. P. 407-409.

TORRES, Francinery Gonçalves Lima. **A realização das variantes /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas).** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2009. Dissertação de mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

WETZELS, W. L. **A teoria fonológica e as línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário Fonético-Fonológico - QFF

Projeto: Realização Fonética do /S/ Pós-vocálico nos Municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá
Orientando: Edson Galvão Maia
Orientador: Dr. Frantomé Pacheco
Co-orientadora: Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

01. LUZ
Quando está escuro é por que faltou o quê?

002. ISQUEIRO / FÓSFORO
Como se chama aquilo que se usa para acender o fogo no fogão? (mímica)

003. ARROZ
Como se chama aqueles grãozinhos brancos que comemos cozidos geralmente acompanhados com feijão?

004. CASCA
Para se comer uma banana, o que se tira?

005. ESCURO
De dia está claro, e à noite, como está?

006. TRÊS
Que número vem depois do dois?

007. DEZ
Que número vem depois do nove?

008. ESTRADA
Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?

009. DESVIO
Quando uma estrada ou uma rua fica interrompida durante uns dias, o que se faz enquanto ainda estão consertando para que os carros possam passar?

010. REAIS

Quanto custa... (algo que esteja no contexto da conversa ou no ambiente)? / quanto tem aqui (mostrando uma cédula)

011. ESCOLA

Onde as crianças vão para aprender a ler?

012. GIZ

Como se chama aquela barra branquinha que a professora usa para escrever no quadro negro na sala de aula? (levar o objeto e mostrar)

013. COLEGAS / AMIGOS

Na escola, o que as crianças são umas das outras?

014. RASGAR

Fazer assim no papel é o quê? (rasgando o papel)

015. PESCOÇO

Que parte do corpo sustenta a cabeça? O que é isso aqui (apontando para o pescoço)

016. ORELHAS

E essas partes que são duas e servem pra ouvir?

017. COSTAS

Como se chama essa parte do corpo onde se localiza a coluna que é difícil de lavar no banho? / Aqui é o peito (apontando para frente) e aqui (apontando para as costas)?

018. CASPA

Como chama aquela coisinha branca que dá na cabeça da pessoa, que cai às vezes na roupa e no ombro quando penteia, que faz a cabeça coçar e às vezes causa feridas?

019. DESMAIO

Quando a pessoa se sente mal, a vista fica meio turva... vai caindo no chão, a gente diz que ela teve o quê?

020. VOZ

Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem boa...? / Quando uma pessoa fica rouca, eu digo que ela perdeu a...?

021. PAZ

Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: “Me deixe em...“

022. MESMA

Quando uma pessoa usa uma roupa num dia, e no dia seguinte ela não tem outra roupa ou ela não quer usar, então ela usa a...

023. HÓSPEDES

Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam por um tempo são o quê?

024. ESQUERDO

Este lado é o direito... e esse? (Mímica)

025. AGOSTO

Depois do mês de julho e antes de setembro vem que mês?

026. ESPIGA

A banana dá em cachos, e o milho em...?

027. DIARISTA

Como se chama o homem ou a mulher que é contratado pra trabalhar na roça ou em outro serviço e recebe por dia de trabalho?

028. MOSCA

Como se chama aquele inseto que gosta de pousar na comida se não estiver coberta?

029. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

030. GÊMEAS

Como se chamam duas crianças que nasceram do mesmo parto?

031. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos dele?

032. LÁPIS

Como se chama aquele objeto que as crianças usam pra escrever e que pode ser apagado com borracha? / (Mostrar o objeto)

033. TÊNIS

E aquele tipo de calçado usado pra fazer ginástica, pra correr, passear?

034. ÔNIBUS

E como se chama aquele carro grande que leva as crianças para a escola e as pessoas adultas para o trabalho nas cidades grandes?

035. DESMATAMENTO / DESMATAR

Como se chama o ato de derrubar as árvores da floresta pra fazer pasto de gado ou plantação?

036. ESMOLA

O que os mendigos pedem na rua para sobreviver?

037. DESNECESSÁRIO

Aquilo que não é necessário é...? / O contrário de necessário é...?

038. DESLIGO / DESLIGADA

Quando eu saio do quarto e quero economizar energia, o que faço com a lâmpada / A lâmpada (a televisão) que não está ligada, está...? (Representar)

039. DESBOTADA

Quando uma roupa fica velha e perde a cor eu digo que ela está...?

040. ESMALTE

As mulheres que querem ter as unhas bonitas pintam suas unhas com o quê? (Mostrar o objeto)

041. ESBURACADA

Uma rua da cidade que possui muitos buracos é uma rua...?

042. DESREIPEITO

O contrário de respeito é.../ A falta de respeito é um...?

043. ESFRIAR

Quando o café está muito quente e eu quero beber, o que preciso fazer? / Se você deixa o café quente na xícara por muito tempo, o que vai acontecer com ele?

044. DESFILAR / DESFILE

Quando tem um concurso pra escolher a moça mais bonita em um festejo da cidade, o que essas moças precisam fazer? / Como se chama quando as escolas, a polícia, ou o exército saem pela rua marchando no dia 7 de setembro? / (Escolas de samba na TV)

045. VESTIDO

Qual é o tipo de roupa feminina que numa peça só tem blusa e saia, formando um todo? (Mostrar uma foto de um vestido)

046. POSTE

Nas ruas da cidade, como se chama aquele mastro onde ficam as lâmpadas públicas? (Se tiver um por perto mostrar ou mostrar a foto de um poste)

047. CASTIGAR / CASTIGO

Quando uma criança faz algo errado o que os pais costumam fazer com elas para ensinar a não fazer novamente? / Uma criança fez algo errado e eu digo: “Menino, se você não parar com isso eu vou te colocar de...”?

048. DESDENTADO

Como se chama alguém que não possui dentes?

049. DESLISOU

Quando alguém escorrega porque o piso está liso, dizemos que ele...?

050. LESTE / OESTE

Existem quatro grandes direções que são Norte, Sul...?

051. ESTRAGADA

Uma comida que não está boa, que está ruim, que a pessoa comeu e fez mal, é porque estava _____.

052. ESGOTO
Qual o nome que se dá ao canal onde se joga o lixo, a água suja?

053. ESPINHA
Como se chama aquela coisa fina que todo peixe tem dentro dele e que é perigoso se engolirmos? Aquilo que se deve escolher com muito cuidado antes de comer o peixe?

CONVERSA SEMIDIRIGIDA

- Você poderia me contar algum fato importante de sua vida? Alguma coisa que tenha sido muito marcante para você?
- Qual a festa que você mais gosta de comemorar na sua cidade? Como ela é realizada?
- Você saberia me contar alguma lenda, alguma história daqui? Por exemplo, você conhece a do guaraná, do boto, do saci pererê?

APÊNDICE B – Transcrições Fonéticas
Boca do Acre

INFORMANTES	BAC A01	BAC A02	BAC A03	BAC B01	BAC BO2	BAC B03
LUZ	['lujs]	['lujs]	['lujs]	['lujs]	['lujɦ]	['lujɦ]
ISQUEIRO	[es'kerʊ]	[ɪs'kerʊ]	[ɪʃ'kerʊ]	[ɪs'kerʊ]	[ɪs'kerʊ]	[ɪs'kerʊ]
FÓSFORO	['fɔsfrʊ]	NÃO RESPONDEU	['fɔsfʊ]	['fɔsfʊ]	['fɔsfrʊ]	['fɔsfɔrʊ]
ARROZ	[ɐ'hojs]	[ɐ'hojs]	[ɐ'hojs]	[ɐ'hojs]	[ɐ'hojz]	[ɐ'hojz]
CASCA	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaʃkɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]
ESCURO	[es'kurʊ]	[ɪs'kurʊ]	[ɪʃ'kurʊ]	[ɪs'kurʊ]	[ɪs'kurʊ]	[ɪs'kurʊ]
TRÊS	['trejs]	['trejs]	['trejs]	['trejs]	['trejɦ]	['trejs]
DEZ	['dɛjs]	['dɛjs]	['dɛjs]	['dɛjs]	['dɛɦ]	['dɛjs]
ESTRADA	[ɪʃ'tradɐ]	[ɪʃ'tradɐ]	[ɪʃ'tradɐ]	[ɪʃ'tradɐ]	[ɪʃ'tradɐ]	[ɪʃ'tradɐ]
DESVIO	[dʒɪz'vɪʊ]	[dʒɪz'vɪʊ]	[dʒɪz'vɪʊ]	[dʒɪz'vɪʊ]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪz'vɪʊ]
REAIS	[hɛ'ajs]	[hɛ'aw]ø	[hɛ'ajs]	[hɛ'ajs]	[he'ajs]	[hɛ'ajz]
ESCOLA	[ɪs'kɔlɐ]	[ɪs'kɔlɐ]	[ɪʃ'kɔlɐ]	[ɪs'kɔlɐ]	[ɪs'kɔlɐ]	[ɪs'kɔlɐ]
GIZ	['ʒijz]	['ʒiʃ]	['ʒis]	['ʃiz]	['ʒiz]	['ʒiz]
COLEGAS / AMIGAS	[kɔ'lɛgɐ]ø	[ẽ'mɪgɐ]ø	[ẽ'mɪgʊs]	[ẽ'mɪgɐ]ø	[kɔ'lɛgɐ]ø	[ɐ'mɪgʊ]ø
RASGAR	[hɐʒ'gãnʊ]	[hɐz'gãnʊ]	[hɐʒ'go]	['hɐzga]	[hɐz'gãnʊ]	['hɐzgʊ]
PESCOÇO	[pes'kosʊ]	[pes'kosʊ]	[peʃ'kosʊ]	[pes'kosʊ]	[pes'kosʊ]	[pes'kosʊ]
ORELHAS	[ʊ'ɾeʎɐ]ø	[o'ɾejɐ]ø	[o'ɾeʎɐ]ø	[o'ɾeʎɐ]ø	[o'ɾeʎɐ]ø	[o'ɾeʎɐ]ø
COSTAS	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø
CASPA	['kaspɐ]	['kaspɐ]	['kaspɐ]	['kaspɐ]	['kaspɐ]	['kaspɐ]
DESMAIO	[dʒɪɲ'majʊ]	[dʒɪɲmaj'o]	[dʒɪʒ'majʊ]	[dʒɪɲ'majʊ]	[dʒɪzmaj'o]	[dʒɪz'majʊ]
VOZ	['vɔjs]	['vɔjʃ]	['vɔjs]	['vɔjs]	['vɔjz]	['vɔjz]
PAZ	['pajs]	['pajs]	['pajs]	['pajs]	['pajs]	['pajs]
MESMA	['mezmɐ]	['mezmɐ]	['mezmɐ]	['meɲmɐ]	['mezmɐ]	['mezmɐ]
HÓSPEDES	['ɔspɪdʒɪ]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	['ɔspɪ]	['ɔspɪdʒɪ]	[ɔspɪ'dadʊ]
ESQUERDO	[ɪs'keɲdʊ]	[ɪs'keɲdʊ]	[ɪʃ'keɲdʊ]	[ɪs'keɲdʊ]	[ɪs'keɲdʊ]	[ɪs'keɲdʊ]
AGOSTO	[ɐ'goʃtʊ]	[ɐ'goʃtʊ]	[ɐ'goʃtʊ]	[ɐ'goʃtʊ]	[ɐ'goʃtʊ]	[ɐ'goʃtʊ]
ESPIGA	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]
DIARISTA	[dʒɪɐ'ɾiʃtɐ]	[dʒɪɐ'ɾiʃtɐ]	[dʒɪɐ'ɾiʃtɐ]	[dʒɪɐ'ɾiʃtɐ]	[dʒɪɐ'ɾiʃtɐ]	[dʒɪɐ'ɾiʃtɐ]
MOSCA	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]
MENSTRUAÇÃO	[meʃtrʊɐ'sãw]	[mɪʃtrʊɐ'sãw]	[meʃtrʊɐ'dɐ]	[mɪʃtrʊɐ'sãw]	[meʃtrʊɐ'sãw]	[mɛʃtrʊɐ'sãw]
GÊMEAS	['ʒẽmɪʊs]	['ʒẽmɪʊs]	['ʒẽmɪɐs]	['ʒẽmɪɐs]	['ʒẽmɪɐ]ø	['ʒẽmɪɐs]
MADRASTA	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]
LÁPIS	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪs]
TÊNIS	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	NÃO RESPONDEU
ÔNIBUS	['õɲɪbʊs]	['õɲɪbʊs]	['õɲɪbʊ]ø	['õjbʊs]	['õɲɪbʊs]	['õɲɪs]
DESMATAMENTO	[dʒɪɲmetɐ'mẽtʊ]	[dʒɪzmetɐ'mẽtʊ]	[dezmetɐ'mẽtʊ]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪzmɐ'tow]	[dʒɪɲmetɐ'mẽtʊ]
ESMOLA	[ɪz'mɔlɐ]	[ɪɲ'mɔlɐ]	[ɪɲ'mɔlɐ]	[ɪɲ'mɔlɐ]	[ɪz'mɔlɐ]	[ɪɲ'mɔlɐ]
DESNECESSÁRIO	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU
DESLIGO/DESLIGADA	[deɲ'ligʊ]	[dʒɪɲ'ligɐ]	[dʒɪɲ'ʎigʊ]	[deɲ'ligɐ]	[dʒɪɲli'ga]	[dʒɪɲ'ligɐ]
DESBOTADA	[dʒɪɲbɔ'tadɐ]	[dʒɪzbɔ'tadɐ]	[dʒɪzbɔ'tadɐ]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪzbɔ'tadɐ]	[dʒɪzbɔ'tadɐ]
ESMALTE	[ɪɲ'mawtʃɪ]	[ɪɲ'mawtʃɪ]	[ɪz'mawtʃɪ]	[ɪz'mawtʃɪ]	[ɪz'mawtʃɪ]	[ɪz'mawtʃɪ]
ESBURACADA	[ɪzbʊɾɐ'kadɐ]	[bʊɾɐ'kadɐ]ø	[izbʊɾɐ'kadɐ]ø	[bʊɾɐ'kadɐ]ø	[bʊɾɐ'kadɐ]ø	[ɪzbʊɾɐ'kadɐ]ø
DESRESPEITO	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU
ESFRIAR	[ɪsfrɪ'a]	[ɪʃfrɪ'a]	[ɪʃ'frɪj]	[ẽfrɪ'a]	[ɪsfrɪ'a]	[ɪsfrɪ'a]
DESFILAR/DESFILE	[desfɪ'la]	[deʃfɪ'la]	[dʒɪsfɪ'la]	[dʒɪs'fɪla]	[dʒɪsfɪ'la]	[dʒɪs'fɪla]
VESTIDO	[veh'tʃidʊ]	[vɪʃ'tʃidʊ]	[vɪʃ'tʃidʊ]	[vɪʃ'tʃidʊ]	[vɪʃ'tʃidʊ]	[vɪʃ'tʃidʊ]
POSTE	['pɔhtʃɪ]	['pɔʃtʃɪ]	['pɔʃtʃɪ]	['pɔʃtʊ]	['pɔʃtʃɪ]	['pɔhtʃɪ]
CASTIGAR/CASTIGO	[kɐh't∫igʊ]	[kɐh't∫igʊ]	[kɐʃ't∫igʊ]	[kɐʃ't∫igʊ]	[kɐh't∫igʊ]	[kɐh't∫igʊ]
DESDENTADO	[dʒɪzdẽ'tadʊ]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪɲdẽ'tadʊ]	[dʒɪɲdẽ'tadɐ]	[dʒɪɲdẽ'tadɐ]	[dʒɪzdẽ'tadʊ]
DESLISOU	[deɲlɪ'zo]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪɲlɪ'zo]	[dʒɪɲlɪ'zɐ]	[dɛɲlɪ'zo]	[deɲlɪ'zo]
LESTE	['lɛhtʃɪ]	['lɛhtʃɪ]	['lɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU	['lɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU
OESTE	[ɔ'ɛhtʃɪ]	['ɛhtʃɪ]	[ɔ'ɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU	[ɔ'ɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU
ESTRAGADA	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	NÃO RESPONDEU	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]
ESGOTO	[ɪz'gotʊ]	[ɪz'gotʊ]	[ɪʒ'gotʊ]	[ɪz'gotʊ]	[ez'gotʊ]	[ɪz'gotʊ]
ESPINHA	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪʃ'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]

Lábrea

INFORMANTES	LBR A01	LBR A02	LBR A03	LBR B01	LBR BO2	LBR B03
LUZ	['lujs]	['lujs]	['lujs]	['lujs]	['lujs]	['lujs]
ISQUEIRO	[ɪs'keɾu]	[ɪʃ'keɾu]	[ɪs'keɾu]	[ɪs'keɾu]	[ɪs'keɾu]	[ɪs'keɾu]
FÓSFORO	['fɔsfɾu]	['fɔsfu]	['fɔsfɪ]	['fɔsfu]	['fɔsfɾu]	['fɔsfu]
ARROZ	[ɐ'hojs]	[ɐ'hojzⁱ]	[ɐ'hojzⁱ]	[ɐ'hojz]	[ɐ'hojzⁱ]	[ɐ'hojzⁱ]
CASCA	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]
ESCURO	[es'kuɾu]	[ɪʃ'kuɾu]	[ɪs'kuɾu]	[ɪs'kuɾu]	[ɪs'kuɾu]	[ɪs'kuɾu]
TRÊS	['tɾejs]	['tɾejs]	['tɾejs]	['tɾejs]	['tɾejs]	['tɾejs]
DEZ	['dɛjs]	['dɛjzⁱ]	['dɛjzⁱ]	['dɛjs]	['dɛjs]	['dɛjs]
ESTRADA	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]
DESVIO	[dʒɪz'vɪu]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	[dʒɪz'vɪu]
REAIS	[hɛ'ajs]	[hɛ'ajzⁱ]	[hɛ'ajzⁱ]	[hɛ'ajs]	[hɛ'ajs]	[hɛ'ajs]
ESCOLA	[ɪs'kolɐ]	[ɪs'kolɐ]	[ɪs'kolɐ]	[ɪs'kɔlɐ]	[ɪs'kɔlɐ]	[ɪs'kolɐ]
GIZ	['ʒijs]	['ʒijs]	['ʒijs]	['ʒijs]	['ʒijs]	['ʒijs]
COLEGAS / AMIGAS	[kɔ'lɛgɐ]ø	[kɔ'lɛgɐ]ø	[ɐ̃'migɐ]ø	[kɔ'lɛgɐ]ø	[kɔ'lɛgɐ]ø	[kɔ'lɛgɐ]ø
RASGAR	[hɐz'ga]	[hɐz'gãnu]	[hɐzⁱ'ga]	[hɐzⁱ'ga]	[hɐz'ga]	[hɐz'ga]
PESCOÇO	[pes'kosu]	[pes'kosu]	[pes'kosu]	[pes'kosu]	[pes'kosu]	[pes'kosu]
ORELHAS	[o'ɾeʎɐs]	[o'ɾeʎe]ø	[u'ɾeʎe]ø	[u'ɾeʎe]ø	[o'ɾeʎe]ø	[o'ɾeʎe]ø
COSTAS	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐs]	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø
CASPA	['kaspɐ]	['kaspɐ]	['kaspɐ]	['kaspɐ]	['kaspɐ]	['kaspɐ]
DESMAIO	[dʒɪɲ'maju]	[dʒɪɲ'maju]	[dʒɪz'maʎu]	[dʒɪz'maju]	[dʒɪɲ'maju]	[dʒɪz'maju]
VOZ	['vɔjs]	['vɔjzⁱ]	['vɔjzⁱ]	['vɔjzⁱ]	['vɔjzⁱ]	['vɔjs]
PAZ	['pajs]	['pajzⁱ]	['pajzⁱ]	['pajs]	['pajs]	['pajs]
MESMA	['meʃmɐ]	['meʃmɐ]	['mezⁱmɐ]	['meʃmɐ]	['meʃmɐ]	['mezmɐ]
HÓSPEDES	['ɔspɪdʒɪ]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	['ɔspɪ]	NÃO RESPONDEU	['ɔspɪ]
ESQUERDO	[ɪs'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]
AGOSTO	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]
ESPIGA	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]
DIARISTA	[dʒɪɾ'ɾiʃtɐ]	[dʒɪɾ'ɾiʃtɐ]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	[dʒɪɾ'ɾiʃtɐ]
MOSCA	['moskɐ]	['moʃkɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]
MENSTRUAÇÃO	[meʃtɾuɐ'sãw]	NÃO RESPONDEU	[mɪʃtɾuɐ'sãw]	[mɪʃtɾuɐ'sãw]	[mɪʃtɾuɐ'sãw]	[mɛʃtɾuɐ'sãw]
GÊMEAS	['ʒẽmjɐ]ø	['ʒẽmjɐ]ø	['ʒẽmju]ø	['ʒẽmjɐ]ø	['ʒẽmjɐ]ø	['ʒẽmjɐ]ø
MADRASTA	[mɐ'dɾaʃtɐ]	[mɐ'dɾaʃtɐ]	[mɐ'dɾaʃtɐ]	[mɐ'dɾaʃtɐ]	[mɐ'dɾaʃtɐ]	[mɐ'dɾaʃtɐ]
LÁPIS	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪs]
TÊNIS	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	NÃO RESPONDEU	['tẽɲɪs]
ÔNIBUS	['õɲɪbus]	['õɲɪbu]ø	['õjbu]ø	['õɲɪbus]	['õɲɪbus]	['õjbus]
DESMATAMENTO	[dʒɪzmetɐ'mẽtu]	[dʒɪɲmetɐ'sãw]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	[dʒɪzmetɐ'sãw]
ESMOLA	[ɪɲ'molɐ]	[ɪɲ'molɐ]	[ɪɲ'molɐ]	[dʒɪɲ'molɐ]	[ɪɲ'molɐ]	[ɪɲ'molɐ]
DESNECESSÁRIO	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	[dʒɪɲɛsɛ'sarju]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU
DESLIGO/DESLIGADA	[dʒɪɲ'ligu]	[dʒɪɲ'ligɐ]	[dʒɪɲ'ligɐ]	[dʒɪɲ'ligu]	[dʒɪɲ'ligu]	[dʒɪɲ'ligɐ]
DESBOTADA	[dʒɪɲbɔ'tadɐ]	[dʒɪɲbɔ'tadɐ]	[dʒɪɲbɔ'tadɐ]	[dʒɪzbɔ'tadɐ]	[dʒɪɲbɔ'tadɐ]	[dʒɪɲbɔ'tadɐ]
ESMALTE	[ɪɲ'mawtʃɪ]	[ɪɲ'mawtʃɪ]	[ɪɲ'mawtʃɪ]	[ɪɲ'mawtʃɪ]	[ɪɲ'mawtʃɪ]	[ɪɲ'mawtʃɪ]
ESBURACADA	[ĩbuɾɐ'kadɐ]ø	[buɾɐ'kẽtɐ]ø	[ĩbuɾɐ'kadɐ]ø	[izbuɾɐ'kadɐ]	[ĩbuɾɐ'kadɐ]ø	[buɾɐ'kadɐ]ø
DESRESPEITO	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	[dʒɪhes'pejtu]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU
ESFRIAR	[ɪsfɾɪ'a]	[ɪsfɾɪ'a]	[ɪsfɾɪ'a]	[ɪsfɾɪ'a]	[ɪsfɾɪ'a]	[ɪsfɾɪ'a]
DESFILAR/DESFILE	[dʒɪsfɪ'la]	[dʒɪsfɪ'lãdu]	[dʒɪsfɪ'la]	[dʒɪsfɪ'la]	[dʒɪsfɪ'la]	[dʒɪsfɪ'la]
VESTIDO	[vɪʃ'tʃidu]	[vɪʃ'tʃidu]	[vɪʃ'tʃidu]	[vɪʃ'tʃidu]	NÃO RESPONDEU	[vɪʃ'tʃidu]
POSTE	['pɔhtʃɪ]	['pɔhtʃɪ]	['pɔʃtu]	['pɔʃtʃɪ]	['pɔhtʃɪ]	['pɔʃtu]
CASTIGAR/CASTIGO	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]
DESDENTADO	[dʒɪzdẽ'tadu]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	[dʒɪzdẽ'tadu]
DESLISOU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	[dɛɲlɪ'zo]	NÃO RESPONDEU	[dɛɲlɪ'zo]	NÃO RESPONDEU
LESTE	['lɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU	['lɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU	['lɛhtʃɪ]	['lɛhtʃɪ]
OESTE	[ɔ'ɛhtʃɪ]	[lɔ'ɛhtʃɪ]	[ɔ'ɛhtʃɪ]	[ɔ'ɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU	[ɔ'ɛhtʃɪ]
ESTRAGADA	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]
ESGOTO	[ɪz'gotu]	[ɪʒ'gotu]	[ɪz'gotu]	[ez'gotu]	[ɪz'gotu]	[ɪz'gotu]
ESPINHA	[es'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]

Tapauá

INFORMANTES	TAP A01	TAP A02	TAP A03	TAP B01	TAP BO2	TAP B03
LUZ	['lujʃ]	NÃO RESPONDEU	['lujs]	['lujs]	['lujɲ]	['luʃ]
ISQUEIRO	[ɪʃ'keɾu]	[ɪs'keɾu]	[ɪs'keɾu]	[ɪs'keɾu]	[ɪs'keɾu]	[ɪs'keɾu]
FÓSFORO	['fɔsfɾu]	['fɔsfu]	['fɔsfu]	['fɔsfoɾu]	['fɔsfɾu]	['fɔsfu]
ARROZ	NÃO RESPONDEU	[ɐ'hojzⁱ]	[ɐ'hojzⁱ]	[ɐ'hojs]	[ɐ'hojs]	[ɐ'hojs]
CASCA	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]	['kaskɐ]
ESCURO	[ɐʃ'kuɾu]	[ɪs'kuɾu]	[ɪs'kuɾu]	[es'kuɾu]	[ɪs'kuɾu]	[ɪs'kuɾu]
TRÊS	['tɾejzⁱ]	['tɾejzⁱ]	['tɾejzⁱ]	['tɾejs]	['tɾejzⁱ]	['tɾejs]
DEZ	['dɛjzⁱ]	['dɛjzⁱ]	['dɛjzⁱ]	['dɛjs]	['dɛjzⁱ]	['dɛjs]
ESTRADA	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]	[ɪʃ'tɾadɐ]
DESVIO	[dʒɪz'vɪu]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪzvɪ'ej]	[dʒɪz'vɪɐ]	[dʒɪz'vɪu]	[dʒɪz'vɪu]
REAIS	[hɛ'ajʃ]	[hɛ'ajs]	[hɛ'ajzⁱ]	[hɛ'ajz]	[he'ajs]	[hɛ'ajs]
ESCOLA	[es'kɔlɐ]	[ɪs'kɔlɐ]	[ɪs'kɔlɐ]	[ɪs'kɔlɐ]	[ɪs'kɔlɐ]	NÃO RESPONDEU
GIZ	['ʒijzⁱ]	['ʒijzⁱ]	['ʃijs]	['ʒijzⁱ]	['ʒijs]	['ʒijs]
COLEGAS / AMIGAS	[kɔ'lɛgɐs]	[kɔ'lɛgɐ]ø	[kɔ'lɛgɐ]ø	[kɔ'lɛgɐ]ø	[ɐ'mɪgɐs]	[ɐ̃'mɪgɐ]ø
RASGAR	[hɐʒ'ga]	[hɐz'ga]	[hɐz'go]	[hɐz'gãdu]	[hɐz'ga]	[hɐz'gãnu]
PESCOÇO	[pes'kosu]	[pes'kosu]	[pes'kosu]	[peh'kosu]	[pes'kosu]	[pes'kosu]
ORELHAS	[ɔ'ɾeʎɐ]ø	[ʊ'ɾeʎɐ]ø	[o'ɾeʎɐ]ø	[ʊ'ɾejɐ]ø	[o'ɾeʎɐ]ø	[o'ɾeʎɐ]ø
COSTAS	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐs]	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø	['kɔʃtɐ]ø
CASPA	['kaspɐ]	['kaspɐ]	NÃO RESPONDEU	['kaspɐ]	['kaspɐ]	['kaspɐ]
DESMAIO	[dʒɪz'maju]	[dʒɪɲ'maʎu]	[dʒɪzmaj'o]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪɲ'maju]	[dʒɪɲ'maju]
VOZ	['vɔjzⁱ]	['vɔjʃ]	['vɔjzⁱ]	['vɔjzⁱ]	['vɔjzⁱ]	['vɔjs]
PAZ	['pajʒ]	['pajs]	['pajzⁱ]	['pajs]	['pajs]	['pajs]
MESMA	['mezmɐ]	['meɱmɐ]	['mezmɐ]	['mezmɐ]	['mezmɐ]	['meɱmɐ]
HÓSPEDES	['ɔspɪ]	['ɔspɛ'dadu]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	['ɔspɪ]	NÃO RESPONDEU
ESQUERDO	[es'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]	[ɪs'keɲdu]
AGOSTO	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]	[ɐ'goʃtu]
ESPIGA	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[es'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]	[ɪs'pigɐ]
DIARISTA	[dʒɪɾ'ɾiʃtɐ]	[dʒɪɾ'ɾiʃtɐ]	[dʒɪɾ'ɾiʃtɐ]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪɾ'ɾiʃtɐ]	[dʒɪɾ'ɾiʃtɐ]
MOSCA	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]	['moskɐ]
MENSTRUAÇÃO	[meʃtɾuɐ'sãw]	NÃO RESPONDEU	[meʃtɾuɐ'sãw]	[meʃtɾuɐ'sãw]	[mẽʃtɾuɐ'sãw]	[mɪʃtɾuɐ'sãw]
GÊMEAS	['ʒẽmɪɐs]	['ʒẽmjɐ]ø	['ʒẽmju]ø	['ʒẽmjɐ]ø	['ʒẽmɪɐs]	['ʒẽmju]ø
MADRASTA	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]	[mɐ'draʃtɐ]
LÁPIS	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪ]ø	['lapɪs]	['lapɪs]	['lapɪs]
TÊNIS	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]	['tẽɲɪs]
ÔNIBUS	['õɲɪbuʃ]	['õjbu]ø	['õɲɪbu]ø	NÃO RESPONDEU	['õjbus]	['õjbus]
DESMATAMENTO	[dʒɪzmetɐ'mẽtu]	[dʒɪzmetɐ'mẽtu]	[dʒɪzmetɐ'sãw]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪzmetɐ'mẽtu]	[dʒɪɱmetɐ'mẽtu]
ESMOLA	[ɪz'mɔlɐ]	[ɪz'mɔlɐ]	[ɪɲ'mɔlɐ]	[ɪz'mɔlɐ]	[ɪz'mɔlɐ]	[ɪɲ'mɔlɐ]
DESNECESSÁRIO	[deznɛsɛ'sarju]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU
DESLIGO/DESLIGADA	[deʎ'ligɐ]	[dʒɪɲ'ligɐ]	[dʒɪɲ'ligɐ]	[dʒɪʒʎi'gɐ]	[dʒɪɲ'ʎigu]	[dʒɪɲ'ligu]
DESBOTADA	[dʒɪzbɔ'tadɐ]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪzbɔ'tadɐ]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪzbɔ'tadɐ]	[dʒɪɲbɔ'tadɐ]
ESMALTE	[ɪz'mawtʃɪ]	[ɪz'mawtʃɪ]	[ɪɲ'mawtʃɪ]	[ɪz'mawtʃɪ]	[ɪz'mawtʃɪ]	[ɪz'mawtʃɪ]
ESBURACADA	[ezbuɾɐ'kadɐ]	[buɾɐ'kadɐ]ø	[buɾɐ'kadɐ]ø	NÃO RESPONDEU	[ɪzbuɾɐ'kadɐ]	[ĩbuɾɐ'kadɐ]ø
DESRESPEITO	[dehes'pejtu]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU
ESFRIAR	[ɪsfɾɪ'a]	[ɪsfɾɪ'a]	[es'fɾɪj]	[ɪsfɾɪ'a]	[ɪsfɾɪ'a]	[ɪsfɾɪ'a]
DESFILAR/DESFILE	[desfɪ'la]	[desfɪ'la]	[dʒɪsfɪ'ʎa]	[dʒɪsfɪ'la]	[dʒɪsfɪ'la]	[dʒɪsfɪ'la]
VESTIDO	[vɪʃ'tʃidu]	[vɪʃ'tʃidu]	[vɪʃ'tʃidu]	[vɪʃ'tʃidu]	[vɪʃ'tʃidu]	[vɪʃ'tʃidu]
POSTE	['pɔhtʃɪ]	['pɔʃtu]	['pɔhtʃɪ]	['pɔʃtu]	['pɔʃtu]	['pɔʃtu]
CASTIGAR/CASTIGO	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]	[kɐh'tʃigu]
DESDENTADO	[dʒɪzdẽ'tadu]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪɲdẽ'tadu]	[dʒɪɲdẽ'tadɐ]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪzdẽ'tadu]
DESLISOU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	[dʒɪɲlɪ'zɐ]	[dʒɪɲlɪ'zo]	NÃO RESPONDEU	[dʒɪɲʎɪ'zo]
LESTE	['lɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	['lɛhtʃɪ]	['lɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU
OESTE	[ɔ'ɛhtʃɪ]	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU	NÃO RESPONDEU
ESTRAGADA	[ɪstɾɐ'gadɐ]	NÃO RESPONDEU	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]	[ɪʃtɾɐ'gadɐ]
ESGOTO	[ez'gotu]	[ɪz'gotu]	[ɪz'gotu]	[ɪz'gotu]	[ez'gotu]	[ɪz'gotu]
ESPINHA	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]	[ɪs'pĩjɐ]

ANEXOS

ANEXO A – Folha de aprovação do CEP

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas aprovou, em reunião ordinária realizada nesta data, por unanimidade de votos, o Projeto de Pesquisa protocolado no CEP/UFAM com CAAE nº. 0203.0.115.000-11, intitulado: **"REALIZAÇÃO FONÉTICA DO /S/ PÓS – VOCÁLICO EM PARTE DE MICRORREGIÃO DO PURUS"**, tendo como Pesquisador Responsável Edson Galvão Maia.

Sala de Reunião da Escola de Enfermagem de Manaus – EEM da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus/Amazonas, 03 de agosto de 2011.

Prof. MSc. Plínio José Cavalcante Monteiro
Coordenador CEP/UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

EDSON GALVÃO MAIA

A REALIZAÇÃO FONÉTICA DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NOS MUNICÍPIOS DE BOCA DO ACRE, LÁBREA E TAPAUÁ - Volume II

MANAUS
2012

EDSON GALVÃO MAIA

A REALIZAÇÃO FONÉTICA DO /S/ PÓS-VOCÁLICO NOS MUNICÍPIOS DE BOCA DO ACRE, LÁBREA E TAPAUÁ – Volume II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pachêco

Co-orientadora: Prof. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

MANAUS
2012

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Maia, Edson Galvão

M217r A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá – Volume II / Edson Galvão Maia. - Manaus: UFAM, 2013.

100 f.; il. color.; v. II

Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

Orientador: Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pachêco

Co-orientadora: Profª. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso

1. Dialetologia Pluridimensional 2. Fonética 3. Fonologia 4. Linguística 5. Linguagem e línguas I. Pachêco, Frantomé Bezerra (Orient.) II. Cruz-Cardoso, Maria Luiza de Carvalho (Co-orient.) III. Universidade Federal do Amazonas IV. Título

CDU (2007): 81’344.2(811.3)(043.3)

RESUMO

Esta pesquisa inscreve-se na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional, proposta por Radtke & Thun (1996). Investigaram-se as variantes do /S/ pós-vocálico no falar dos habitantes de três localidades pertencentes à Microrregião do Purus, no Estado do Amazonas: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. Para realização deste trabalho foram consideradas as variáveis gênero e faixa etária, a fim de se observar a influência desses fatores na escolha das variantes pelo falante. Da mesma forma, realizou-se uma análise à luz das teorias fonológicas, a saber a Teoria Gerativa Clássica de Traços Distintivos proposta em *The Sound Pattern of English (SPE),* de Chomsky e Halle (1968) e a Teoria da sílaba, para a melhor compreensão do fenômeno no próprio sistema linguístico. Nesta pesquisa, foram investigados 18 informantes residentes nas localidades em estudo, distribuídos da seguinte forma: 6 informantes em cada localidade, sendo um homem e uma mulher em cada uma das três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante). Os informantes foram selecionados obedecendo a critérios pré-estabelecidos: ser analfabeto, ser natural da localidade e ter pais também naturais da localidade, além de não ter se ausentado do município por mais de um terço de sua vida. O trabalho foi realizado seguindo orientações já consagradas pelo método geolinguístico: a) foram realizadas as entrevistas com as respostas ao questionário fonético-fonológico (QFF) e conversação livre de no máximo 30 minutos, gravadas de modo digital; b) realizou-se a transcrição grafemática de todas as entrevistas, tanto dos dados coletados pelo QFF quanto dos coletados em elocução livre, o que se constituiu em um banco de dados para futuras pesquisas dialetológicas; c) fez-se a transcrição fonética das palavras coletadas por meio do QFF. Esses dados resultaram em 51 cartas fonéticas e 13 cartas fonético-contextuais, que apontam o uso da variante alveolar como mais frequente na região. No entanto, a análise do fonema em contextos específicos revelou que as variantes são condicionadas por determinados contextos, dos quais se citam a variante pós-alveolar, que é privilegiada principalmente pelo contexto medial antes de oclusiva [t]; a variante aspirada, condicionada pelo contexto anterior a lateral e nasal; e o apagamento que ocorre frequentemente em contexto final, quando o /S/ é morfema de plural. À preponderância da variante alveolar sobre as demais é atribuído o fator histórico, uma vez que a região fora povoada por migrantes nordestinos dos Estado do Maranhão e Ceará, os seringueiros da borracha na época áurea do látex. Quanto às especificidades do fonema em cada contexto, encontrou-se explicação nas teorias fonológicas, principalmente na escala de sonoridade proposta por Jaspersen (1904, apud HOOPER, 1976). Percebeu-se que quanto mais sonoro o segmento seguinte, mas enfraquecido se torna o fonema em estudo, tendendo ao enfraquecimento (aspiração), quanto menos sonoro o segmento seguinte, mais carregado o fonema em estudo, privilegiando a variante pós-alveolar. A análise pelos fatores sociais, por sua vez, revela como variante conservadora a pronúncia alveolar, enquanto a aspirada parece ser a mais inovadora. A análise revela também a localidade de Tapauá como a mais conservadora e a localidade de Lábrea como a mais inovadora.

Palavras-chaves: Dialetologia Pluridimensional. Fonologia. /S/ pós-vocálico.

A**BSTRACT**

This research fits in the perspective of Pluridimensional Dialectology, proposed by Radtke & Thun (1996). We investigated the variants of the /S/ post-vocalic in the speech of the inhabitants of three villages belonging to the micro-region of Purus, the State of Amazonas: Boca do Acre, and Lábrea Tapauá. For this study, we considered the variables gender and age in order to observe the influence of these factors in the selection of variants by speaker. Likewise, there was a review in the light of phonological theories, namely the Generative Theory of Classical Distinctive Traits proposed in The Sound Pattern of English (SPE), Chomsky and Halle (1968) and the Theory of the syllable, for the best understanding of the phenomenon in this language system. In this study, we investigated 18 informants living in the localities under investigation, distributed as follows: 6 informants in each locality, being a man and a woman in each of three age groups (18-35 years old, 36-55 years old and 56 years old on). The informants were selected obeying pre-established criteria: being illiterate, being natives of the locality under investigation and having parents who are also natives of that locality, besides not having been away from the city for more than a third part of their lives. The study was conducted following guidelines already established by the geolinguistic method: a) the interviews were conducted through responses to the phonetic-phonological questionnaire (PPQ) and free conversations of up to 30 minutes, both recorded digitally; b) the graphematic transcription of all interviews were done, both the data collected by the PPQ and the ones collected in free speech, constituting a database for future dialectology researches; c) the phonetic transcription of the words collected through the PPQ was done. These data resulted in 51 phonetic letters and 13contextual phonetic letters, that indicate the use of the alveolar variant as the most frequent in the area. However, the phoneme analysis in specific contexts showed that variants are conditioned by certain contexts, of which we cite the post-alveolar variant that is particularly preferred by the medial context before occlusive [t]; the aspirated variant, conditioned by anterior context, the lateral and the nasal; and deletion that occurs often in end context, when the /S/ is a plural morpheme. To the prevalence of the alveolar variant over the others the historical factor is assigned, once the region was populated by migrants from the northeast state of Maranhão and Ceará, the rubber tappers in the heyday of the latex. As for the specificities of each phoneme in context, we found explanation in phonological theories, especially on the sonority scale proposed by Jaspersen (1904 cited in Hooper 1976). It was noticed that the noisier the next segment is, the less weak the phoneme under investigation becomes, tending to weakness (aspiration); the less noisy the next segment, the stronger the phoneme under investigation is, favoring the post-alveolar variant. The analysis by social factors, in turn, reveals as conservative variant the alveolar pronunciation, while the aspirated variant seems to be more innovative. The analysis also reveals the location of Tapauá as the most conservative and the location of Lábrea as the most innovative.

Keywords: Pluridimensional Dialectology. Phonology. Post-vocalic /S/.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **7**

1 NORMAS DE APRESENTAÇÃO DAS CARTAS **10**

2 SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA **12**

3 PONTOS DE INQUÉRITO **14**

4 INFORMANTES **16**

5 O QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – QFF **22**

6 ÍNDICE DAS CARTAS **28**

CARTAS INTRODUTÓRIAS

CARTAS FONÉTICAS

CARTAS FONÉTICO-CONTEXTUAIS

APRESENTAÇÃO

A Dialetologia é uma disciplina linguística que tem se ocupado em identificar, descrever e situar a diversificação das línguas, seja ela espacial, sociocultural ou cronológica. É a ciência do dialeto, entendido aqui não apenas como variação regional, mas em todas as suas formas (social, histórico, geográfico, etc.).

Por meio do método geolinguístico, criado por Jules Gilliéron em ocasião da elaboração do *Atlas Linguístico da França* - *ALF* (1902-1910) e aperfeiçoado e difundido ao longo de mais de um século, os dialetólogos têm registrado em mapas as diferentes maneiras de falar de grupos, quer seja a nível regional, quer a nível nacional.

No Brasil, os primeiros estudos dialetológicos, ainda voltados apenas ao campo lexical, datam do início do século XIX, no entanto é na segunda metade do século XX, a partir do decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que, em seu artigo 3º, estabelece como principal finalidade da recém-criada Comissão de Filologia do Centro de Pesquisa Casa de Rui Barbosa, a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil* - *ALiB*, que estes estudos ganham força no país, impulsionados pelo pioneirismo de grandes nomes como Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha e Nelson Rossi. Obra deste último é o pioneiro *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (1963), primeiro atlas regional brasileiro. Hoje, são cerca de 14 atlas regionais publicados (ou concluídos e em vias de publicação) e muitos outros em andamento, mostrando o quanto o método vem sendo aceito pela comunidade acadêmica. O ALiB, impossibilitado de ser realizado à época dos pioneiros devido, entre outras questões, a imensa extensão territorial de nosso estado maior e as dificuldades de acesso às localidades, é retomado em 1996 e hoje encontra-se em fase de finalização. Seu *corpus* coletado já orienta muitas pesquisas dialetais, representando frutos de um trabalho de mais de 15 anos.

No Amazonas, por sua vez, os estudos dialetais ganham forte impulso com a elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas* - *ALAM* (2004), como tese de doutoramento de Maria Luiza de Carvalho Cruz. A metodologia empregada orienta várias outras pesquisas que têm se ocupado em caracterizar o falar amazonense, ampliando as localidades contempladas pelo ALAM.

Neste contexto insere-se esta pesquisa. Busca-se registrar e analisar um fonema, cuja enorme variação fonética no português brasileiro já está comprovada por diversos trabalhos em diversos estados. Trata-se do /S/ em posição pós-vocálica (coda silábica), fonema já observado no ALAM, do qual surge uma hipótese de divisão dialetal do estado em dois falares: falares dos rios Negro e Amazonas, caracterizados por uma pronúncia pós-alveolar do fonema, e falares do rio Solimões (e afluentes da margem direita), caracterizados pela pronúncia alveolar do fonema. A região aqui estudada compreende três municípios da microrregião do Purus (um dos afluentes da margem direita do Solimões): Boca do Acre, Lábrea e Tapauá.

A metodologia empregada seguiu os preceitos da Geolinguística Pluridimensional, abordagem que considera não apenas a dimensão diatópica, mas também outras dimensões como a diastrática, a diagenérica e a diageracional, o que atribui ao método um caráter social.

Dessa forma, nesta pesquisa é investigada a fala de 18 informantes, 6 em cada localidade, sendo um homem e uma mulher, distribuídos em 3 faixas etárias – 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante.

Os dados foram coletados *in loco* por meio de um questionário fonético-fonológico (QFF) elaborado com base nos questionários do ALiB e do ALAM. Gravados em modo digital e transcritos foneticamente, originaram 51 cartas fonéticas e 13 cartas fonético-contextuais, apresentadas neste volume da dissertação.

Esta dissertação está dividida em dois volumes. O primeiro, que é a dissertação propriamente dita, apresenta em seus quatro capítulos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa, a análise do resultados, apoiada nas teorias fonológicas - teoria clássica de traços distintivos e teoria da sílaba, além de um breve traçado acerca da Microrregião do Purus, em seus aspectos geográficos, históricos, sociais e culturais, especialmente dos três municípios selecionados pela pesquisa. O segundo volume, que ora se apresenta traz as cartas introdutórias, fonéticas e fonético-contextuais, assim como as informações para o auxílio na leitura das cartas, como as normas de apresentação, o sistema de transcrição fonética utilizado, informações sobre os informantes, o questionário e as localidades.

Nas cartas que ora se apresentam pode ser observada a difusão regional e genérico-geracional das variantes do fonema em estudo nas três localidades contempladas nesta pesquisa,

contribuindo para uma melhor compreensão das particularidades do falar da região do Purus.

1 NORMAS DE APRESENTAÇÃO DAS CARTAS

As cartas deste volume se dividem em três tipos diferentes: **Introdutórias, Fonéticas e Fonético-contextuais**.

Primeiramente se apresentam as seis cartas introdutórias. Essas cartas apresentam e situam a região estudada. Por meio delas é possível não só visualizar divisões regionais e limites geográficos, mas também a bacia hidrográfica do rio Purus, portos, aeroportos, rodovias, etc.

Em seguida, encontram-se as cartas fonéticas. Essas cartas, em número de 51, apresentam a transcrição fonética da fala de cada informante para a resposta de cada conceito do QFF em cada uma das localidades. Apresentam ainda, fora do mapa, o gráfico com os percentuais gerais para cada variante, os gráficos com percentuais nas variáveis gênero (variação diagenérica) e faixa etária (variação diageracional) e, se necessário, algumas observações sobre a carta.

Para a leitura dessas cartas, é necessário seguir algumas orientações:

a) Conforme se observa na carta introdutória 006, os três municípios selecionados para a pesquisa encontram-se dispostos nas cartas, em forma de ponto (⊙), de baixo para cima, seguindo a posição geográfica e o curso do rio, na seguinte ordem: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá;
b) Em cada ponto se localizam as transcrições fonéticas da fala dos informantes daquela localidade, organizados da seguinte forma: no eixo vertical, de cada lado estão agrupados os informantes por gênero, do lado esquerdo encontram-se as transcrições da fala dos informantes masculinos e do lado direito encontram-se as dos informantes femininos; no eixo horizontal, estão organizadas em ordem crescente, de cima para baixo, as transcrições fonéticas da fala dos informantes das três faixas etárias.

Em síntese, de acordo com código dos informantes, explanado no item 4 deste volume, *Informantes*, esses ficam assim organizados, utilizando como exemplo os informantes de Boca do Acre:

BAC A01	BAC B01
BAC A02	BAC B02
BAC A03	BAC B03

Por fim, este volume apresenta as 13 cartas fonético-contextuais que são cartas elaboradas a partir dos contextos fonológicos previstos pelo QFF. Elas reúnem, dentro do mapa, gráficos em forma de pizza com os percentuais para cada localidade, também localizados junto aos pontos. Fora do mapa, trazem, assim como as cartas fonéticas, os percentuais gerais e percentuais nas variações diagenérica e diageracional, bem como uma apresentação que indica que cartas fonéticas são reunidas para sua elaboração.

2 SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA

As transcrições fonéticas dos dados apresentadas nas cartas seguiu o sistema de transcrição do *Alfabeto Fonético Internacional (IPA)*, conforme se apresenta abaixo:

CONSOANTES:

[p] oclusiva bilabial surda

[b] oclusiva bilabial sonora

[t] oclusiva alveolar surda

[d] oclusiva alveolar sonora

[k] oclusiva velar surda

[g] oclusiva velar sonora

[m] nasal bilabial sonora

[n] nasal alveolar sonora

[ɲ] nasal palatal sonora

[r] vibrante alveolar sonora

[ɾ] tepe alveolar sonoro

[f] fricativa lábio-dental surda

[v] fricativa lábio-dental sonora

[s] fricativa alveolar surda

[z] fricativa alveolar sonora

[ʃ] fricativa pós-alveolar surda

[ʒ] fricativa pós-alveolar sonora

[h] fricativa glotal surda

[ɦ] fricativa glotal sonora

[l] lateral alveolar sonora

[ʎ] lateral palatal sonora

[tʃ] africada pós-alveolar surda

[dʒ] africada pós-alveolar sonora

VOGAIS:

[i] anterior fechada

[ɪ] anterior entre [i] e [e] (átona)

[e] anterior média fechada

[ɛ] anterior média aberta

[u] posterior fechada

[ʊ] posterior entre [u] e [o] (átona)

[o] posterior média fechada

[ɔ] posterior média aberta

[a] anterior aberta

[ɐ] central meio-aberta (átona)

SEMIVOGAIS:

[j] semigoval anterior

[w] semivogal posterior

DIACRÍTICOS:

- (') Antecede a sílaba tônica;
- (~ Sobrescrito) indica nasalização;

3 PONTOS DE INQUÉRITO

Nesta pesquisa, optou-se por estudar uma microrregião do Estado do Amazonas, a Microrregião do Purus, pertencente à Mesorregião do Sul Amazonense. Considera-se a divisão do Estado em microrregiões, baseada nas bacias hidrográficas dos principais afluentes do Rio Amazonas, da Constituição Estatual datada de 5 de outubro de 1989. De acordo com esta divisão, o Estado do Amazonas divide-se em nove microrregiões e a microrregião do Purus compreende os municípios de Boca do Acre, Canutama, Lábrea, Pauini e Tapauá.

A seleção dos pontos de inquérito obedeceu a critérios históricos, geográficos, demográficos e socioeconômicos, conforme já discutido na seção 3.1.1 do primeiro volume desta dissertação. Assim, das cinco localidades da Microrregião do Purus, selecionam-se três representativas: Boca do Acre, Lábrea e Tapauá, cujas informações se apresentam a seguir[1]:

- **Boca do Acre**

LOCALIZAÇÃO: Estado do Amazonas, Mesorregião do Sul Amazonense, Microrregião do Purus. Longitude 67.39°. Latitude - 8.75°. Distancia-se da capital 1.028 km em linha reta, 2.322 km por via fluvial e 1.653 km por via terrestre. Limita-se com Pauini – AM, Lábrea – AM e com o Estado do Acre. VIAS DE COMUNICAÇÃO: fluvial e terrestre. ÁREA TERRITORIAL: 21.936 km^2. POPULAÇÃO: 30.632 habitantes (IBGE, 2009). CLIMA: Amazônico, equatorial úmido. VEGETAÇÃO: Floresta tropical densa. RELEVO: Planalto rebaixado da Amazônia e planície amazônica, unidade correspondente ao curso do rio Purus. HIDROGRAFIA: Bacia do Rio Purus e afluentes. CRIAÇÃO: 22 de Outubro de 1890. Extinto em 28 de março de 1895 e restaurado em 15 de maio de 1897. DENOMINAÇÕES: Antimay, Floriano Peixoto, Santa Maria da Boca do Acre e Boca do Acre. ECONOMIA: Pecuária e agricultura. CULTURA: Festas populares tradicionais e religiosas como a de São Francisco e a de São Pedro e o festival de Praia. PADROEIRO: São Pedro. GENTILÍCIO: bocacrense. ATIVIDADES ESPORTIVAS: Futebol de campo.

[1] Informações mais detalhadas sobre os municípios se encontram no primeiro capítulo do primeiro volume desta dissertação, seção 1.3.

- **Lábrea**

LOCALIZAÇÃO: Estado do Amazonas, Mesorregião do Sul Amazonense, Microrregião do Purus. Longitude 64.79˚. Latitude -7.25˚. Distancia-se da capital 783 km em linha reta e 1.926 km por via fluvial. Limita-se com Pauini – AM, Tapauá – AM, Boca do Acre - AM e com os Estados do Acre e Rondônia. VIAS DE COMUNICAÇÃO: fluvial, terrestre e aérea. ÁREA TERRITORIAL: 68.233,96 Km^2. POPULAÇÃO: 37.701 habitantes (IBGE, 2009). CLIMA: Amazônico, equatorial úmido. VEGETAÇÃO: Floresta tropical densa. RELEVO: Planalto rebaixado da Amazônia e planície amazônica, unidade correspondente ao curso do rio Purus. HIDROGRAFIA: Bacia do Rio Purus e afluentes. CRIAÇÃO: 14 de maio de 1881. Instalado em 07 de março de 1886 e restaurado em 15 de maio de 1897. DENOMINAÇÕES: Maciari, Nossa Senhora de Nazaré do Ituxi e Lábrea. ECONOMIA: Agricultura e extrativismo. CULTURA: Festas populares tradicionais como a de Nossa Senhora de Nazaré (religiosa), Aniversário do município, Gincana do Trabalhador e Festa do Sol. PADROEIRO: Nossa Senhora de Nazaré. GENTILÍCIO: labrense. ATIVIDADES ESPORTIVAS: Futebol de salão, futebol de campo e voleibol.

- **Tapauá**

LOCALIZAÇÃO: Estado do Amazonas, Mesorregião do Sul Amazonense, Microrregião do Purus. Longitude 63.18˚. Latitude -5.62˚. Distancia-se da capital 449 km em linha reta e 769 km por via fluvial. Limita-se com Carauari – AM, Tefé – AM, Coari – AM, Anori – AM, Beruri – AM, Itamarati – AM, Lábrea – AM, Canutama – AM, Humaitá – AM e Manicoré - AM. VIAS DE COMUNICAÇÃO: fluvial. ÁREA TERRITORIAL: 89.325,274 Km^2. POPULAÇÃO: 19.077 habitantes (IBGE, 2009). CLIMA: Amazônico, equatorial úmido. VEGETAÇÃO: Floresta tropical densa. RELEVO: Planalto rebaixado da Amazônia e planície amazônica, unidade correspondente ao curso do rio Purus. HIDROGRAFIA: Bacia do Rio Purus e afluentes. CRIAÇÃO: 19 de dezembro de 1955. Instalado em 31 de janeiro de 1956. DENOMINAÇÕES: Boca do Tapauá e Tapauá. ECONOMIA: Agricultura e extrativismo. CULTURA: Festas populares tradicionais e religiosas como a de Santa Rita de Cássia. PADROEIRO: Santa Rita de Cássia. GENTILÍCIO: tapauense. ATIVIDADES ESPORTIVAS: Futebol de salão e futebol de campo.

4 INFORMANTES

No intuito de se estabelecer um padrão no Amazonas, o que permitirá estudos comparativos das diversas áreas pesquisadas em diferentes projetos, optou-se por manter nesta pesquisa, o mesmo número de informantes por localidade do Projeto ALAM. Assim, foram investigados 18 informantes, 6 por localidade, sendo um homem e uma mulher distribuídos em 3 faixas etárias.

Esses falantes estão enquadrados em um perfil rigoroso no que diz respeito às seguintes características, essenciais para a pesquisa dialetológica: ser natural da localidade investigada; possuir pais (e se possível cônjuge) também naturais dessa localidade; não ter se afastado da localidade por mais de um terço de sua vida; ser analfabeto ou ter cursado, no máximo, até o 5º ano do ensino fundamental e apresentar boas condições de fonação.

Dessa forma, além da dimensão diatópica, fez-se o controle direto das dimensões diageracional (por meio das 3 faixas etárias) e diagenérica (com a diferenciação de gêneros) Indiretamente, leva-se em consideração também as dimensões diastrática e diafásica, uma vez que controlada a escolaridade e coletados também dados de elocução livre nesta pesquisa, pode-se, posteriormente, desenvolver-se um estudo diafásico comparando esses dados com os dados do QFF apresentados nesta etapa ou ainda coletar dados com falantes de escolaridade superior, e desenvolver também um estudo diastrático, também a título de comparação, o que não foi possível neste momento para atender os prazos da pesquisa.

Para manter a identidade do informante em sigilo, criou-se um sistema de identificação do informante, cujas letras e números estão explicados abaixo:

- Quanto à origem do informante

BAC – Informante originário de Boca do Acre

LBR – Informante originário de Lábrea

TAP – Informante originário de Tapauá

- Quanto ao gênero do informante

A – Informante do gênero masculino

B – Informante do gênero feminino

- Quanto à faixa etária do informante

01 – primeira faixa etária (18 a 35 anos)

02 – segunda faixa etária (36 a 55 anos)

03 – terceira faixa etária (56 anos em diante).

Logo, um informante do gênero feminino, originário de Tapauá e pertencente a segunda faixa etária está identificado na pesquisa com o código TAP B02, por exemplo.

A seguir, apresentam-se características básicas dos informantes da pesquisa.

CÓDIGO: BAC A01
SEXO: Masculino. IDADE: 27 anos. NATURALIDADE: Boca do Acre. NATURALIDADE DA MÃE: Boca do Acre. NATURALIDADE DO PAI: Boca do Acre. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Boca do Acre. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Manaus (2 anos). ESTADO CIVIL: Casado. ESCOLARIDADE: 5º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Circuleiro (trabalha em serraria). OUTRA ATIVIDADE: Não. VIAGENS: Sim. Manaus e Acre APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Espontâneo. SERVIÇO MILITAR: Dispensado.

CÓDIGO: BAC A02
SEXO: Masculino. IDADE: 53 anos. NATURALIDADE: Boca do Acre. NATURALIDADE DA MÃE: Boca do Acre. NATURALIDADE DO PAI: Boca do Acre. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Boca do Acre. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Rio Branco (8 anos). ESTADO CIVIL: Casado. ESCOLARIDADE: 2º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Ointor. OUTRA ATIVIDADE: Não. VIAGENS: Sim. Lábrea, Pauini, Porto Velho - RO e Acre APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Tranquilo. SERVIÇO MILITAR: Dispensado.

CÓDIGO: BAC A03
SEXO: Masculino. IDADE: 71 anos. NATURALIDADE: Boca do Acre. NATURALIDADE DA MÃE: Boca do Acre. NATURALIDADE DO PAI: Boca do Acre. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Boca do Acre. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Manaus (3 anos). ESTADO CIVIL: Casado. ESCOLARIDADE: Analfabeto. PROFISSÃO: Marinheiro. OUTRA ATIVIDADE: Não. VIAGENS: Sim. Pará e Acre. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS

PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Tranquilo. SERVIÇO MILITAR: Dispensado.

CÓDIGO: BAC B01

SEXO: Feminino. IDADE: 33 anos. NATURALIDADE: Boca do Acre. NATURALIDADE DA MÃE: Boca do Acre. NATURALIDADE DO PAI: Boca do Acre. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Boca do Acre. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Casada. ESCOLARIDADE: Analfabeta. PROFISSÃO: Doméstica. OUTRA ATIVIDADE: Não. VIAGENS: Não. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Espontânea.

CÓDIGO: BAC B02

SEXO: Feminino. IDADE: 44 anos. NATURALIDADE: Boca do Acre. NATURALIDADE DA MÃE: Boca do Acre. NATURALIDADE DO PAI: Boca do Acre. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Boca do Acre. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Casada. ESCOLARIDADE: 4º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Doméstica. OUTRA ATIVIDADE: Não. VIAGENS: Sim. Rio Branco – AC. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Tranquila.

CÓDIGO: BAC B03

SEXO: Feminino. IDADE: 73 anos. NATURALIDADE: Boca do Acre. NATURALIDADE DA MÃE: Boca do Acre. NATURALIDADE DO PAI: Boca do Acre. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Cearense (veio para o Amazonas com 12 anos de idade). OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Seringal na Bolívia (3 anos). ESTADO CIVIL: Viúva. ESCOLARIDADE: 3º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Agricultora. OUTRA ATIVIDADE: Seringueira. VIAGENS: Sim. Rio Branco – AC. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Tranquila.

CÓDIGO: LBR A01

SEXO: Masculino. IDADE: 24 anos. NATURALIDADE: Lábrea. NATURALIDADE DA MÃE: Lábrea. NATURALIDADE DO PAI: Lábrea. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Solteiro. ESCOLARIDADE: 5º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Agricultor.

OUTRA ATIVIDADE: Pesca. VIAGENS: Sim. Manaus e Parintins – AM. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Espontâneo. SERVIÇO MILITAR: Serviu em Lábrea.

CÓDIGO: LBR A02

SEXO: Masculino. IDADE: 45 anos. NATURALIDADE: Lábrea. NATURALIDADE DA MÃE: Lábrea. NATURALIDADE DO PAI: Lábrea. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Lábrea. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Divorciado. ESCOLARIDADE: Analfabeto. PROFISSÃO: Agricultor. OUTRA ATIVIDADE: Pesca. VIAGENS: Não. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Espontâneo. SERVIÇO MILITAR: Dispensado.

CÓDIGO: LBR A03

SEXO: Masculino. IDADE: 68 anos. NATURALIDADE: Lábrea. NATURALIDADE DA MÃE: Lábrea. NATURALIDADE DO PAI: Lábrea. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Lábrea. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Casado. ESCOLARIDADE: 3º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Agricultor. OUTRA ATIVIDADE: Pecuária. VIAGENS: Sim. Manaus. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Espontâneo. SERVIÇO MILITAR: Dispensado.

CÓDIGO: LBR B01

SEXO: Feminino. IDADE: 30 anos. NATURALIDADE: Lábrea. NATURALIDADE DA MÃE: Lábrea. NATURALIDADE DO PAI: Lábrea. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Lábrea. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Casada. ESCOLARIDADE: 4º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Agricultora. OUTRA ATIVIDADE: Não. VIAGENS: Não. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Espontânea.

CÓDIGO: LBR B02

SEXO: Feminino. IDADE: 38 anos. NATURALIDADE: Lábrea. NATURALIDADE DA MÃE: Lábrea. NATURALIDADE DO PAI: Lábrea. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Lábrea. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL:

Casada. ESCOLARIDADE: 3º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Agricultora. OUTRA ATIVIDADE: Doméstica. VIAGENS: Não. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Tranquila.

CÓDIGO: LBR B03

SEXO: Feminino. IDADE: 63 anos. NATURALIDADE: Lábrea. NATURALIDADE DA MÃE: Lábrea. NATURALIDADE DO PAI: Lábrea. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Lábrea. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Casada. ESCOLARIDADE: 3º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Agricultora. OUTRA ATIVIDADE: Pecuária. VIAGENS: Sim. Manaus APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Tranquila.

CÓDIGO: TAP A01

SEXO: Masculino. IDADE: 28 anos. NATURALIDADE: Tapauá. NATURALIDADE DA MÃE: Tapauá. NATURALIDADE DO PAI: Tapauá. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Tapauá. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Casado. ESCOLARIDADE: 5º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Motorista de motocicleta. OUTRA ATIVIDADE: Não. VIAGENS: Sim. Beruri – AM. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Tranquilo.

CÓDIGO: TAP A02

SEXO: Masculino. IDADE: 43 anos. NATURALIDADE: Tapauá. NATURALIDADE DA MÃE: Tapauá. NATURALIDADE DO PAI: Tapauá. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Tapauá. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Casado. ESCOLARIDADE: Analfabeto. PROFISSÃO: Motorista de motocicleta. OUTRA ATIVIDADE: Alvenaria. VIAGENS: Não. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Tranquilo.

CÓDIGO: TAP A03

SEXO: Masculino. IDADE: 75 anos. NATURALIDADE: Tapauá. NATURALIDADE DA MÃE: Tapauá. NATURALIDADE DO PAI: Ceará. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Tapauá. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não.

ESTADO CIVIL: Casado. ESCOLARIDADE: Analfabeto. PROFISSÃO: Auxiliar de serviços gerais. OUTRA ATIVIDADE: Não. VIAGENS: Sim. Canutama – AM, Lábrea – AM, Manacapuru – AM e Manaus. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Espontâneo.

CÓDIGO: TAP B01

SEXO: Feminino. IDADE: 32 anos. NATURALIDADE: Tapauá. NATURALIDADE DA MÃE: Tapauá. NATURALIDADE DO PAI: Tapauá. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Tapauá. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Casada. ESCOLARIDADE: 5º ano do Ensino Fundamental. PROFISSÃO: Agricultora. OUTRA ATIVIDADE: Pesca. VIAGENS: Sim. Canutama – AM, Lábrea – AM e Manaus. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Tranquila.

CÓDIGO: TAP B02

SEXO: Feminino. IDADE: 37 anos. NATURALIDADE: Tapauá. NATURALIDADE DA MÃE: Tapauá. NATURALIDADE DO PAI: Tapauá. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Tapauá. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Não. ESTADO CIVIL: Casada. ESCOLARIDADE: Analfabeta. PROFISSÃO: Autônoma. OUTRA ATIVIDADE: Doméstica. VIAGENS: Não. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Espontâneo.

CÓDIGO: TAP B03

SEXO: Feminino. IDADE: 61 anos. NATURALIDADE: Tapauá. NATURALIDADE DA MÃE: Tapauá. NATURALIDADE DO PAI: Tapauá. NATURALIDADE DO CÔNJUGE: Não informada. OUTRO LOCAL ONDE MOROU: Pauini – AM (10 anos). ESTADO CIVIL: Casada. ESCOLARIDADE: Analfabeta. PROFISSÃO: Agricultora. OUTRA ATIVIDADE: Não. VIAGENS: Manaus. APARELHO FONADOR: Bom. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DURANTE A ENTREVISTA: Espontânea.

5 O QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO – QFF

Na elaboração do questionário fonético-fonológico foram privilegiadas todas as questões do ALiB e do ALAM que tratavam do fonema /S/ em posição de coda silábica. Porém, a natureza desses trabalhos (são atlas e registram muitos fenômenos) requer um número reduzido de questões. Foi necessário, então, que se elaborassem outras questões a fim de garantir um número confiável para se atingir os objetivos desejados. O questionário buscou contemplar o uso do fonema em grande número de contextos, aqui denominados "contextos internos" de palavra, por exemplo, contexto interno medial antes de oclusiva (caspa, desbotada, isqueiro, rasgar, estrada), antes de nasal (mesma, esmola, desnecessário), antes de africada (vestido, poste), ou ainda contexto interno final em raiz (luz, arroz, lápis) e em desinência de número (reais, orelhas, gêmeas). O controle desses contextos permitiu a elaboração de cartas do tipo fonético-contextuais, bem como estabelecer os fatores linguísticos que condicionam o uso de uma ou outra variedade pelo falante.

O questionário constitui-se, assim, de 53 questões e consiste de perguntas simples que direcionem o informante a uma resposta objetiva (Conceito, em maiúsculo no questionário). Está apresentado a seguir:

001. LUZ
Quando está escuro é por que faltou o quê?

002. ISQUEIRO / FÓSFORO
Como se chama aquilo que se usa para acender o fogo no fogão? (mímica)

003. ARROZ
Como se chama aqueles grãozinhos brancos que comemos cozidos geralmente acompanhados com feijão?

004. CASCA
Para se comer uma banana, o que se tira?

005. ESCURO

De dia está claro, e à noite, como está?

006. TRÊS

Que número vem depois do dois?

007. DEZ

Que número vem depois do nove?

008. ESTRADA

Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?

009. DESVIO

Quando uma estrada ou uma rua fica interrompida durante uns dias, o que se faz enquanto ainda estão consertando para que os carros possam passar?

010. REAIS

Quanto custa... (algo que esteja no contexto da conversa ou no ambiente)? / quanto tem aqui (mostrando uma cédula)

011. ESCOLA

Onde as crianças vão para aprender a ler?

012. GIZ

Como se chama aquela barra branquinha que a professora usa para escrever no quadro negro na sala de aula? (levar o objeto e mostrar)

013. COLEGAS / AMIGAS

Na escola, o que as crianças são umas das outras?

014. RASGAR

Fazer assim no papel é o quê? (rasgando o papel)

015. PESCOÇO

Que parte do corpo sustenta a cabeça? O que é isso aqui (apontando para o pescoço)

016. ORELHAS

E essas partes que são duas e servem pra ouvir?

017. COSTAS

Como se chama essa parte do corpo onde se localiza a coluna que é difícil de lavar no banho? / Aqui é o peito (apontando para frente) e aqui (apontando para as costas)?

018. CASPA

Como chama aquela coisinha branca que dá na cabeça da pessoa, que cai às vezes na roupa e no ombro quando penteia, que faz a cabeça coçar e às vezes causa feridas?

019. DESMAIO

Quando a pessoa se sente mal, a vista fica meio turva... vai caindo no chão, a gente diz que ela teve o quê?

020. VOZ

Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem boa...? / Quando uma pessoa fica rouca, eu digo que ela perdeu a...?

021. PAZ

Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: “Me deixe em...“

022. MESMA

Quando uma pessoa usa uma roupa num dia, e no dia seguinte ela não tem outra roupa ou ela não quer usar, então ela usa a...

023. HÓSPEDES

Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam por um tempo são o quê?

024. ESQUERDO

Este lado é o direito... e esse? (Mímica)

025. AGOSTO

Depois do mês de julho e antes de setembro vem que mês?

026. ESPIGA

A banana dá em cachos, e o milho em...?

027. DIARISTA

Como se chama o homem ou a mulher que é contratado pra trabalhar na roça ou em outro serviço e recebe por dia de trabalho?

028. MOSCA

Como se chama aquele inseto que gosta de pousar na comida se não estiver coberta?

029. MENSTRUAÇÃO

As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?

030. GÊMEAS

Como se chamam duas crianças que nasceram do mesmo parto?

031. MADRASTA

Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos dele?

032. LÁPIS

Como se chama aquele objeto que as crianças usam pra escrever e que pode ser apagado com borracha? / (Mostrar o objeto)

033. TÊNIS

E aquele tipo de calçado usado pra fazer ginástica, pra correr, passear?

034. ÔNIBUS

E como se chama aquele carro grande que leva as crianças para a escola e as pessoas adultas para o trabalho nas cidades grandes?

035. DESMATAMENTO / DESMATAR

Como se chama o ato de derrubar as árvores da floresta pra fazer pasto de gado ou plantação?

036. ESMOLA

O que os mendigos pedem na rua para sobreviver?

037. DESNECESSÁRIO

Aquilo que não é necessário é...? / O contrário de necessário é...?

038. DESLIGO / DESLIGADA

Quando eu saio do quarto e quero economizar energia, o que faço com a lâmpada / A lâmpada (a televisão) que não está ligada, está...? (Representar)

039. DESBOTADA

Quando uma roupa fica velha e perde a cor eu digo que ela está...?

040. ESMALTE

As mulheres que querem ter as unhas bonitas pintam suas unhas com o quê? (Mostrar o objeto)

041. ESBURACADA

Uma rua da cidade que possui muitos buracos é uma rua...?

042. DESREIPEITO

O contrário de respeito é.../ A falta de respeito é um...?

043. ESFRIAR

Quando o café está muito quente e eu quero beber, o que preciso fazer? / Se você deixa o café quente na xícara por muito tempo, o que vai acontecer com ele?

044. DESFILAR / DESFILE

Quando tem um concurso pra escolher a moça mais bonita em um festejo da cidade, o que essas moças precisam fazer? / Como se chama quando as escolas, a polícia, ou o exército saem pela rua marchando no dia 7 de setembro? / (Escolas de samba na TV)

045. VESTIDO

Qual é o tipo de roupa feminina que numa peça só tem blusa e saia, formando um todo? (Mostrar uma foto de um vestido)

046. POSTE

Nas ruas da cidade, como se chama aquele mastro onde ficam as lâmpadas públicas? (Se tiver um por perto mostrar ou mostrar a foto de um poste)

047. CASTIGAR / CASTIGO

Quando uma criança faz algo errado o que os pais costumam fazer com elas para ensinar a não fazer novamente? / Uma criança fez algo errado e eu digo: “Menino, se você não parar com isso eu vou te colocar de...”?

048. DESDENTADO

Como se chama alguém que não possui dentes?

049. DESLISOU

Quando alguém escorrega porque o piso está liso, dizemos que ele...?

050. LESTE / OESTE

Existem quatro grandes direções que são Norte, Sul...?

051. ESTRAGADA

Uma comida que não está boa, que está ruim, que a pessoa comeu e fez mal, é porque estava _____.

052. ESGOTO

Qual o nome que se dá ao canal onde se joga o lixo, a água suja?

053. ESPINHA

Como se chama aquela coisa fina que todo peixe tem dentro dele e que é perigoso se engolirmos? Aquilo que se deve escolher com muito cuidado antes de comer o peixe?

6 ÍNDICE DAS CARTAS

- **CARTAS INTRODUTÓRIAS**

CARTA 001: ESTADO DO AMAZONAS – BRASIL – AMÉRICA DO SUL
CARTA 002: ESTADO DO AMAZONAS
CARTA 003: MICRORREGIÃO DO PURUS
CARTA 004: BACIA HIDROGRÁFICA DO PURUS
CARTA 005: MUNICÍPIOS DA MICRORREGIÃO DO PURUS
CARTA 006: MUNICÍPIOS PESQUISADOS

- **CARTAS FONÉTICAS**

CARTA 001: CASPA
CARTA 002: ESPIGA
CARTA 003: ESPINHA
CARTA 004: DESBOTADA
CARTA 005: ESBURACADA
CARTA 006: ISQUEIRO
CARTA 007: CASCA
CARTA 008: ESCURO
CARTA 009: PESCOÇO
CARTA 010: ESQUERDO
CARTA 011: MOSCA
CARTA 012: ESCOLA
CARTA 013: RASGAR
CARTA 014: ESGOTO
CARTA 015: ESTRADA
CARTA 016: COSTAS
CARTA 017: AGOSTO
CARTA 018: DIARISTA
CARTA 019: MENSTRUAÇÃO
CARTA 020: MADRASTA
CARTA 021: ESTRAGADA
CARTA 022: DESDENTADO
CARTA 023: MESMA
CARTA 024: DESMAIO
CARTA 025: ESMOLA
CARTA 026: DESMATAMENTO
CARTA 027: ESMALTE
CARTA 028: FÓSFORO
CARTA 029: DESFILAR

CARTA 030: ESFRIAR
CARTA 031: DESVIO
CARTA 032: DESLIGAR
CARTA 033: VESTIDO
CARTA 034: POSTE
CARTA 035: CASTIGO
CARTA 036: LESTE
CARTA 037: LUZ
CARTA 038: ARROZ
CARTA 039: TRÊS
CARTA 040: DEZ
CARTA 041: GIZ
CARTA 042: VOZ
CARTA 043: PAZ
CARTA 044: LÁPIS
CARTA 045: TÊNIS
CARTA 046: ÔNIBUS
CARTA 047: REAIS
CARTA 048: COLEGAS / AMIGAS
CARTA 049: ORELHAS
CARTA 050: COSTA**S**
CARTA 051:GÊMEAS

- **CARTAS FONÉTICO-CONTEXTUAIS**

CARTA 001: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /p/
CARTA 002: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /b /
CARTA 003: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /k/
CARTA 004: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /g/
CARTA 005: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA [t]
CARTA 006: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /d/
CARTA 007: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE NASAL /m/
CARTA 008: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE FRICATIVA /f/
CARTA 009: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE FRICATIVA /v/
CARTA 010: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE LATERAL /l/

CARTA 011: /S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE AFRICADA [tʃ]

CARTA 012: /S/ EM CONTEXTO FINAL COMO PARTE DA RAIZ

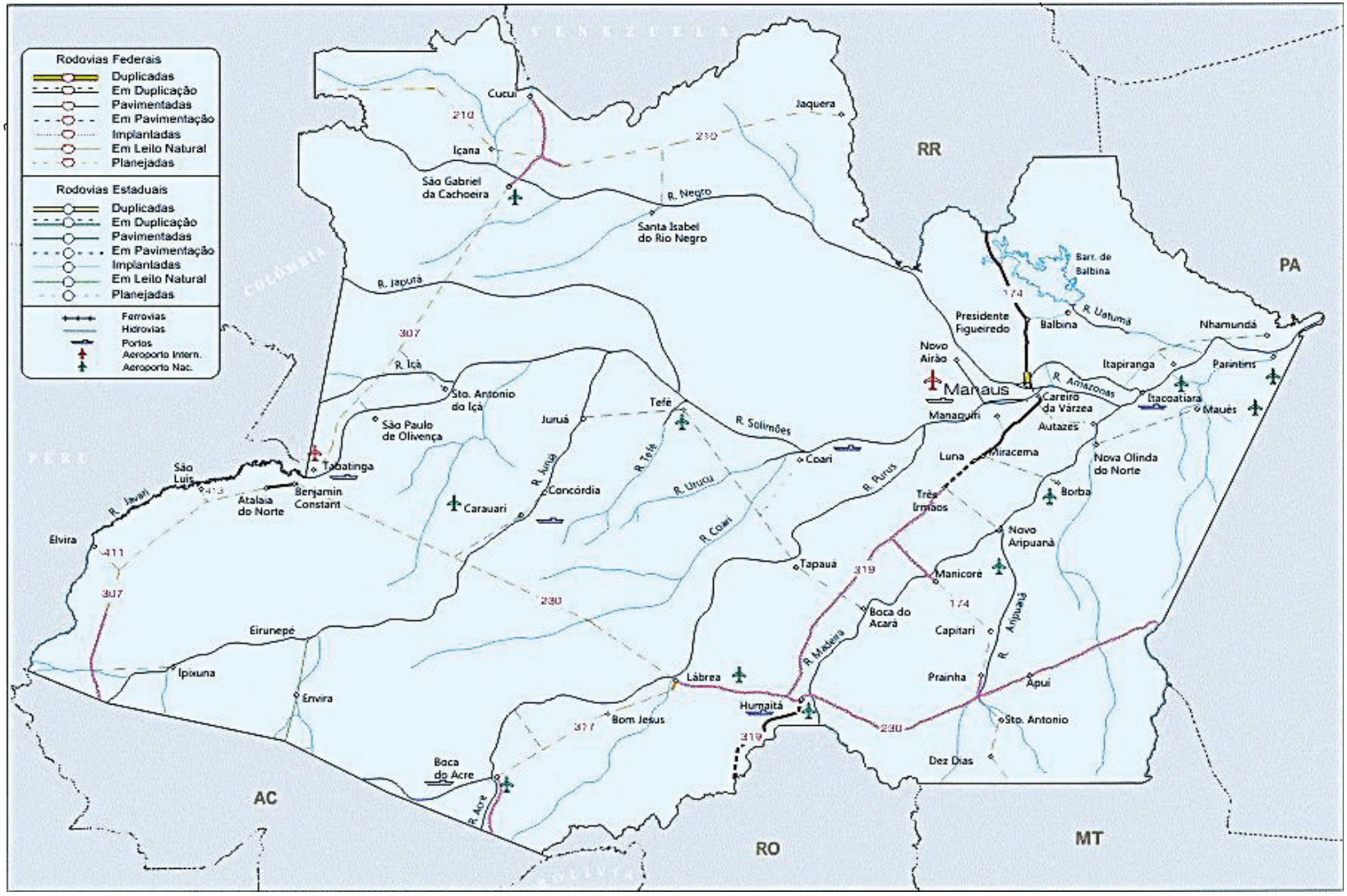
CARTA 013: /S/ EM CONTEXTO FINAL MORFEMA DE PLURAL

CARTAS INTRODUTÓRIAS

ESTADO DO AMAZONAS – BRASIL – AMÉRICA DO SUL



ESTADO DO AMAZONAS



Fonte: Ministério dos Transportes

MICRORREGIÃO DO PURUS



LEGENDA

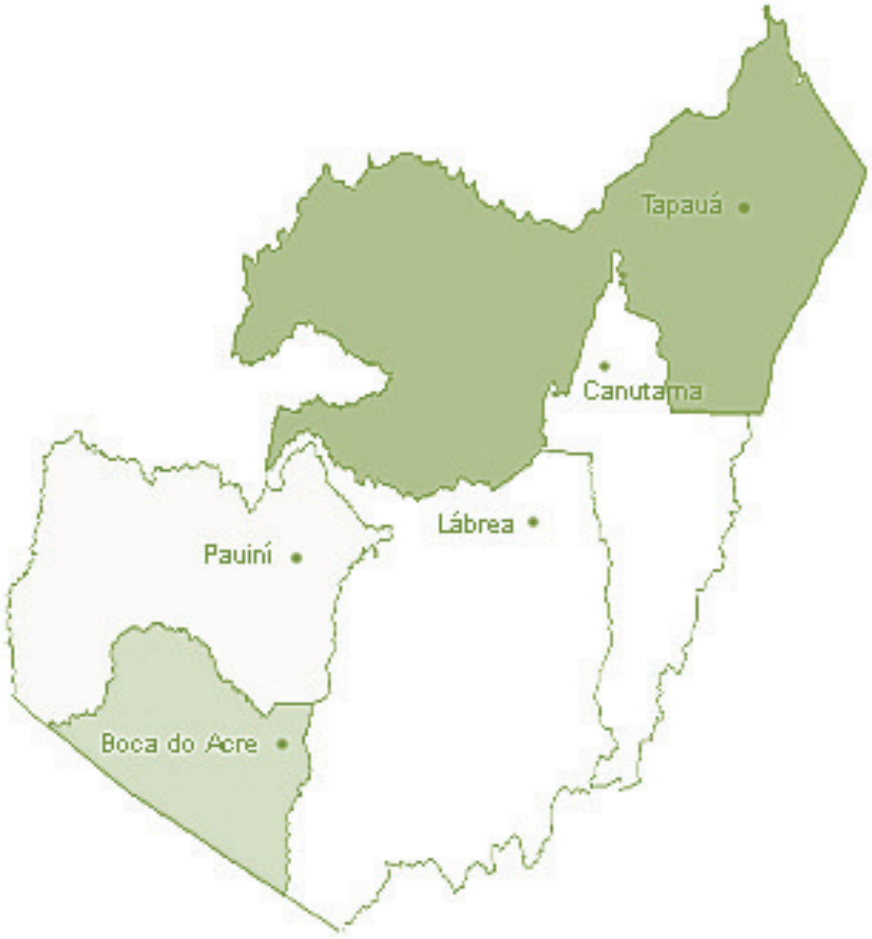
- Microrregião do Purus
- Divisão em Mesorregiões
- Limites interestaduais e internacionais

BACIA HIDROGRÁFICA DO PURUS



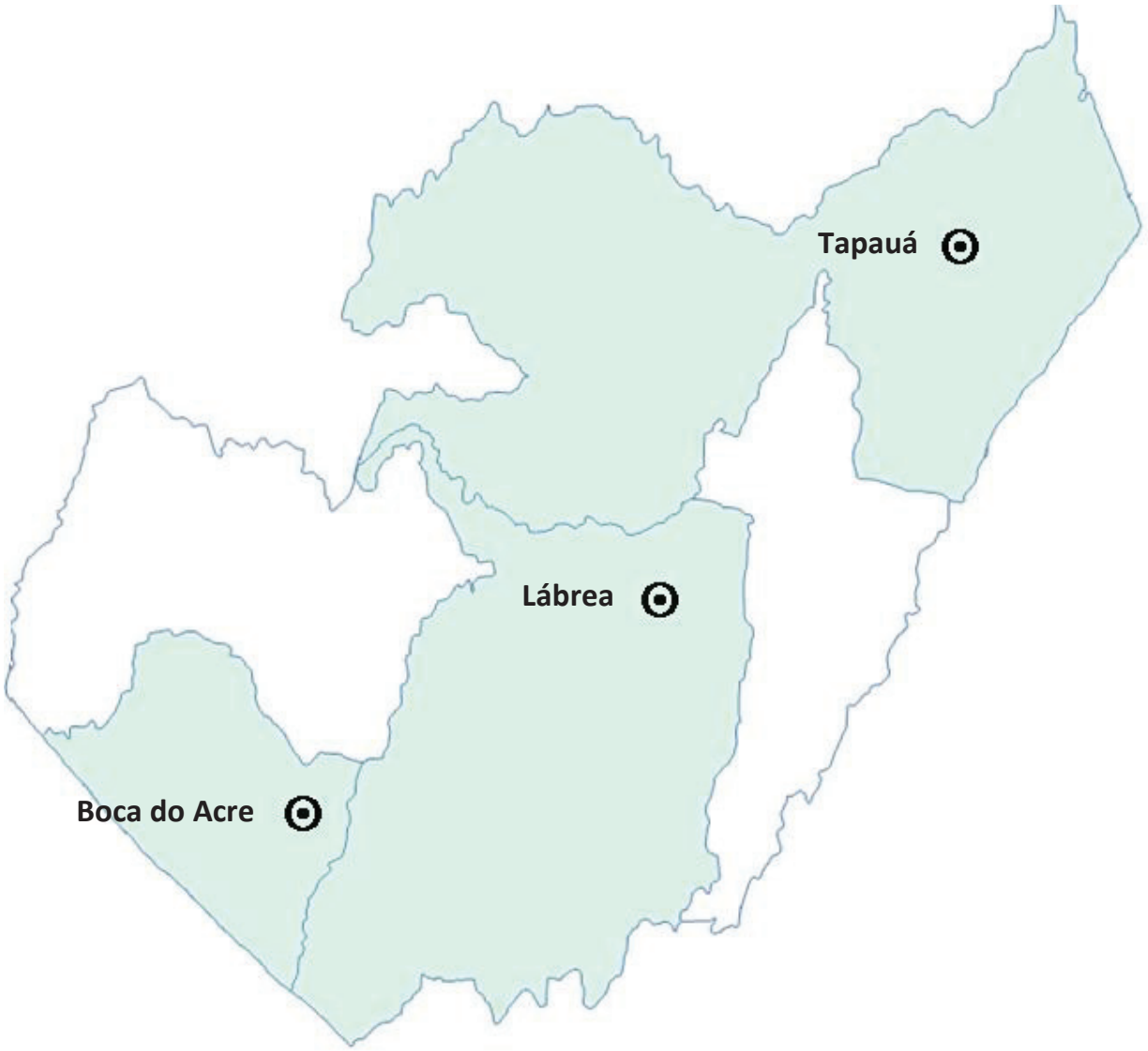
Fonte: INPE

MUNICÍPIOS DA MICRORREGIÃO DO PURUS



Fonte: SEPLAN

MUNICÍPIOS PESQUISADOS



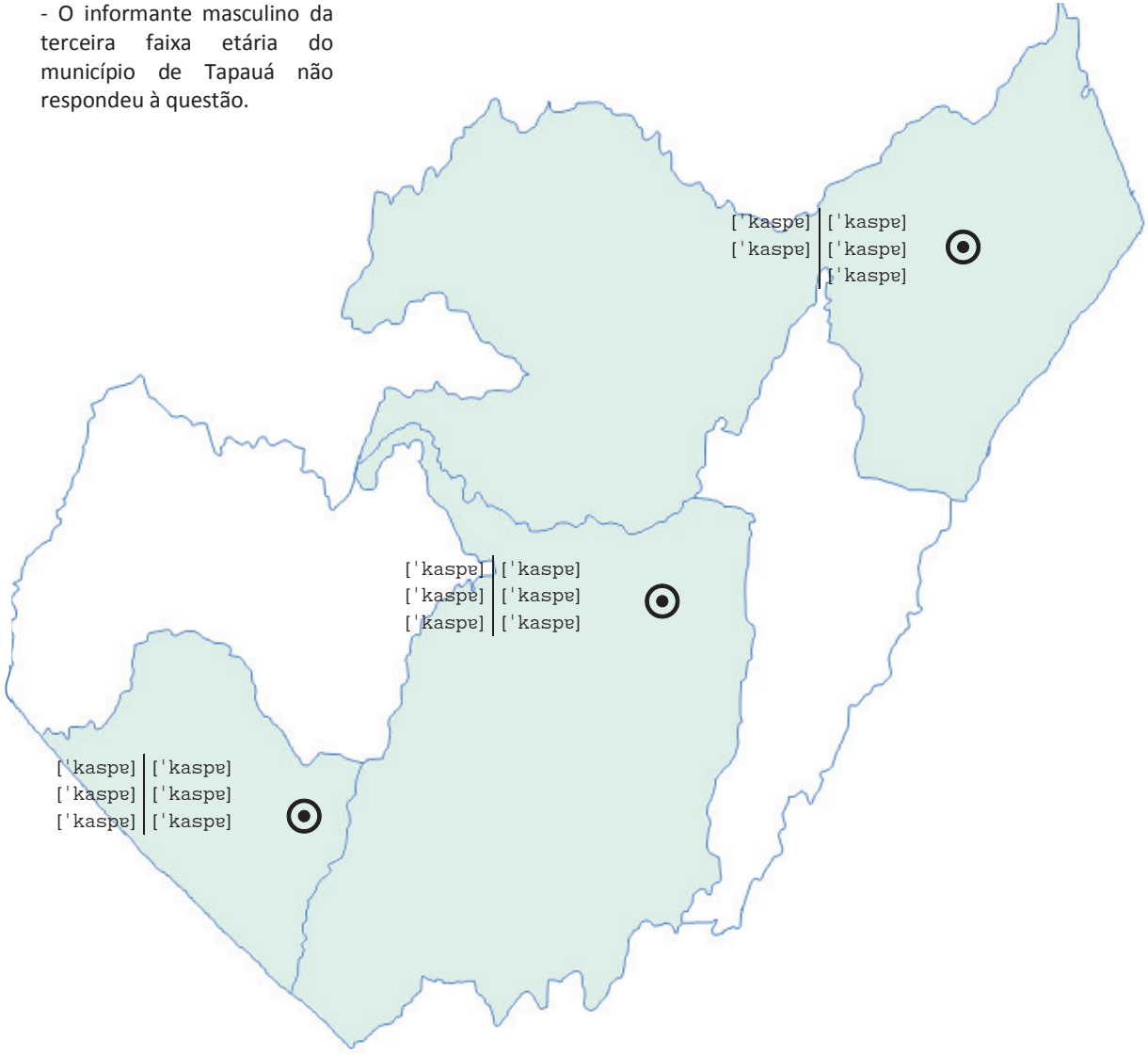
CARTAS FONÉTICAS

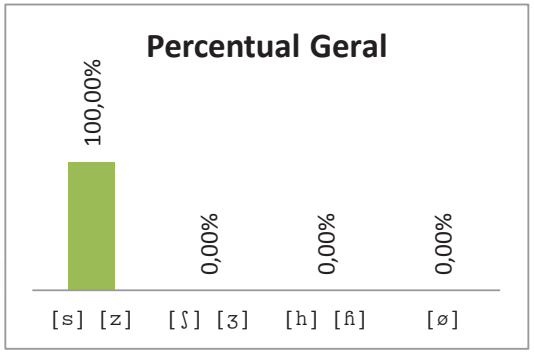
CASPA

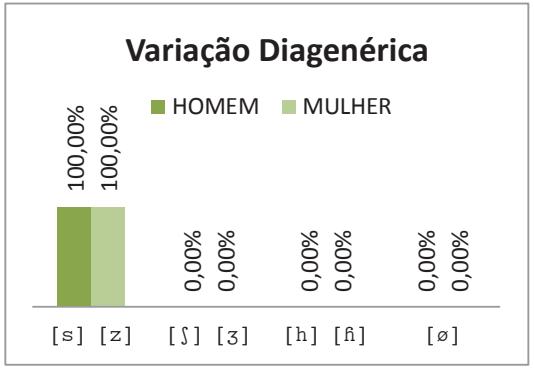
1

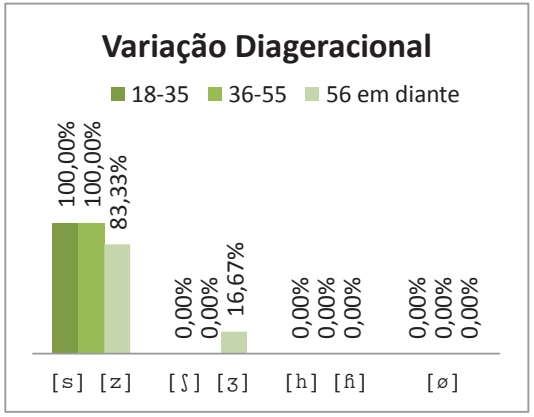
OBSERVAÇÕES:

- O informante masculino da terceira faixa etária do município de Tapauá não respondeu à questão.





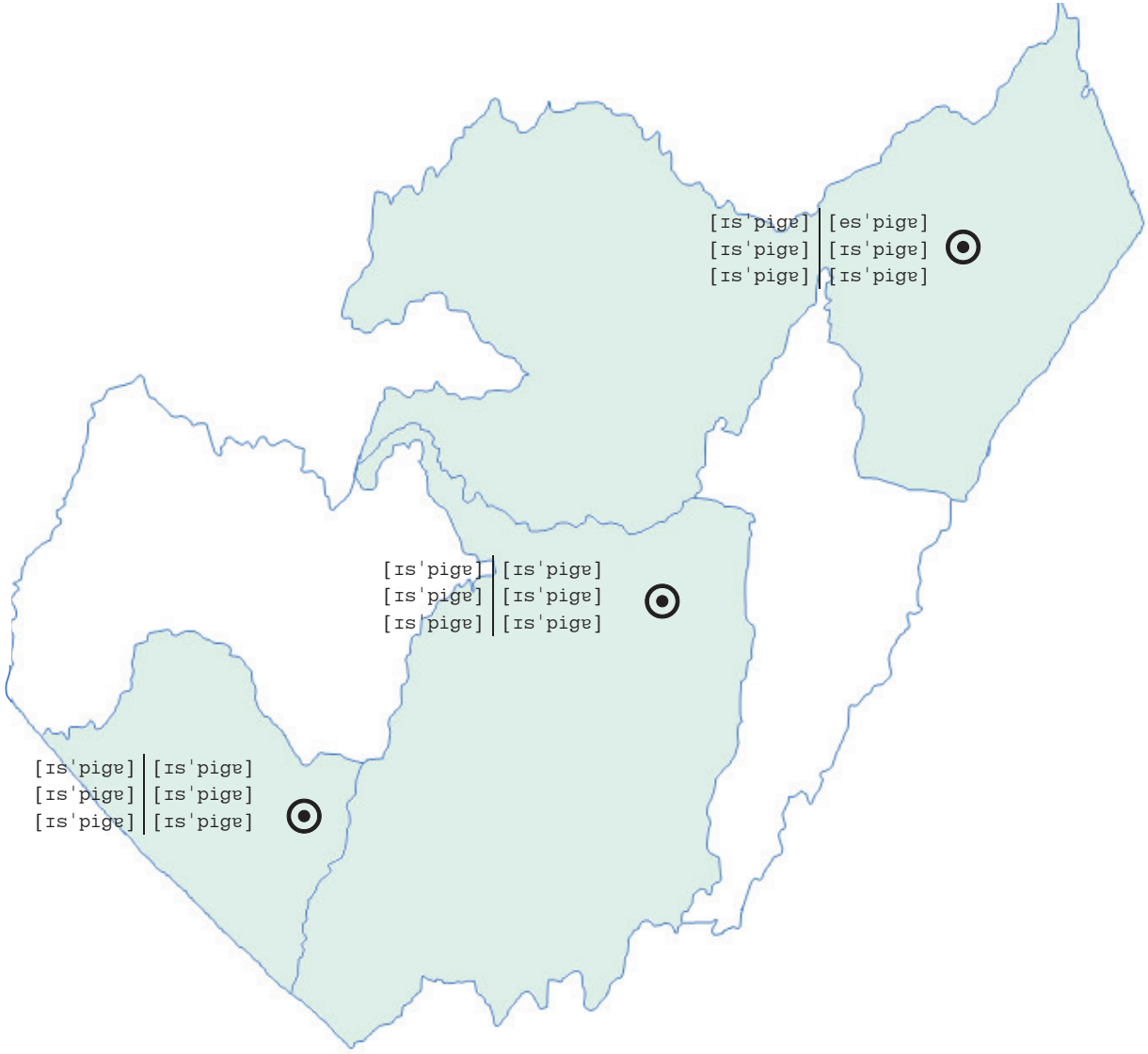


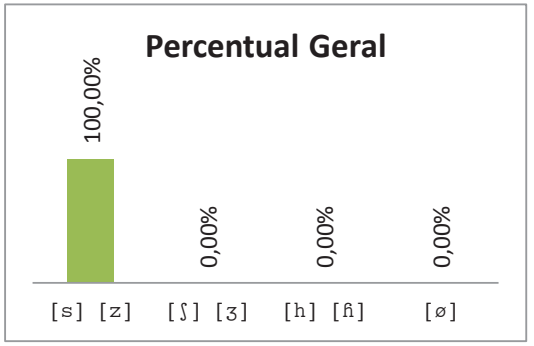


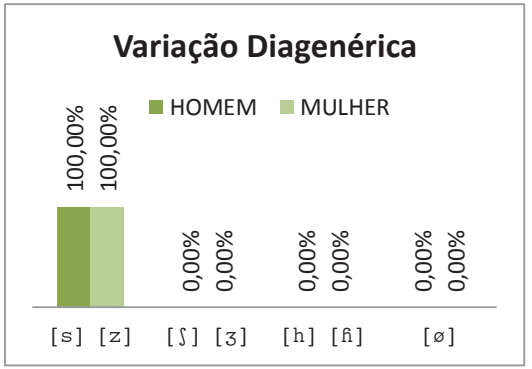
ESPIGA

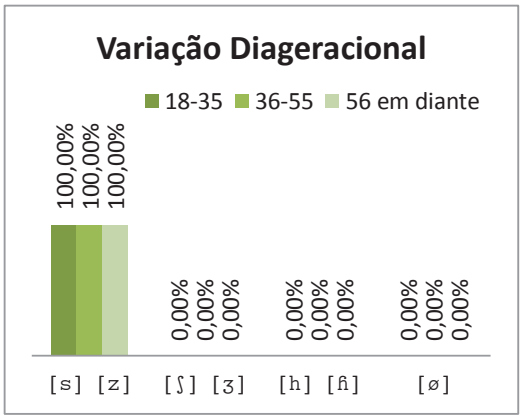
2

OBSERVAÇÕES:





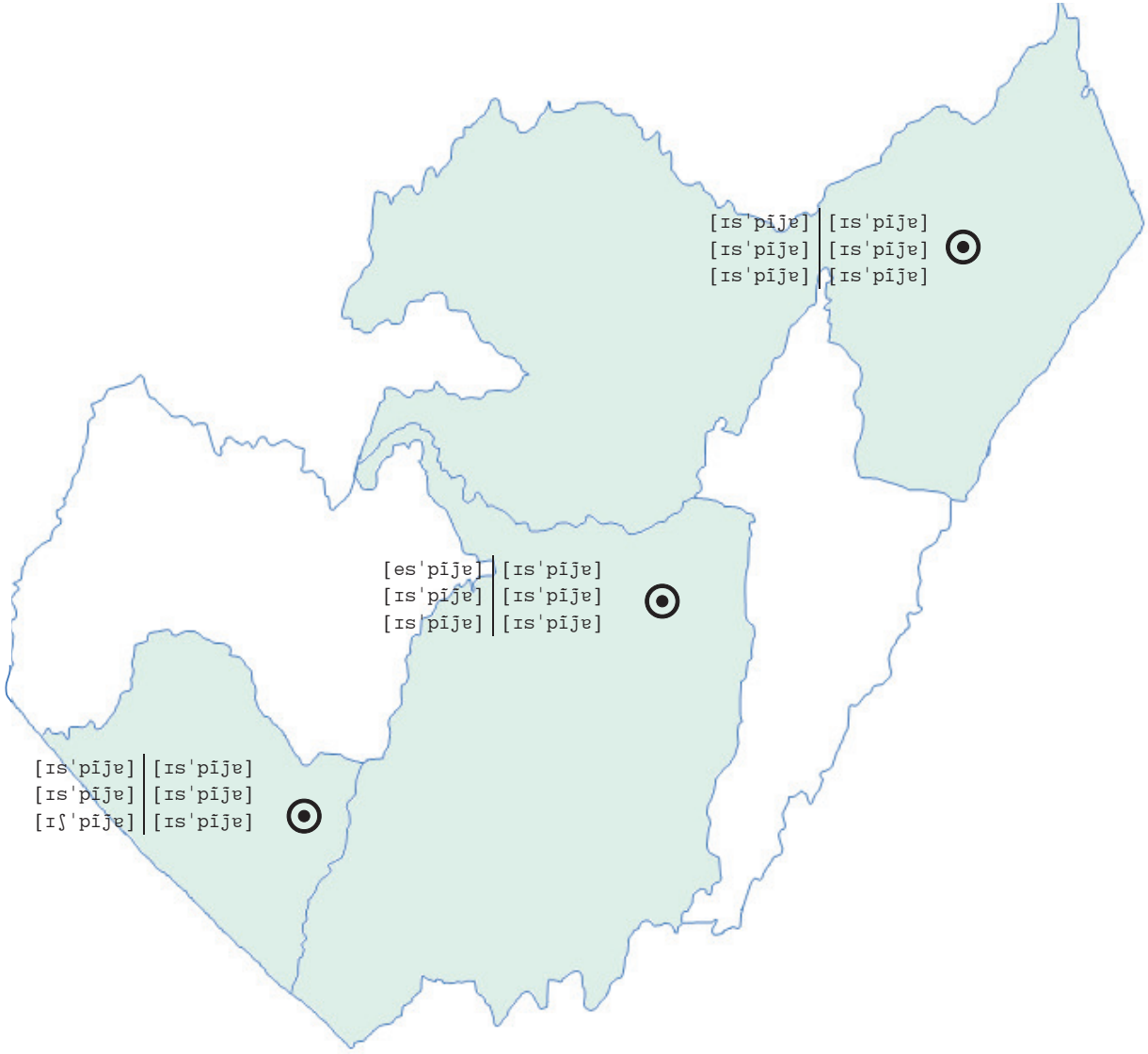


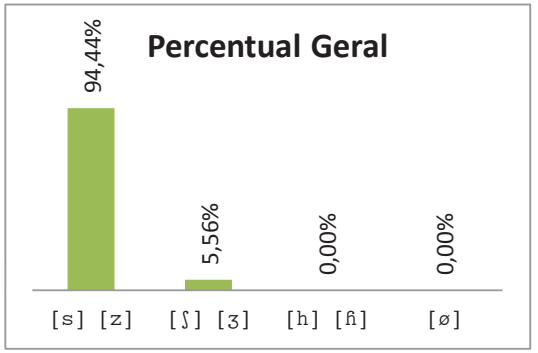


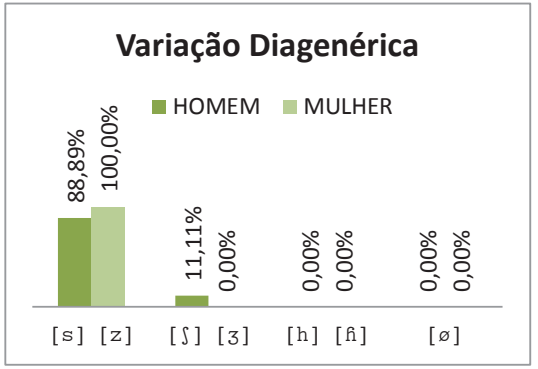
ESPINHA

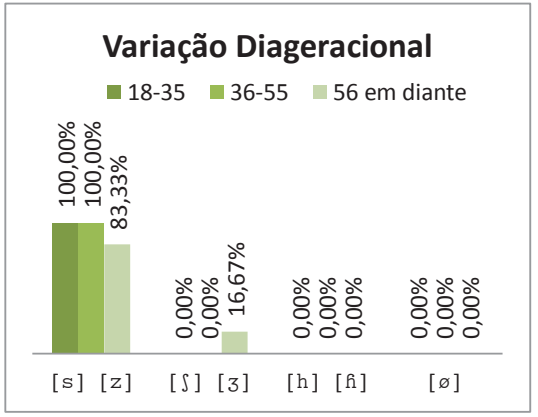
3

OBSERVAÇÕES:







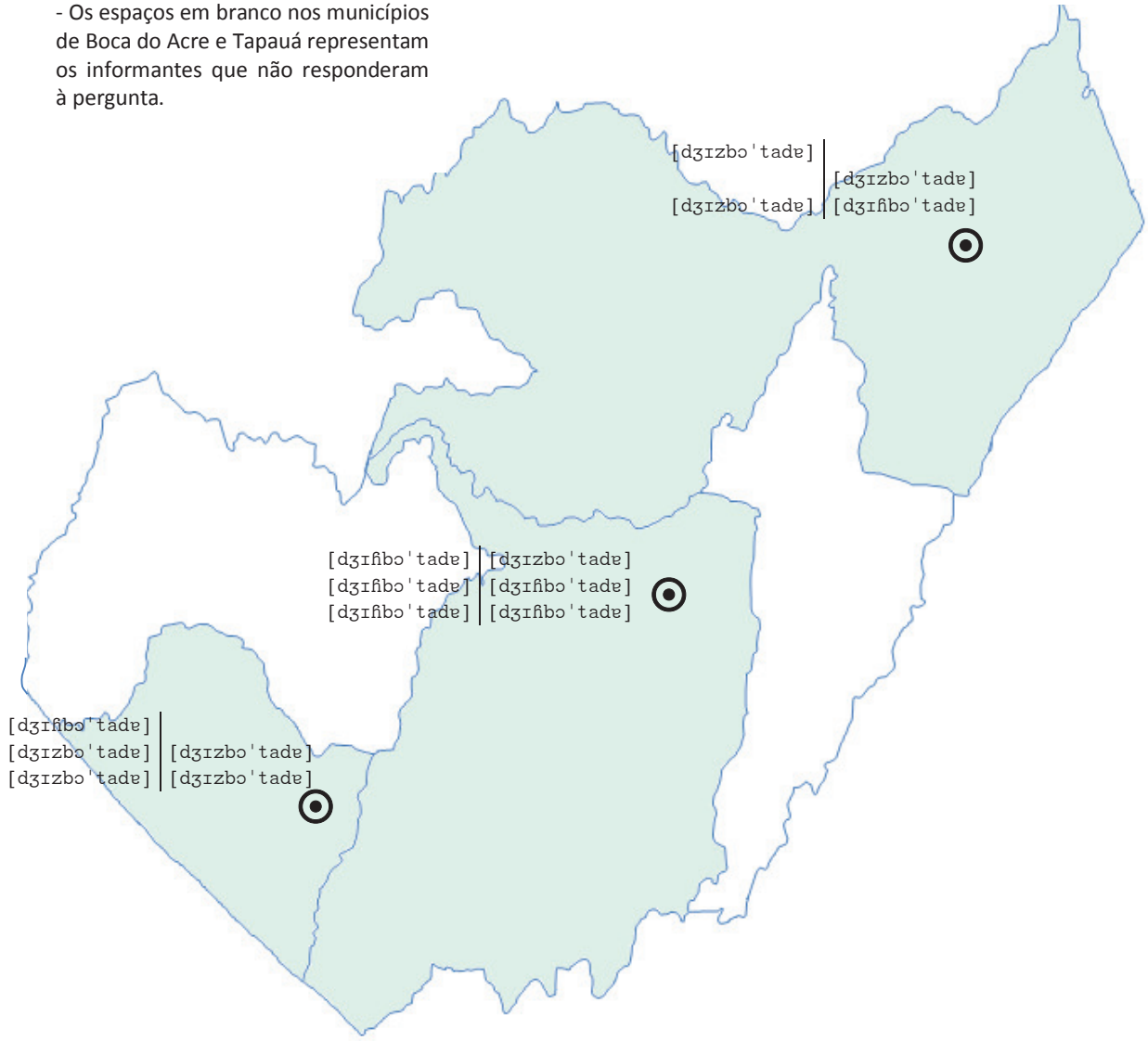


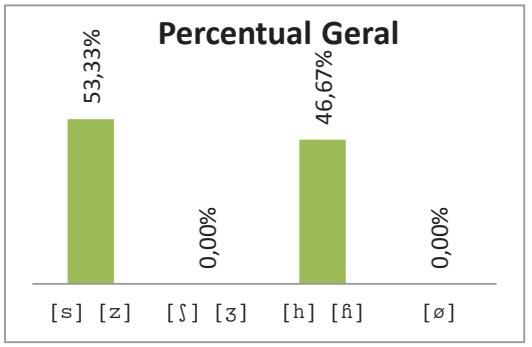
DESBOTADA

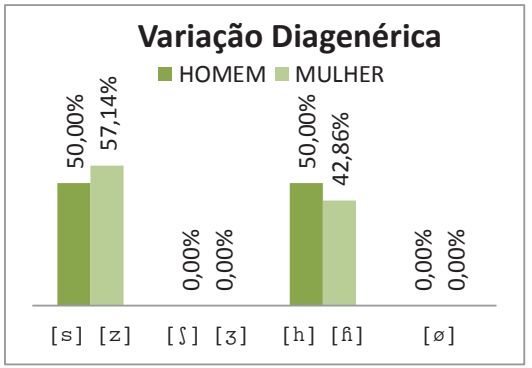
4

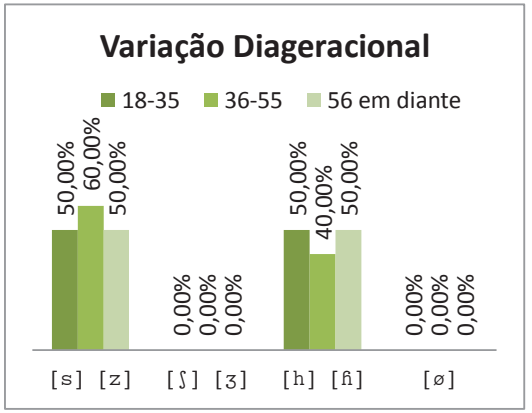
OBSERVAÇÕES:

- Os espaços em branco nos municípios de Boca do Acre e Tapauá representam os informantes que não responderam à pergunta.







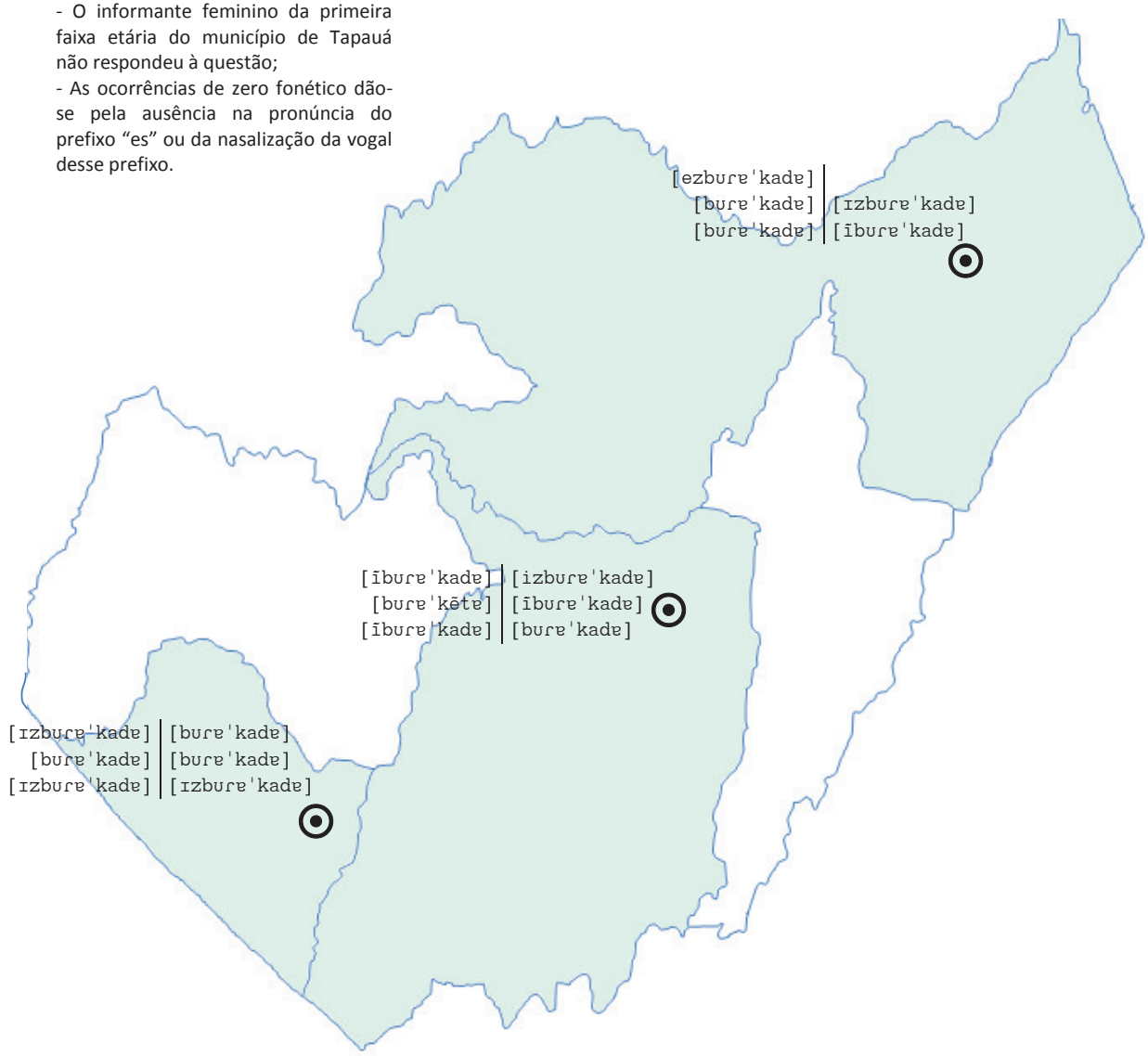


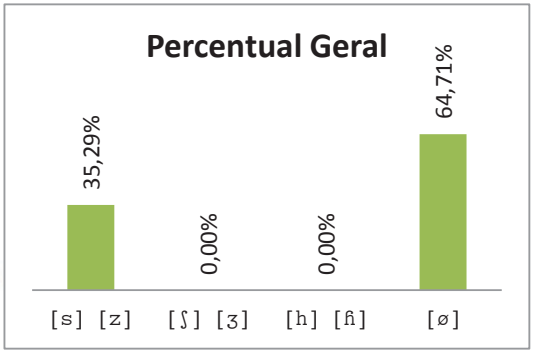
ESBURACADA

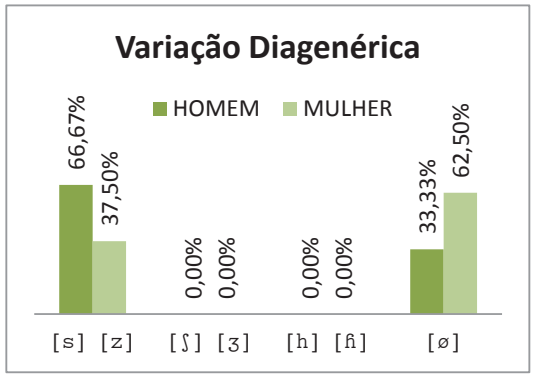
5

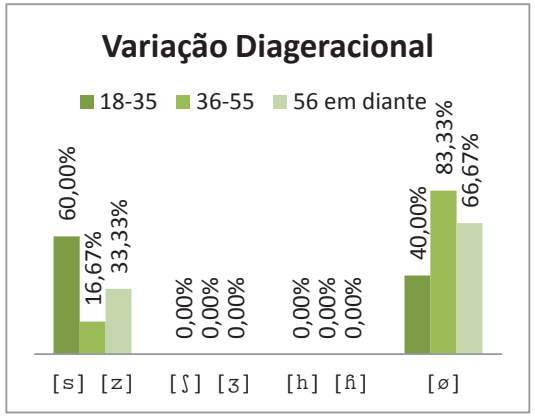
OBSERVAÇÕES:

- O informante feminino da primeira faixa etária do município de Tapauá não respondeu à questão;
- As ocorrências de zero fonético dão-se pela ausência na pronúncia do prefixo “es” ou da nasalização da vogal desse prefixo.



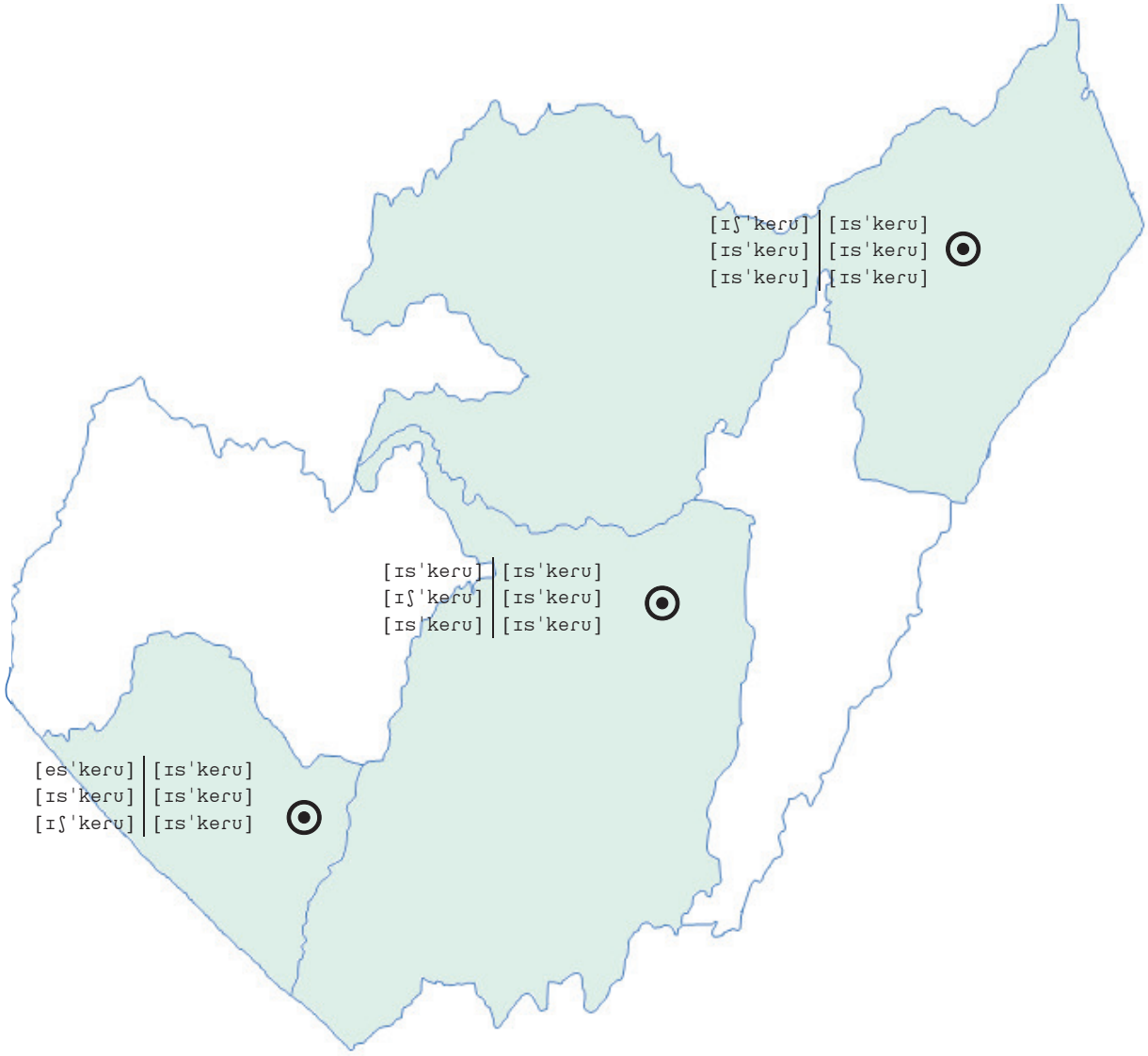


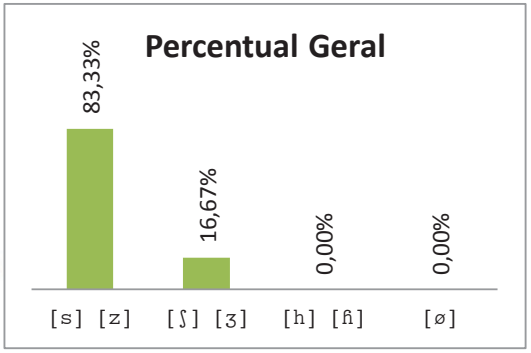


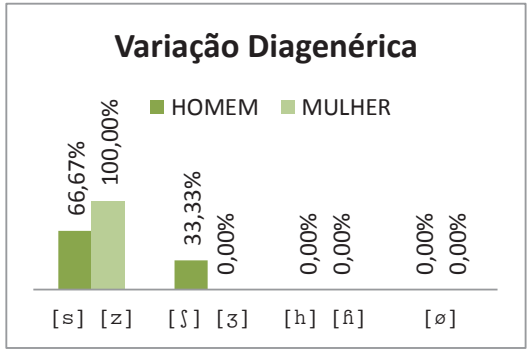


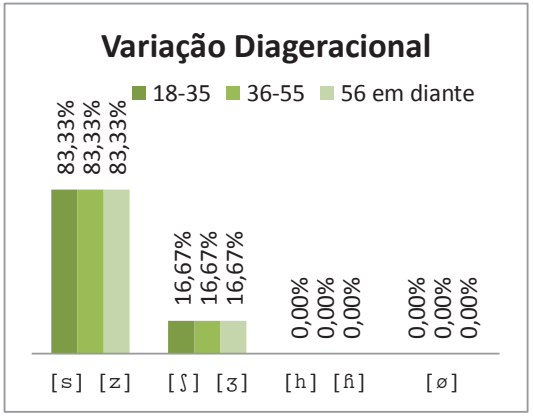
ISQUEIRO

OBSERVAÇÕES:





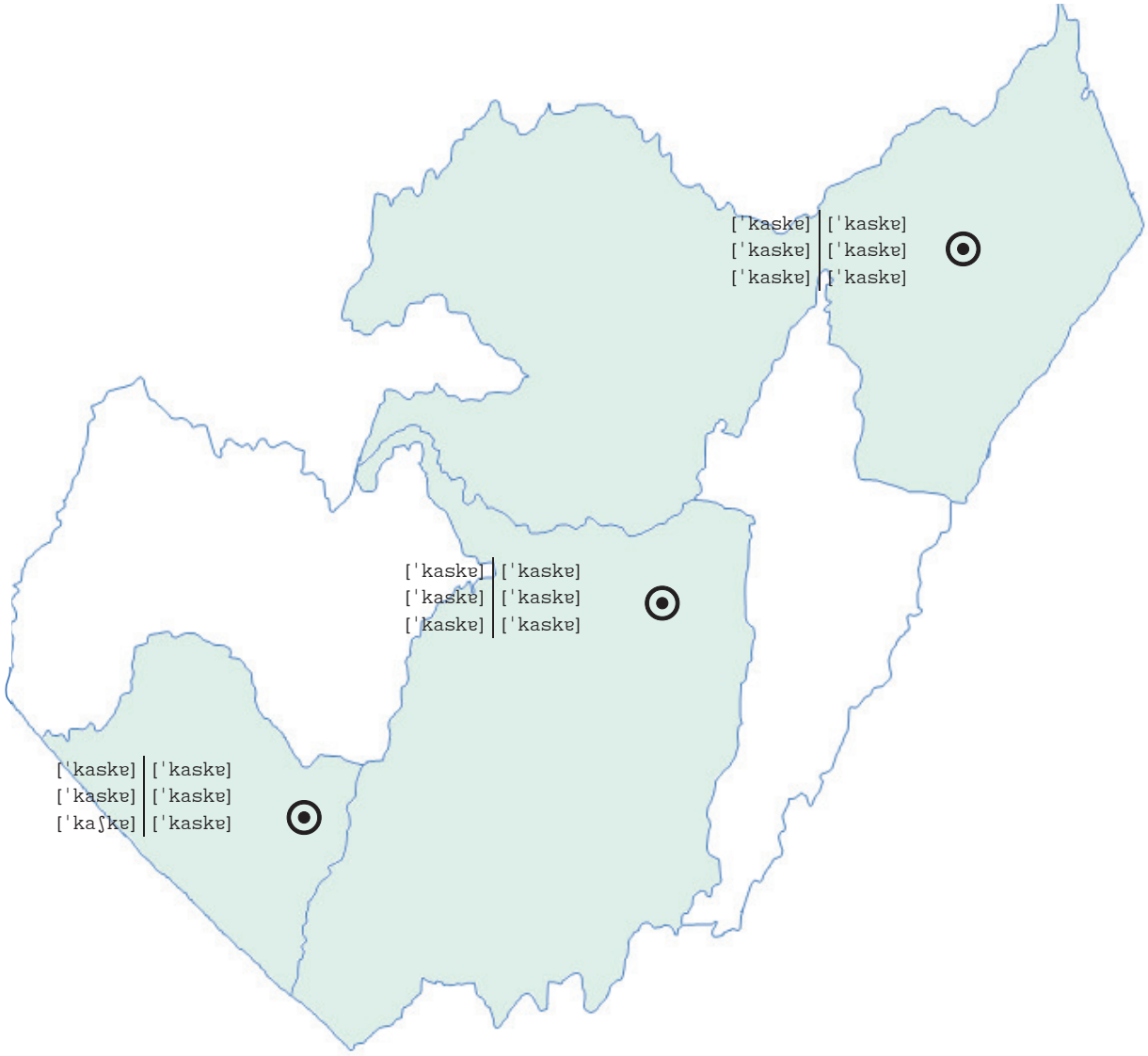


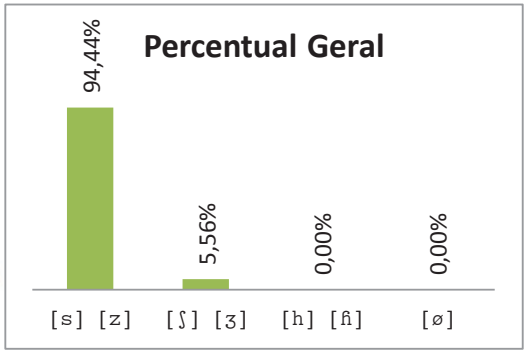


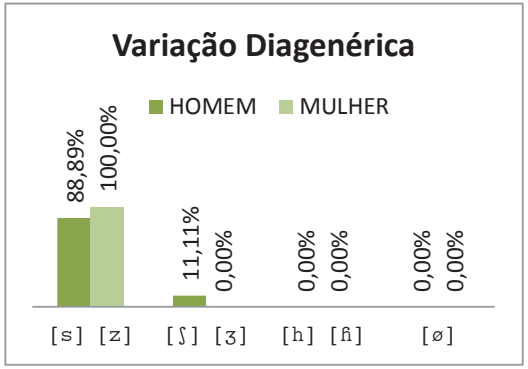
CASCA

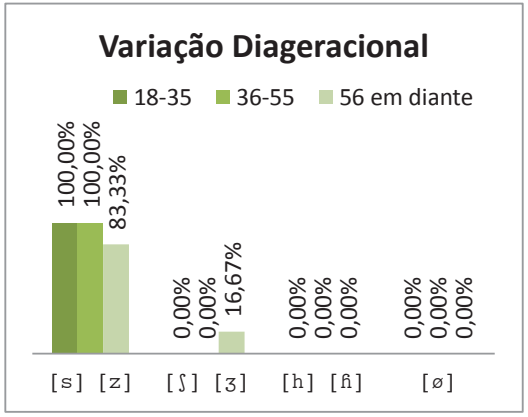
7

OBSERVAÇÕES:





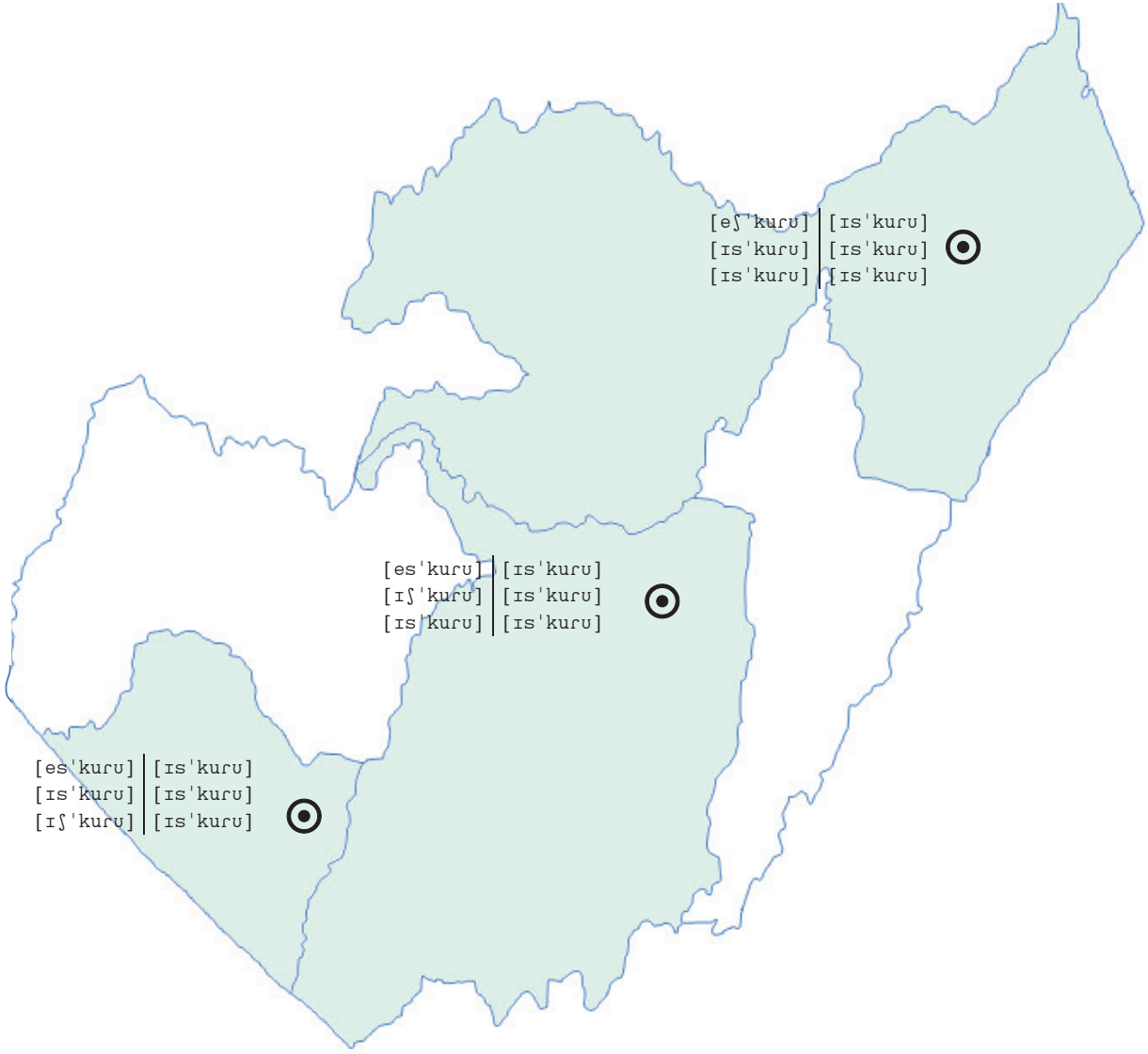


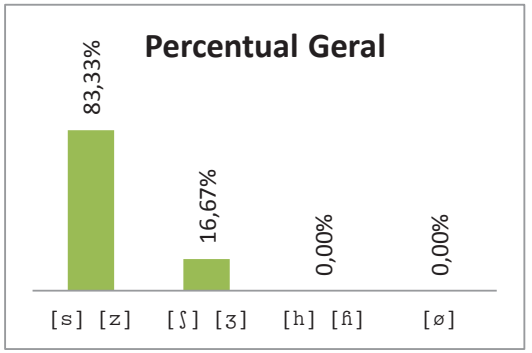


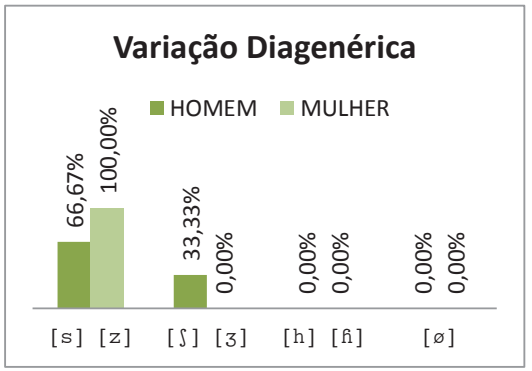
ESCURO

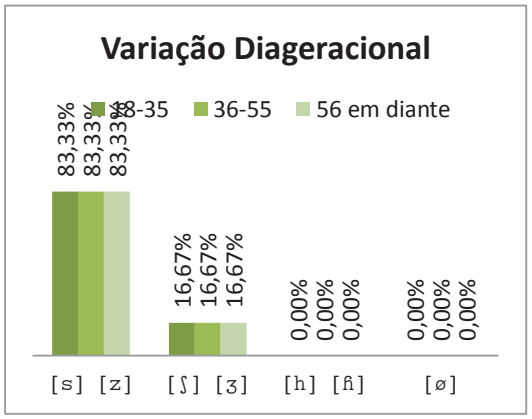
8

OBSERVAÇÕES:







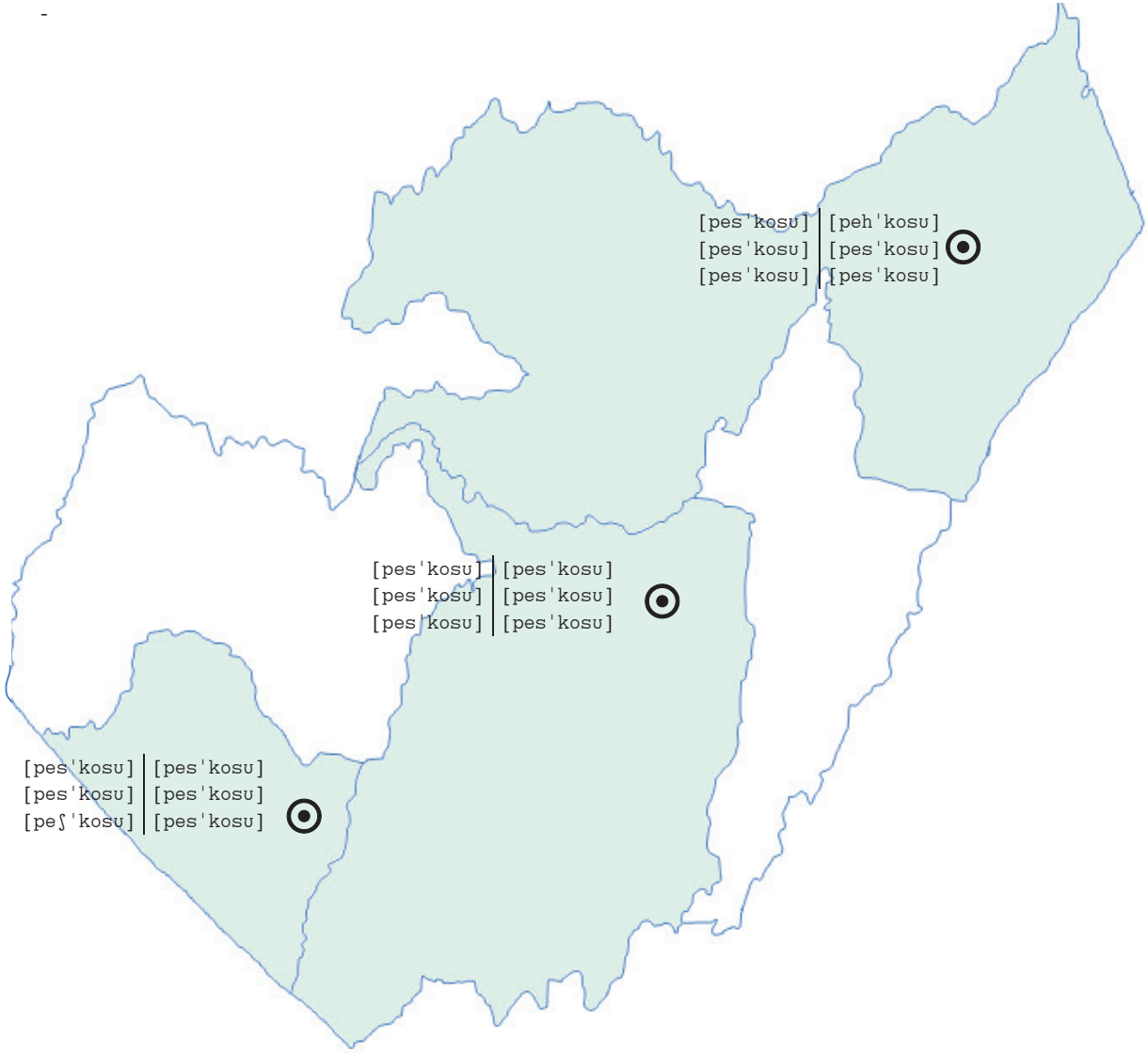


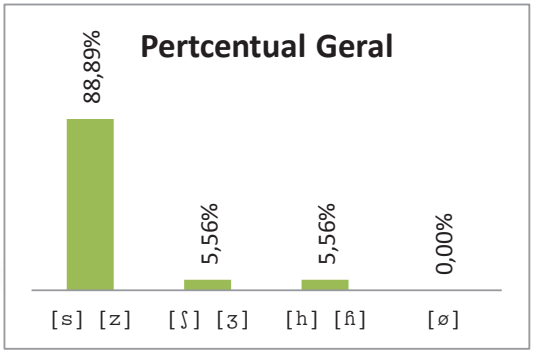
PESCOÇO

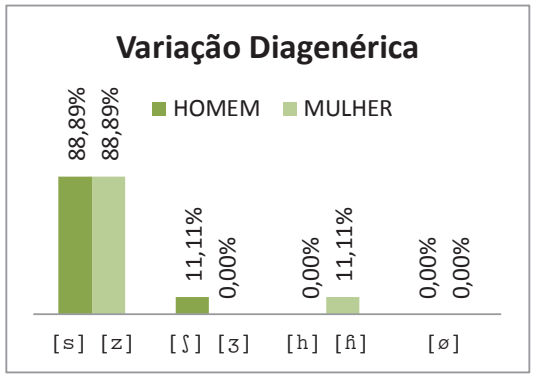
9

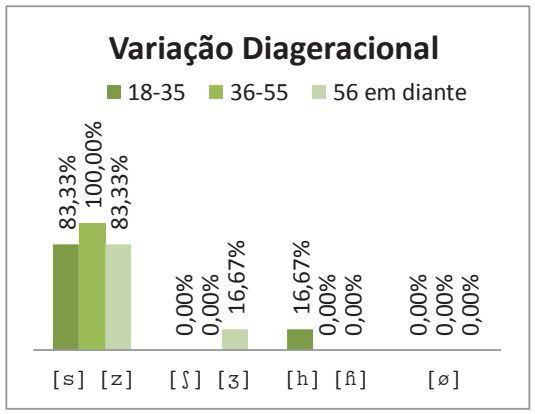
OBSERVAÇÕES:

-







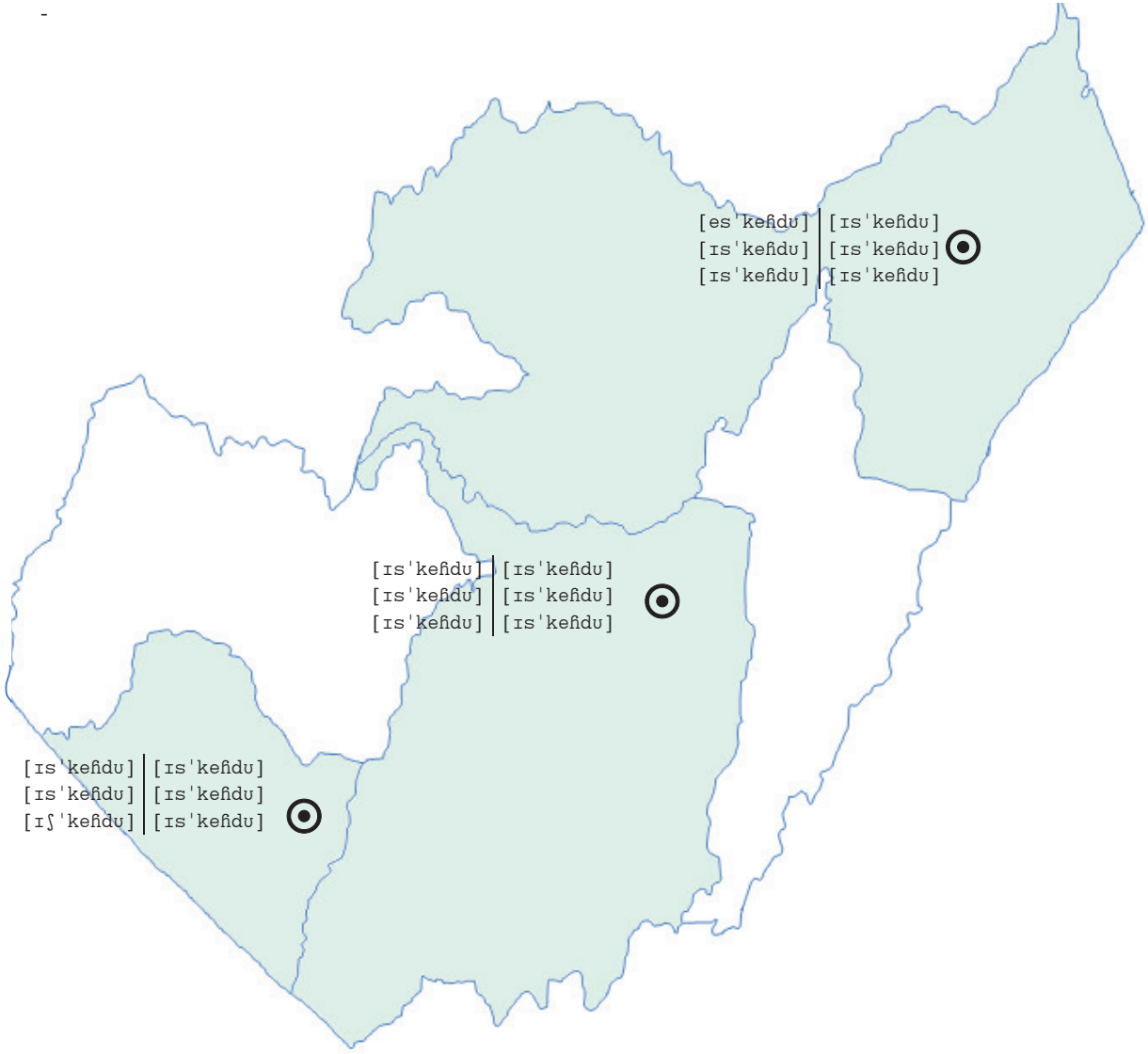


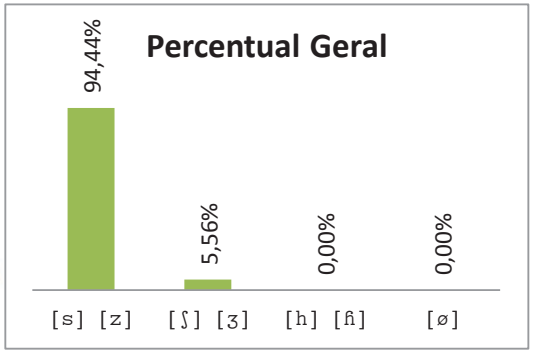
ESQUERDO

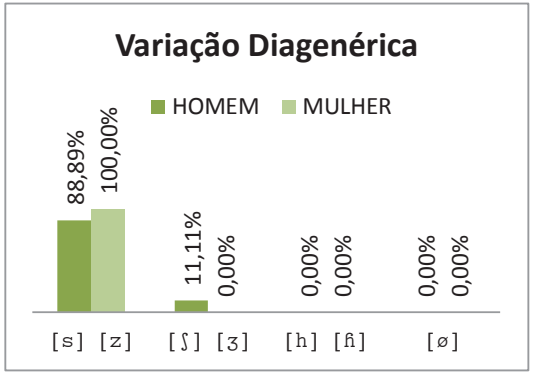
10

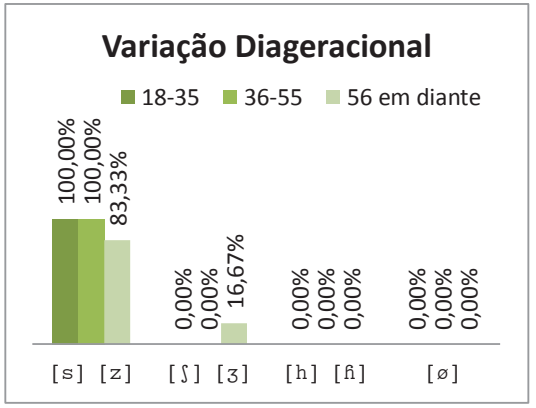
OBSERVAÇÕES:

-





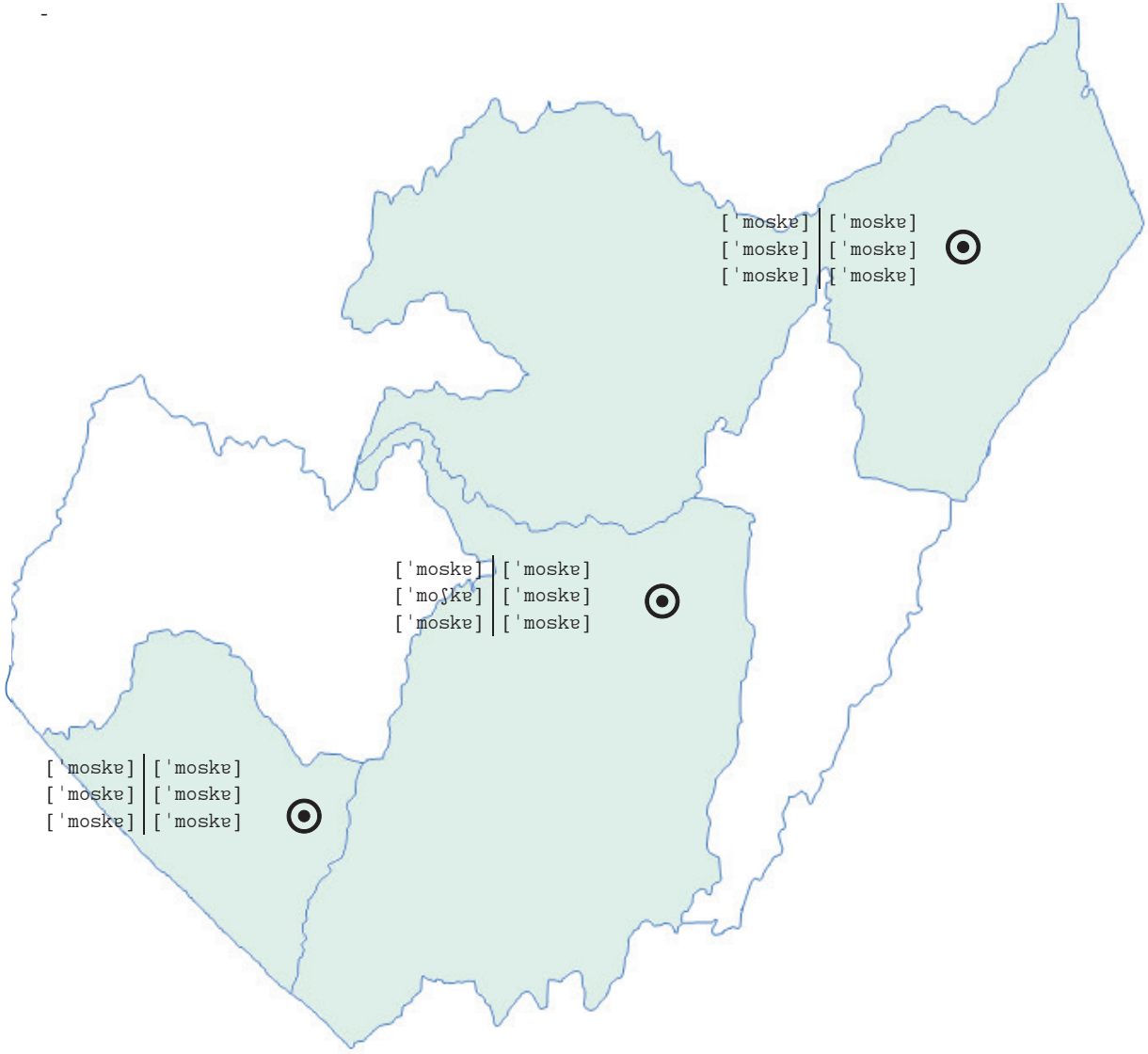


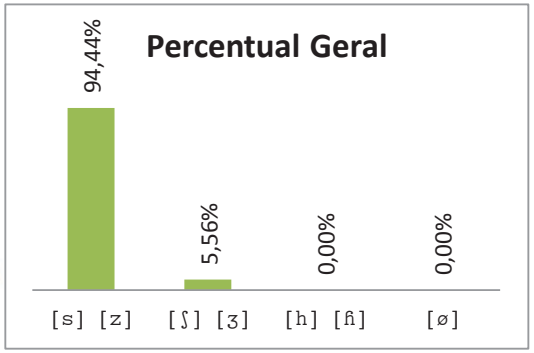


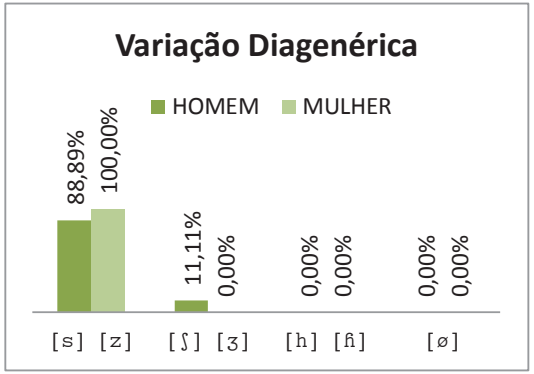
MOSCA

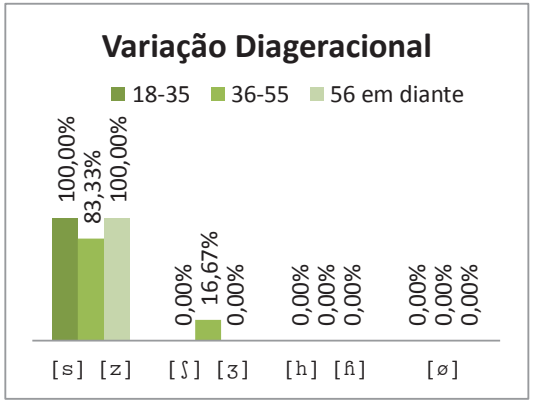
OBSERVAÇÕES:

-





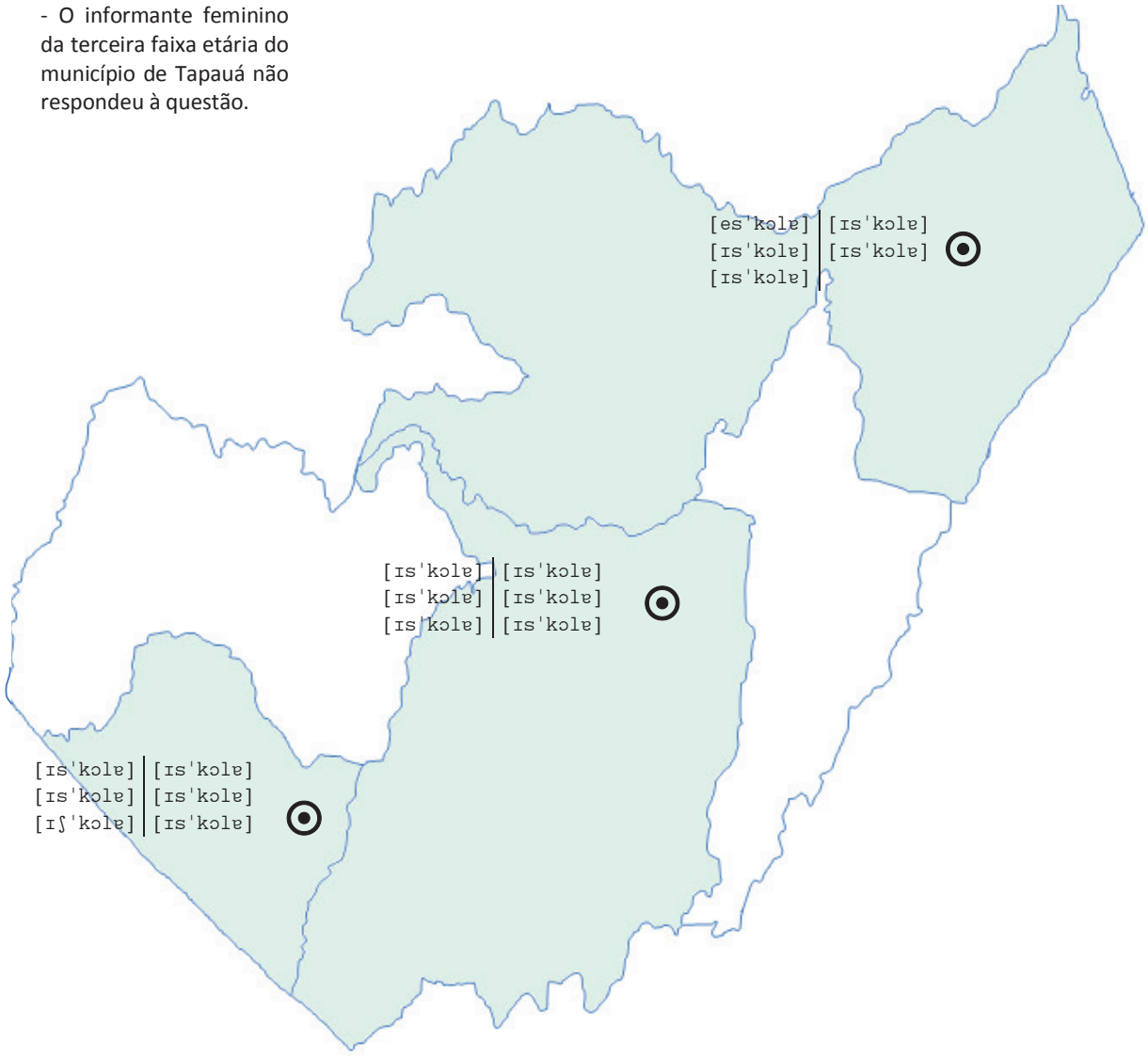


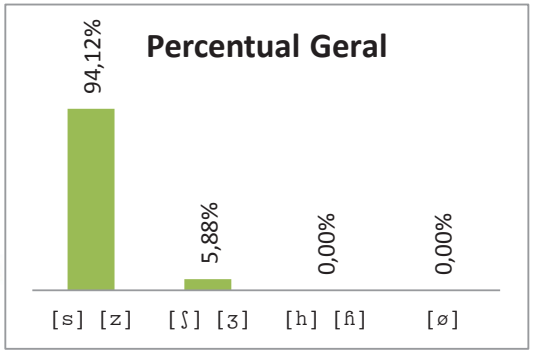


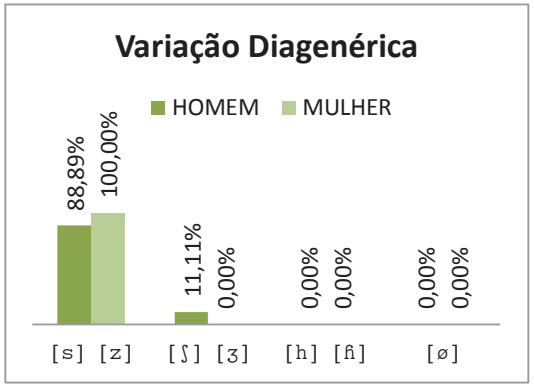
ESCOLA

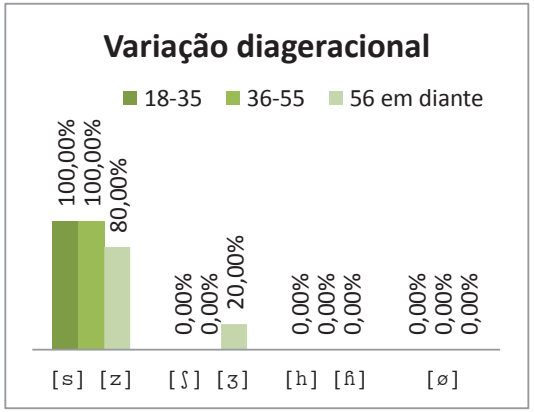
OBSERVAÇÕES:

- O informante feminino da terceira faixa etária do município de Tapauá não respondeu à questão.





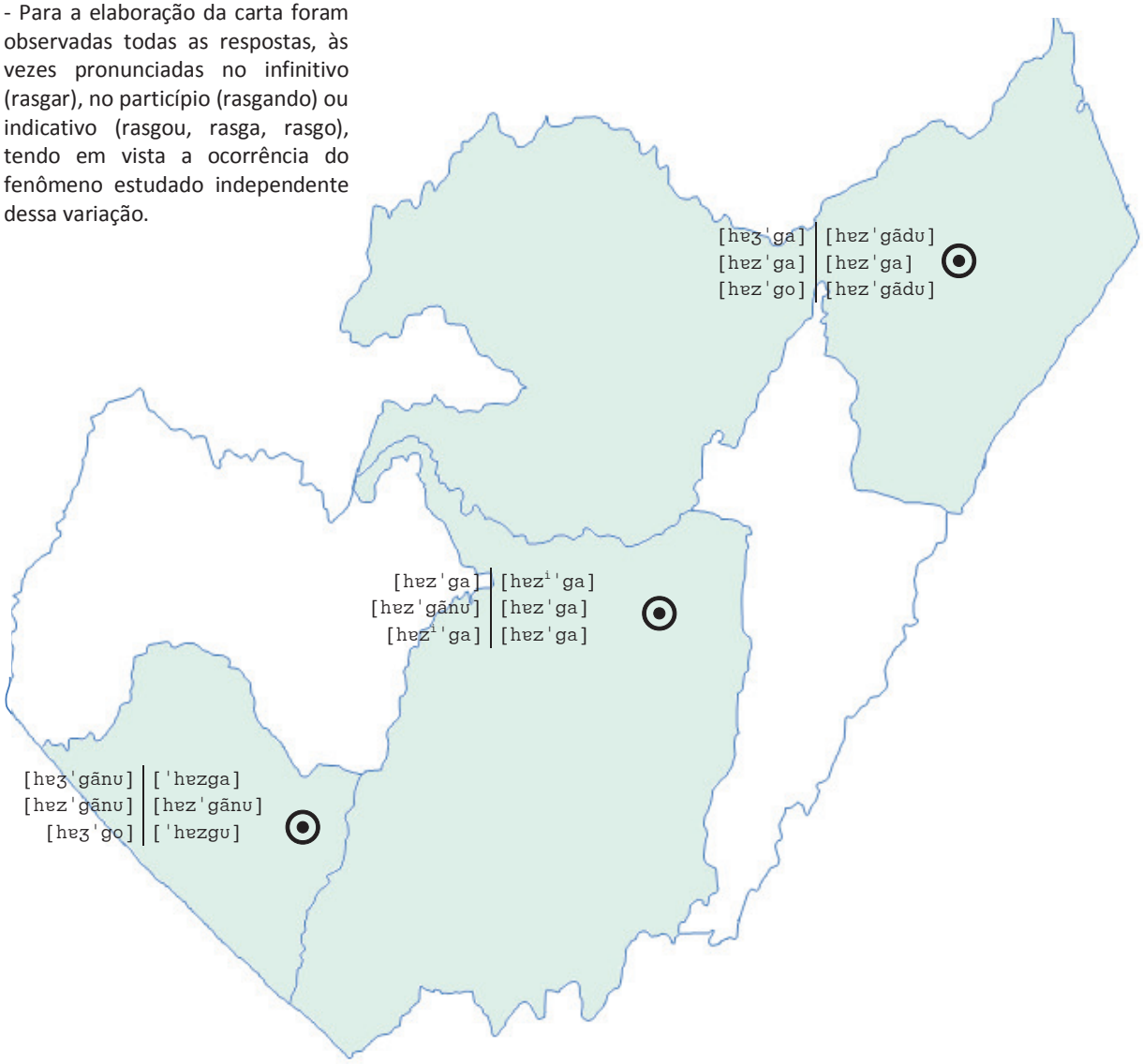


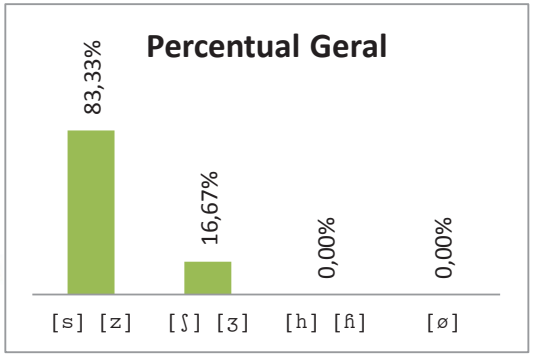


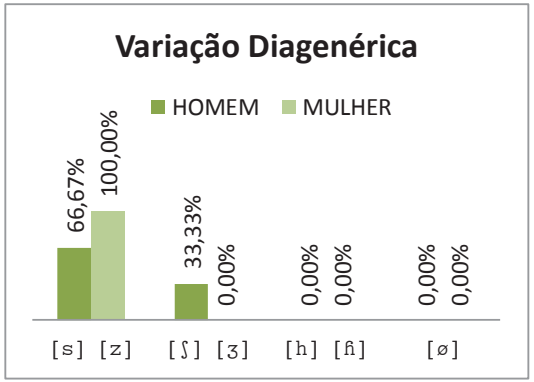
RASGAR

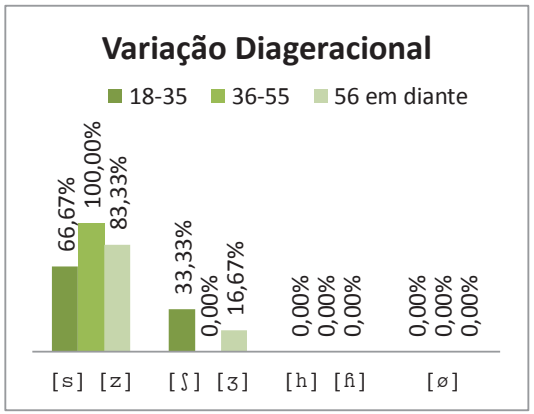
OBSERVAÇÕES:

- Para a elaboração da carta foram observadas todas as respostas, às vezes pronunciadas no infinitivo (rasgar), no particípio (rasgando) ou indicativo (rasgou, rasga, rasgo), tendo em vista a ocorrência do fenômeno estudado independente dessa variação.





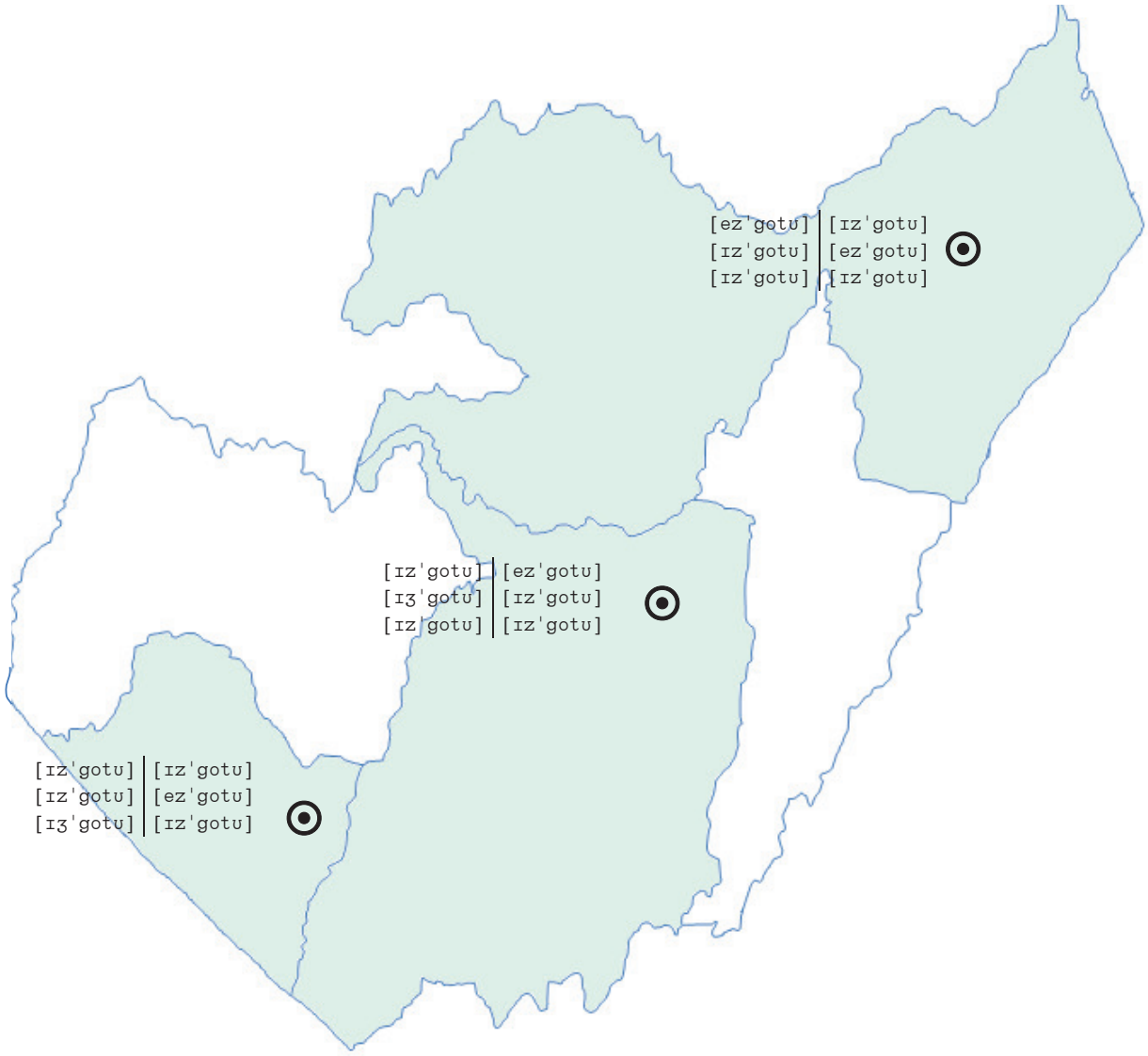


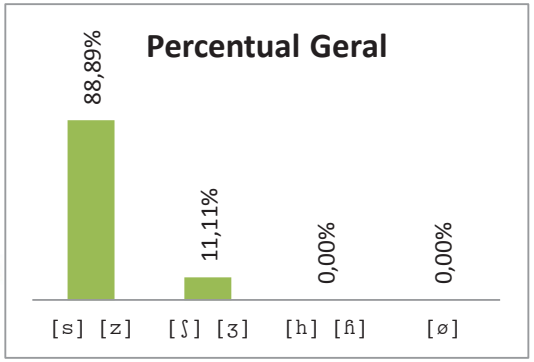


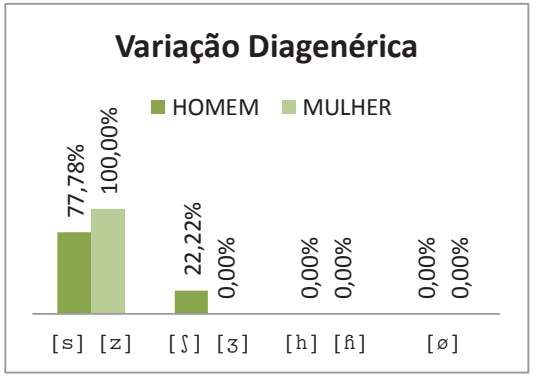
ESGOTO

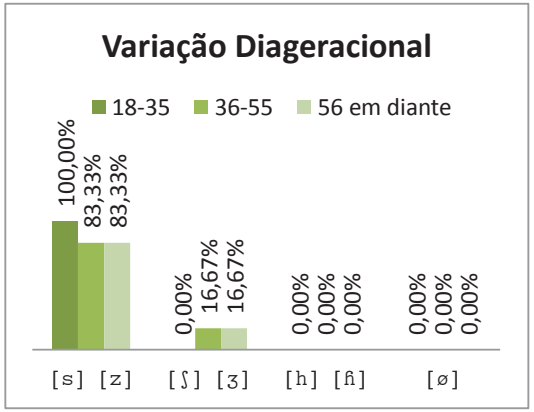
14

OBSERVAÇÕES:





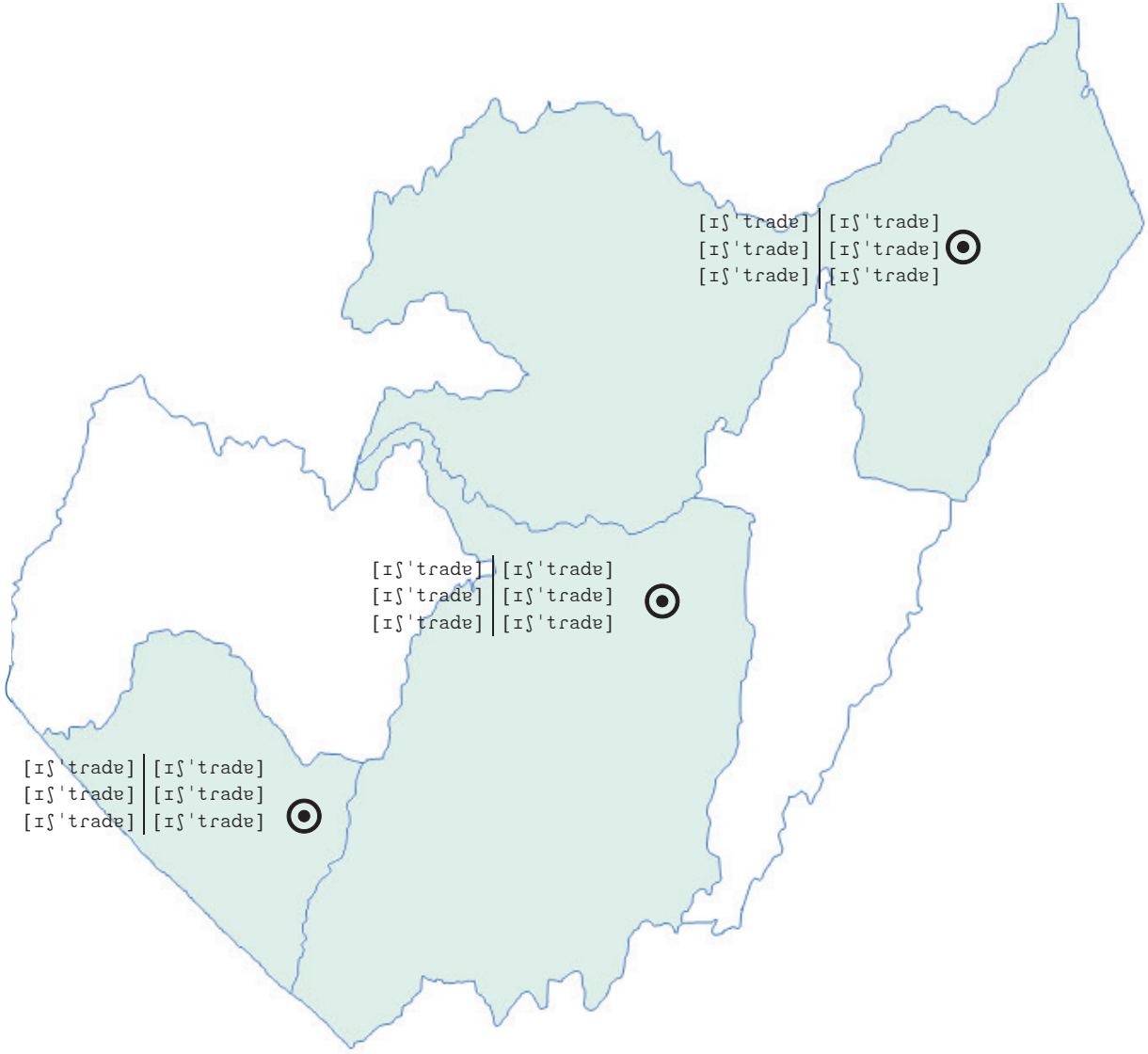


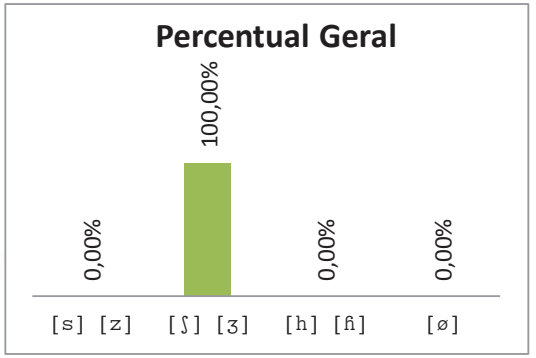


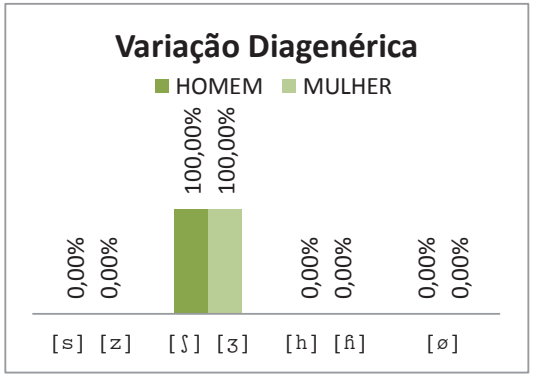
ESTRADA

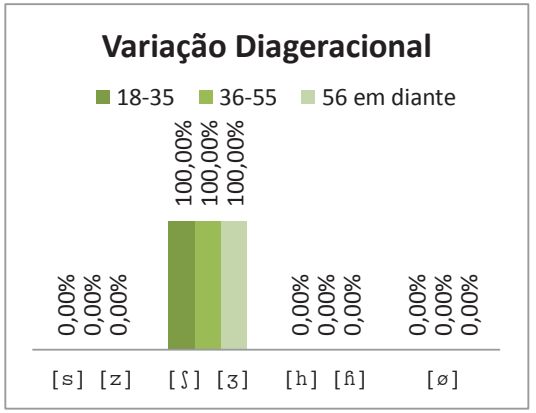
15

OBSERVAÇÕES:





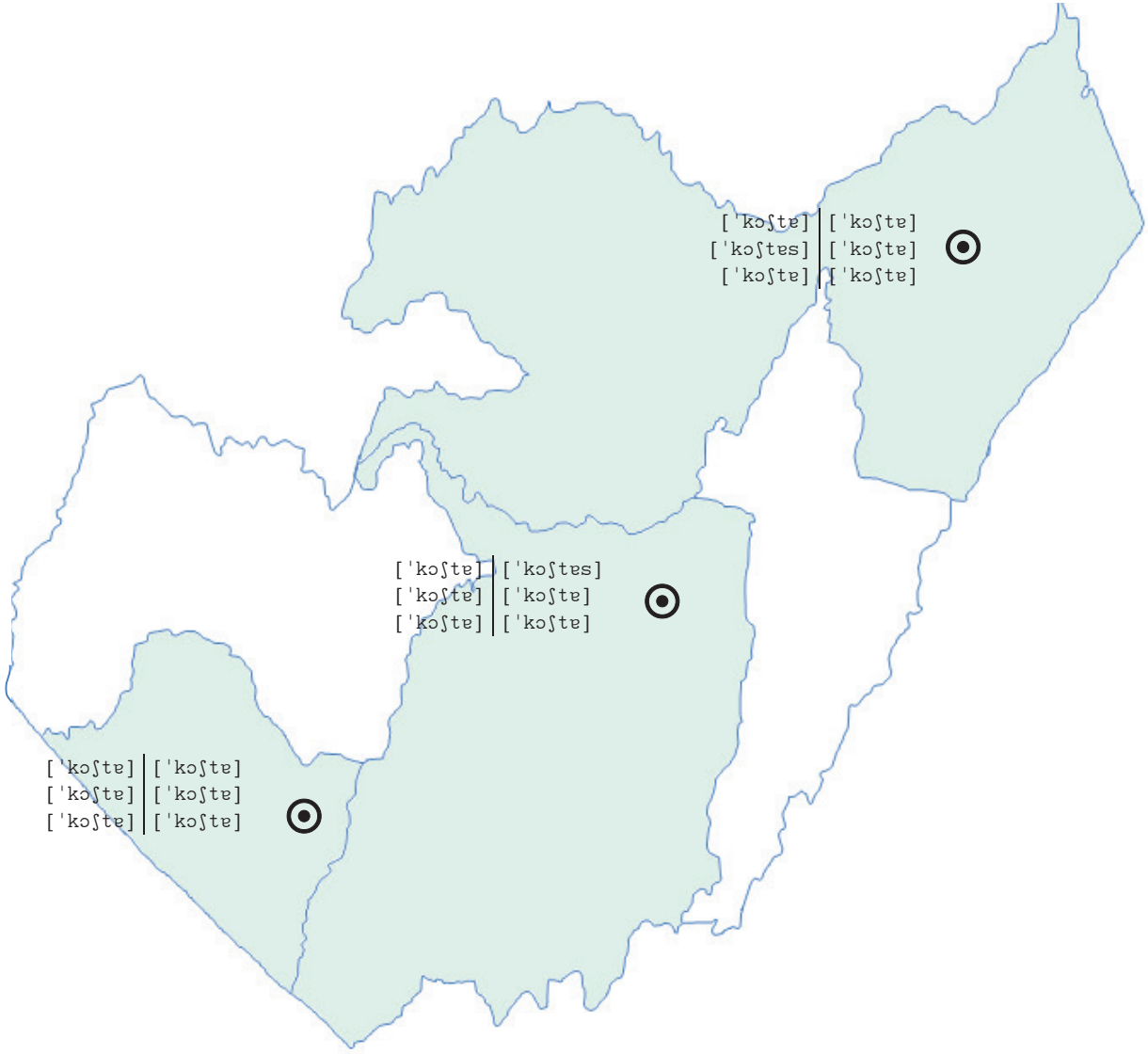


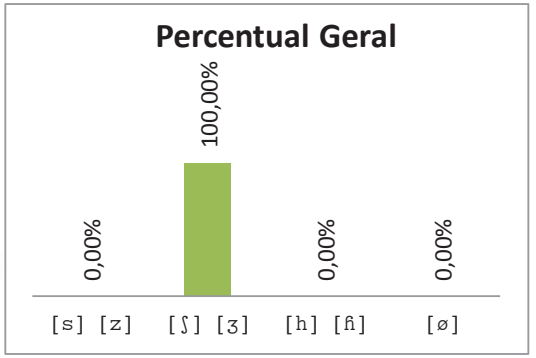


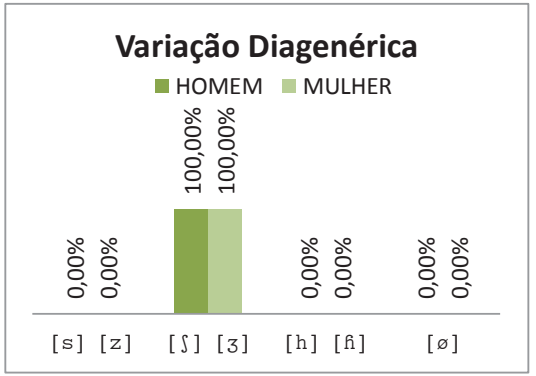
COSTAS

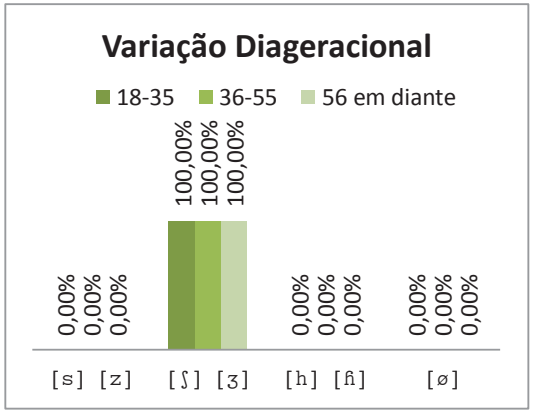
16

OBSERVAÇÕES:



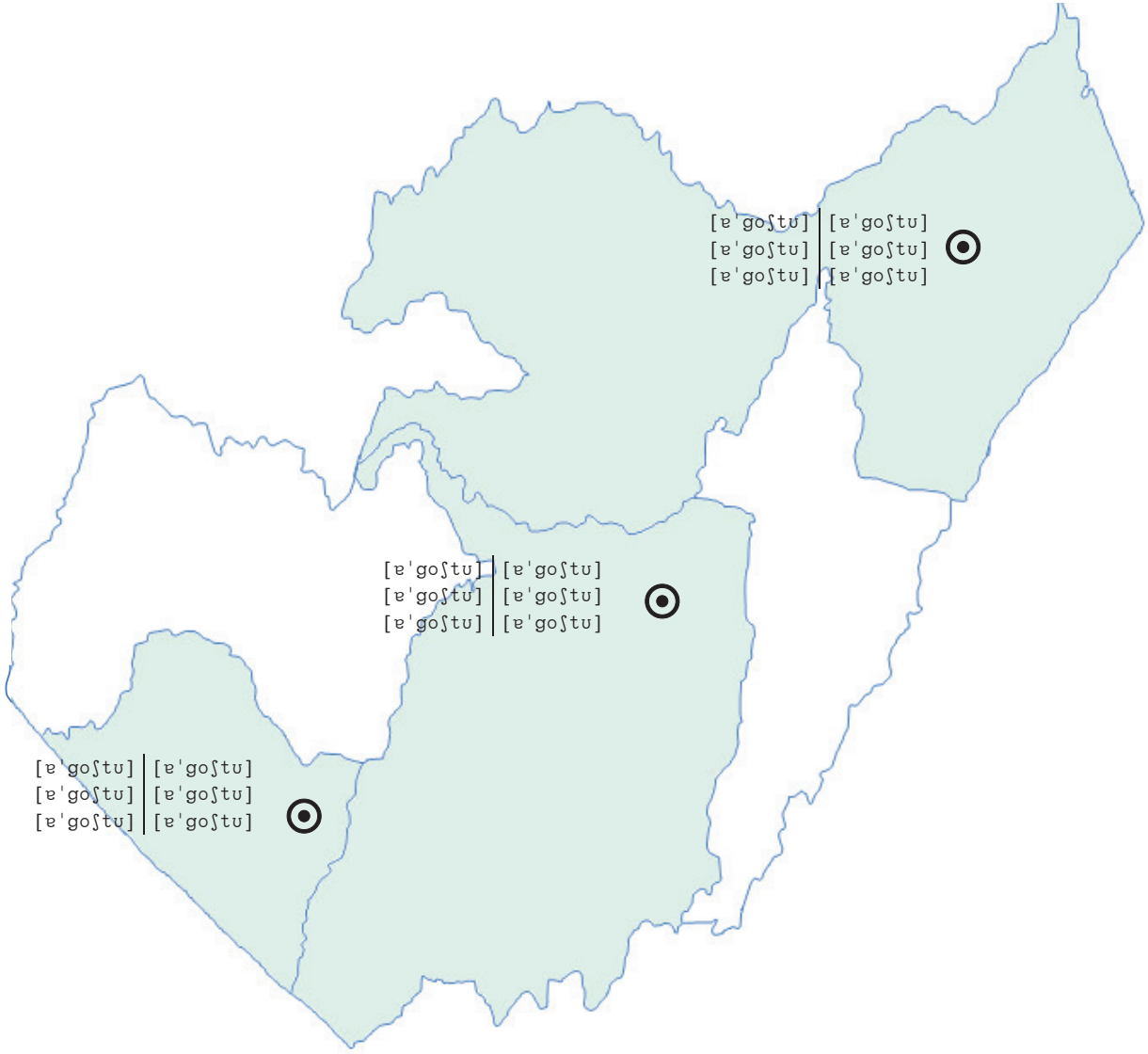


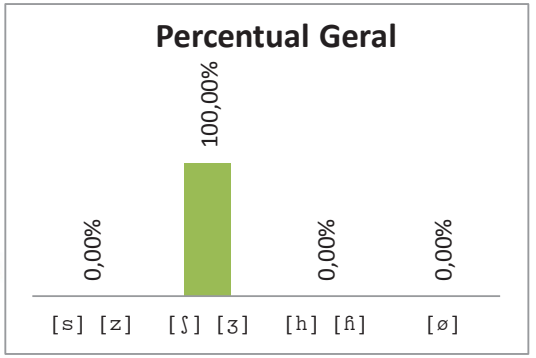


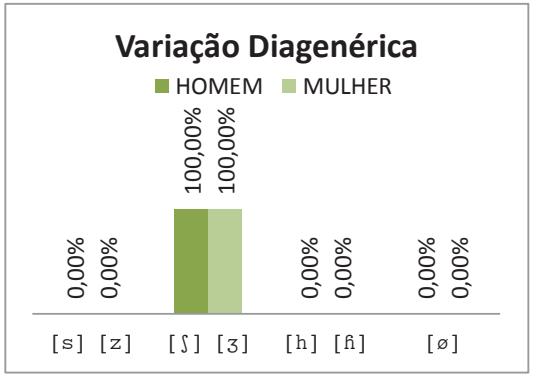


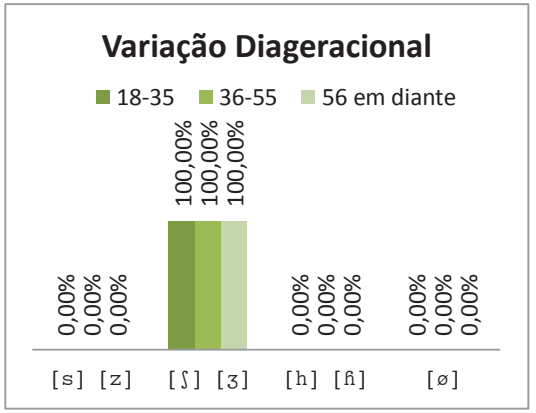
AGOSTO

OBSERVAÇÕES:





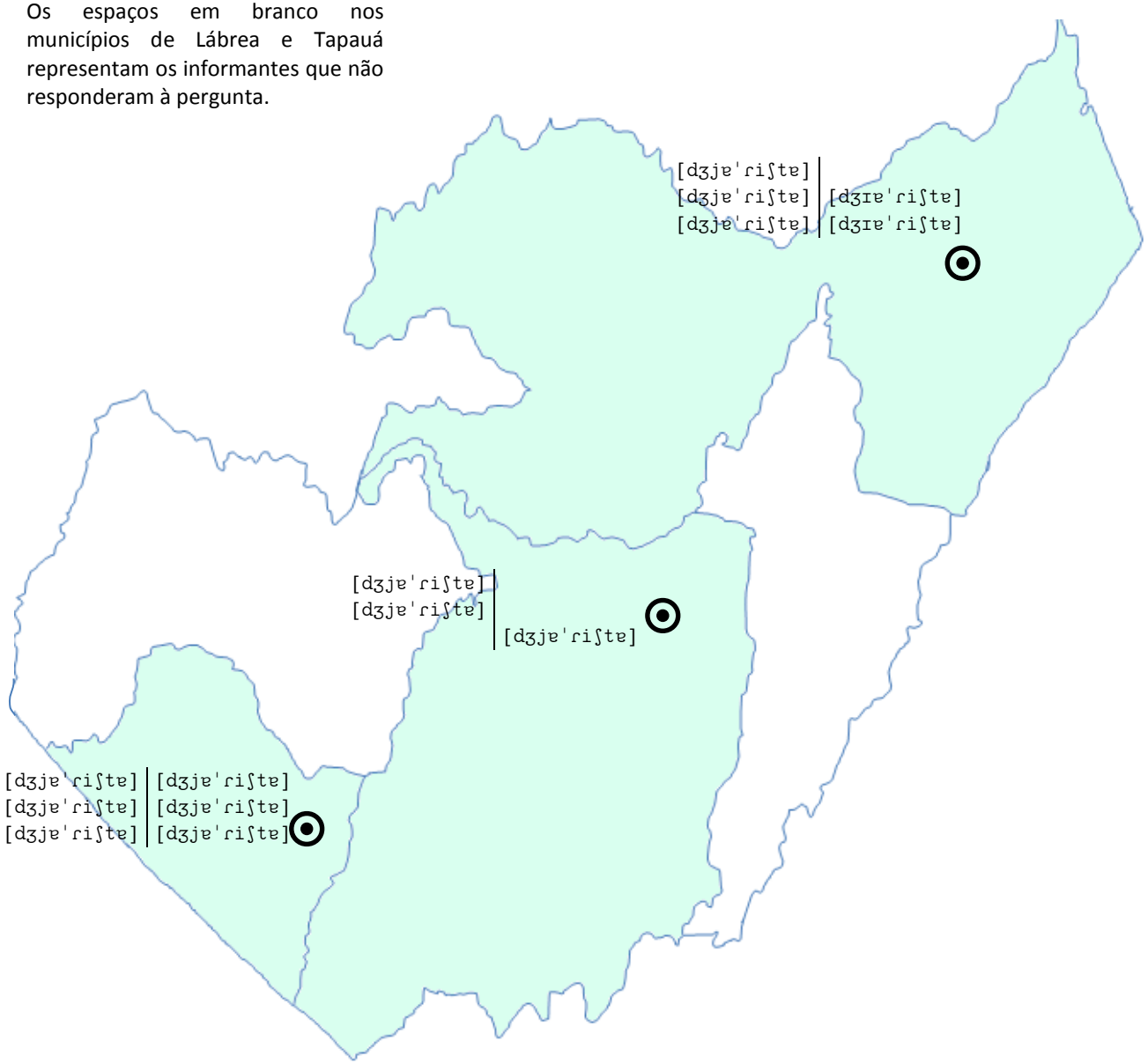


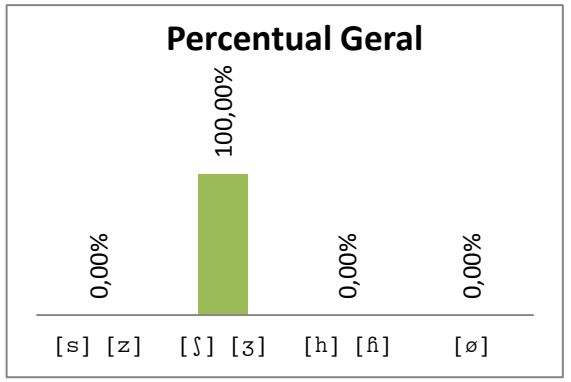


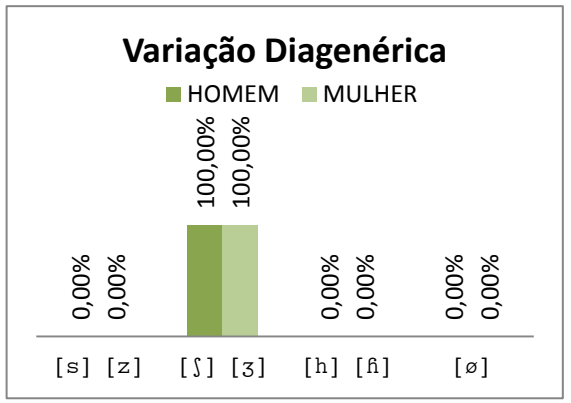
DIARISTA

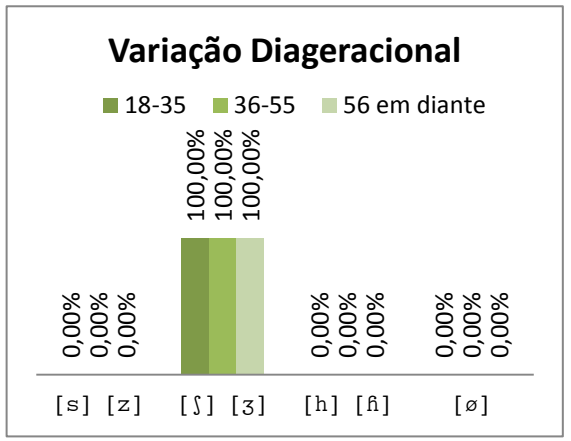
OBSERVAÇÕES:

Os espaços em branco nos municípios de Lábrea e Tapauá representam os informantes que não responderam à pergunta.





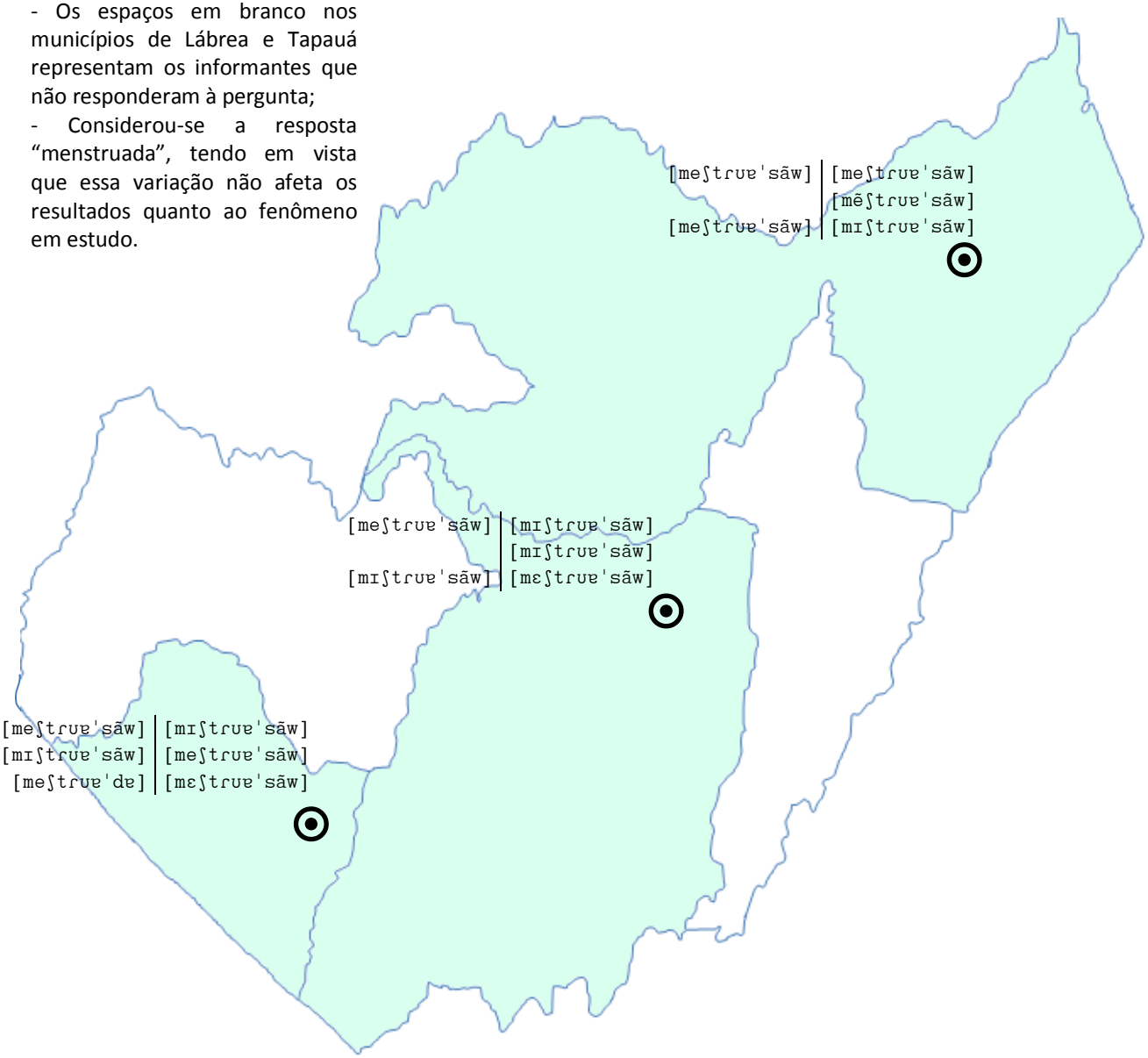


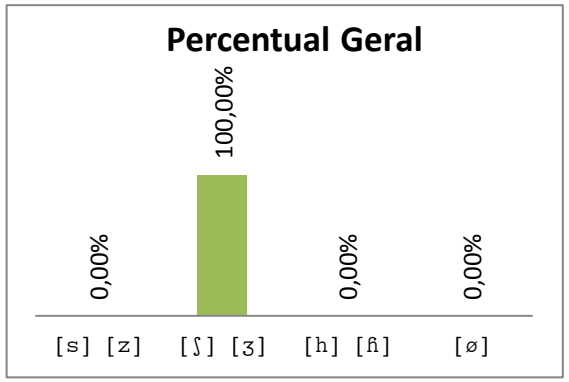


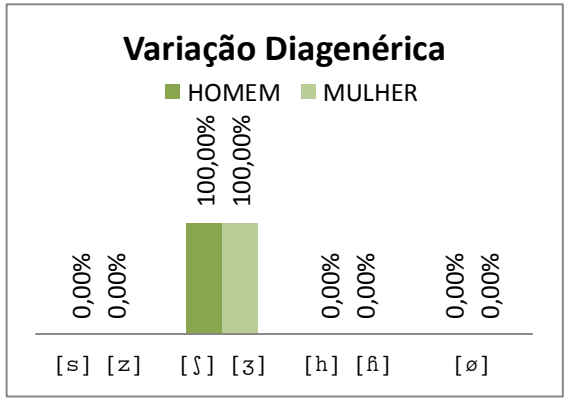
MENSTRUAÇÃO

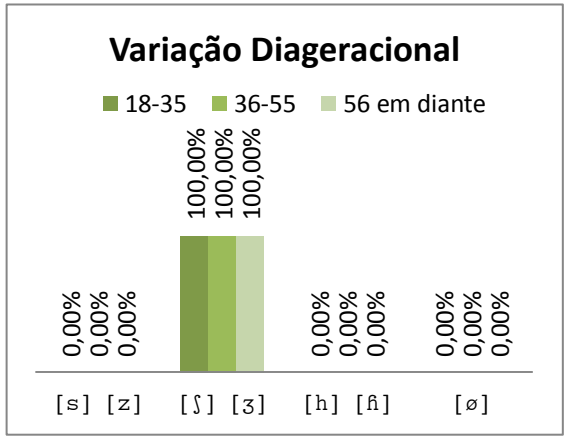
OBSERVAÇÕES:

- Os espaços em branco nos municípios de Lábrea e Tapauá representam os informantes que não responderam à pergunta;
- Considerou-se a resposta "menstruada", tendo em vista que essa variação não afeta os resultados quanto ao fenômeno em estudo.



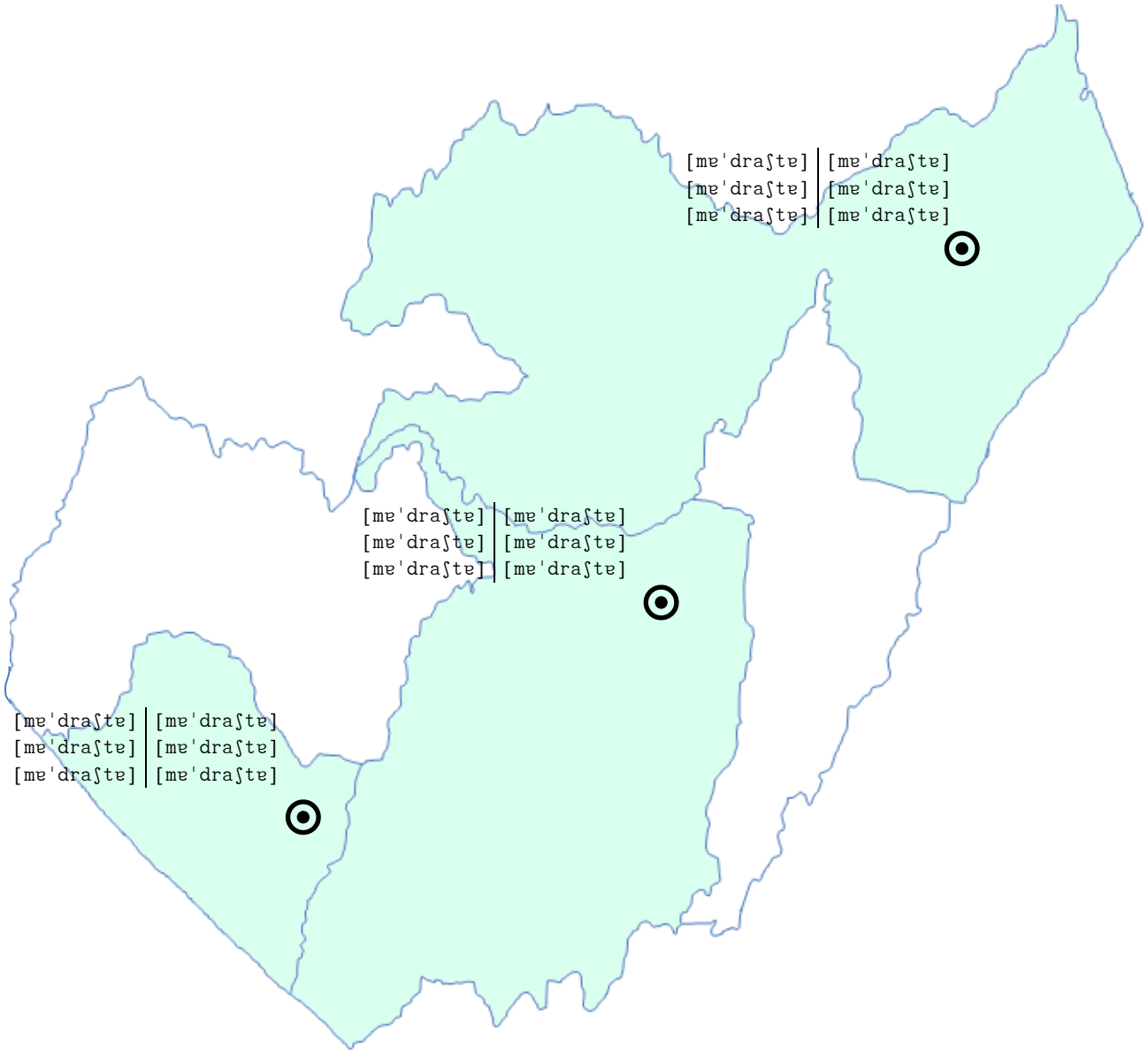


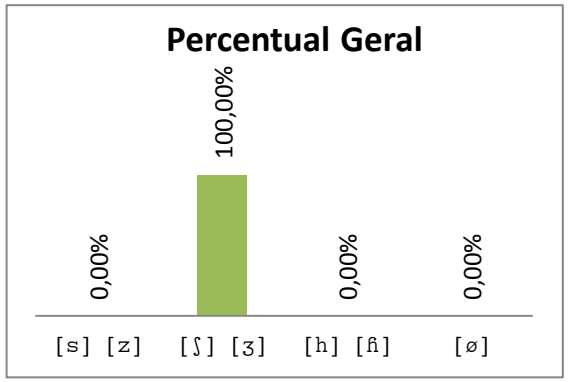


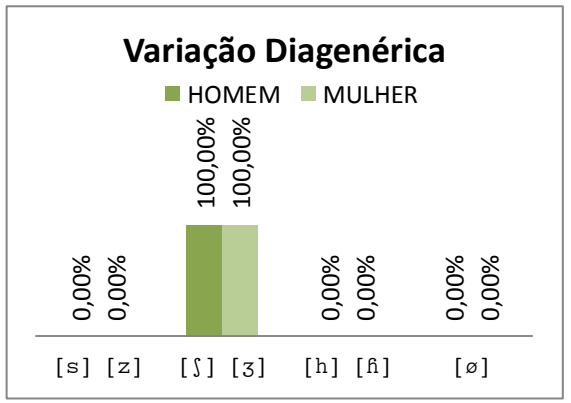


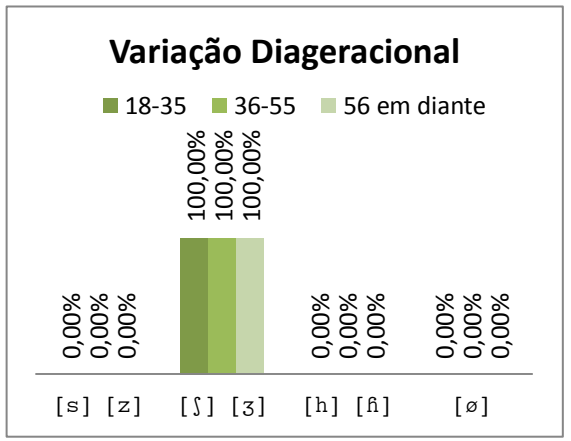
MADRASTA

OBSERVAÇÕES:





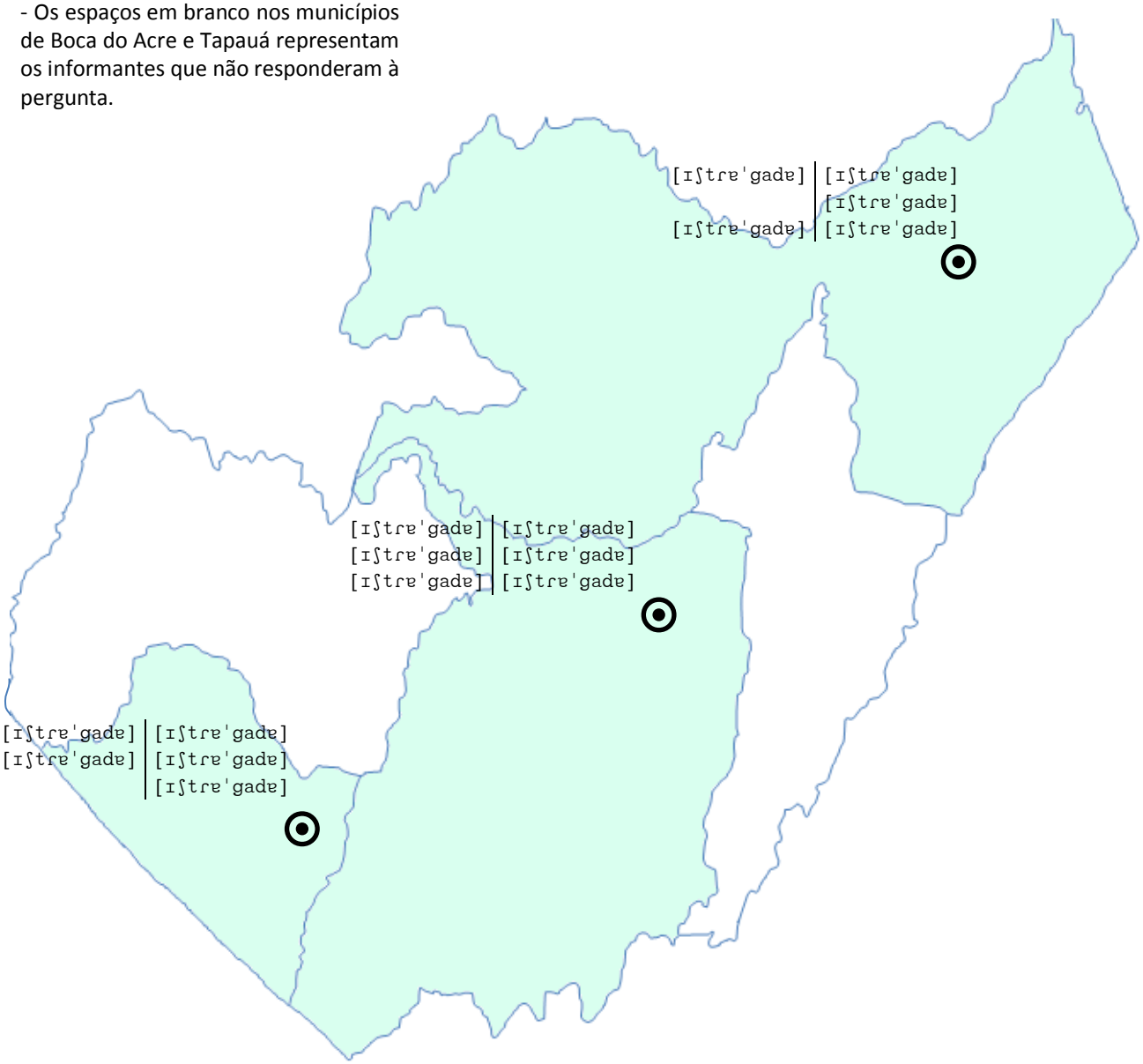


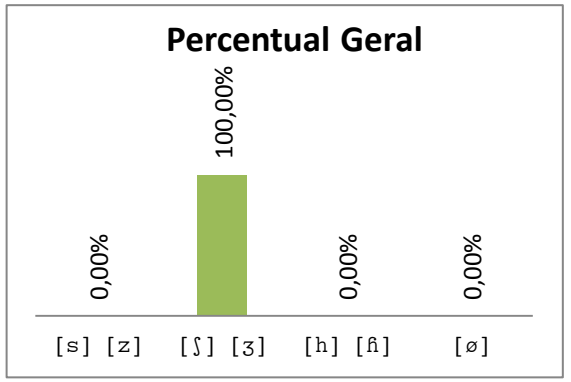


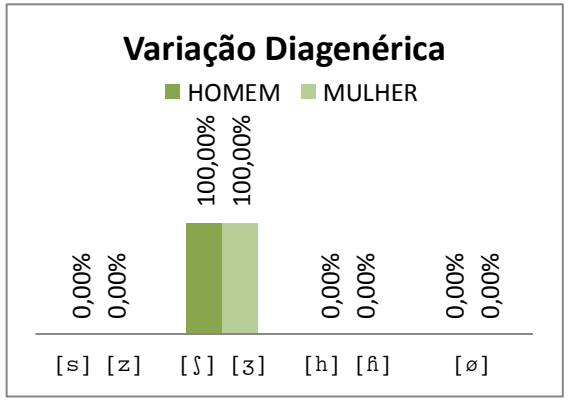
ESTRAGADA

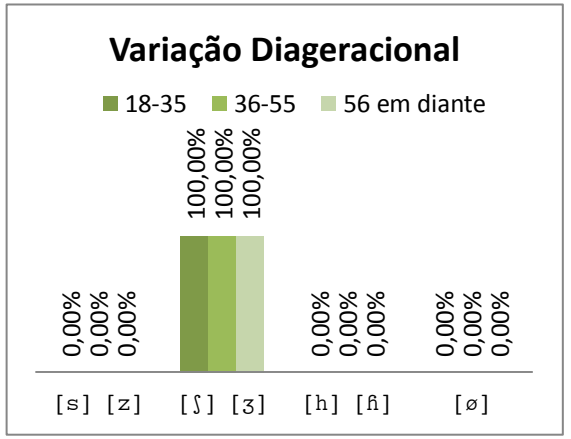
OBSERVAÇÕES:

- Os espaços em branco nos municípios de Boca do Acre e Tapauá representam os informantes que não responderam à pergunta.





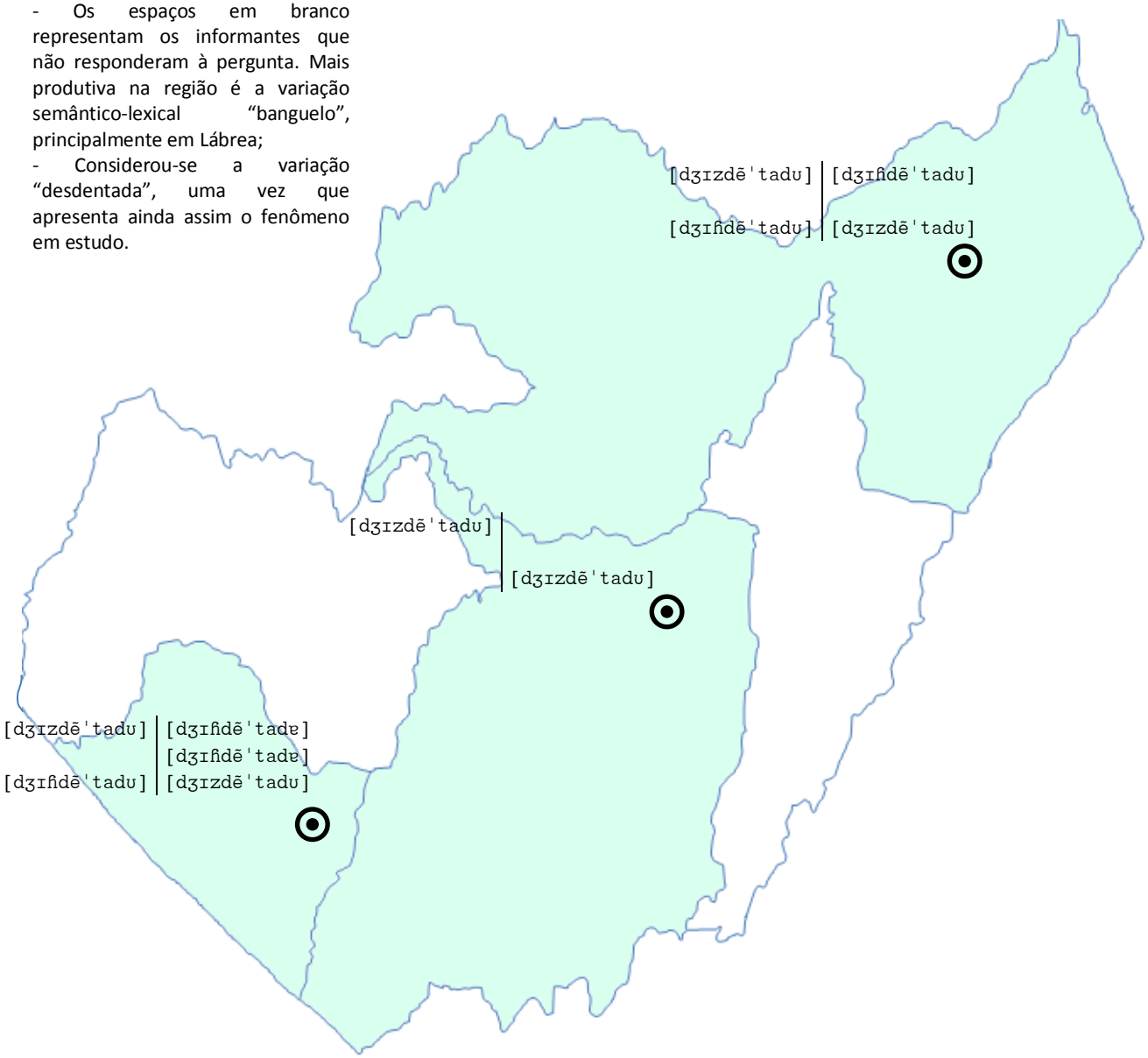


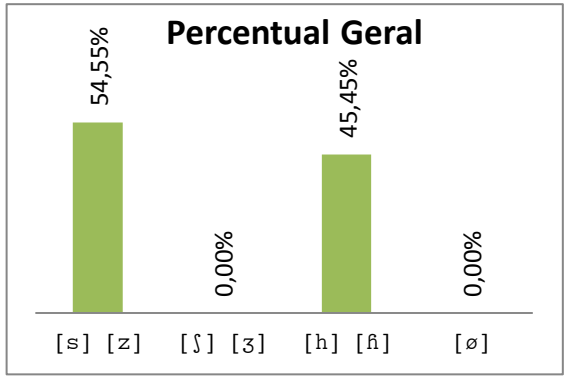


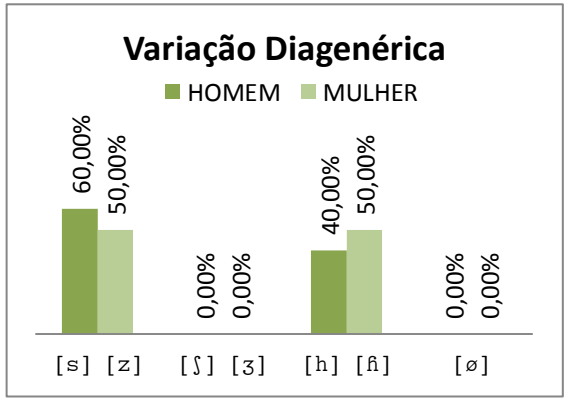
DESDENTADO

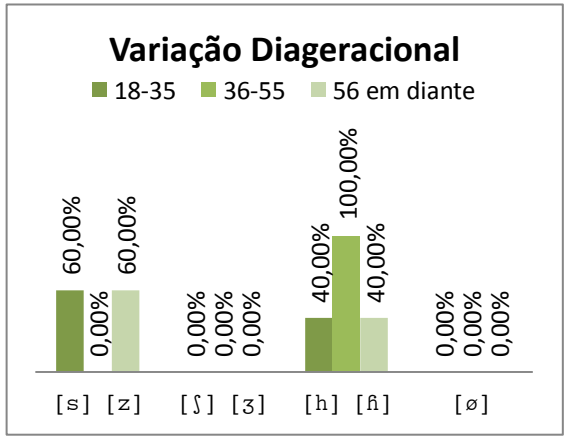
OBSERVAÇÕES:

- Os espaços em branco representam os informantes que não responderam à pergunta. Mais produtiva na região é a variação semântico-lexical "banguelo", principalmente em Lábrea;
- Considerou-se a variação "desdentada", uma vez que apresenta ainda assim o fenômeno em estudo.





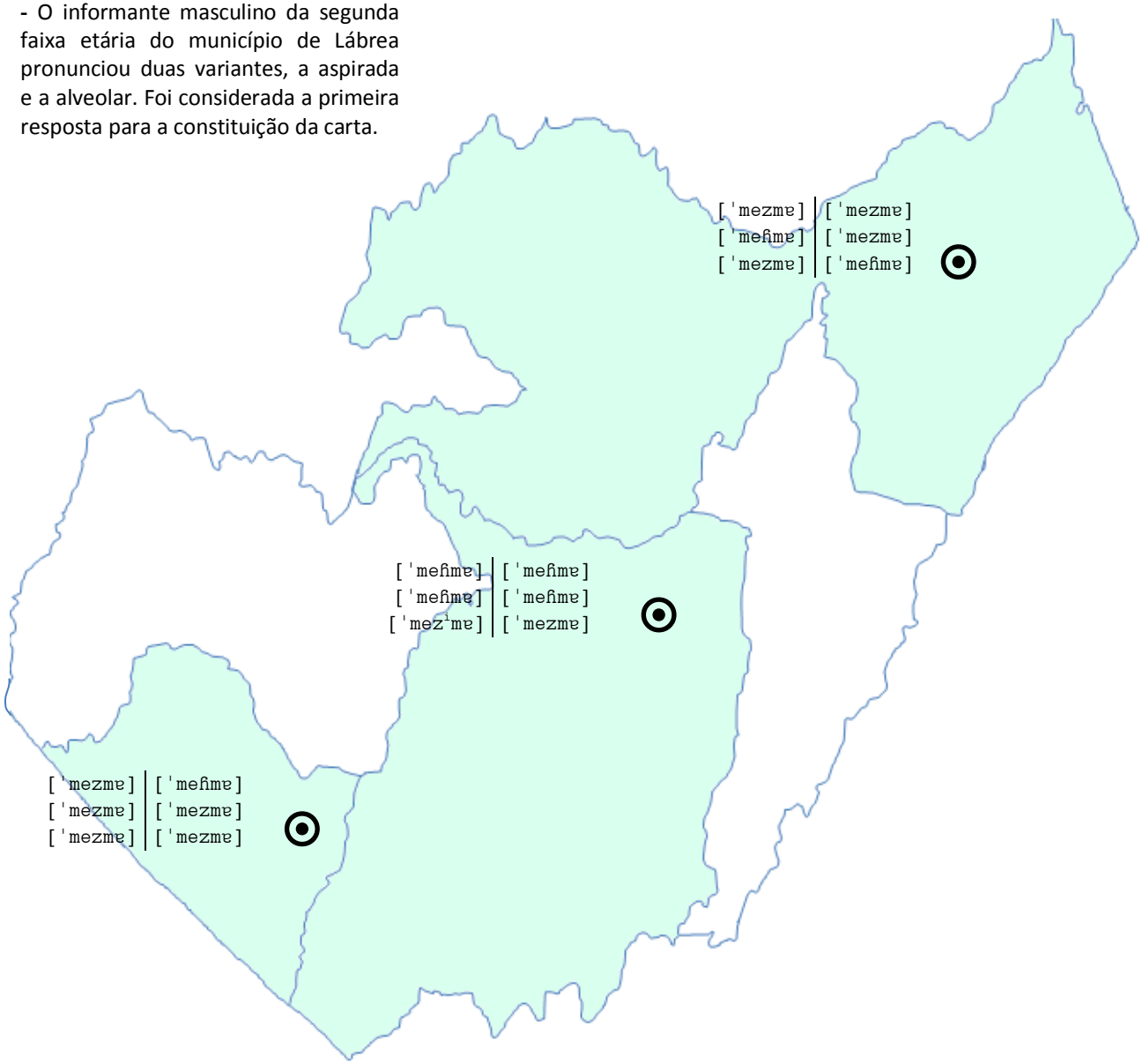


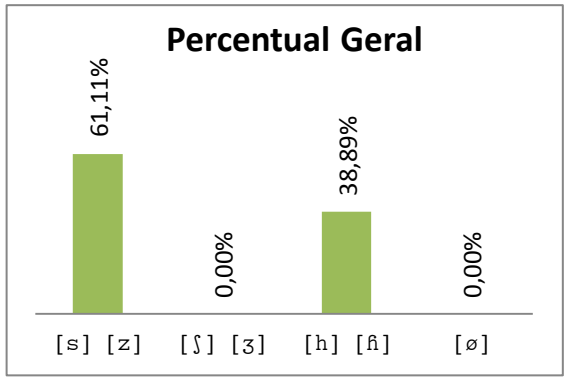


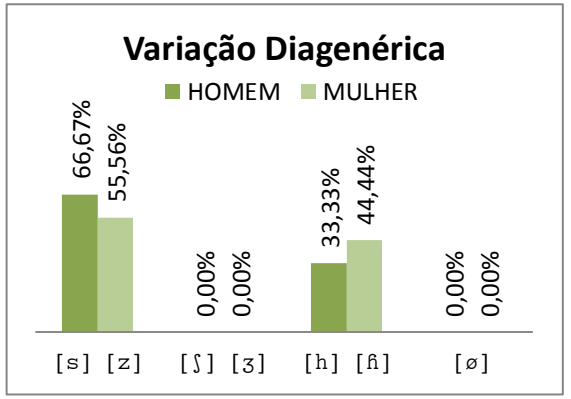
MESMA

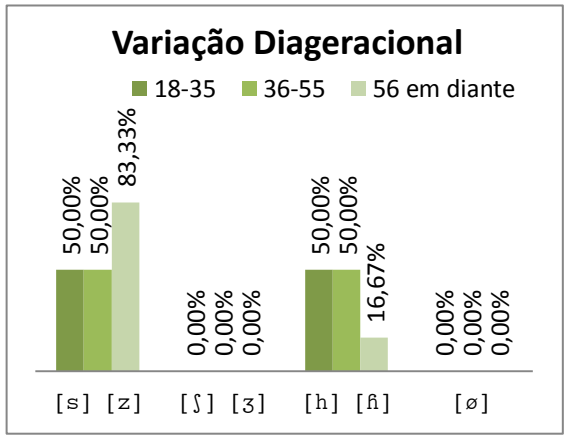
OBSERVAÇÕES:

- O informante masculino da segunda faixa etária do município de Lábrea pronunciou duas variantes, a aspirada e a alveolar. Foi considerada a primeira resposta para a constituição da carta.





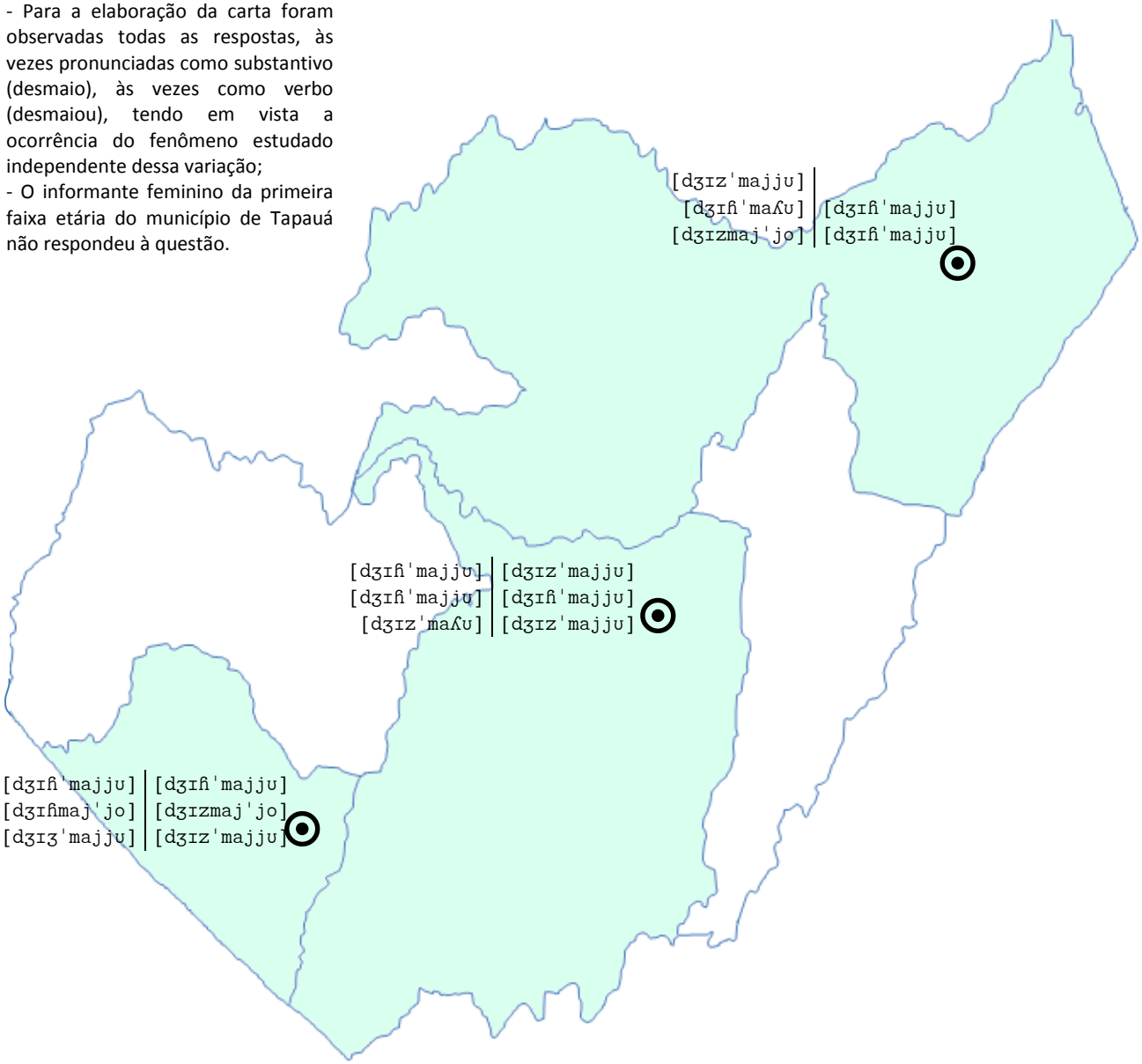


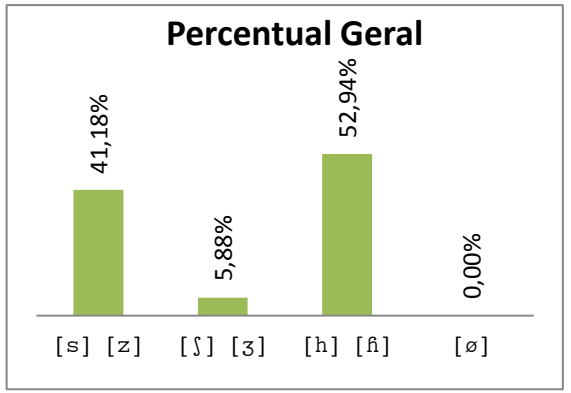


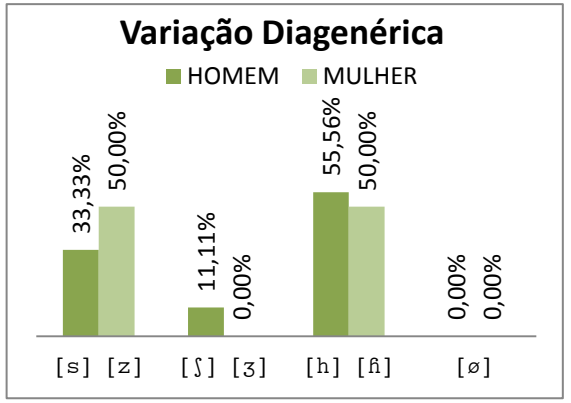
DESMAIO

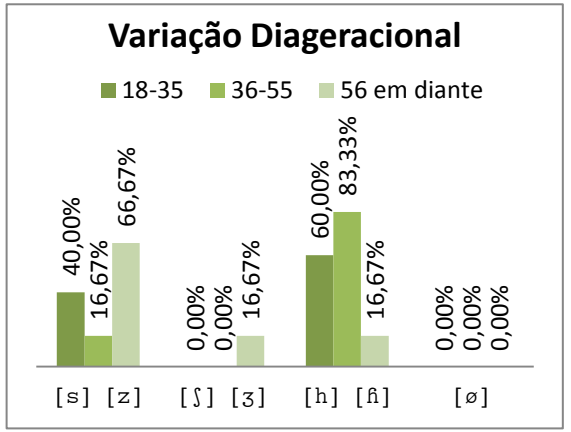
OBSERVAÇÕES:

- Para a elaboração da carta foram observadas todas as respostas, às vezes pronunciadas como substantivo (desmaio), às vezes como verbo (desmaiou), tendo em vista a ocorrência do fenômeno estudado independente dessa variação;
- O informante feminino da primeira faixa etária do município de Tapauá não respondeu à questão.



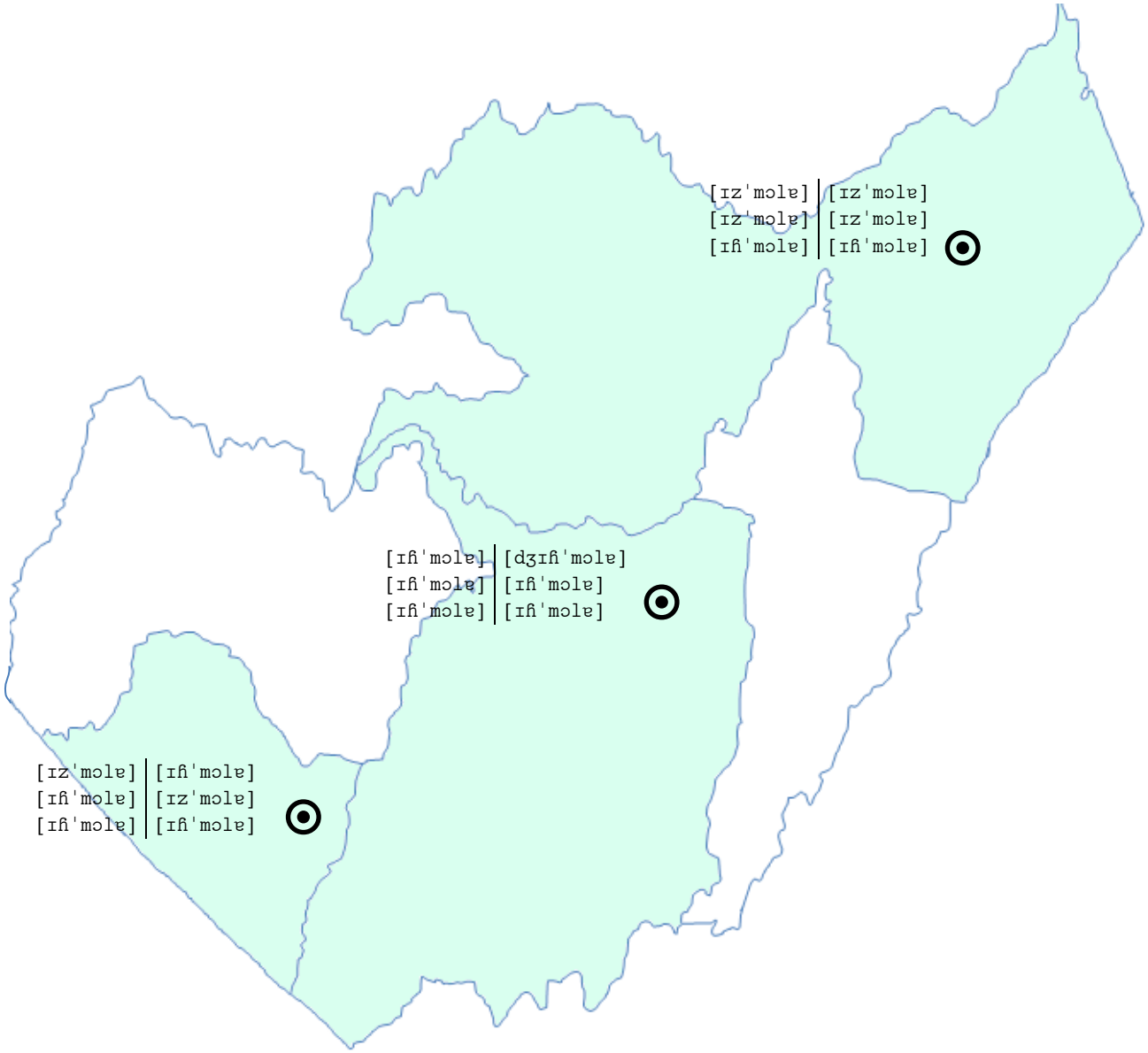


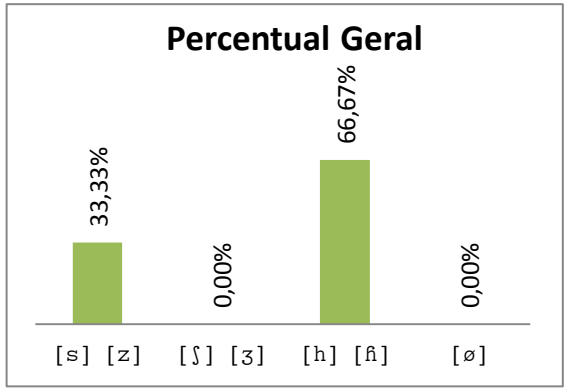


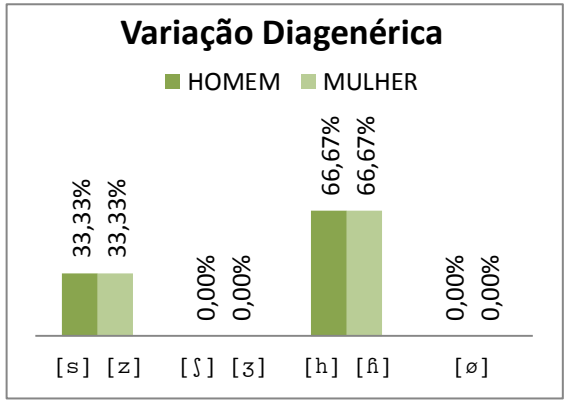


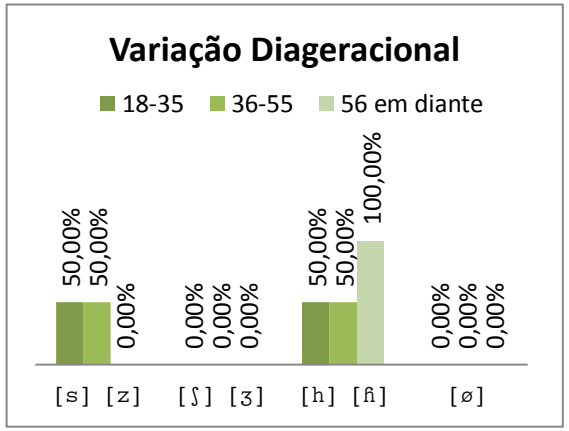
ESMOLA

OBSERVAÇÕES:





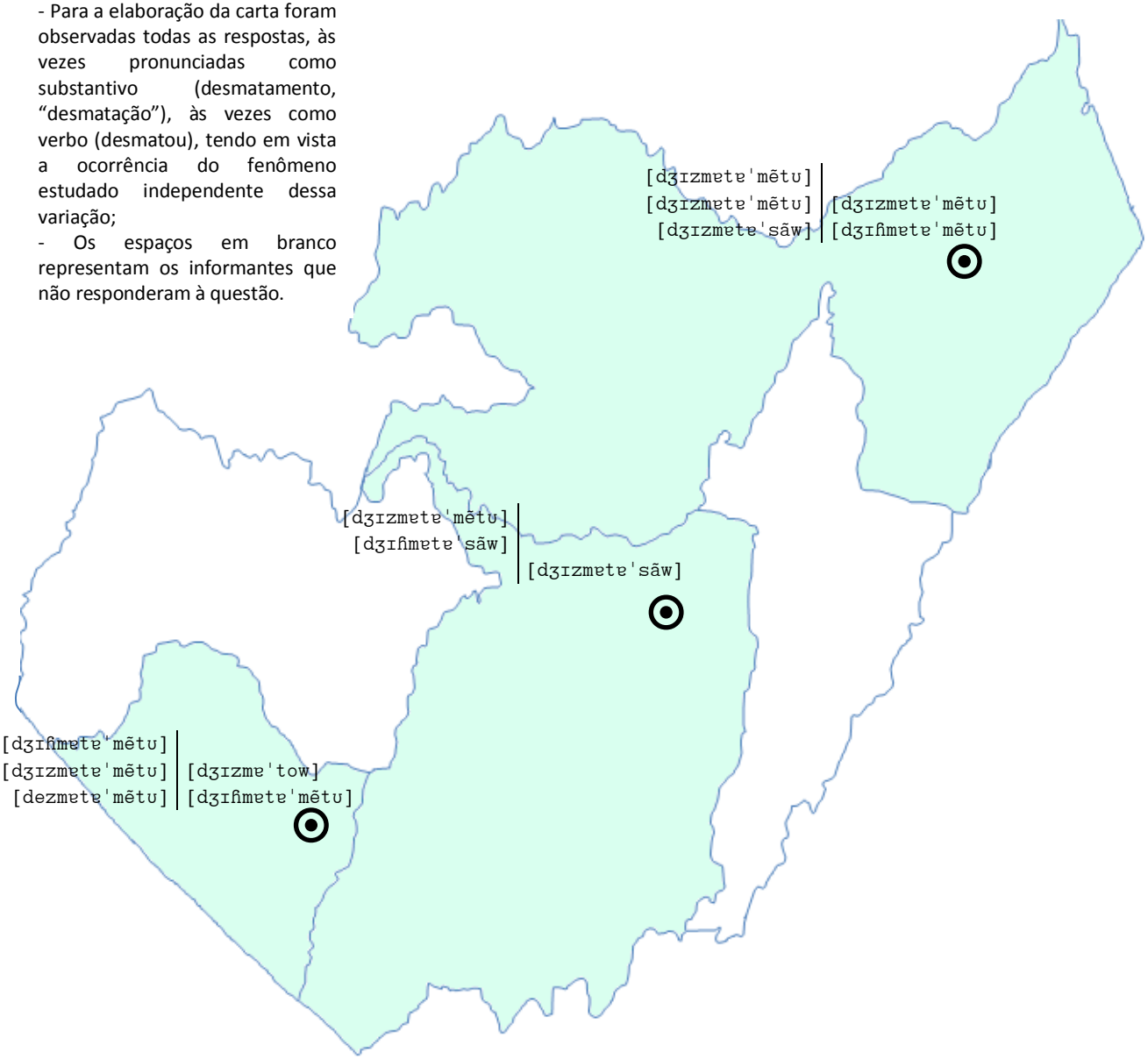


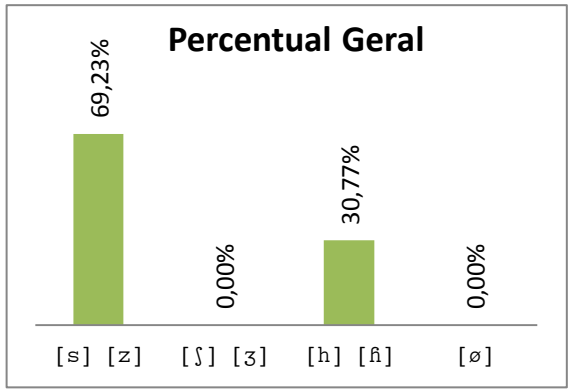


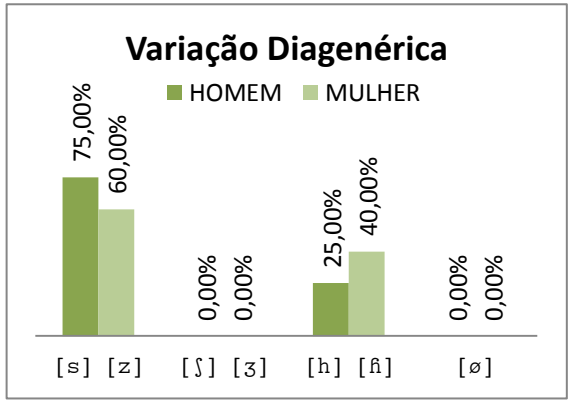
DESMATAMENTO

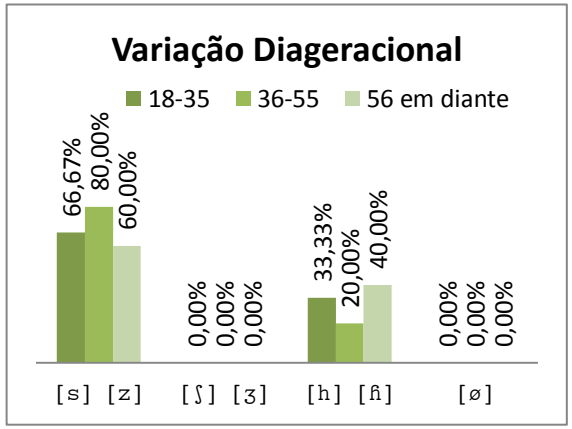
OBSERVAÇÕES:

- Para a elaboração da carta foram observadas todas as respostas, às vezes pronunciadas como substantivo (desmatamento, "desmatação"), às vezes como verbo (desmatou), tendo em vista a ocorrência do fenômeno estudado independente dessa variação;
- Os espaços em branco representam os informantes que não responderam à questão.



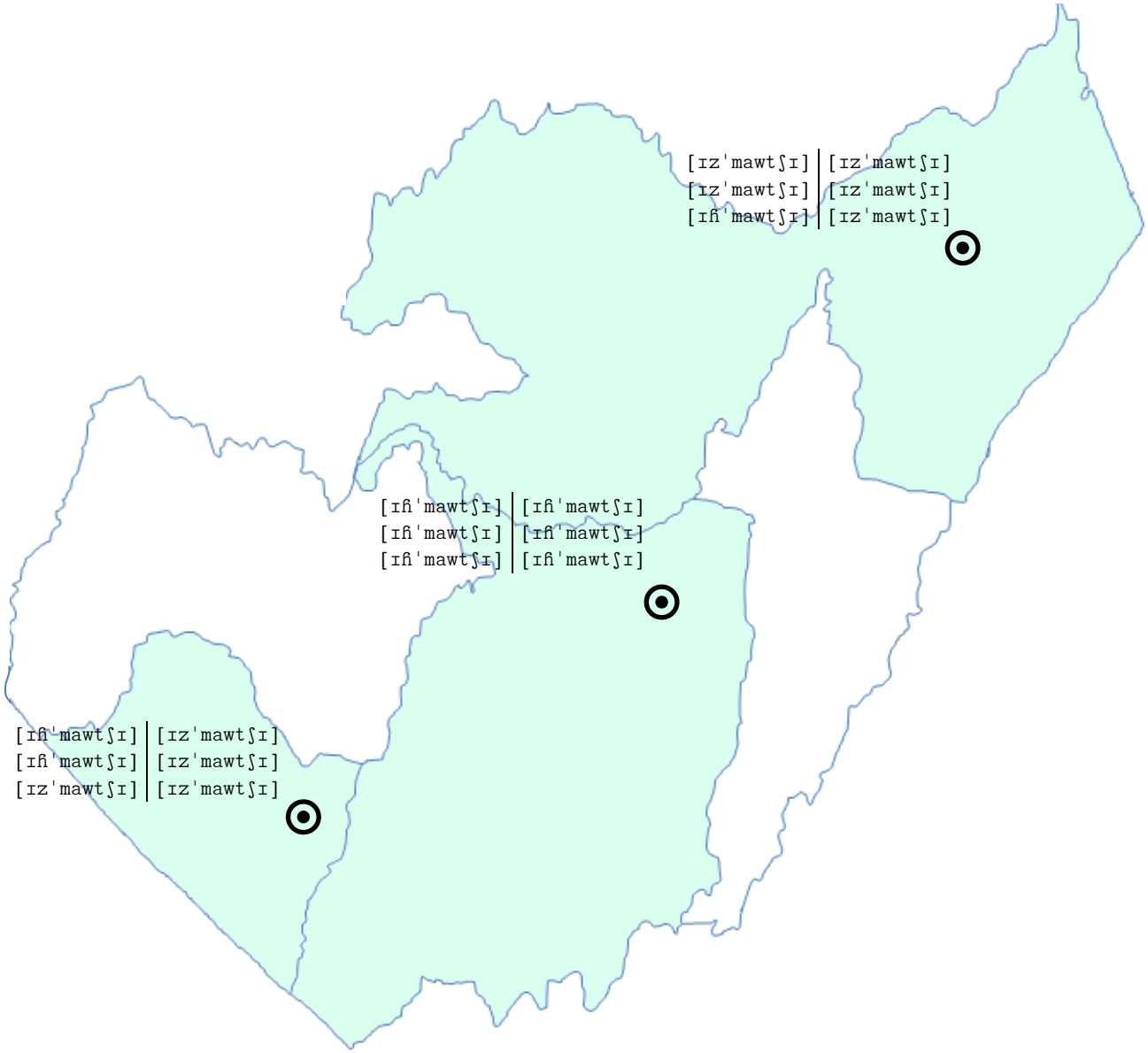


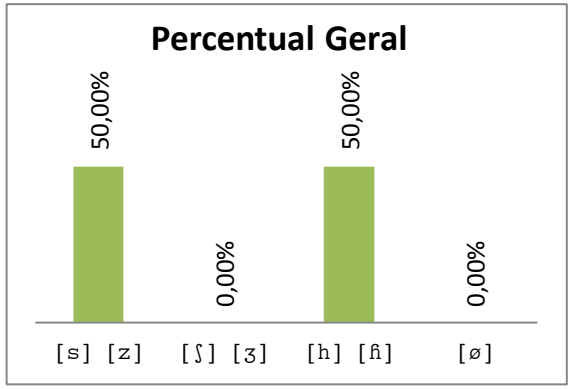


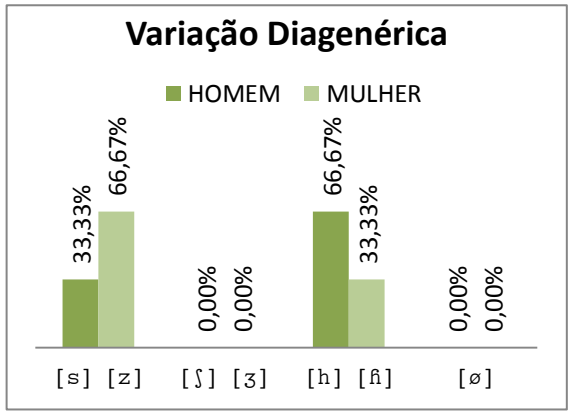


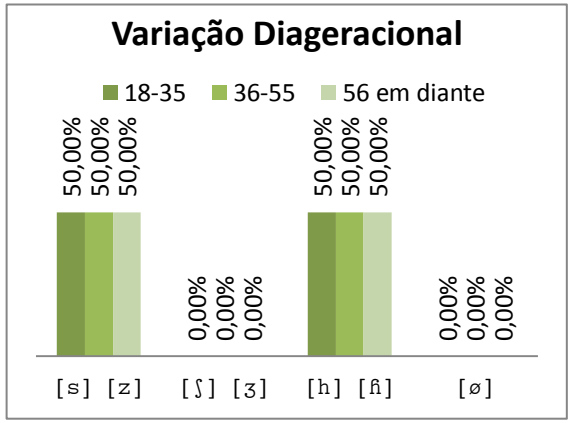
ESMALTE

OBSERVAÇÕES:





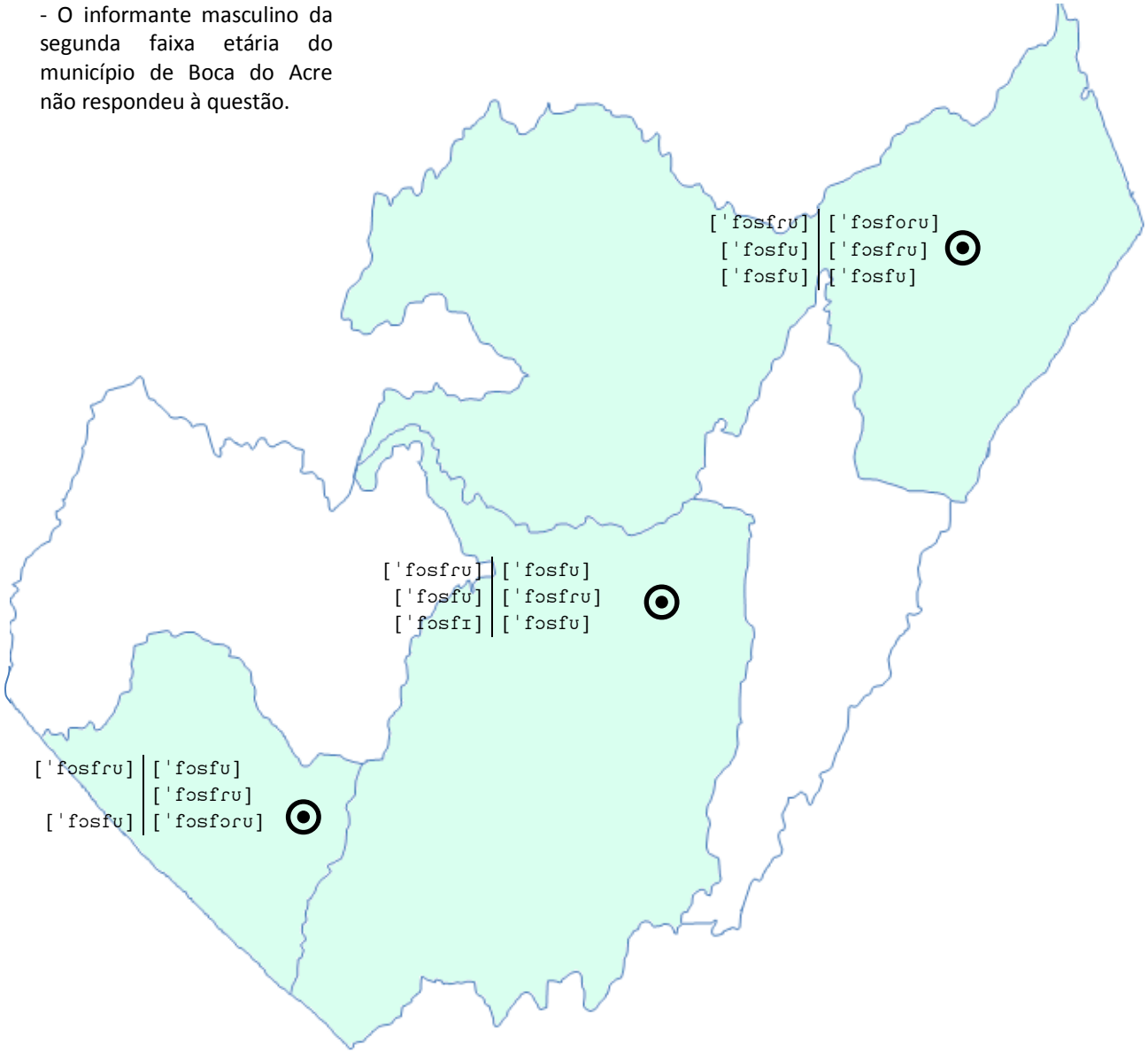


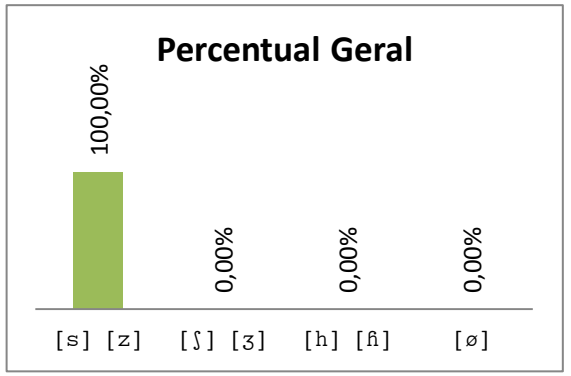


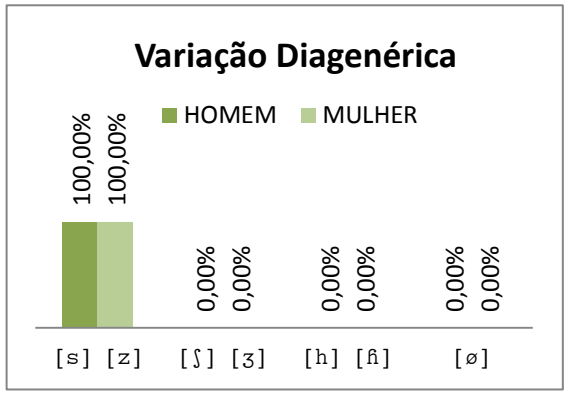
FÓSFORO

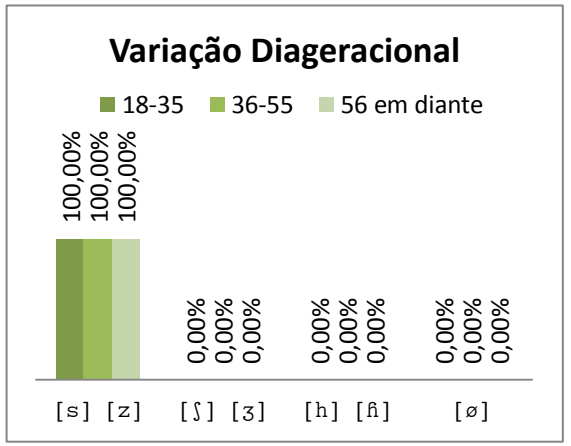
OBSERVAÇÕES:

- O informante masculino da segunda faixa etária do município de Boca do Acre não respondeu à questão.





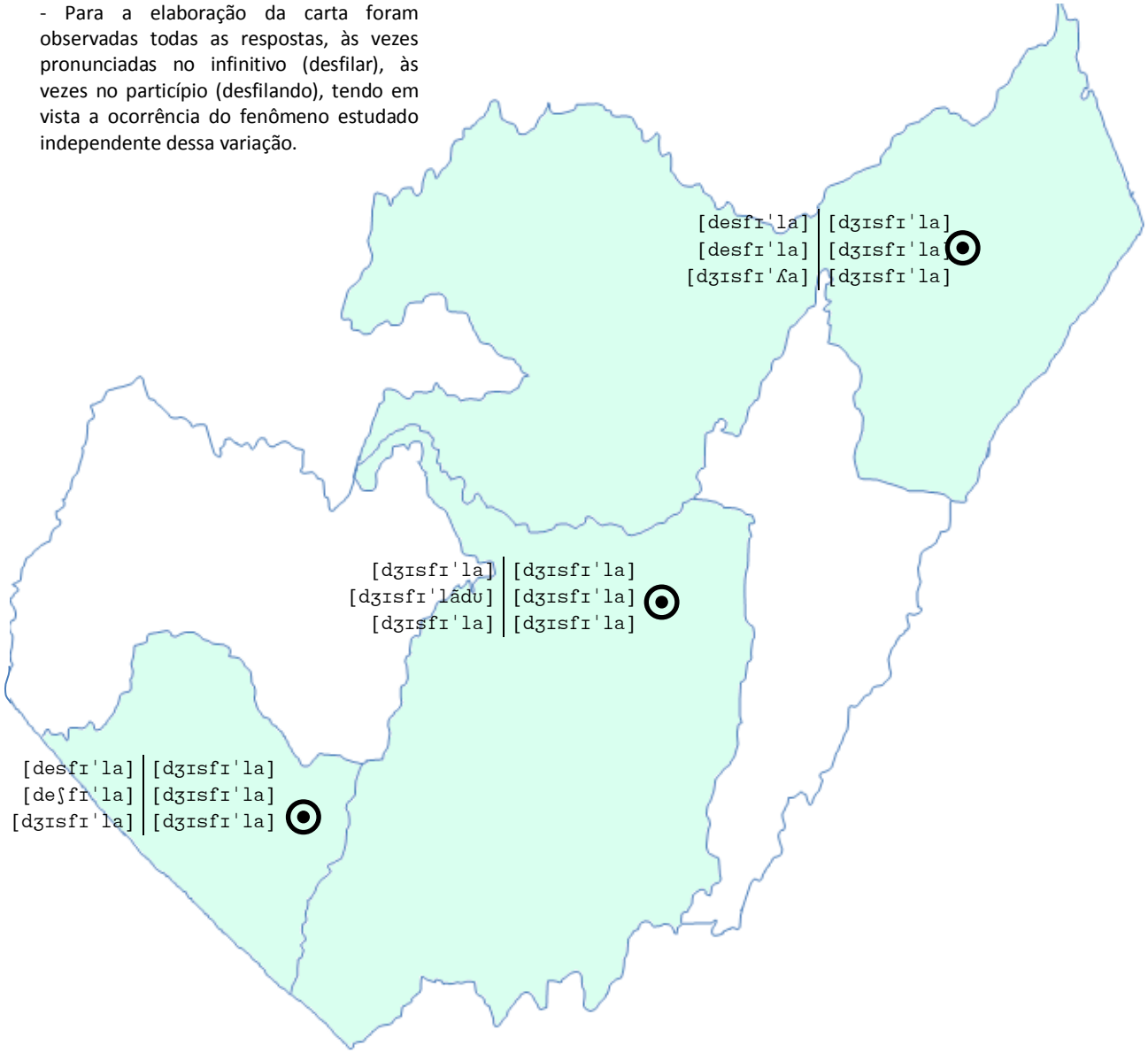


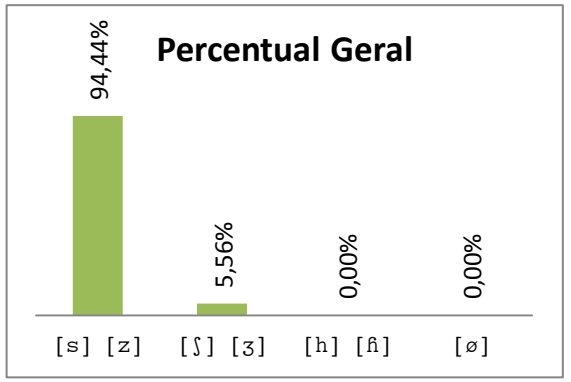


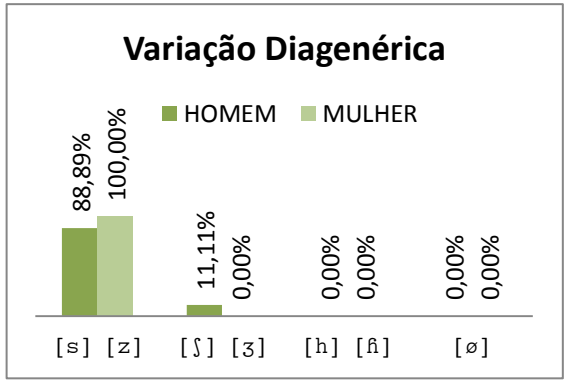
DESFILAR

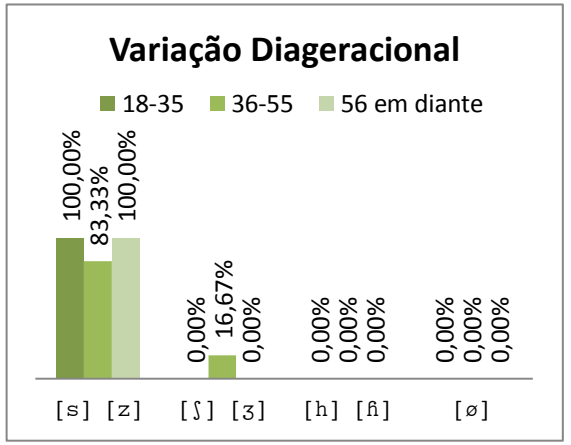
OBSERVAÇÕES:

- Para a elaboração da carta foram observadas todas as respostas, às vezes pronunciadas no infinitivo (desfilar), às vezes no particípio (desfilando), tendo em vista a ocorrência do fenômeno estudado independente dessa variação.





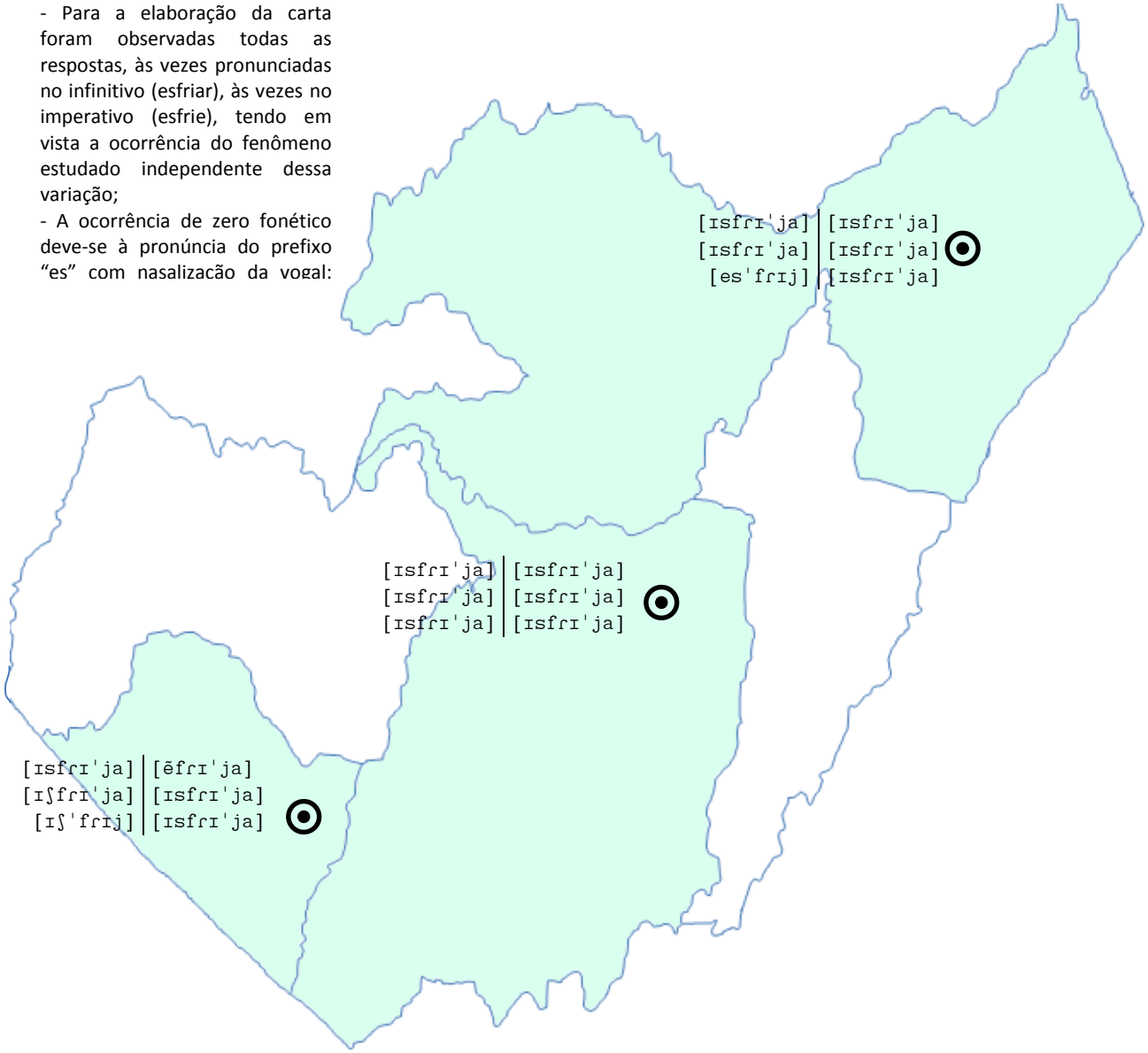


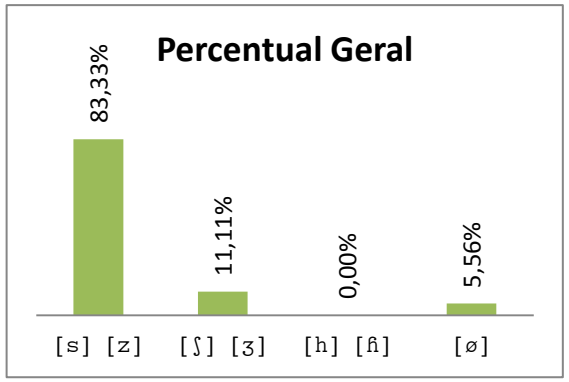


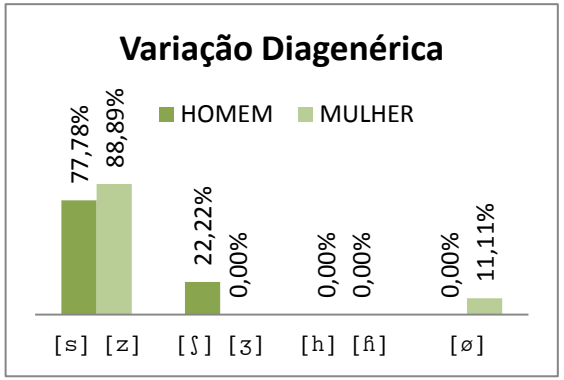
ESFRIAR

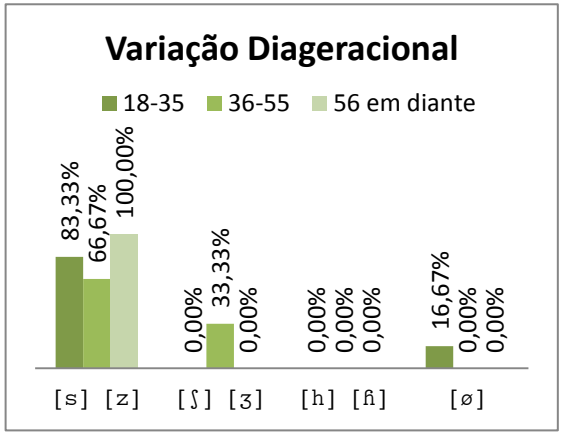
OBSERVAÇÕES:

- Para a elaboração da carta foram observadas todas as respostas, às vezes pronunciadas no infinitivo (esfriar), às vezes no imperativo (esfrie), tendo em vista a ocorrência do fenômeno estudado independente dessa variação;
- A ocorrência de zero fonético deve-se à pronúncia do prefixo "es" com nasalização da vogal:





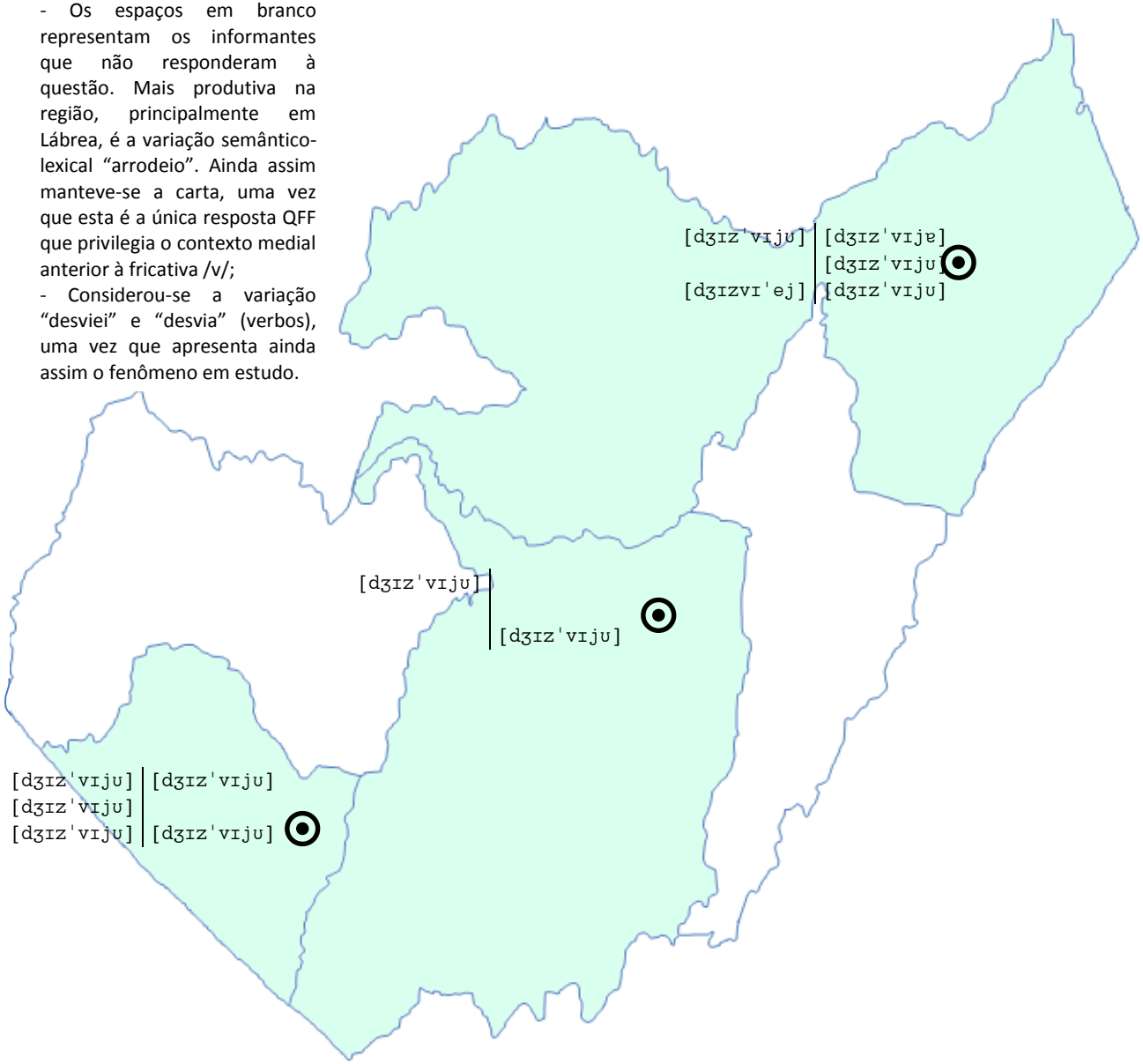


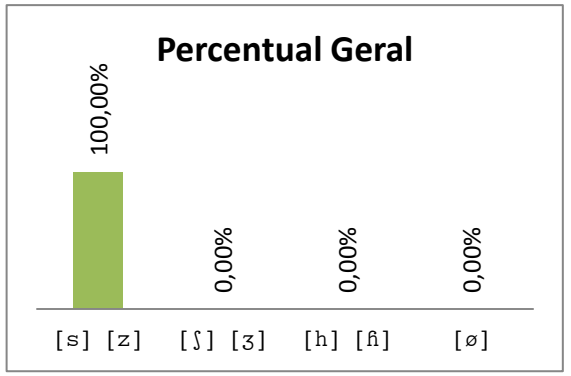


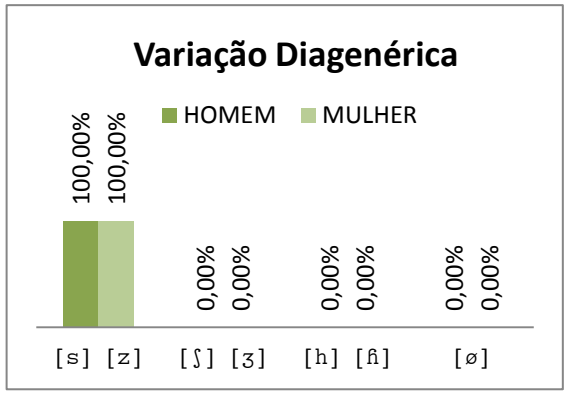
DESVIO

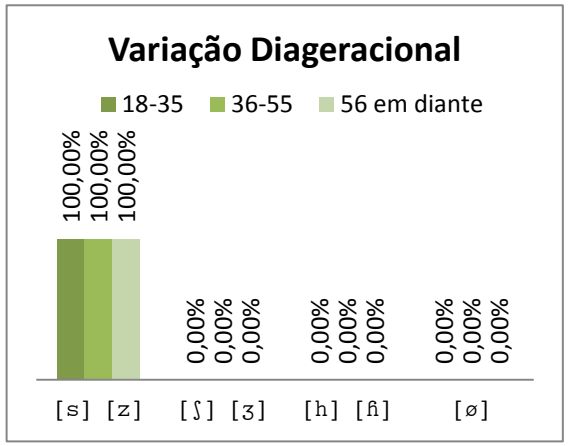
OBSERVAÇÕES:

- Os espaços em branco representam os informantes que não responderam à questão. Mais produtiva na região, principalmente em Lábrea, é a variação semântico-lexical "arrodeio". Ainda assim manteve-se a carta, uma vez que esta é a única resposta QFF que privilegia o contexto medial anterior à fricativa /v/;
- Considerou-se a variação "desviei" e "desvia" (verbos), uma vez que apresenta ainda assim o fenômeno em estudo.





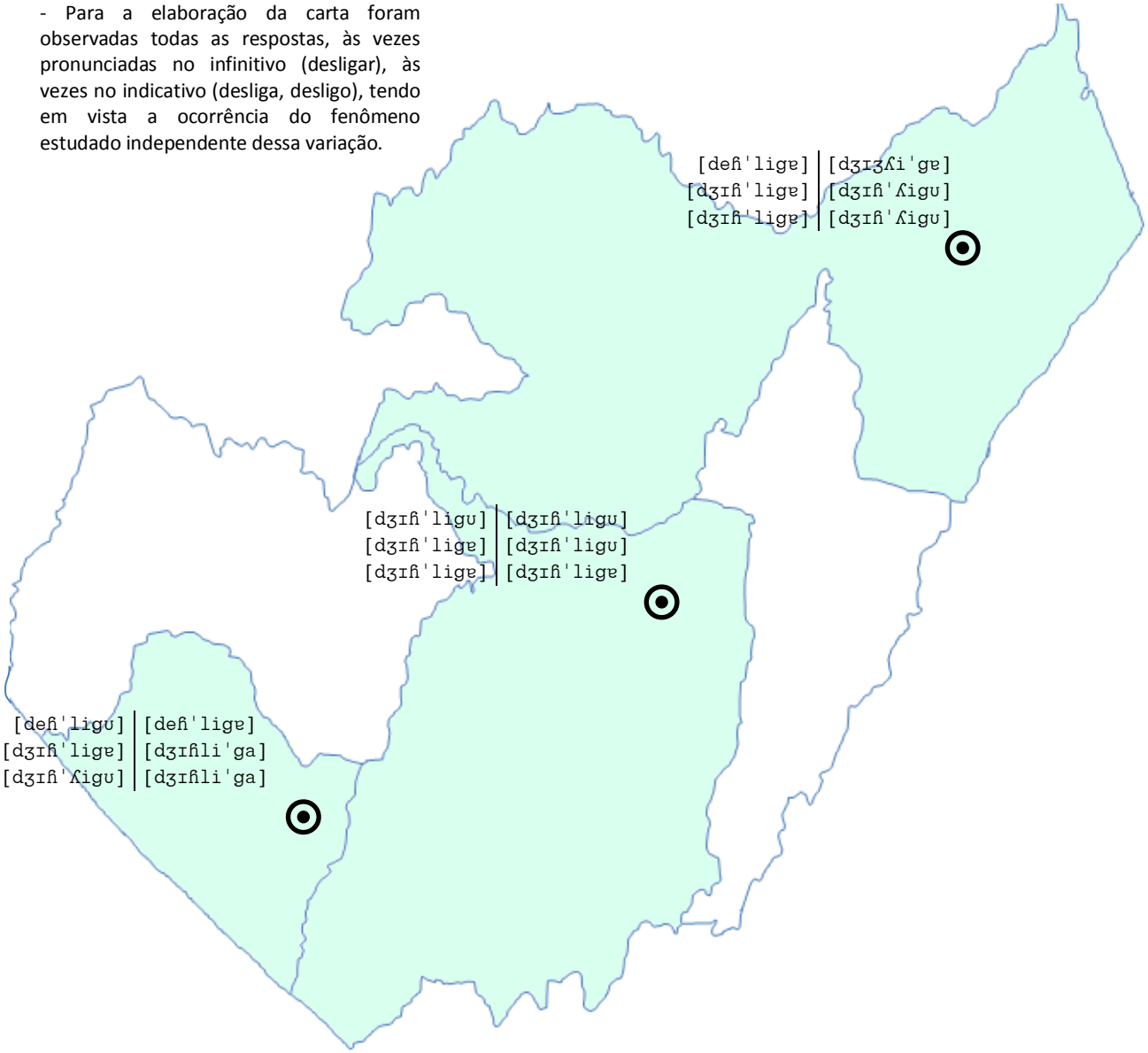


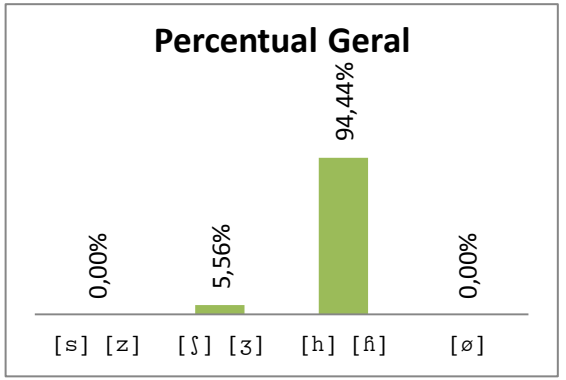


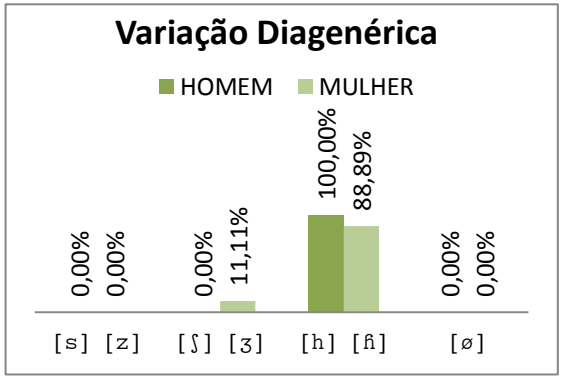
DESLIGAR

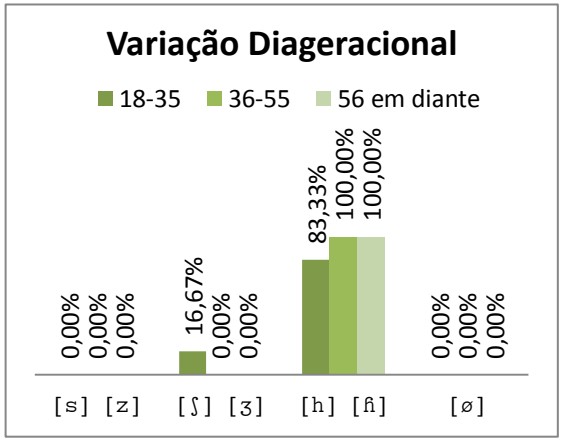
OBSERVAÇÕES:

- Para a elaboração da carta foram observadas todas as respostas, às vezes pronunciadas no infinitivo (desligar), às vezes no indicativo (desliga, desligo), tendo em vista a ocorrência do fenômeno estudado independente dessa variação.





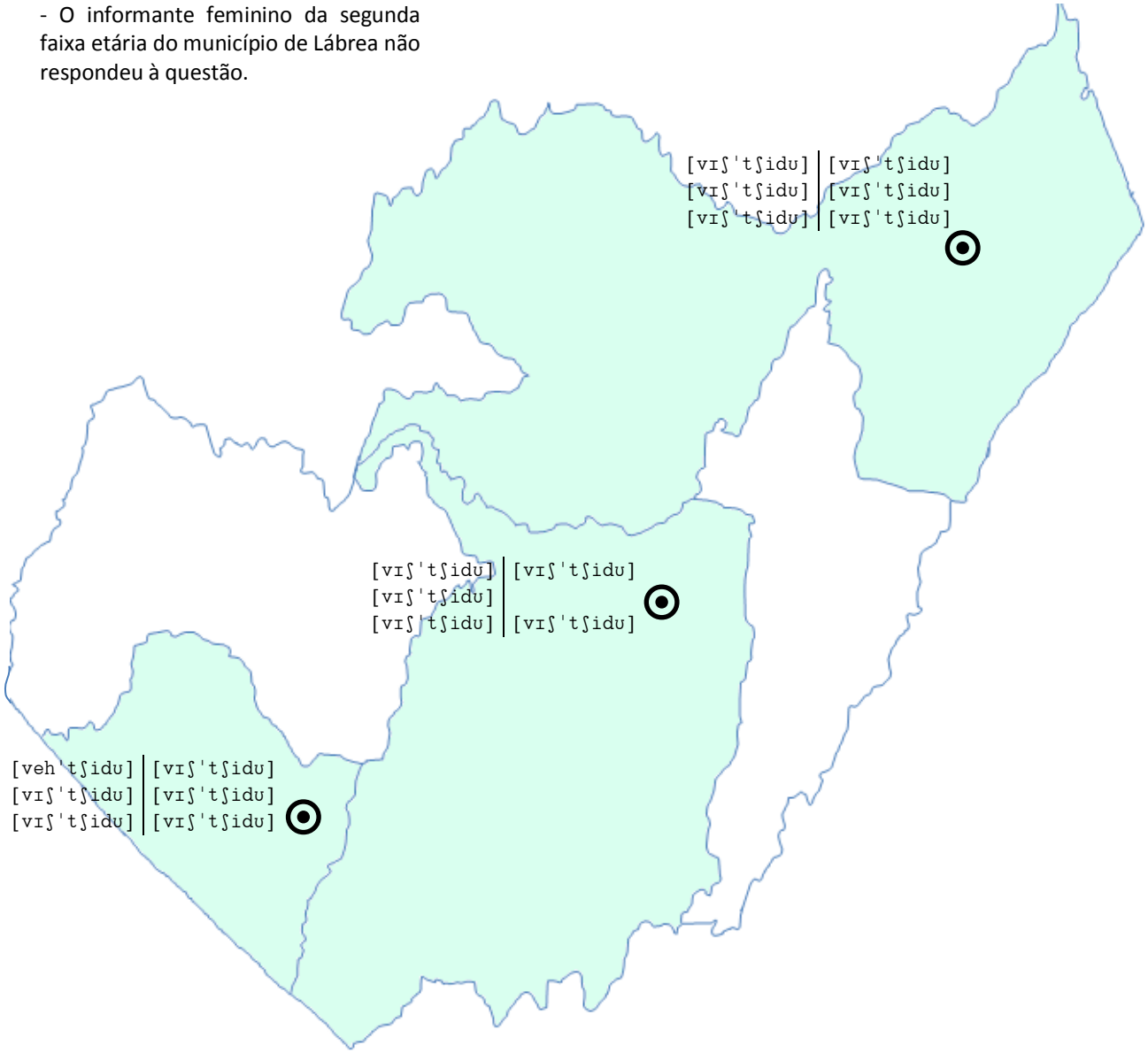


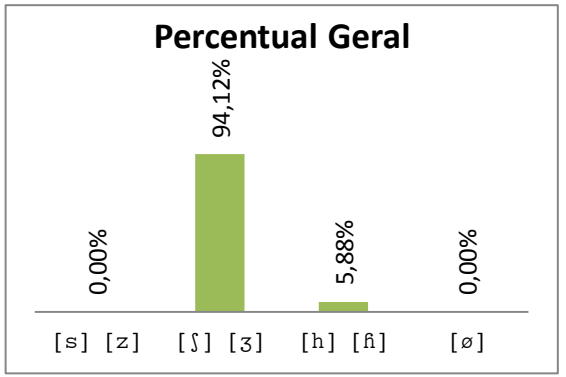


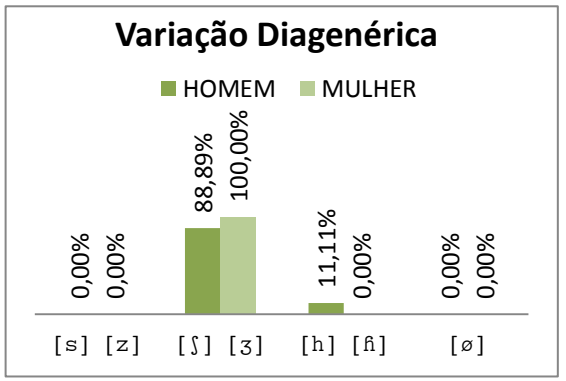
VESTIDO

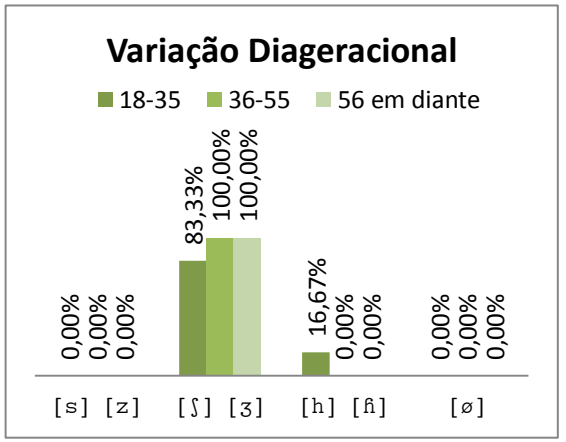
OBSERVAÇÕES:

- O informante feminino da segunda faixa etária do município de Lábrea não respondeu à questão.



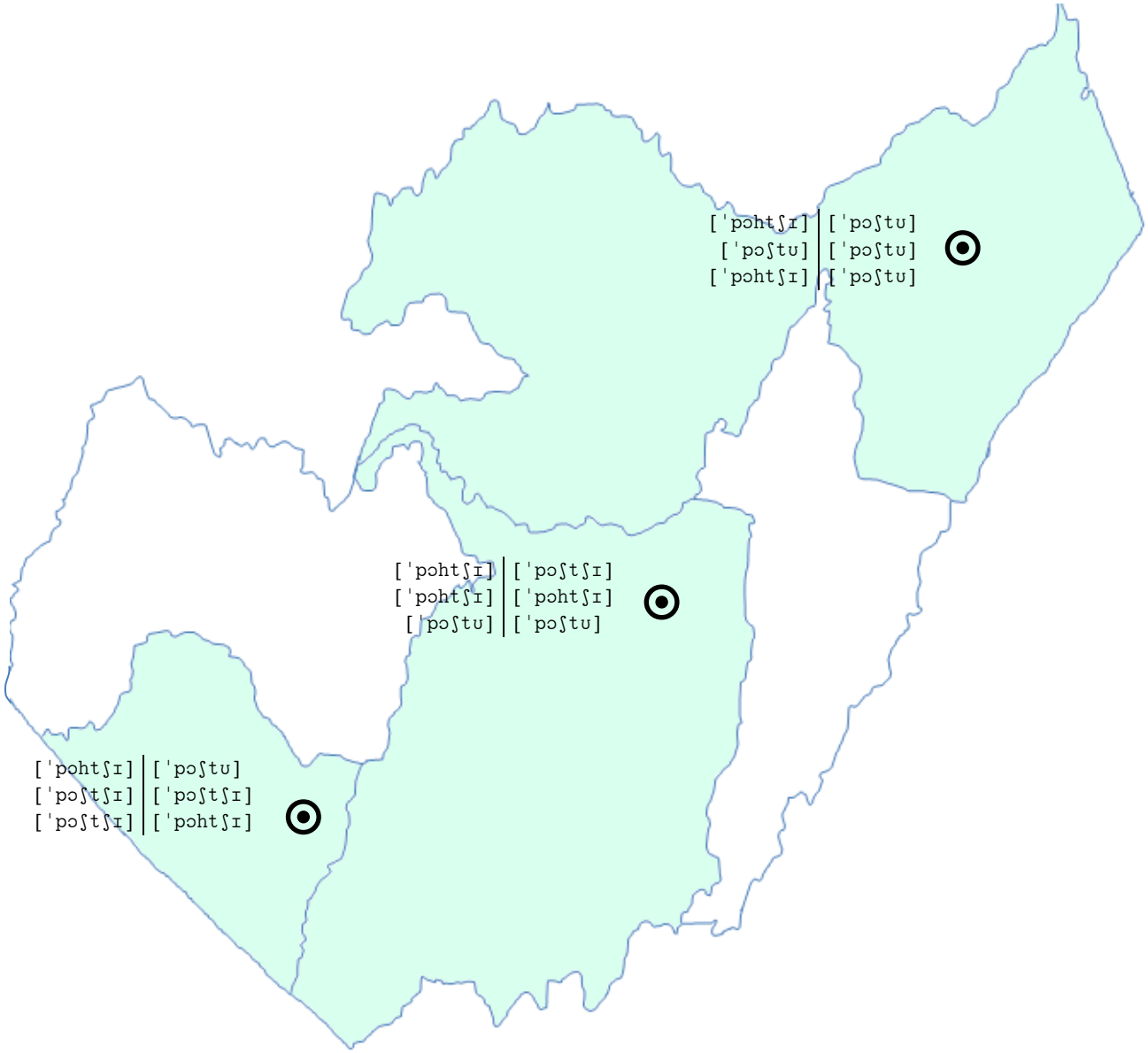


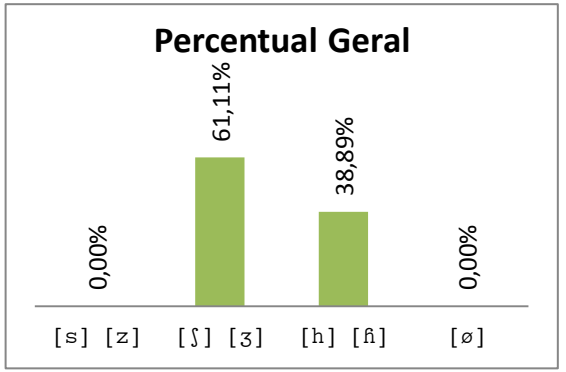


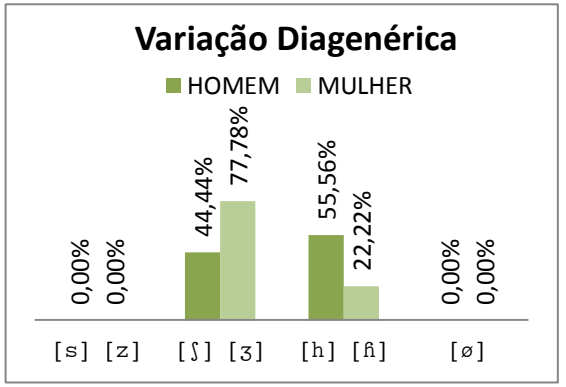


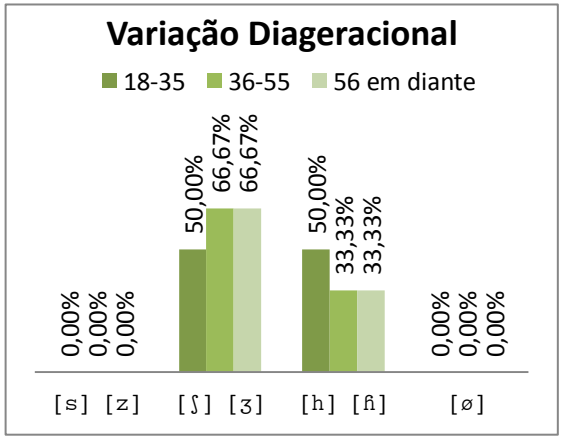
POSTE

OBSERVAÇÕES:



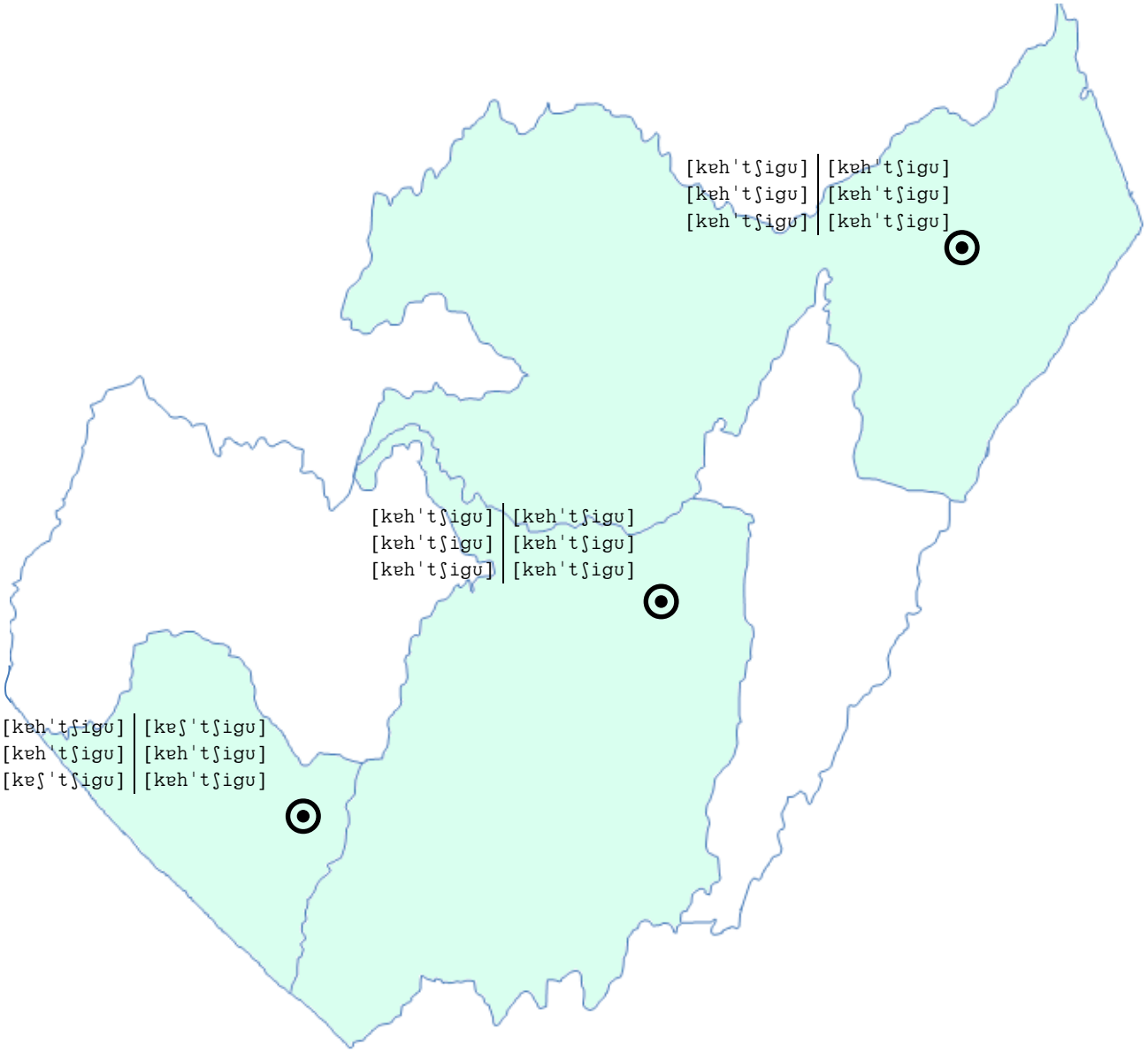


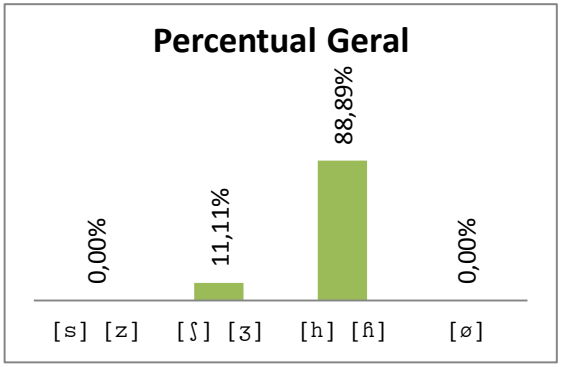


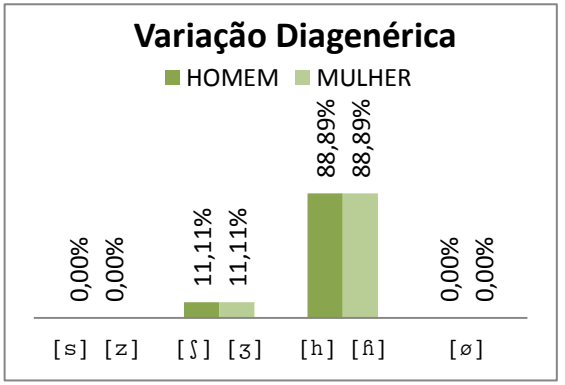


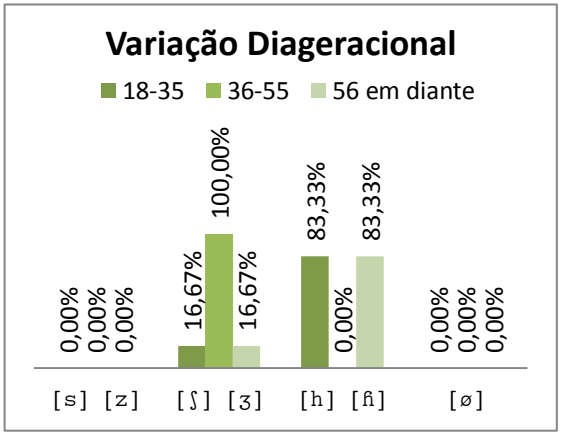
CASTIGO

OBSERVAÇÕES:



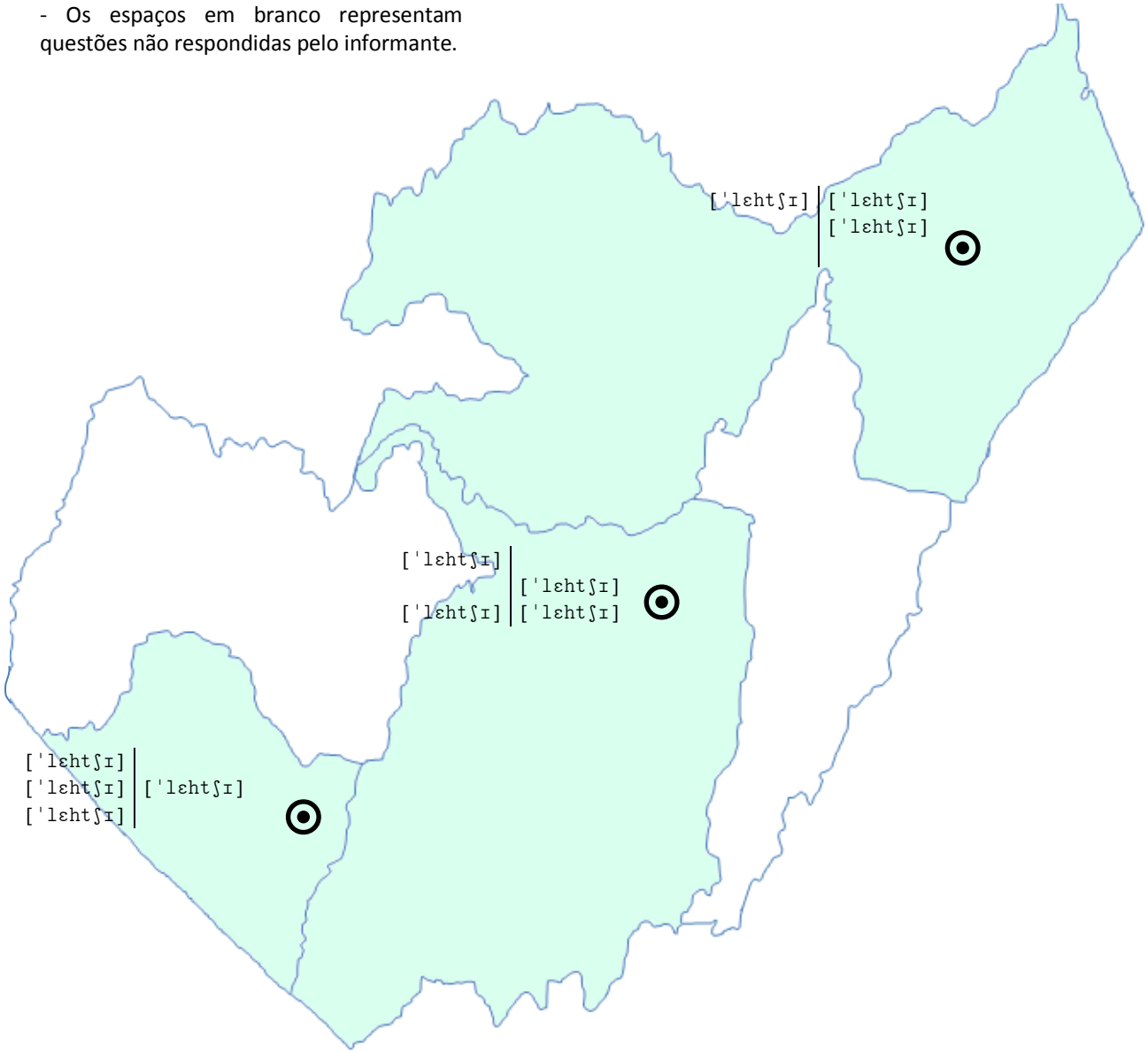


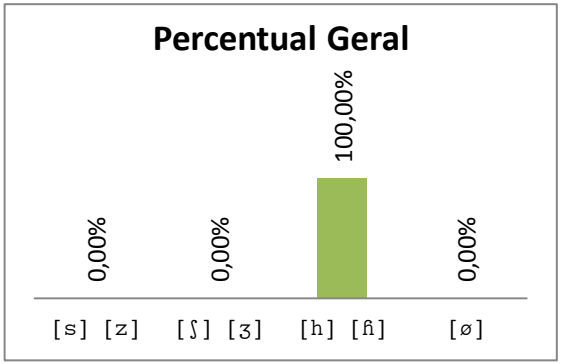


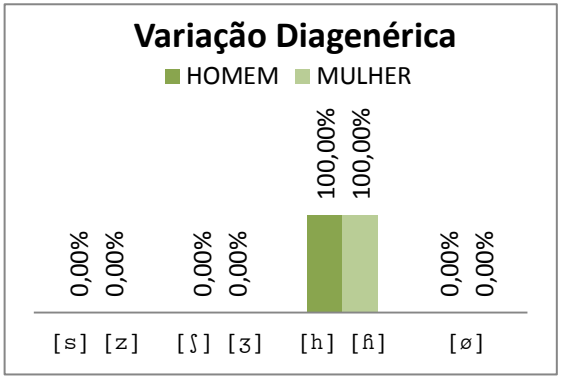


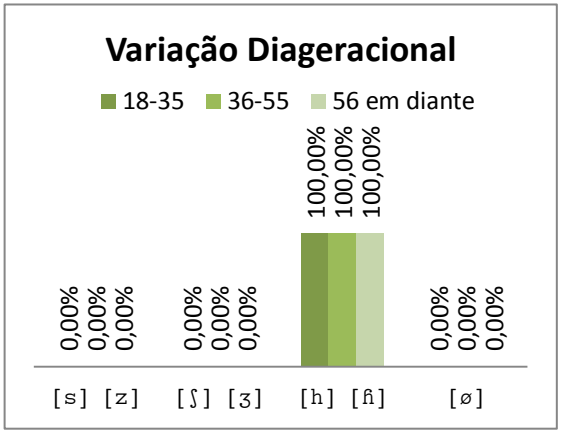
OBSERVAÇÕES:

- Os espaços em branco representam questões não respondidas pelo informante.





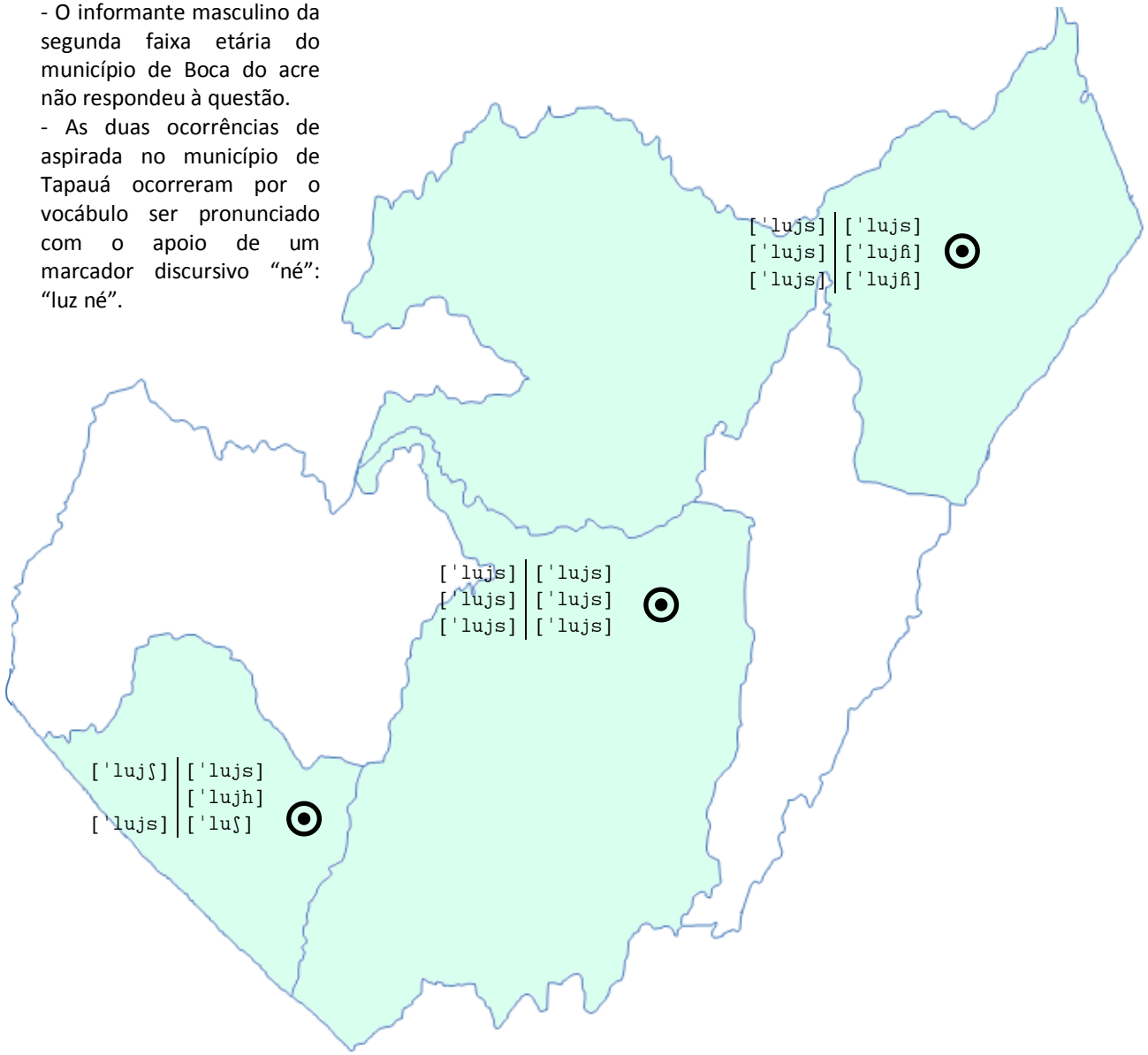


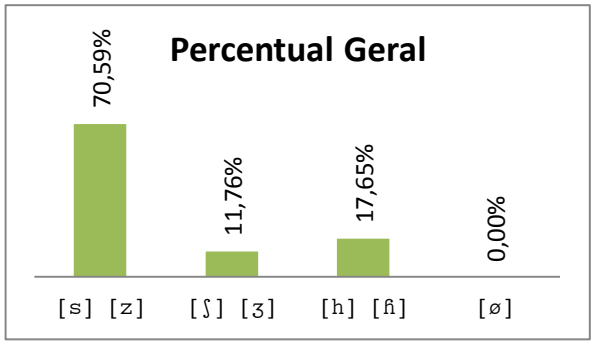


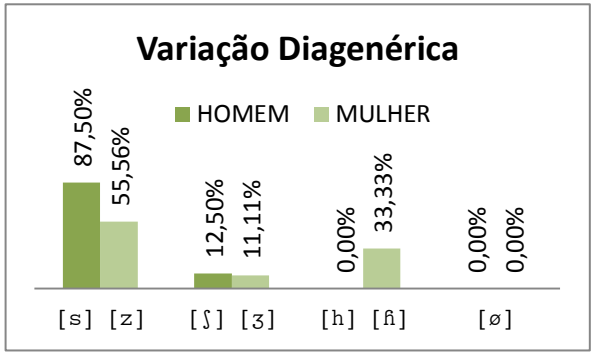
LUZ

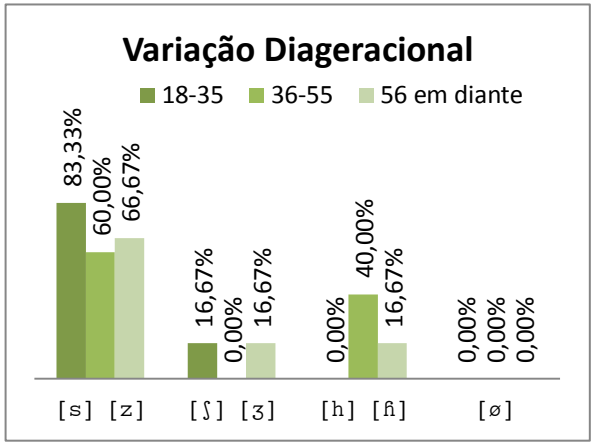
OBSERVAÇÕES:

- O informante masculino da segunda faixa etária do município de Boca do acre não respondeu à questão.
- As duas ocorrências de aspirada no município de Tapauá ocorreram por o vocábulo ser pronunciado com o apoio de um marcador discursivo "né": "luz né".





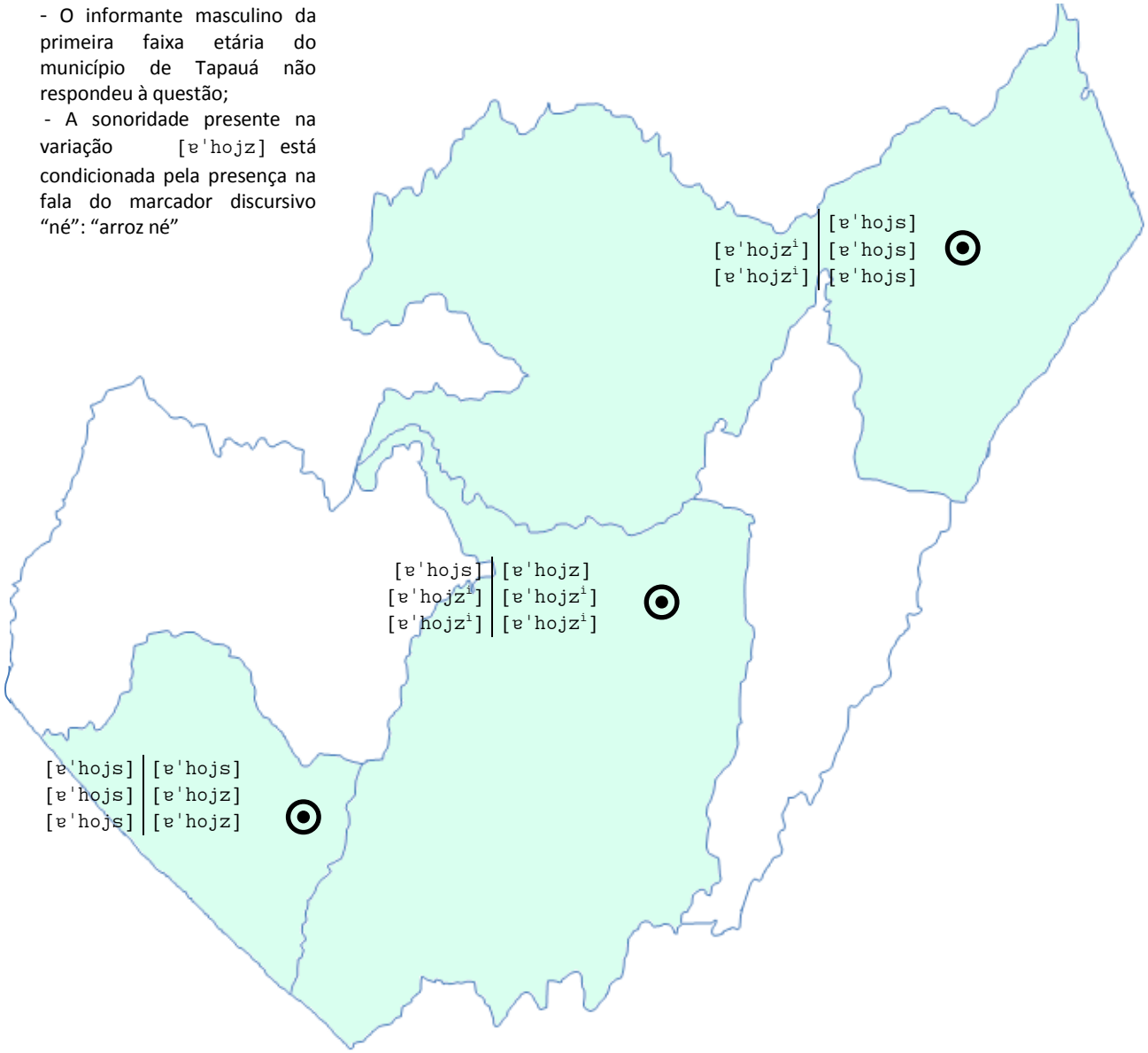


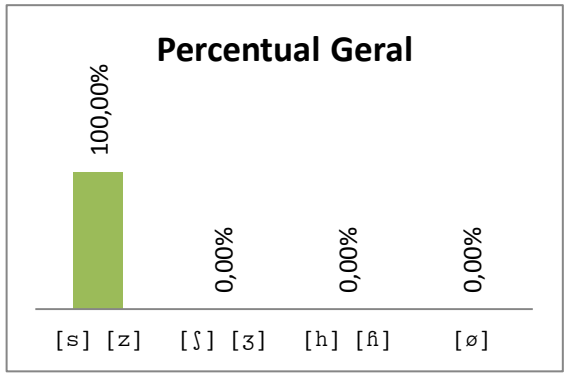


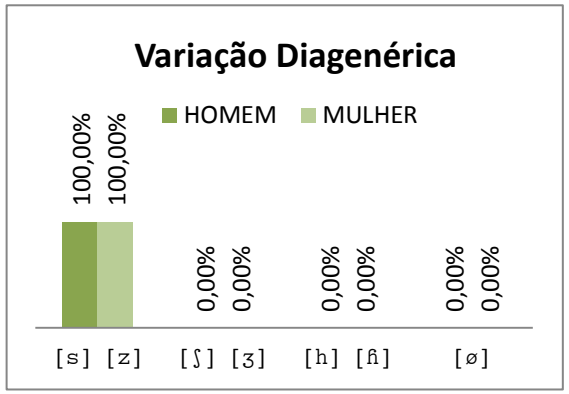
ARROZ

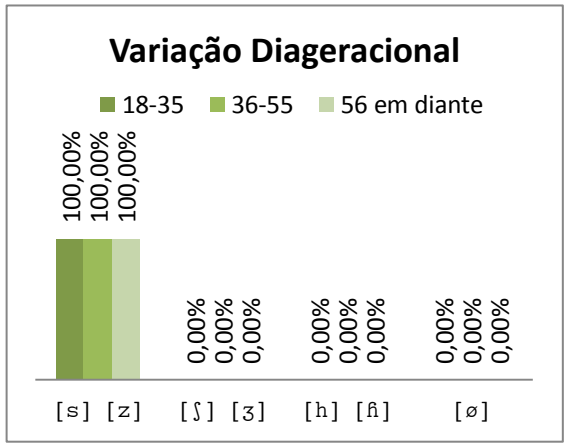
OBSERVAÇÕES:

- O informante masculino da primeira faixa etária do município de Tapauá não respondeu à questão;
- A sonoridade presente na variação [ɐ'hojz] está condicionada pela presença na fala do marcador discursivo "né": "arroz né"





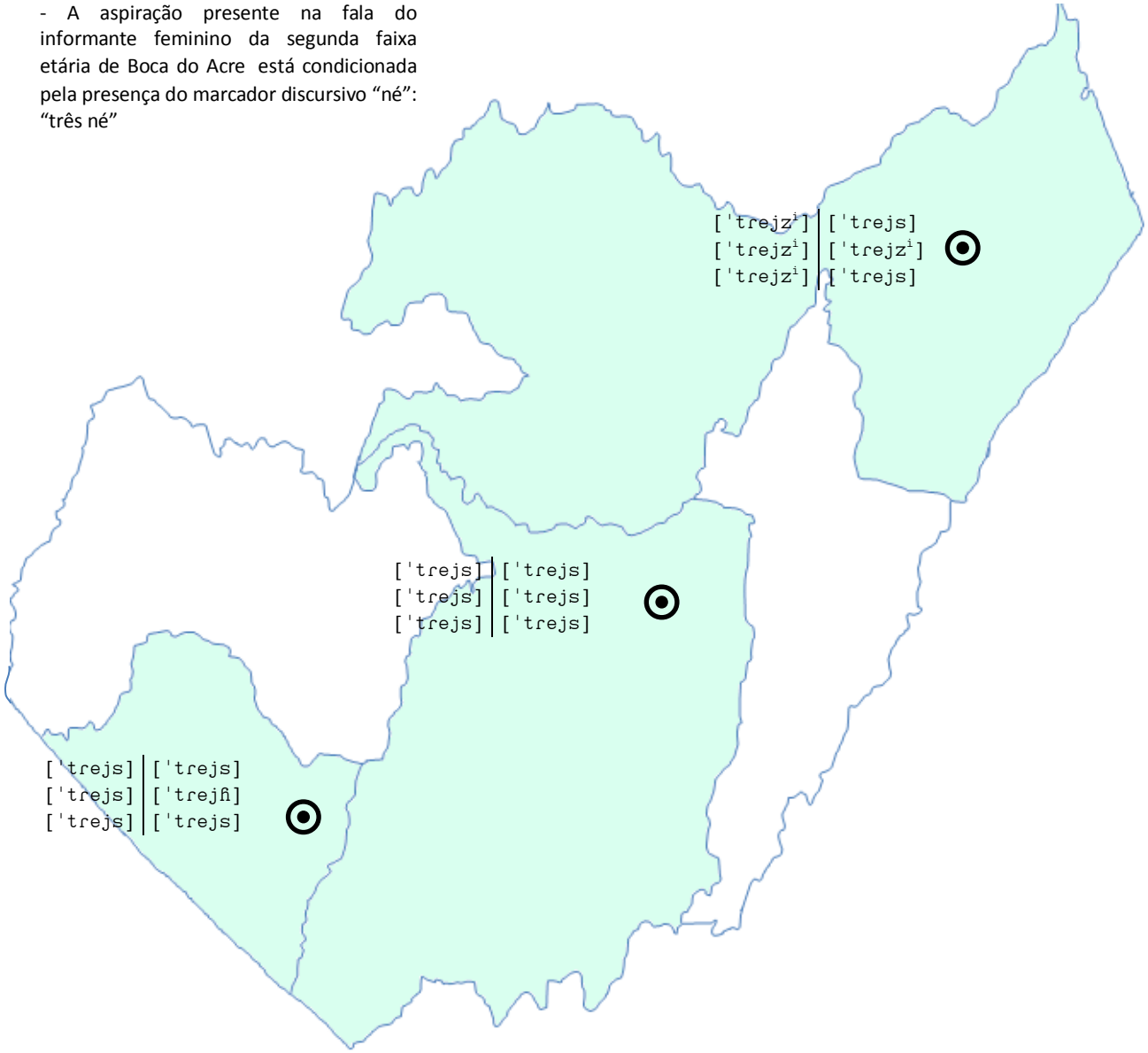


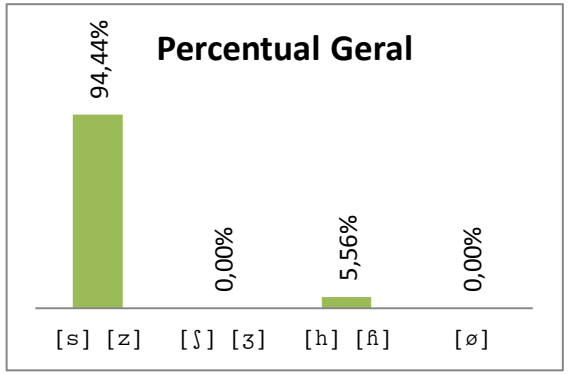


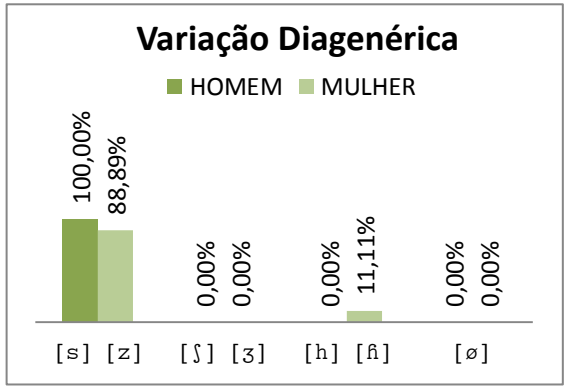
TRÊS

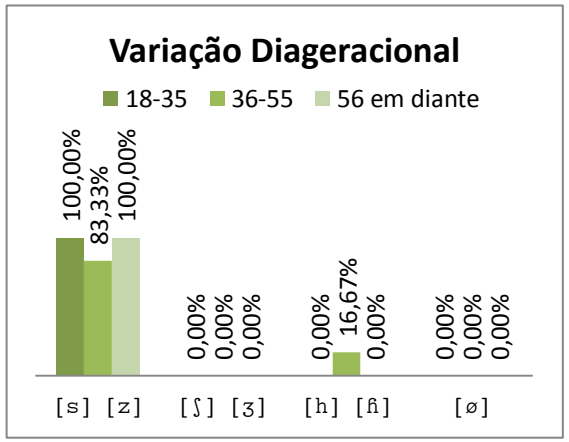
OBSERVAÇÕES:

- A aspiração presente na fala do informante feminino da segunda faixa etária de Boca do Acre está condicionada pela presença do marcador discursivo “né”: “três né”





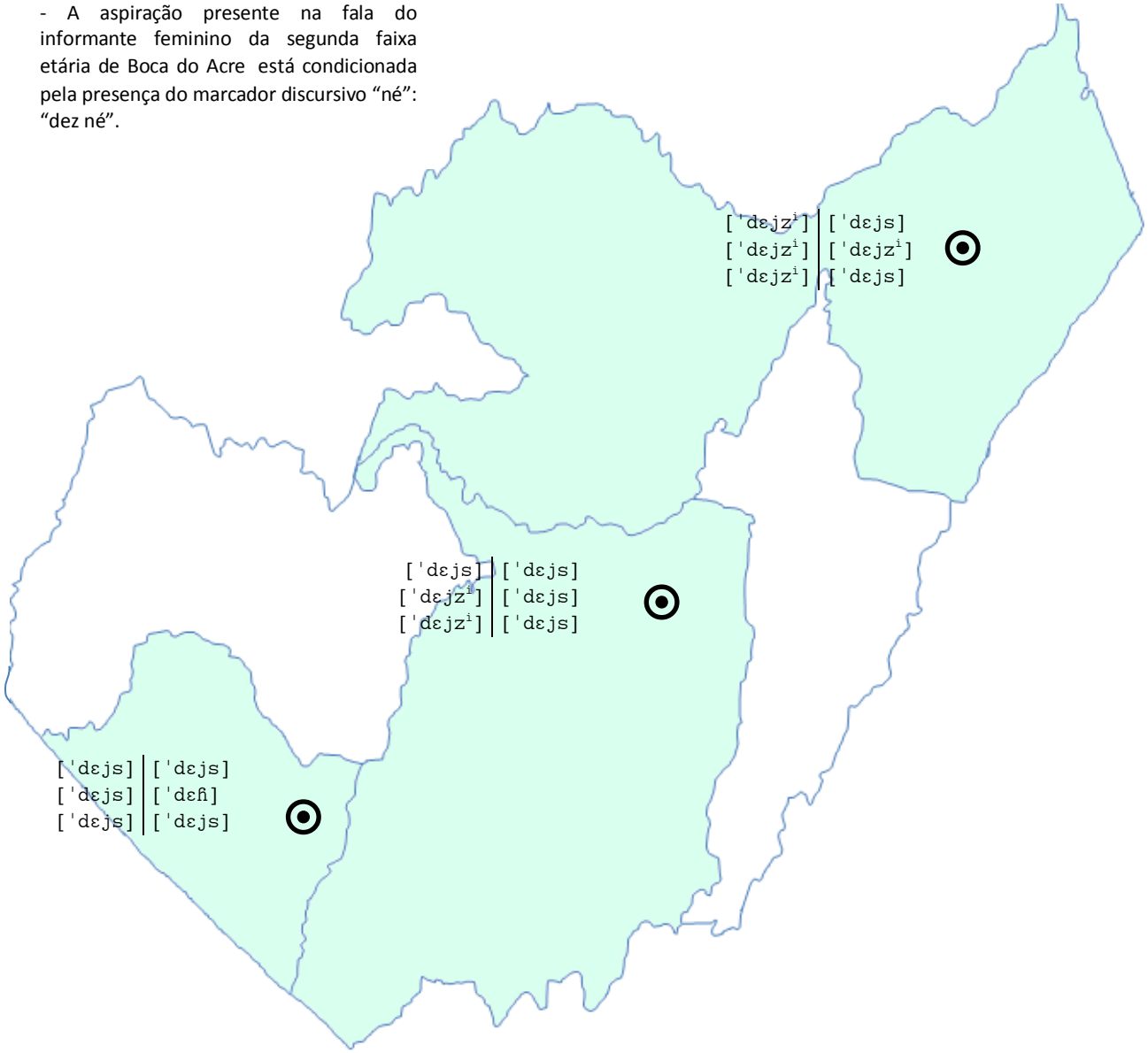


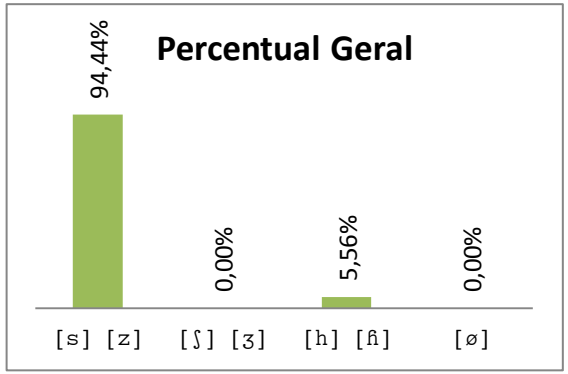


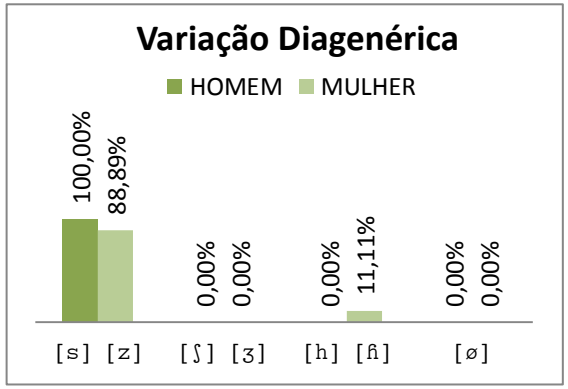
DEZ

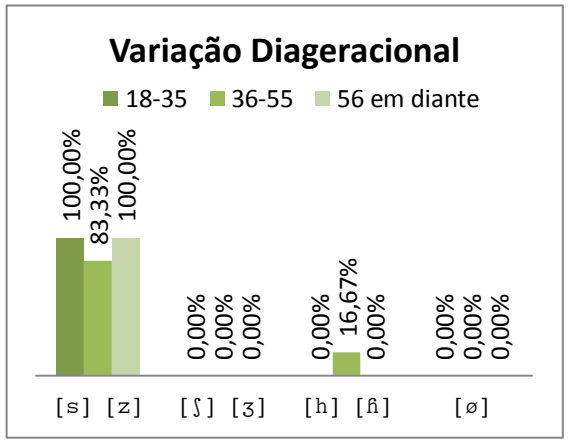
OBSERVAÇÕES:

- A aspiração presente na fala do informante feminino da segunda faixa etária de Boca do Acre está condicionada pela presença do marcador discursivo “né”: “dez né”.

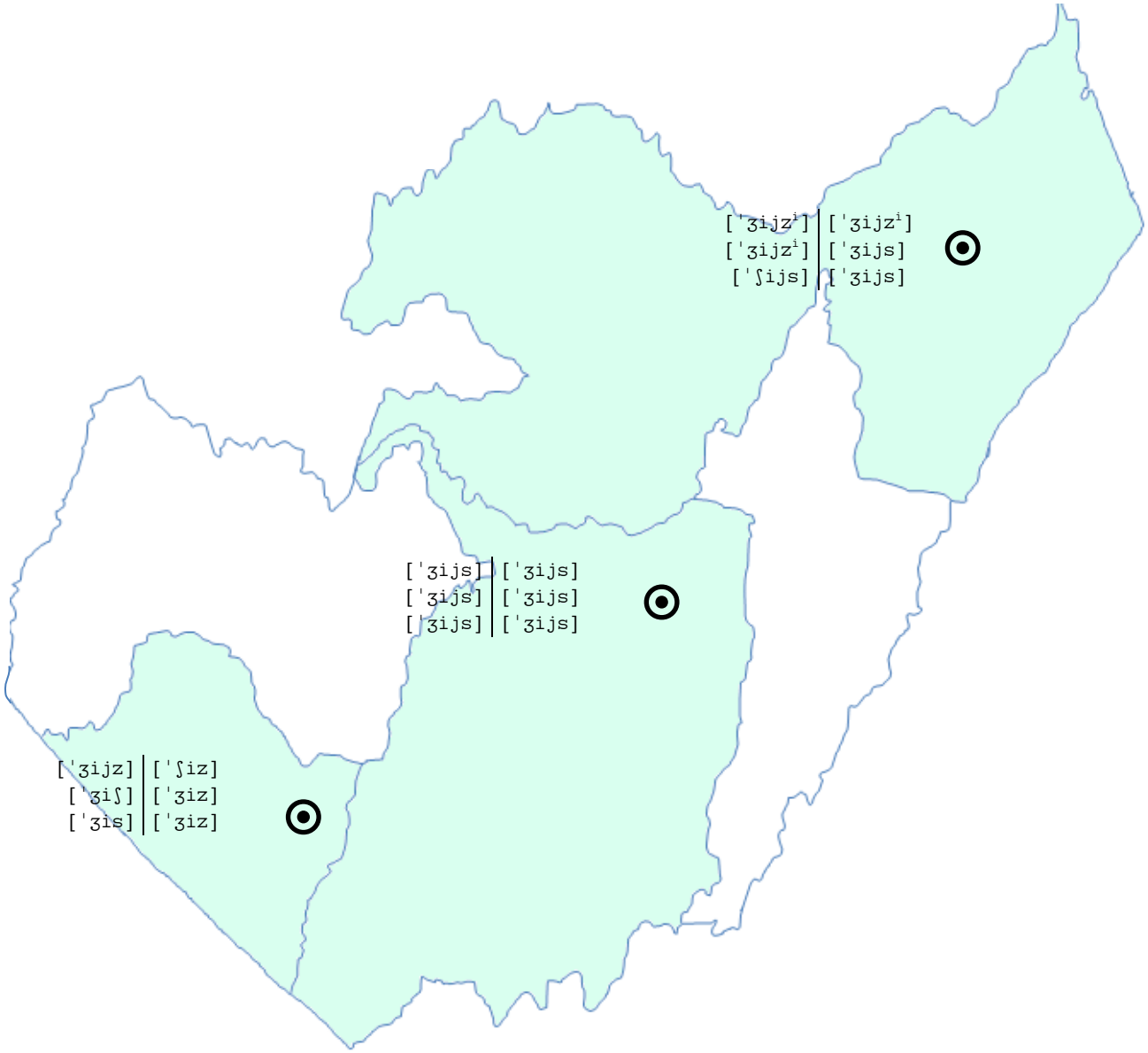


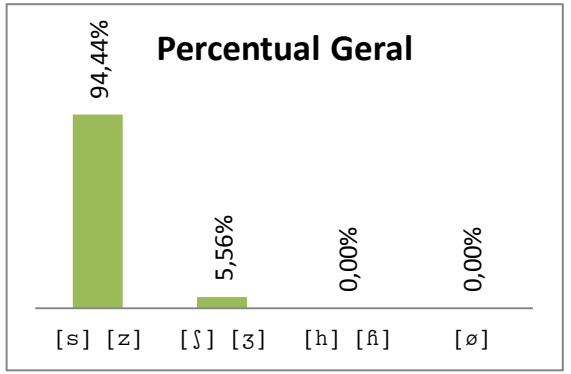


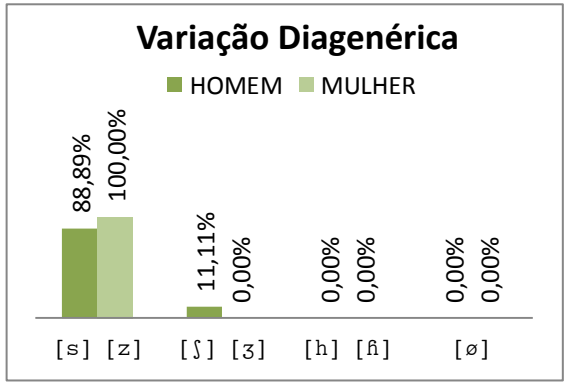


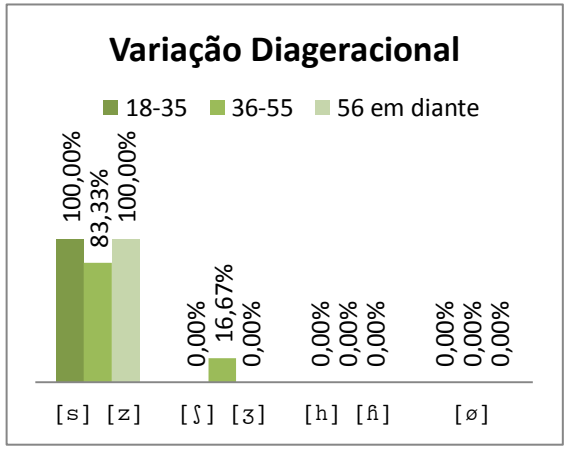


OBSERVAÇÕES:



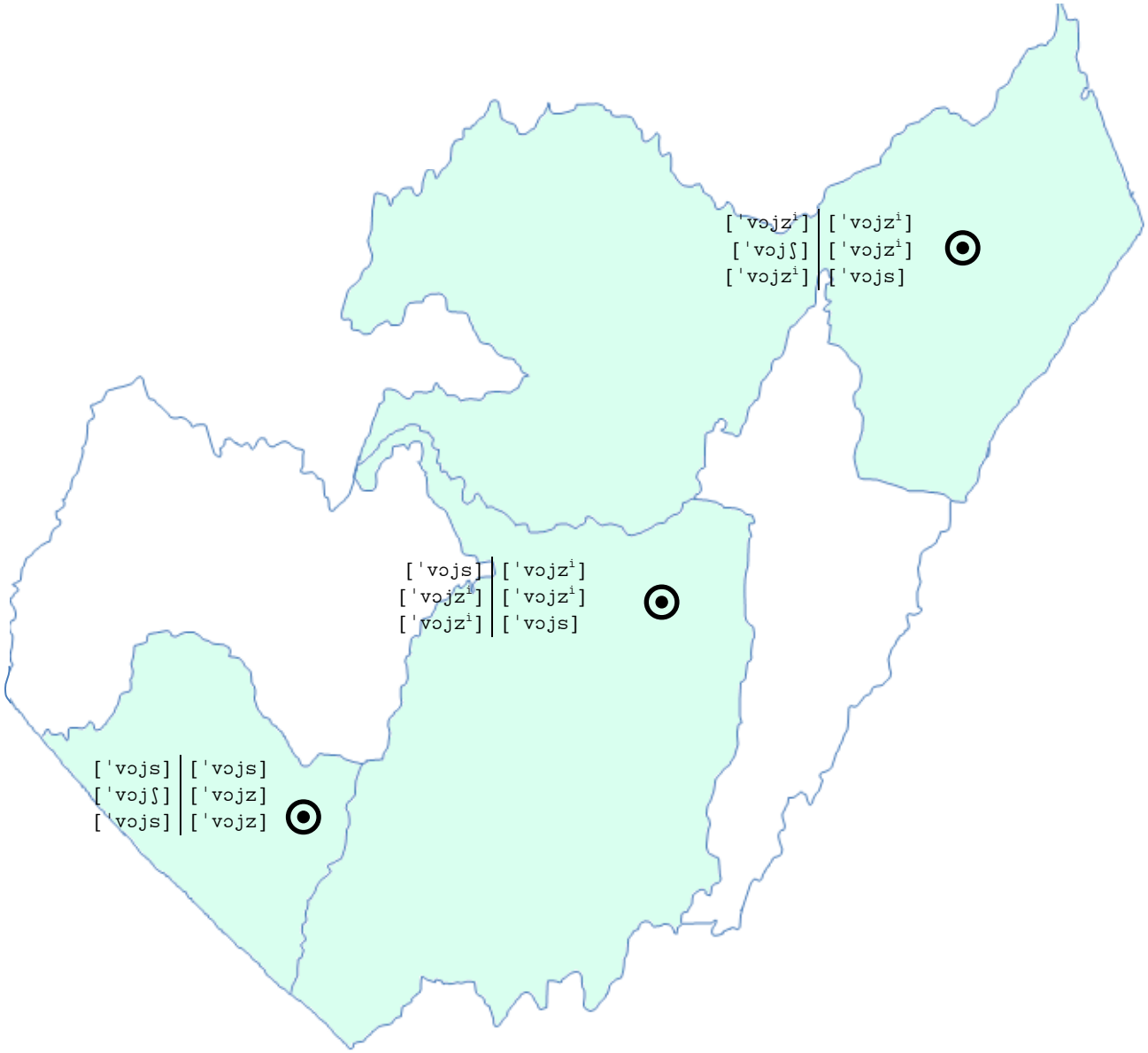


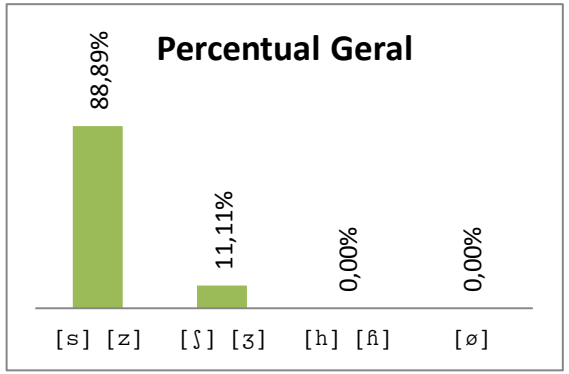


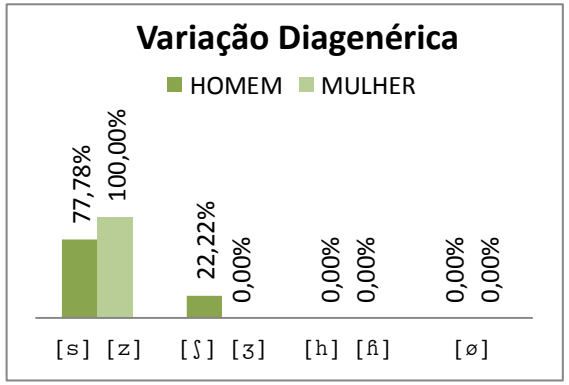


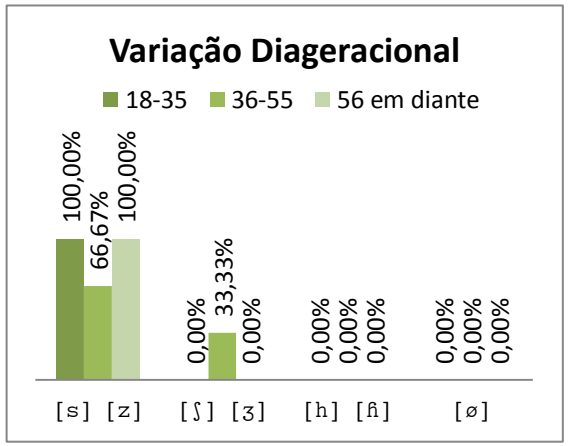
VOZ

OBSERVAÇÕES:



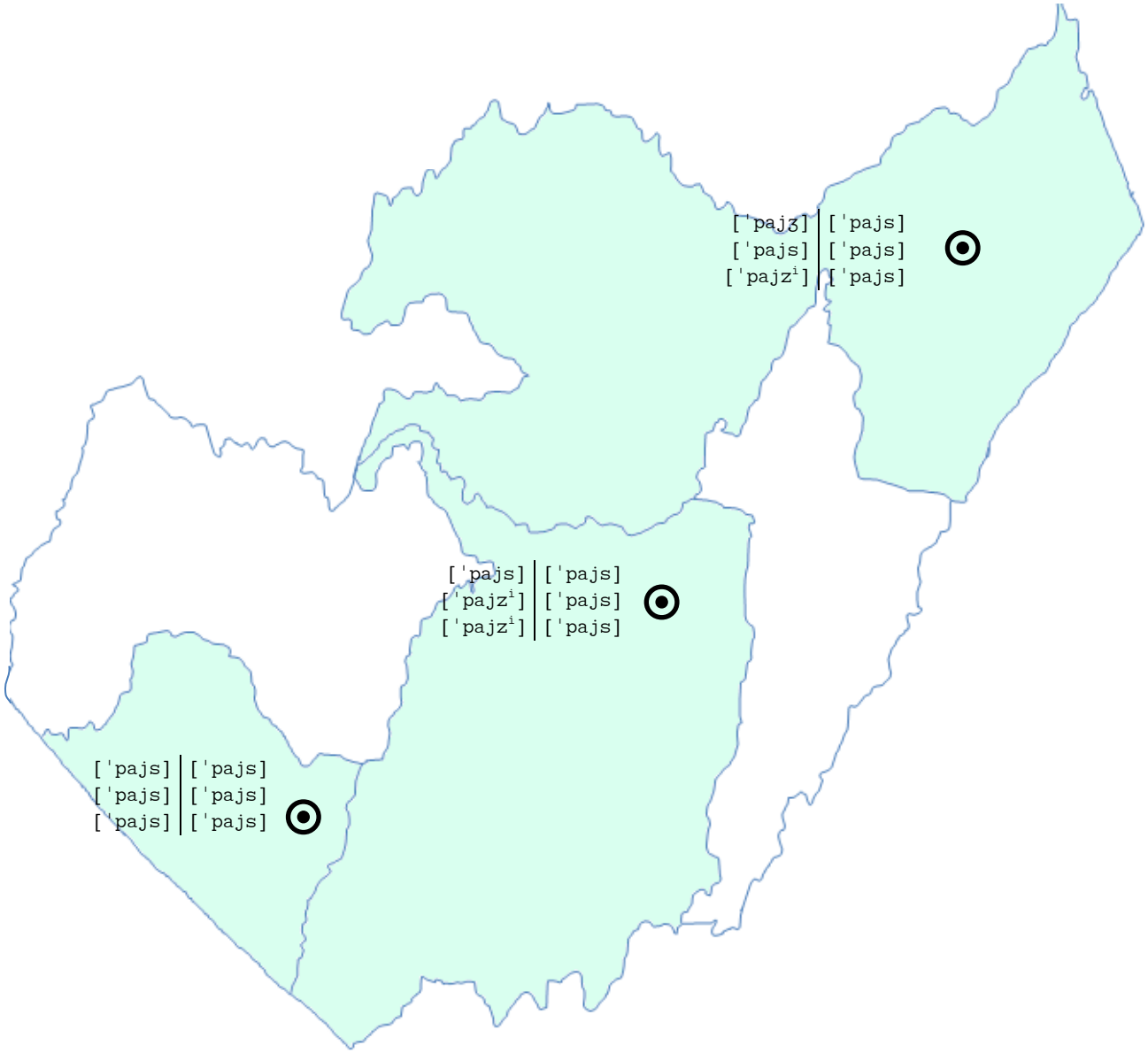


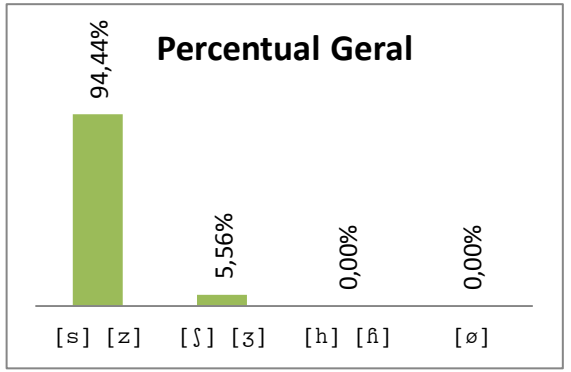


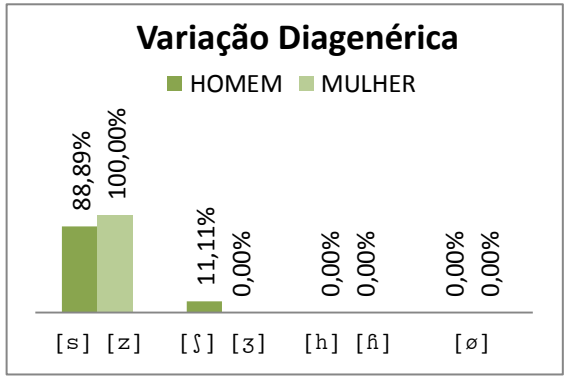


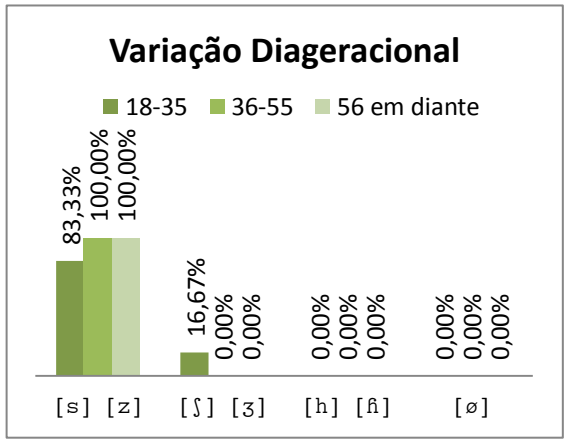
PAZ

OBSERVAÇÕES:



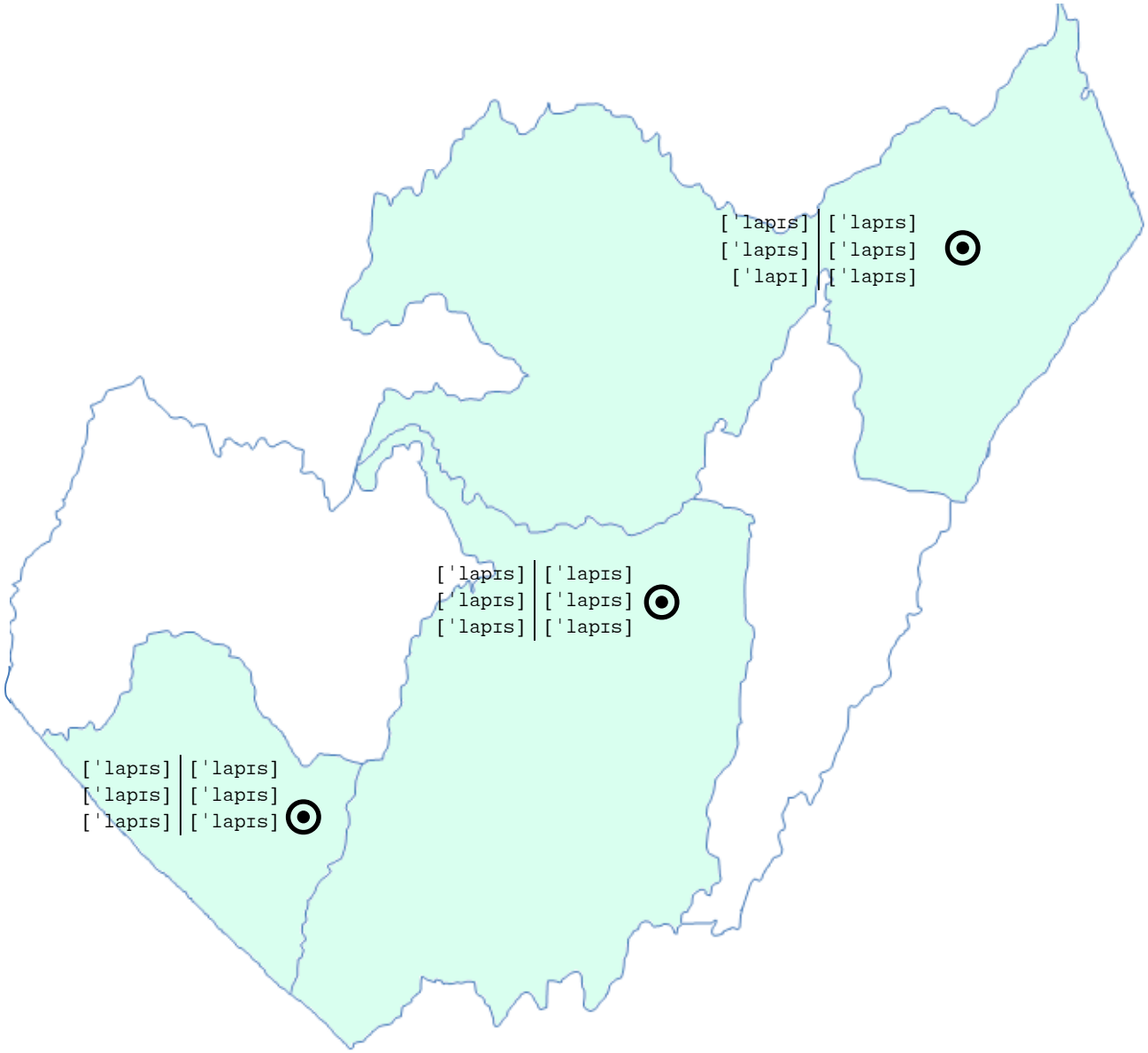


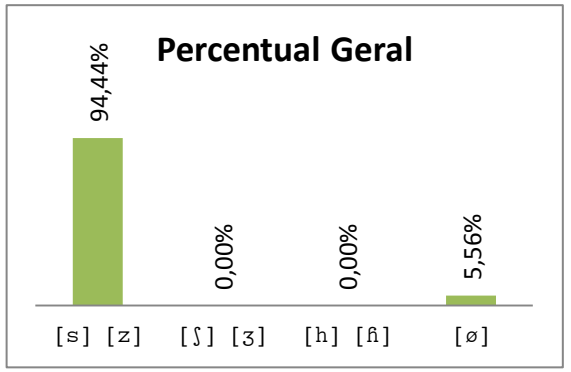


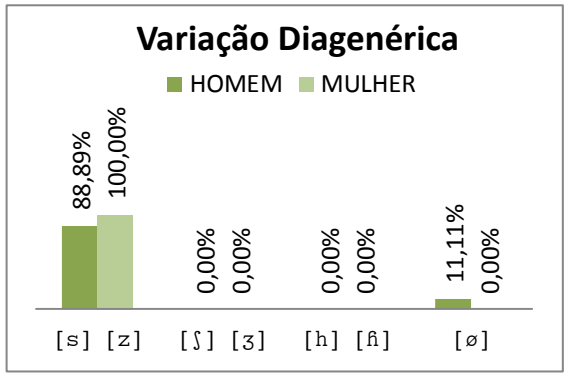


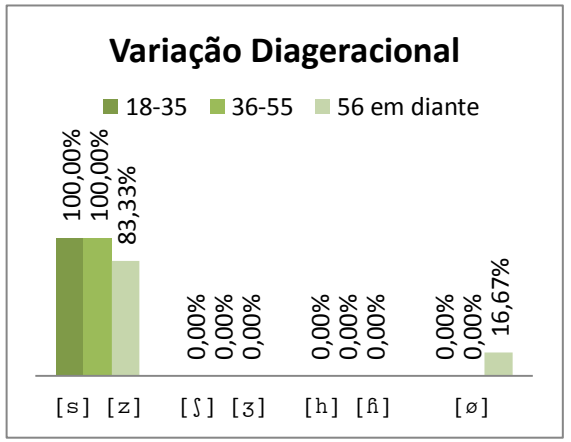
LÁPIS

OBSERVAÇÕES:





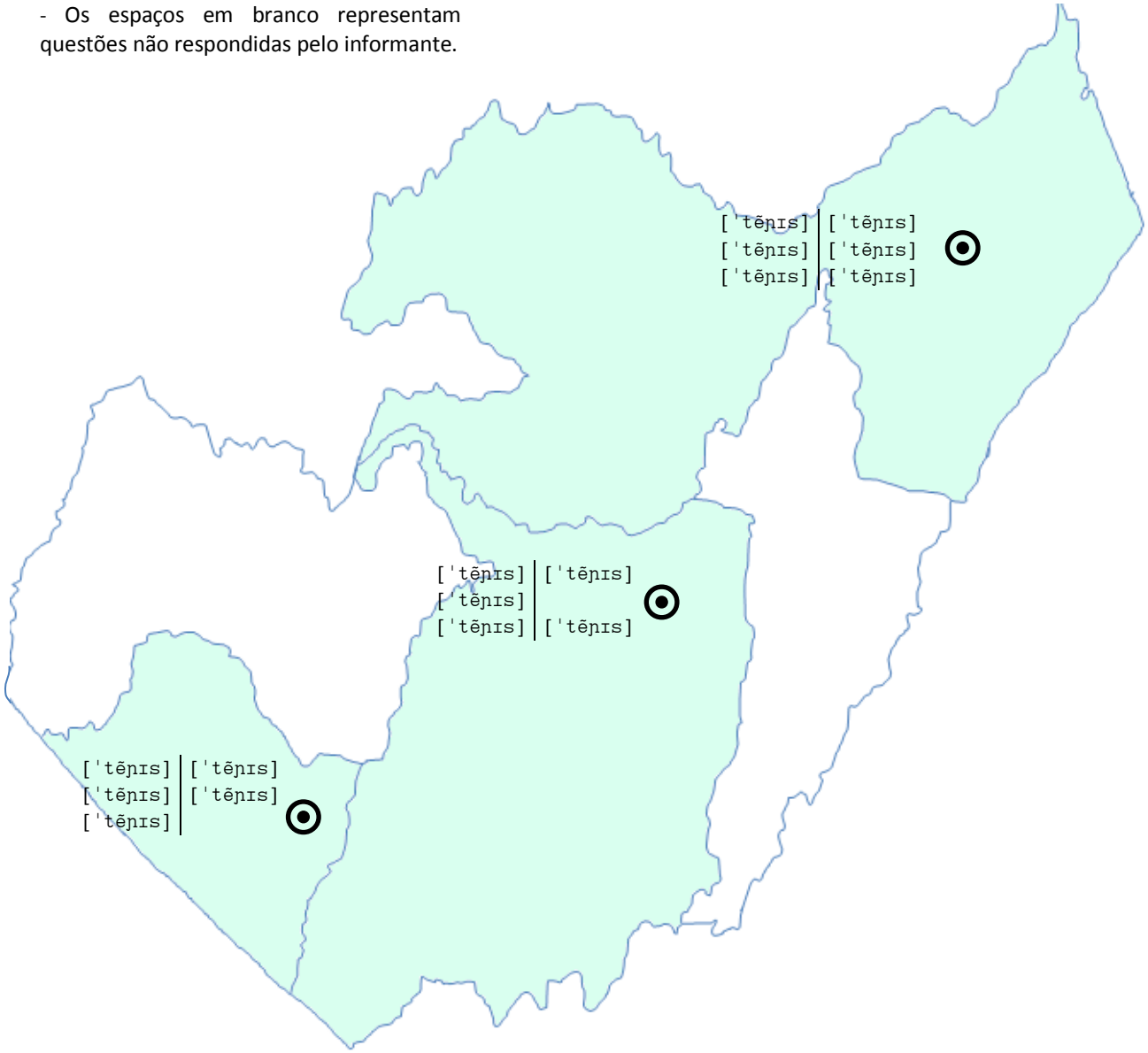


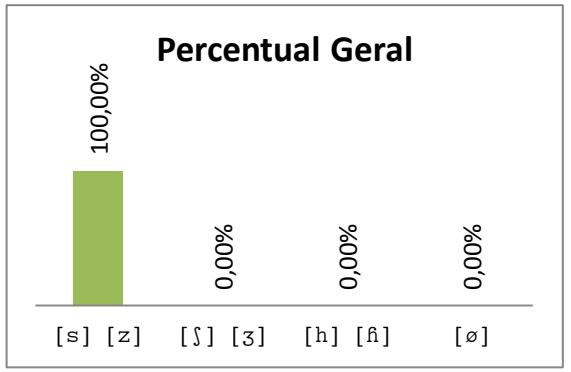


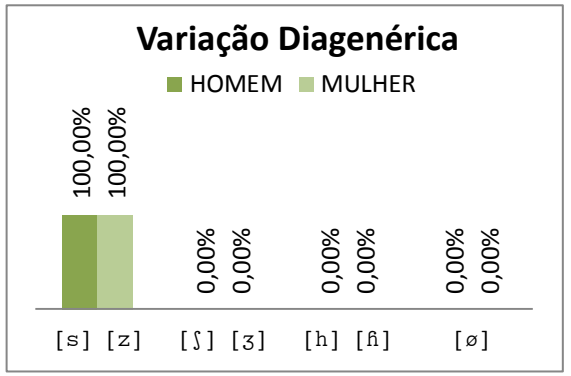
TÊNIS

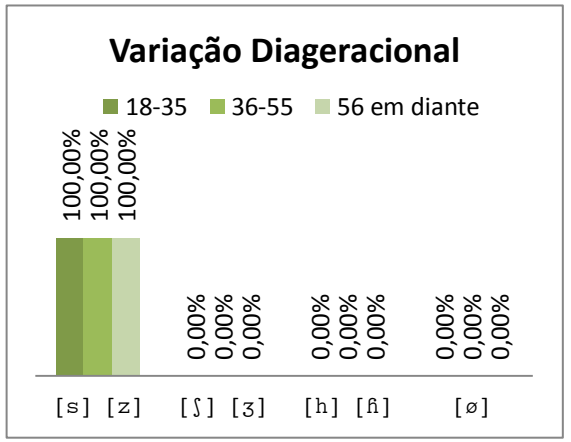
OBSERVAÇÕES:

- Os espaços em branco representam questões não respondidas pelo informante.





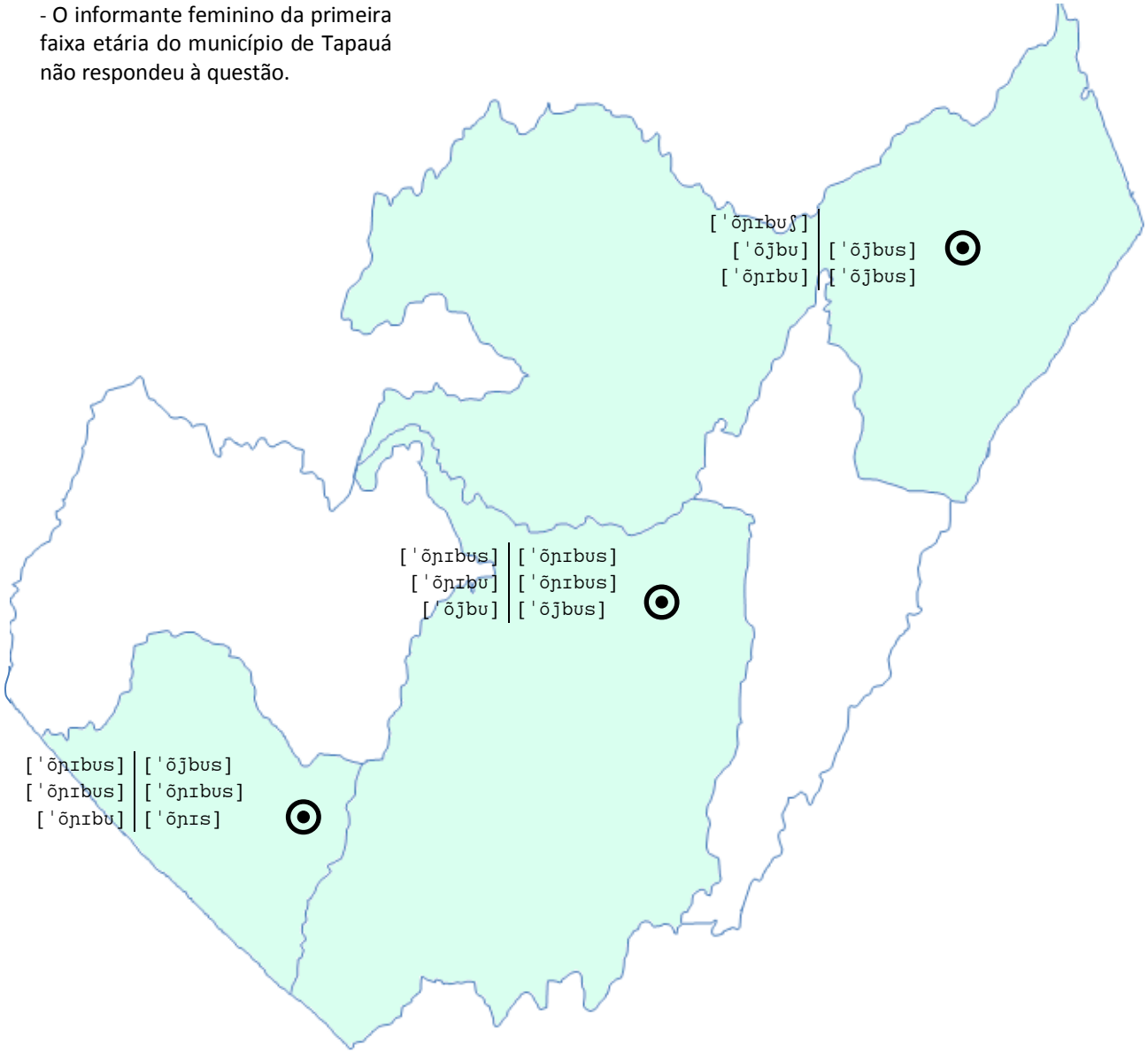


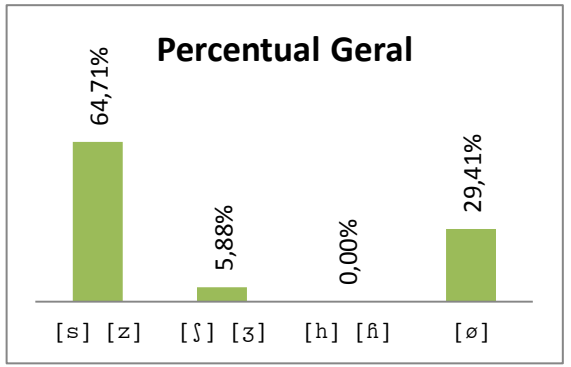


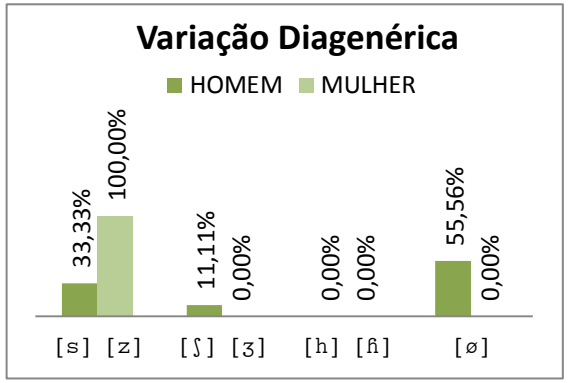
ÔNIBUS

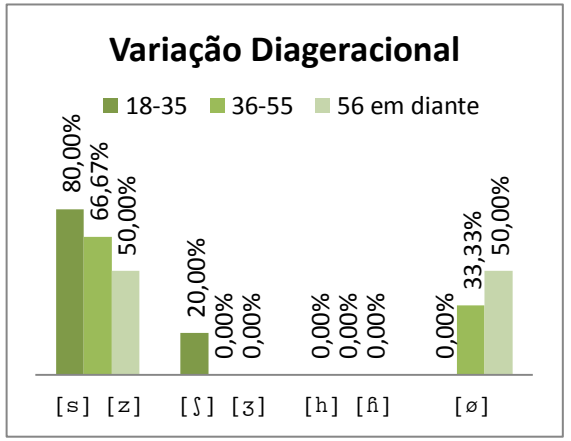
OBSERVAÇÕES:

- O informante feminino da primeira faixa etária do município de Tapauá não respondeu à questão.





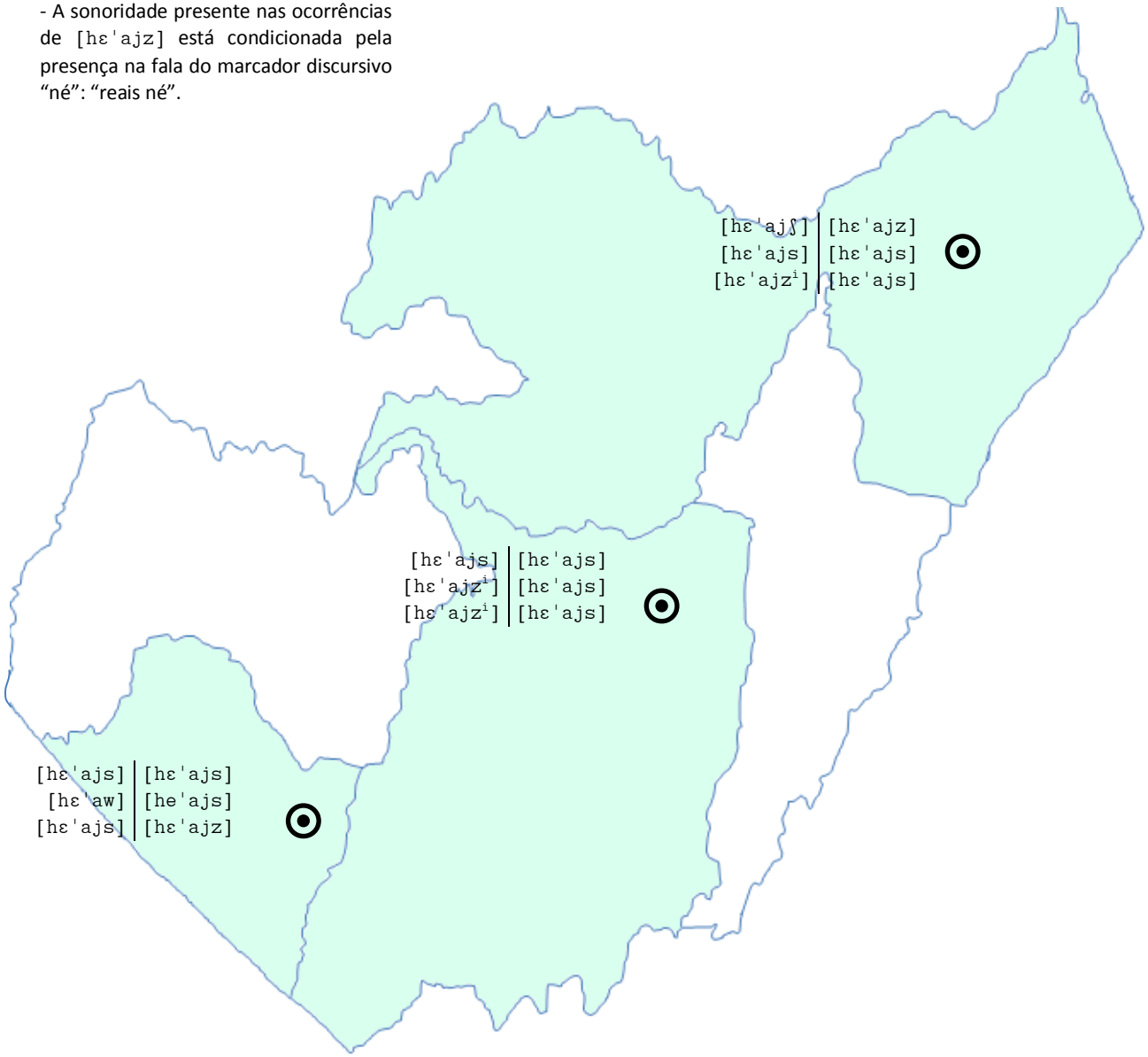


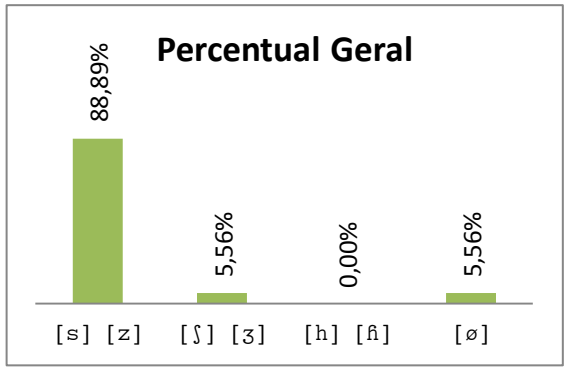


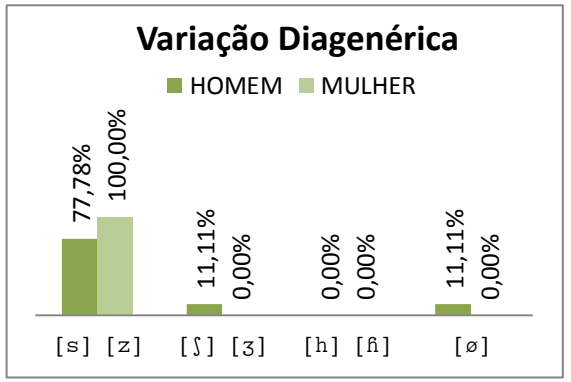
REAIS

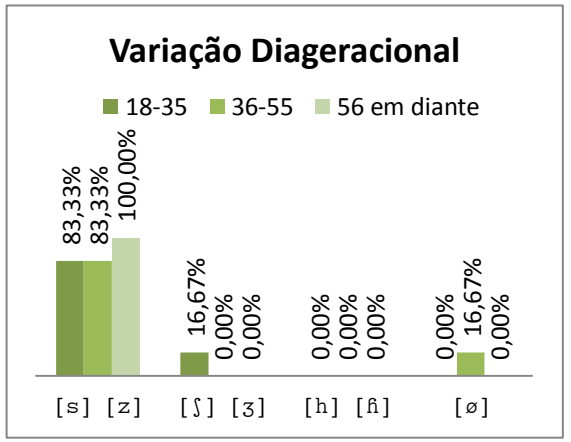
OBSERVAÇÕES:

- A sonoridade presente nas ocorrências de [hɛ'ajz] está condicionada pela presença na fala do marcador discursivo "né": "reais né".





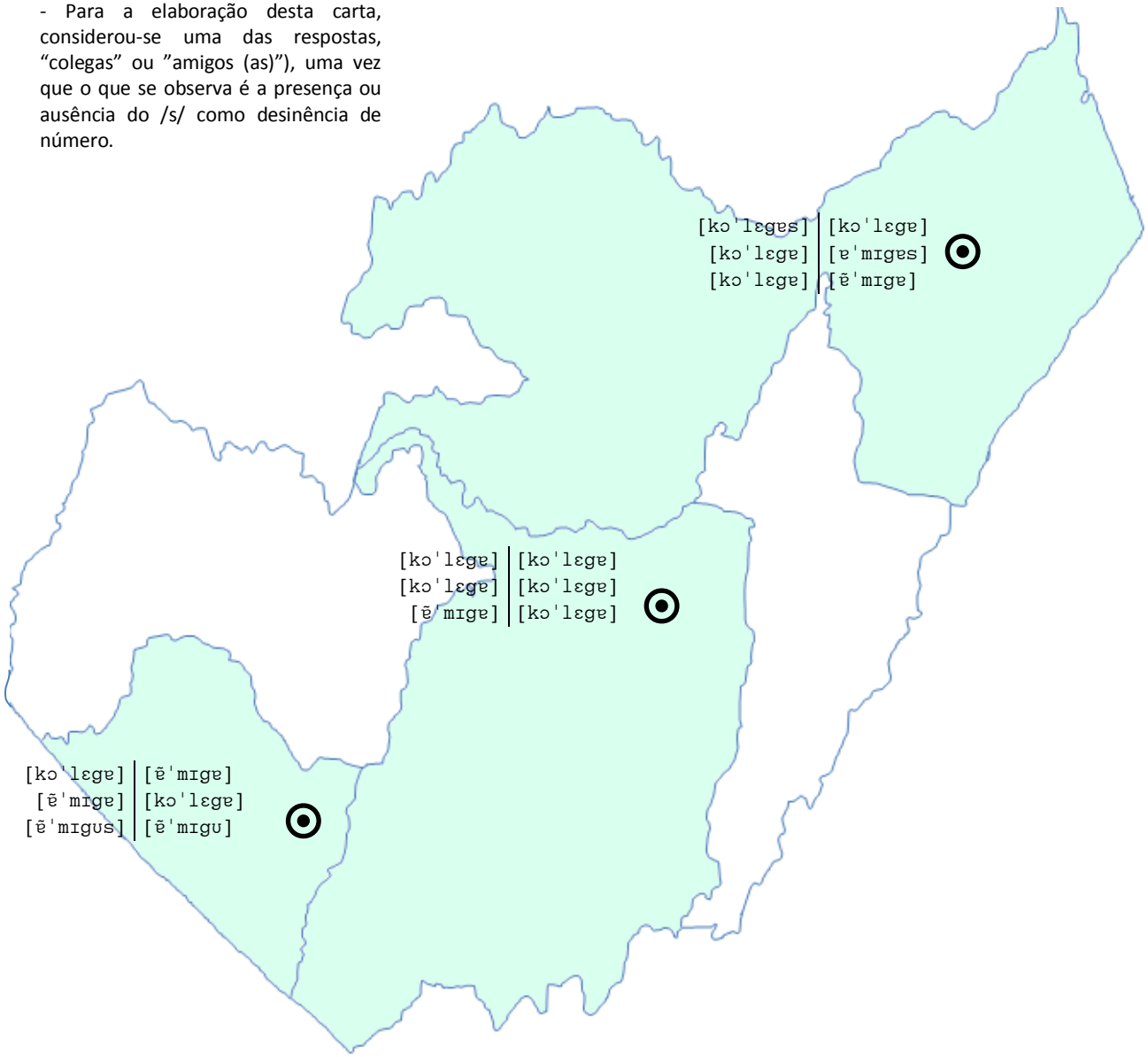


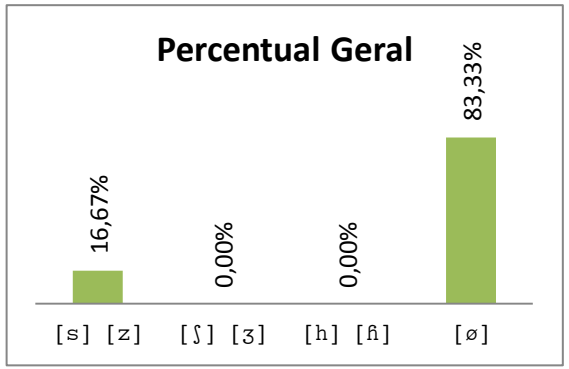


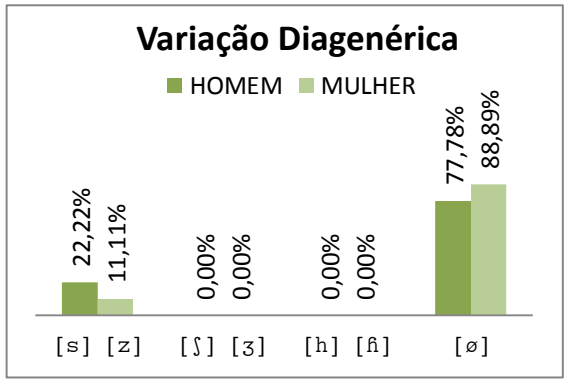
COLEGAS / AMIGAS

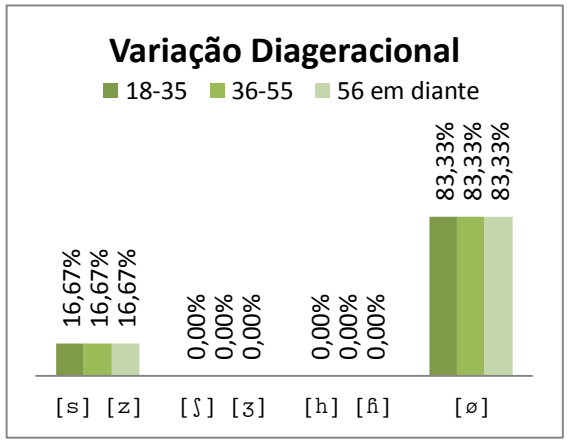
OBSERVAÇÕES:

- Para a elaboração desta carta, considerou-se uma das respostas, “colegas” ou ”amigos (as)”), uma vez que o que se observa é a presença ou ausência do /s/ como desinência de número.



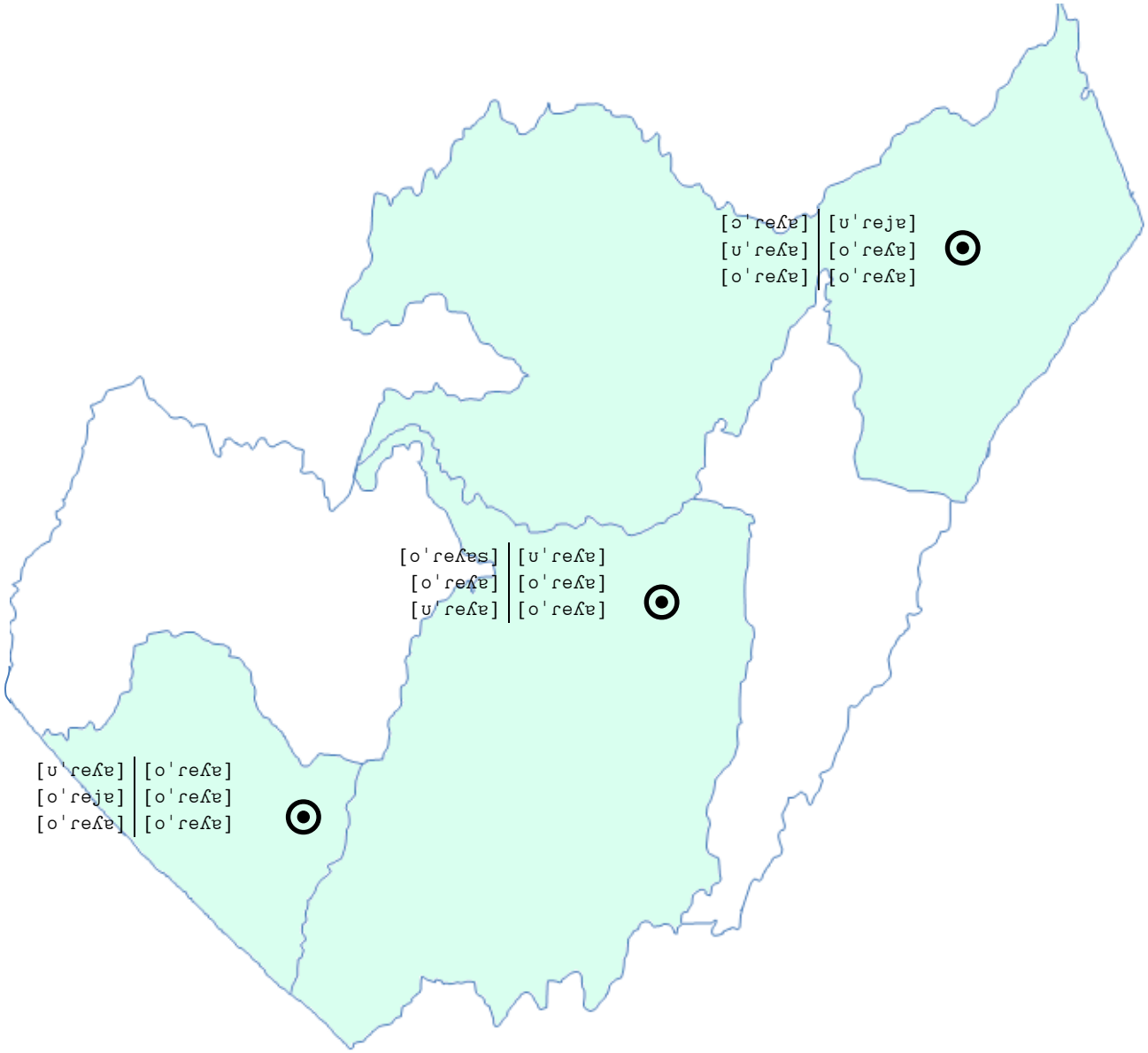


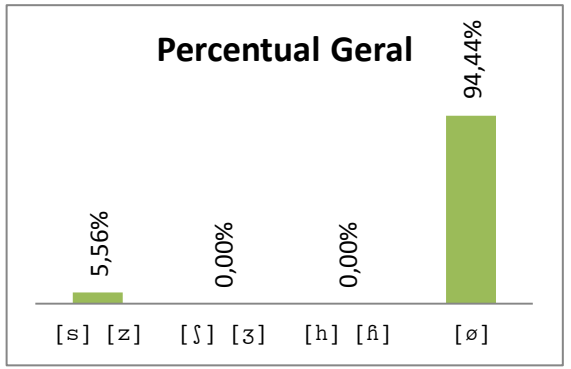


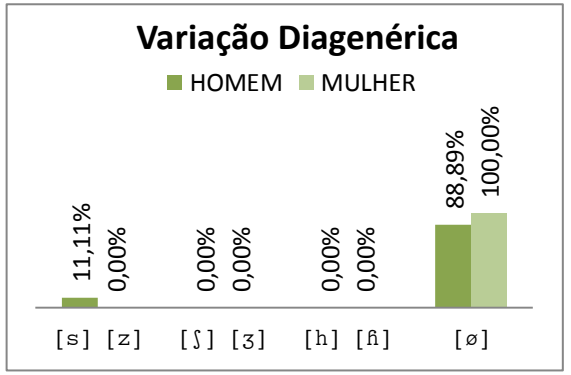


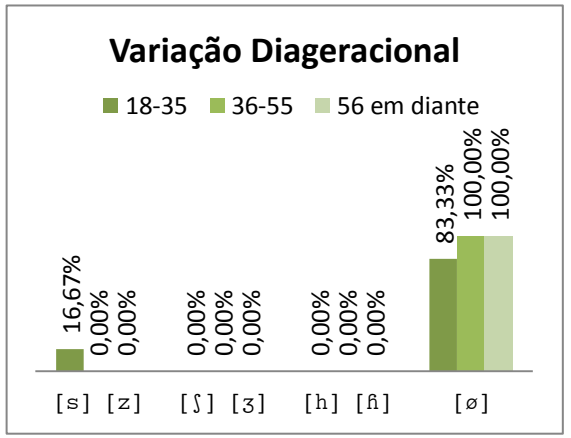
ORELHAS

OBSERVAÇÕES:

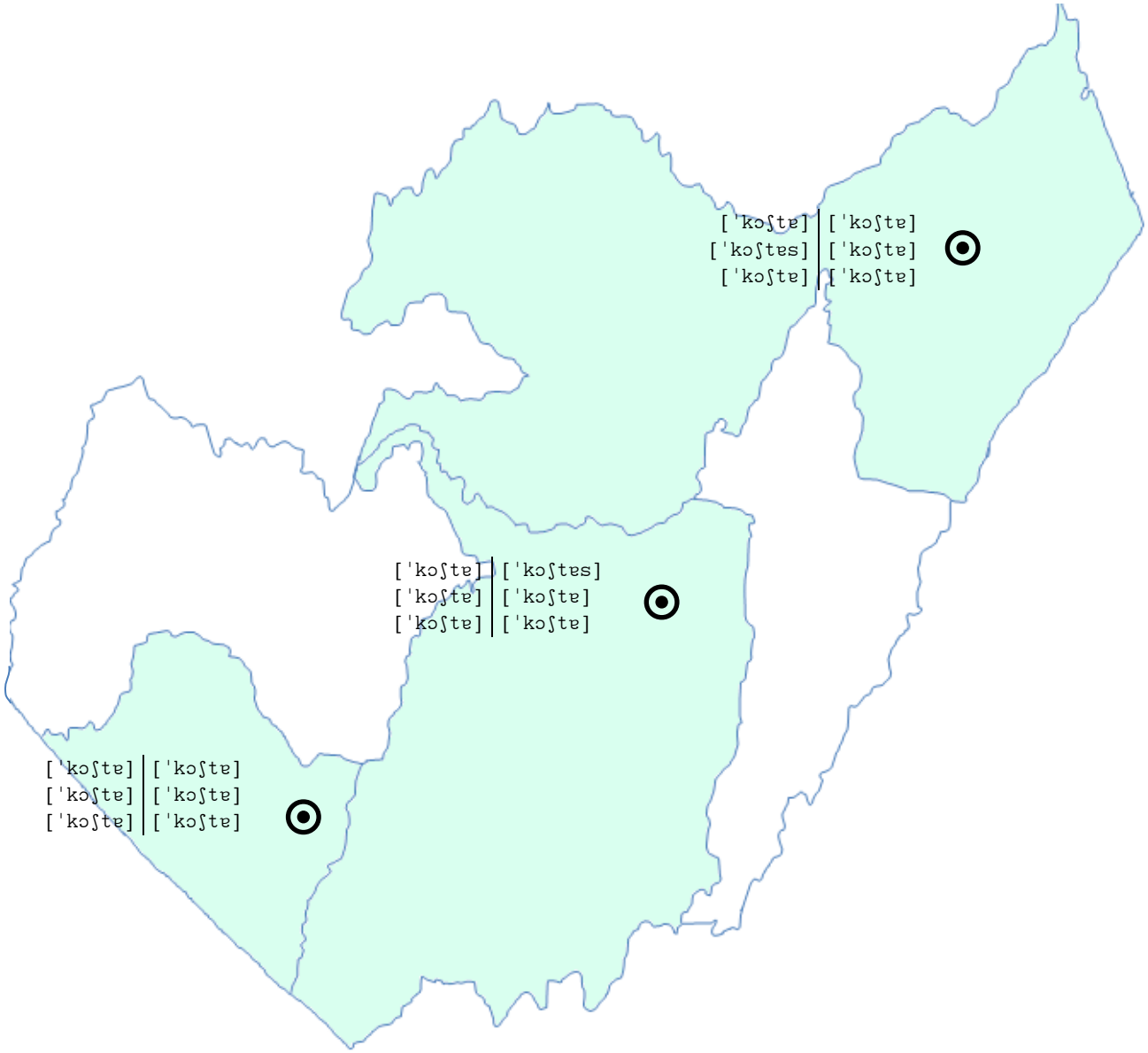


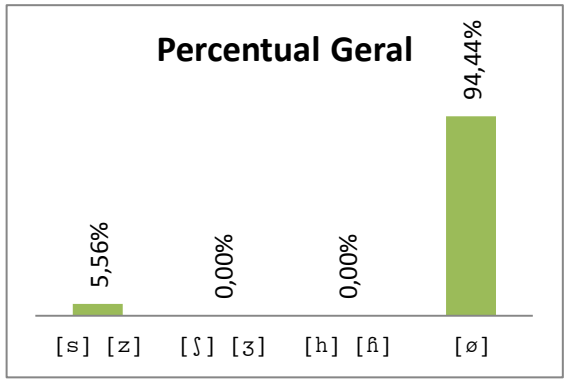


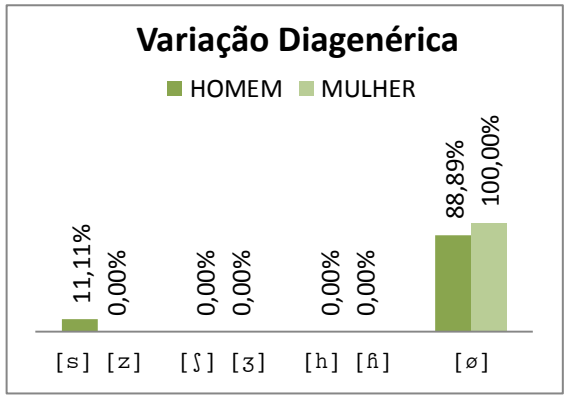


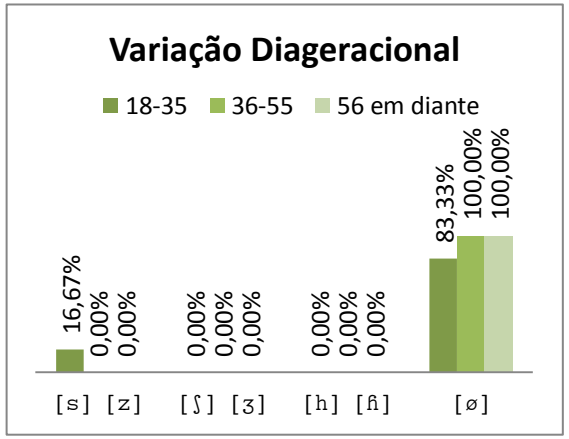


OBSERVAÇÕES:





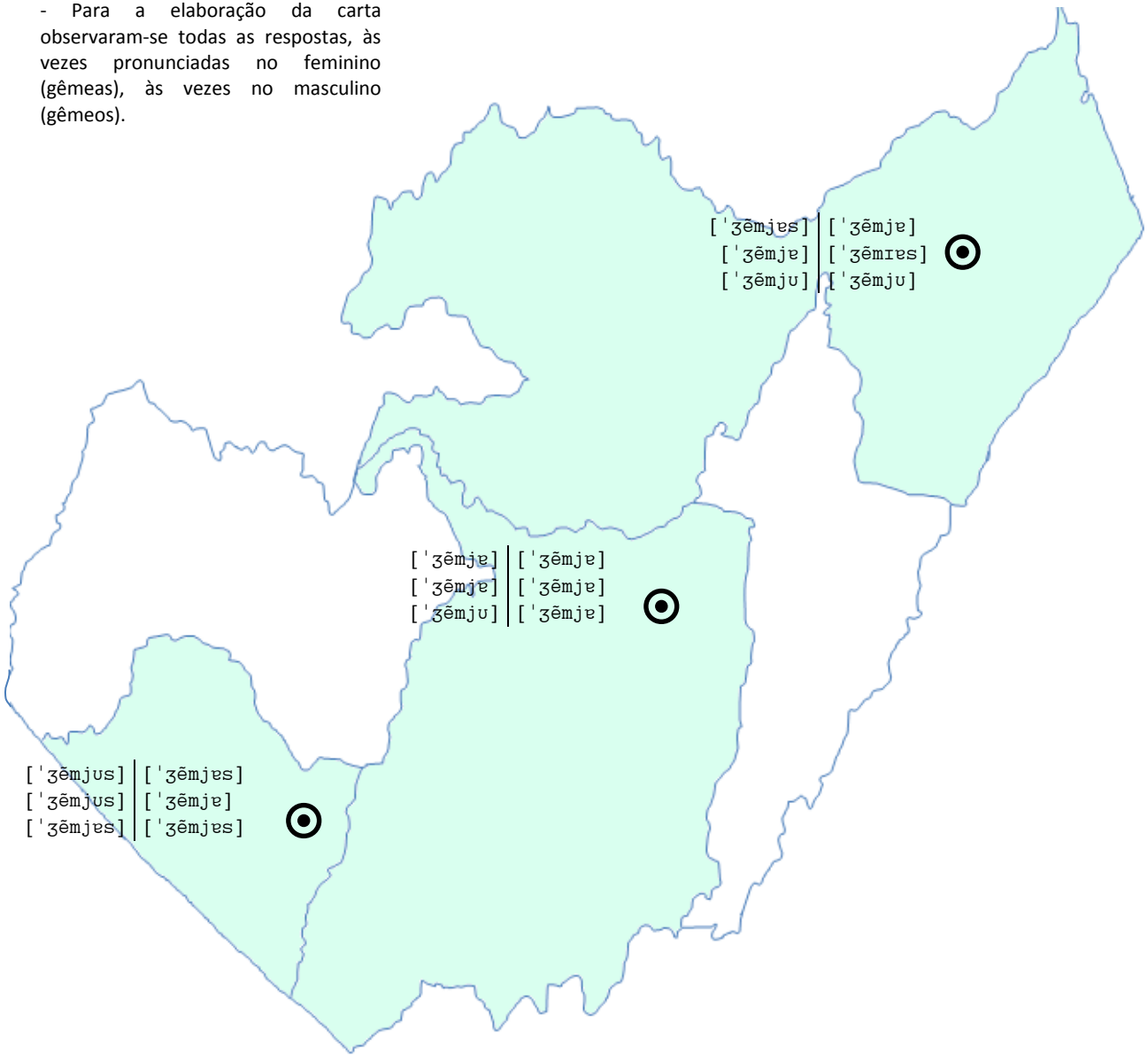


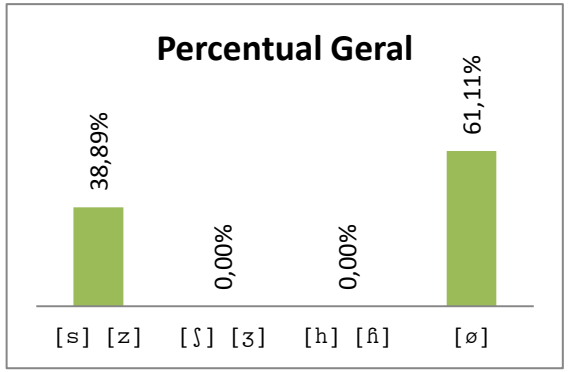


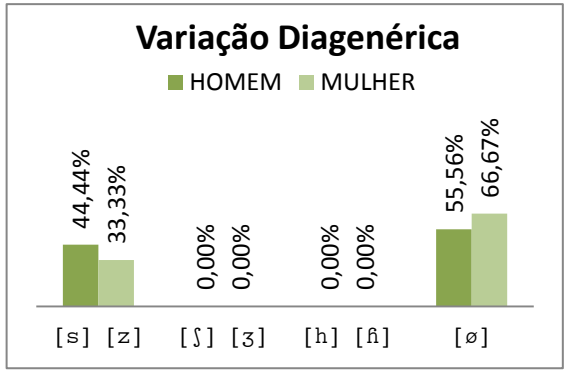
GÊMEAS

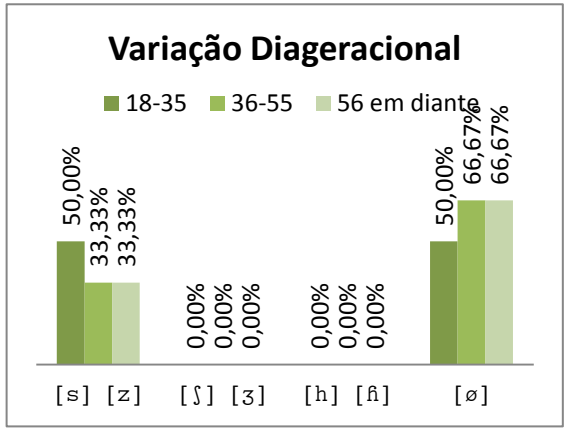
OBSERVAÇÕES:

- Para a elaboração da carta observaram-se todas as respostas, às vezes pronunciadas no feminino (gêmeas), às vezes no masculino (gêmeos).







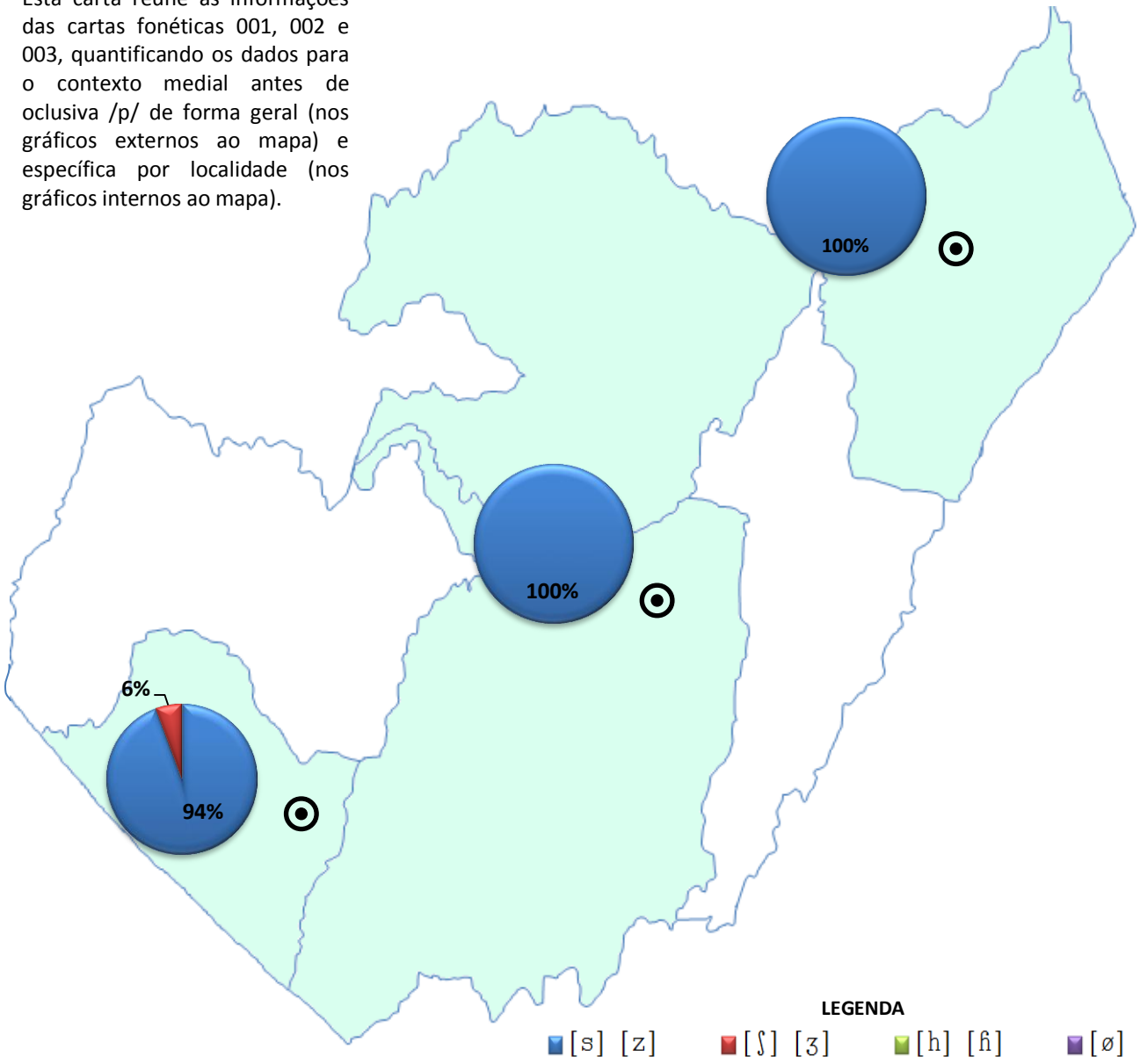


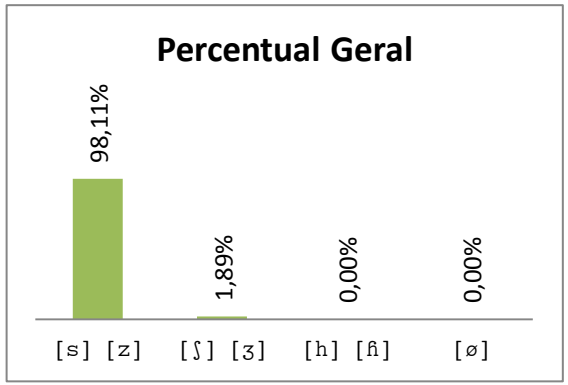
CARTAS FONÉTICO-CONTEXTUAIS

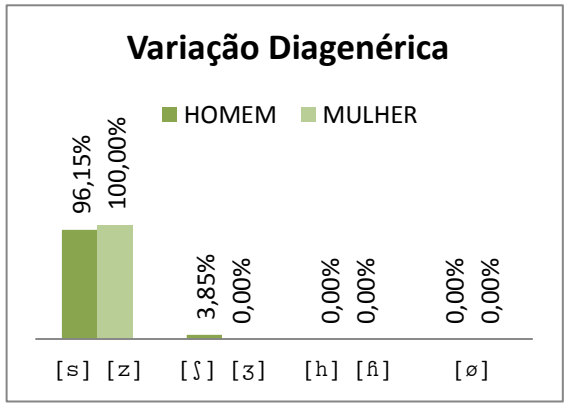
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /p/

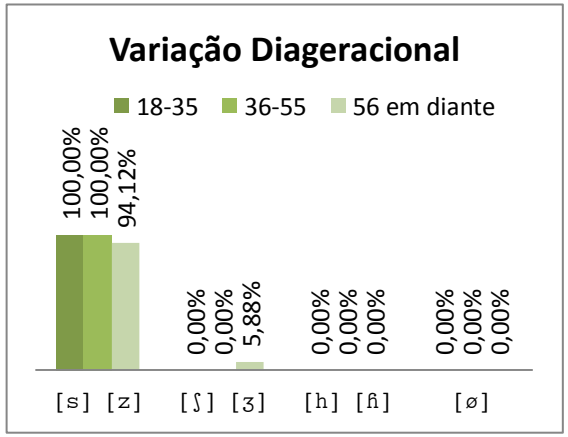
DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonéticas 001, 002 e 003, quantificando os dados para o contexto medial antes de oclusiva /p/ de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





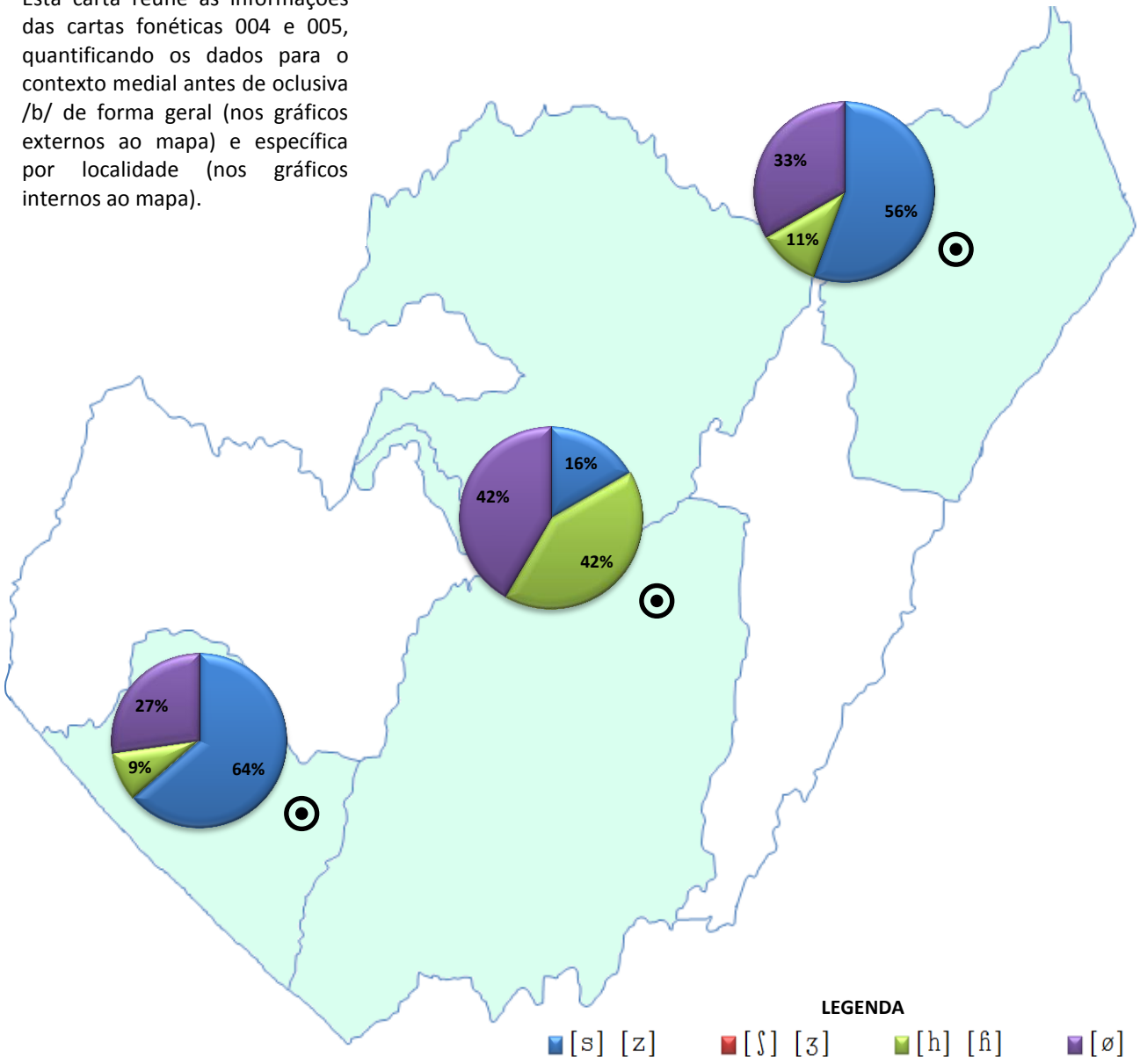


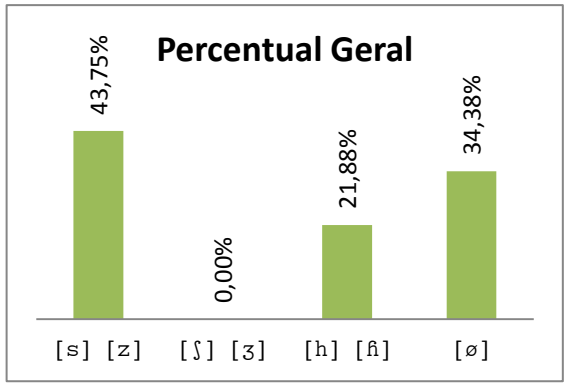


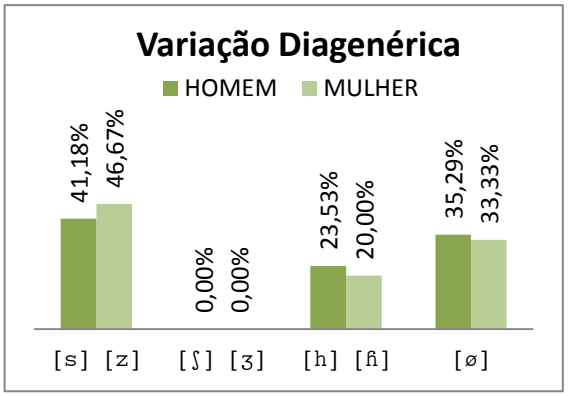
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /b/

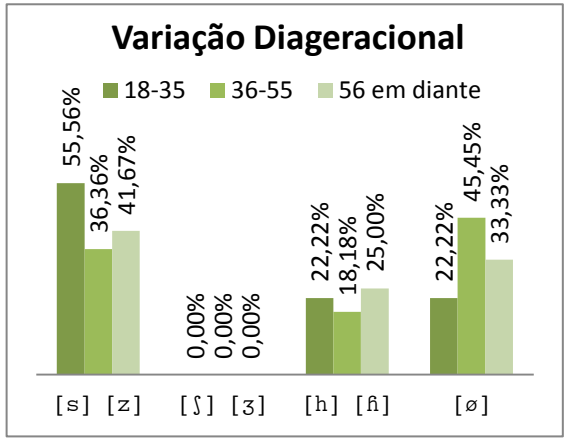
DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonéticas 004 e 005, quantificando os dados para o contexto medial antes de oclusiva /b/ de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





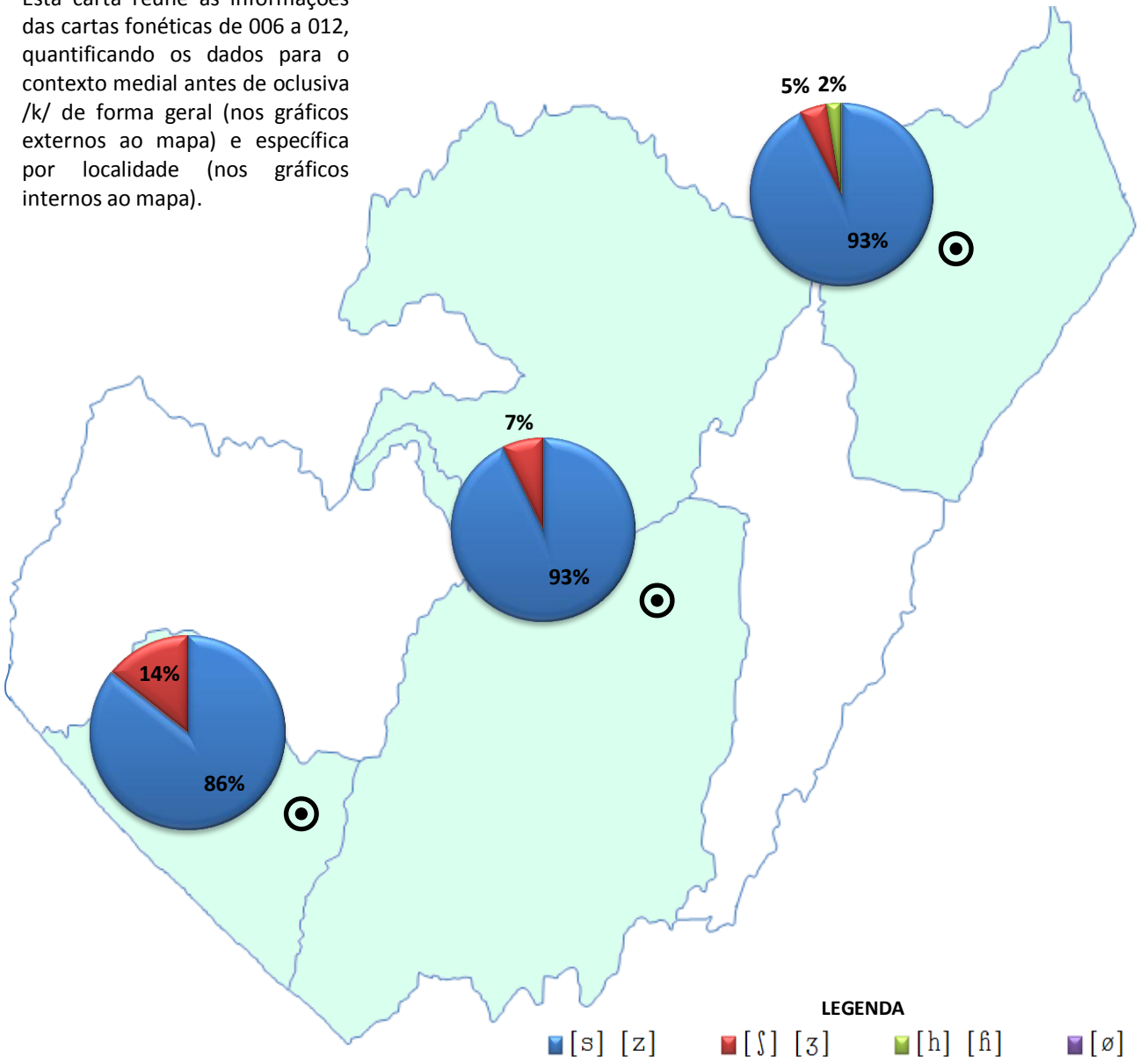


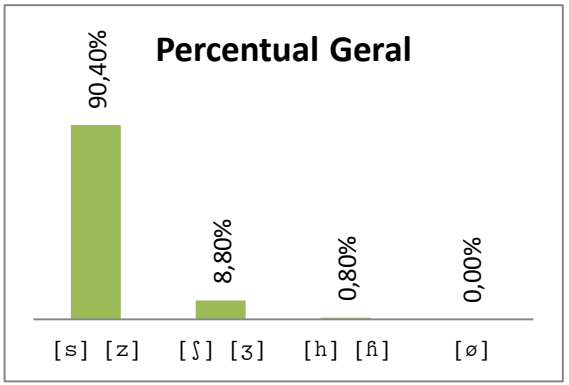


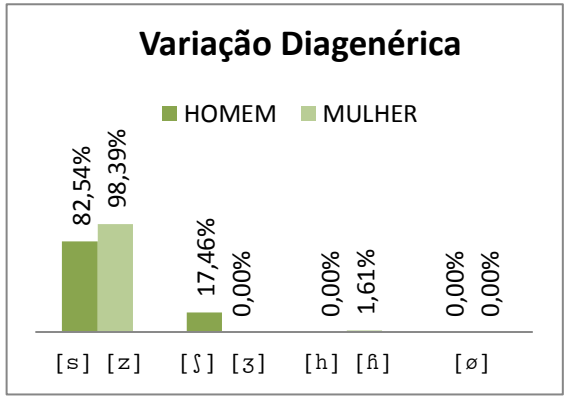
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /k/

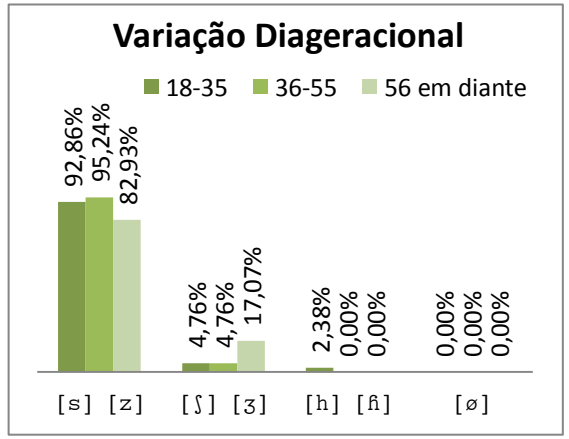
DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonéticas de 006 a 012, quantificando os dados para o contexto medial antes de oclusiva /k/ de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





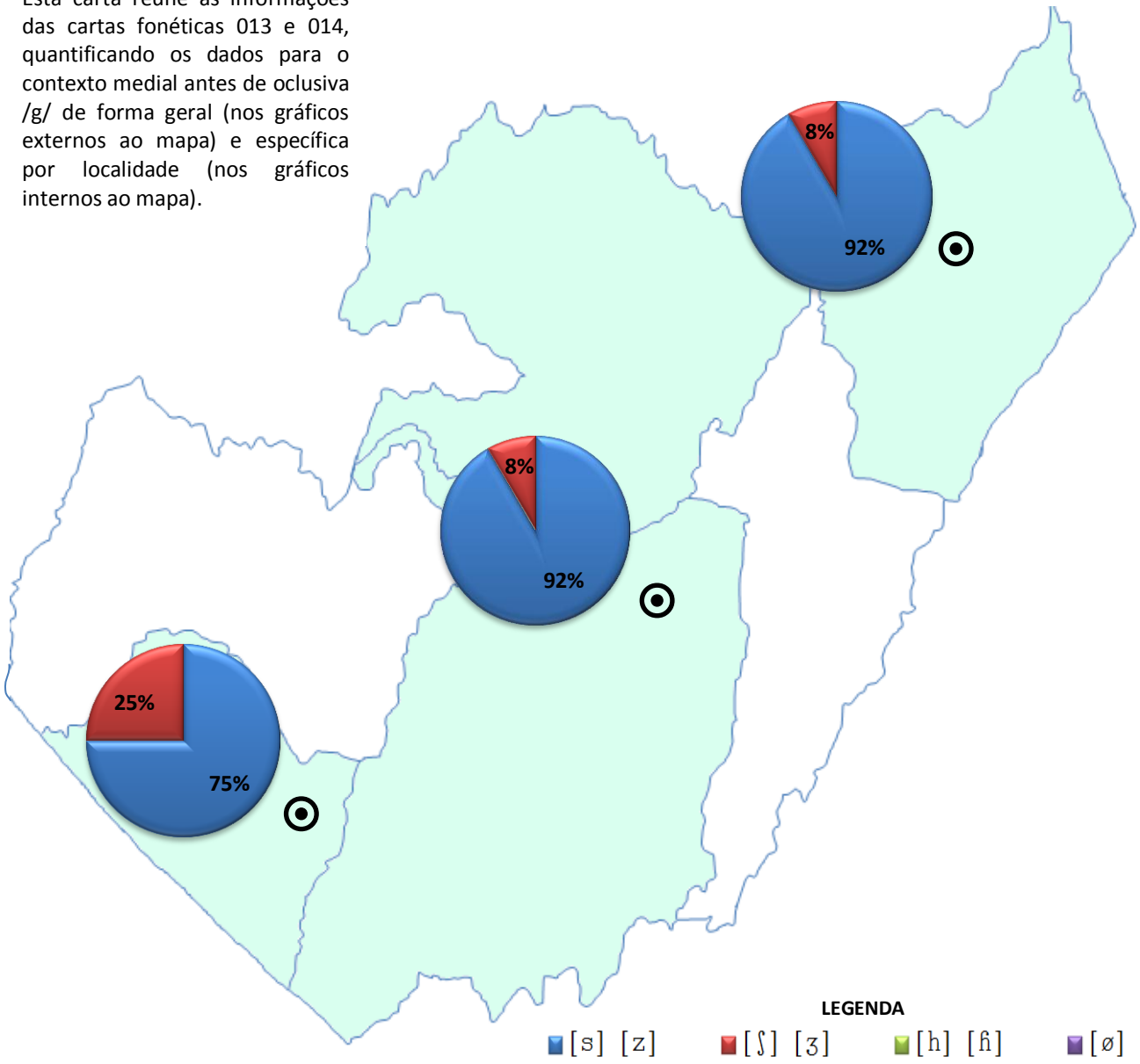


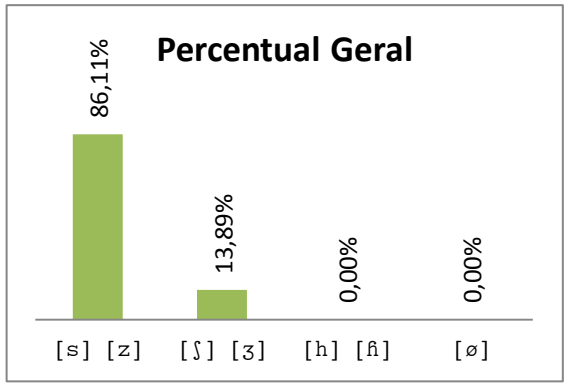


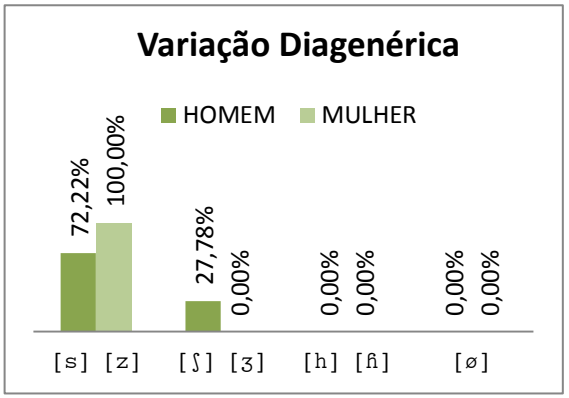
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /g/

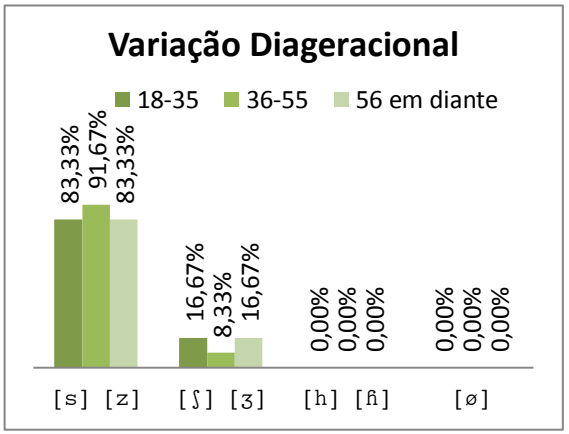
DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonéticas 013 e 014, quantificando os dados para o contexto medial antes de oclusiva /g/ de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





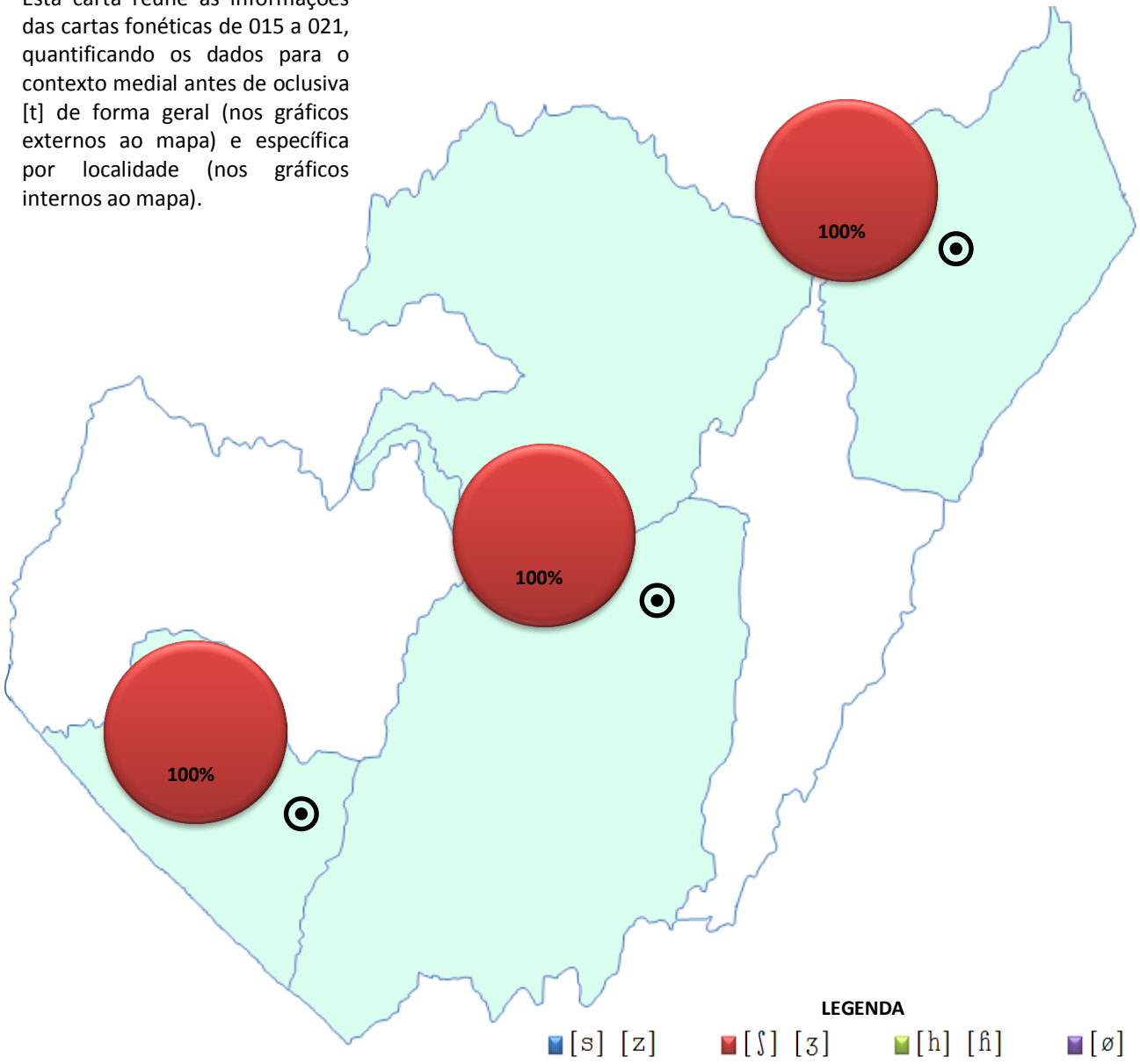


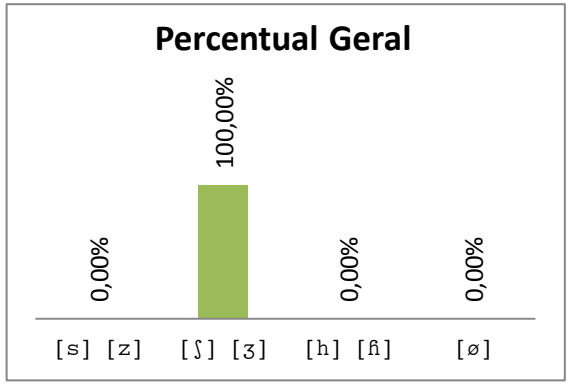


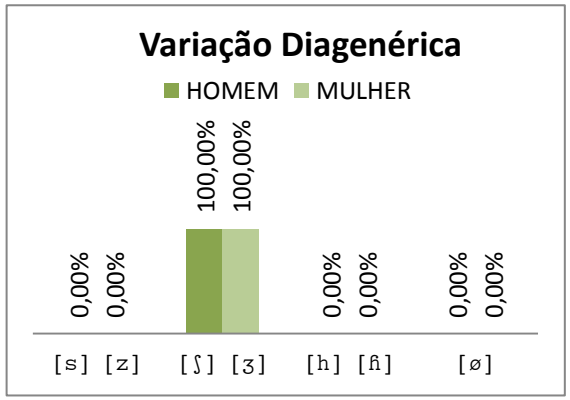
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA [t]

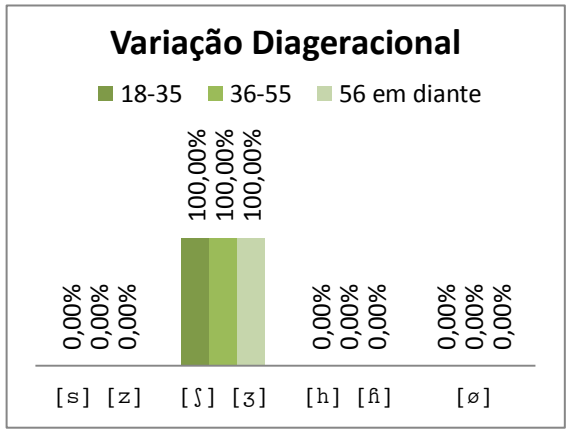
DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonéticas de 015 a 021, quantificando os dados para o contexto medial antes de oclusiva [t] de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





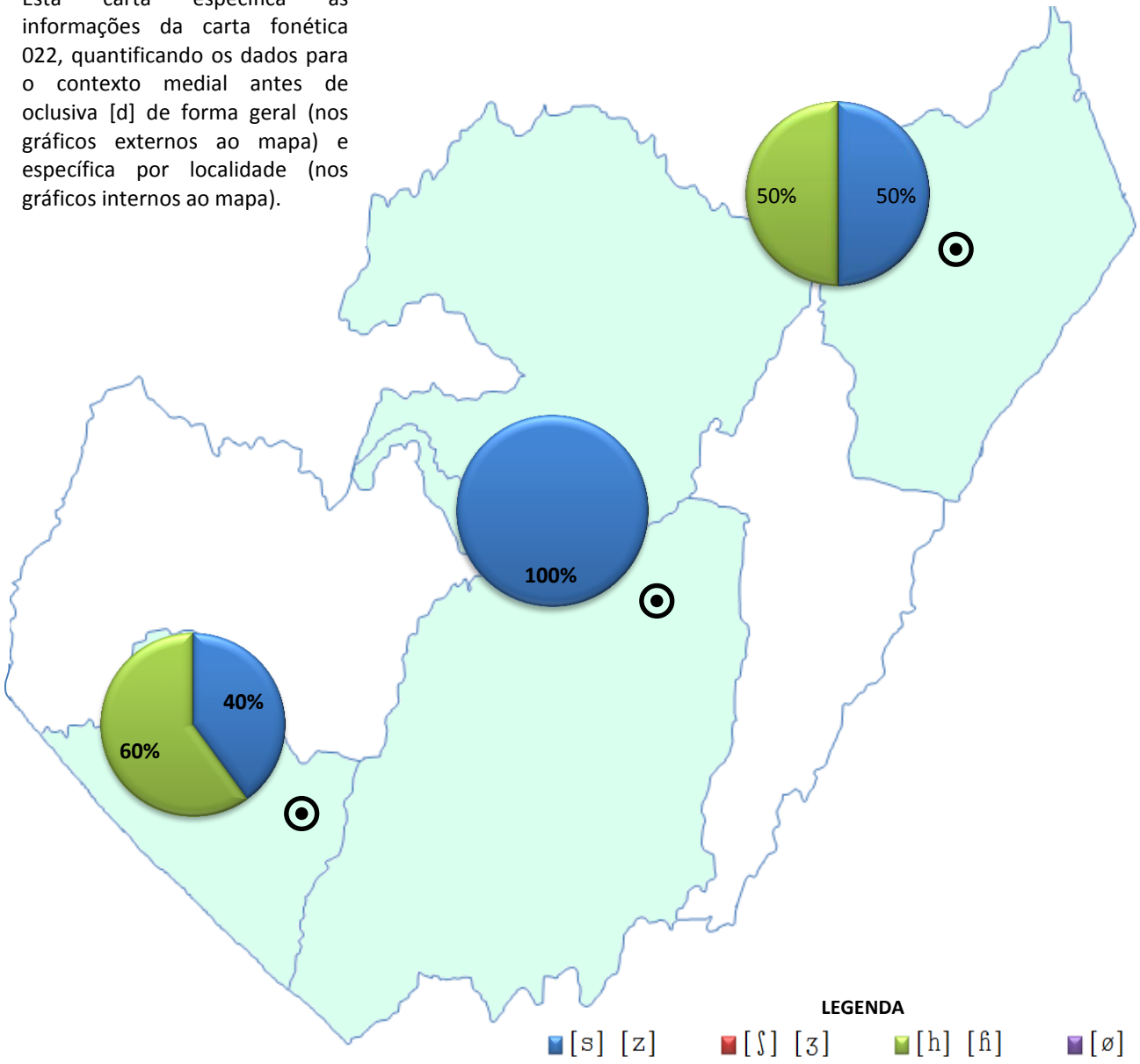


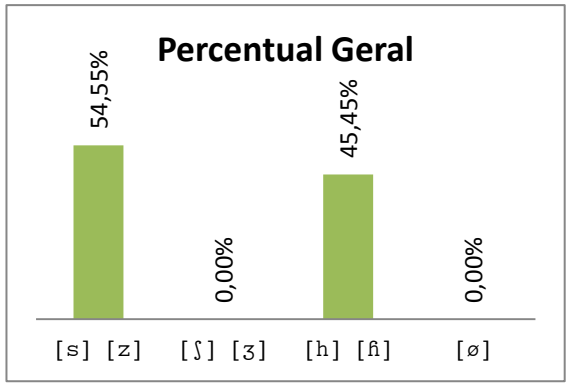


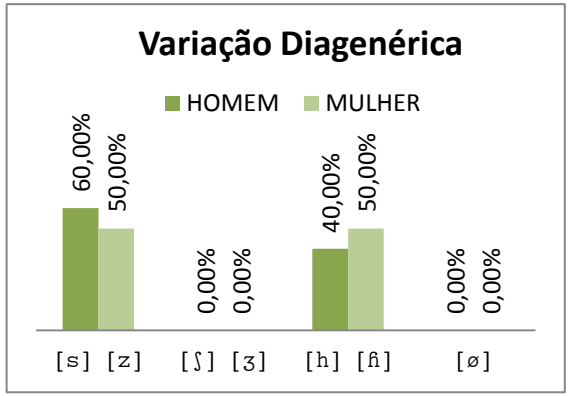
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE OCLUSIVA /d/

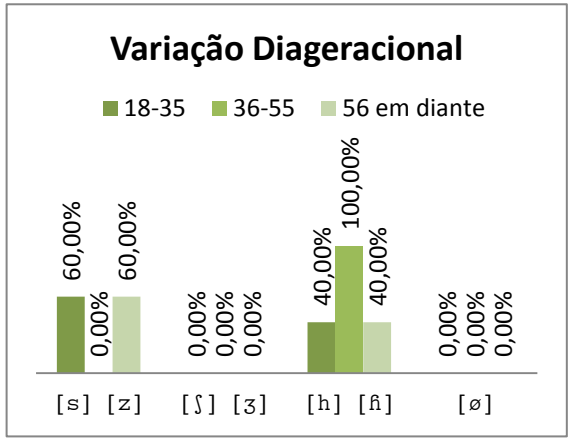
DESCRIÇÃO:

Esta carta especifica as informações da carta fonética 022, quantificando os dados para o contexto medial antes de oclusiva [d] de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





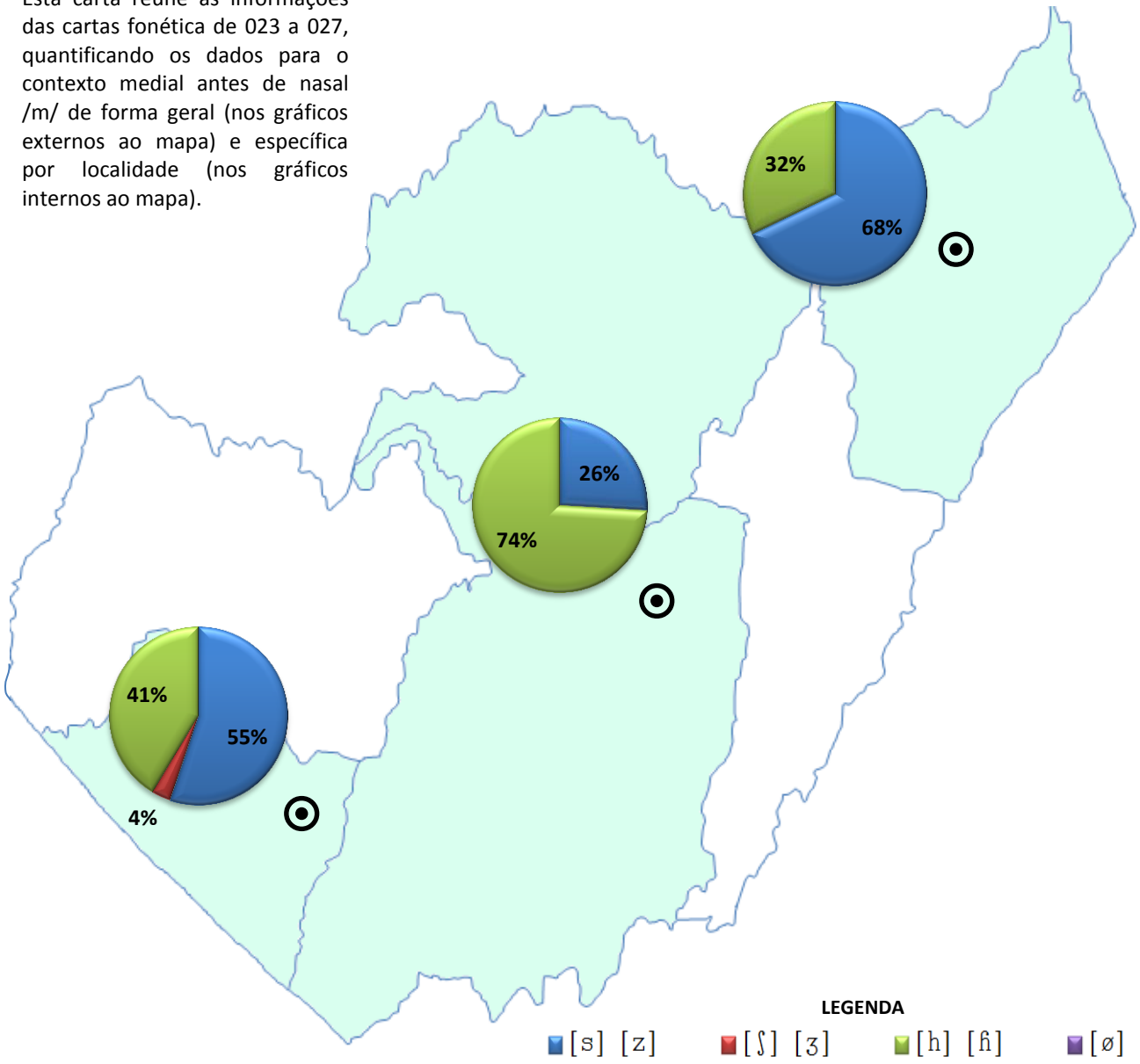


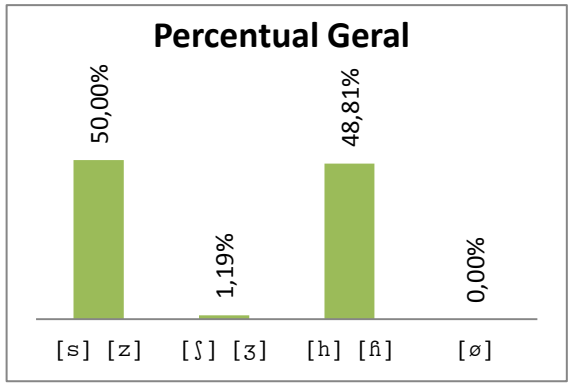


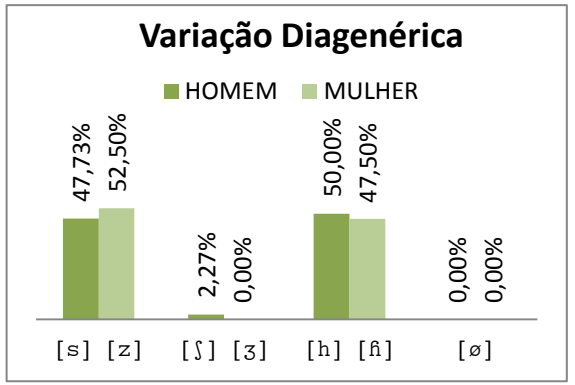
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE NASAL /m/

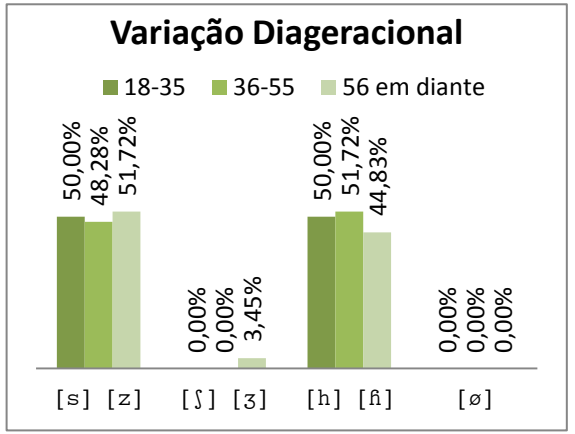
DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonética de 023 a 027, quantificando os dados para o contexto medial antes de nasal /m/ de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





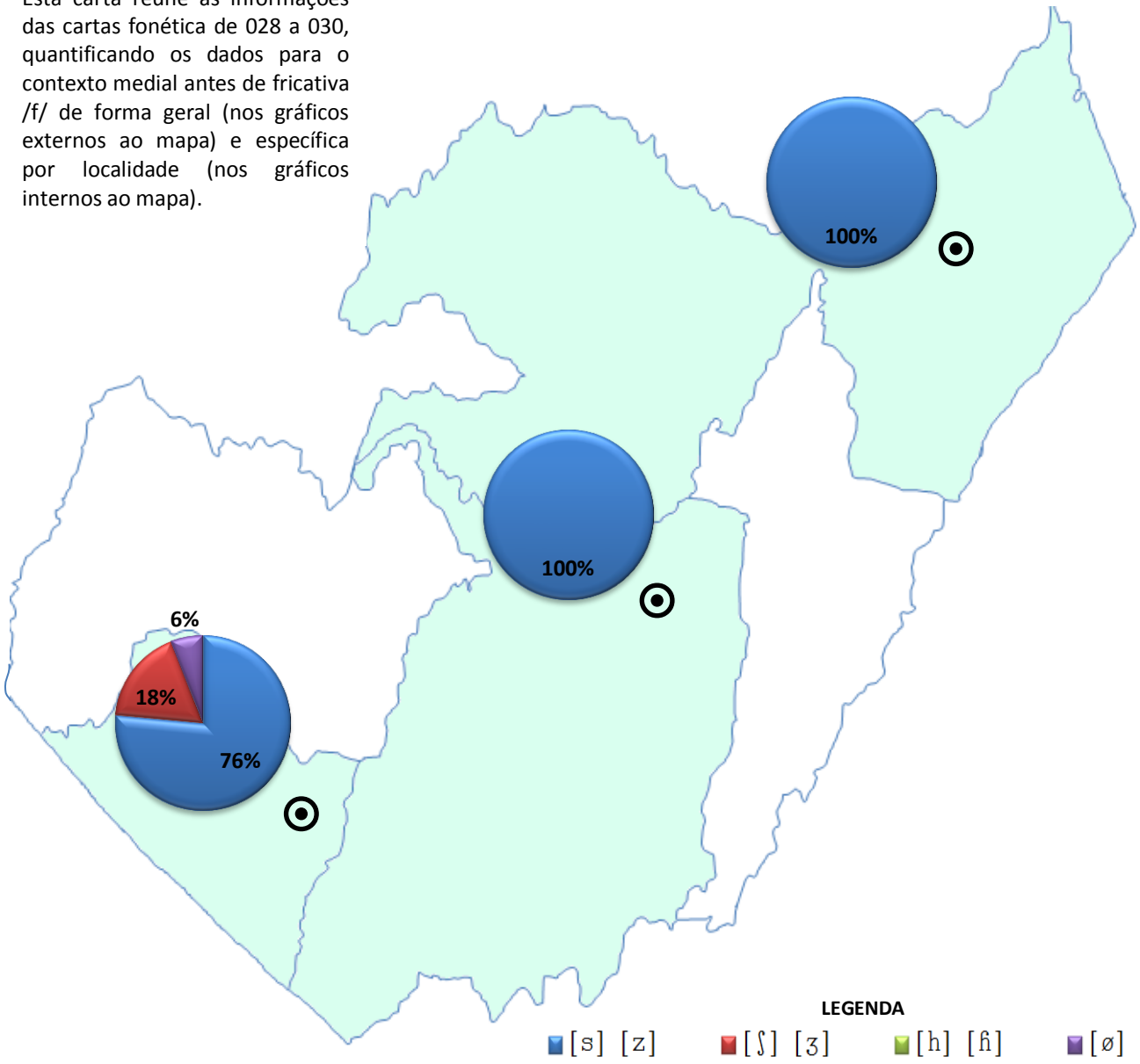


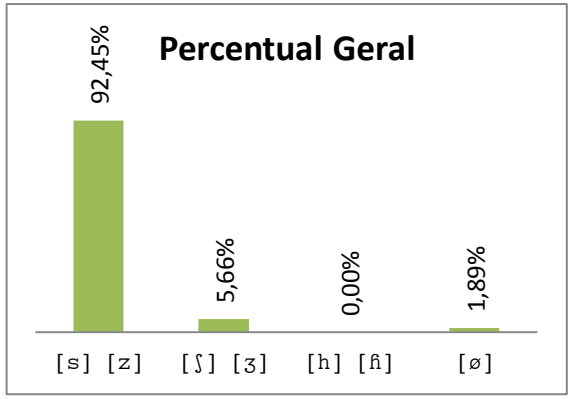


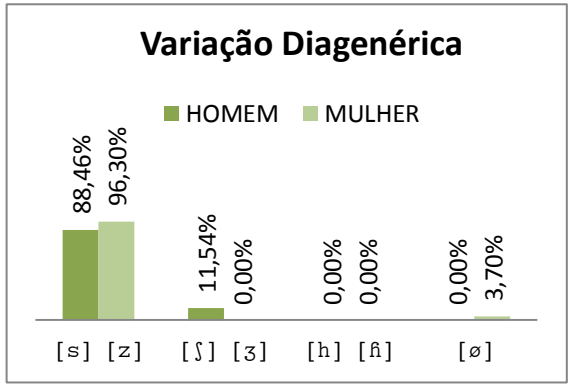
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE FRICATIVA /f/

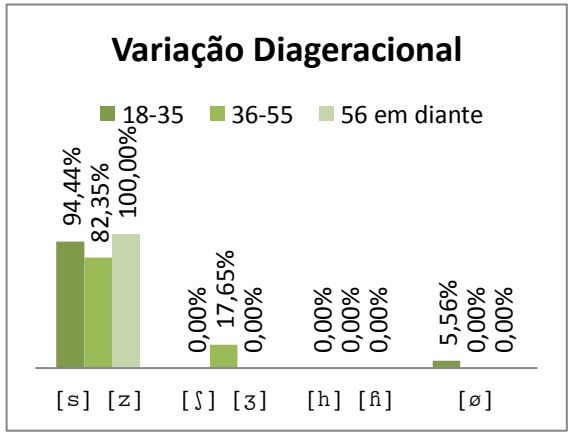
DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonética de 028 a 030, quantificando os dados para o contexto medial antes de fricativa /f/ de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





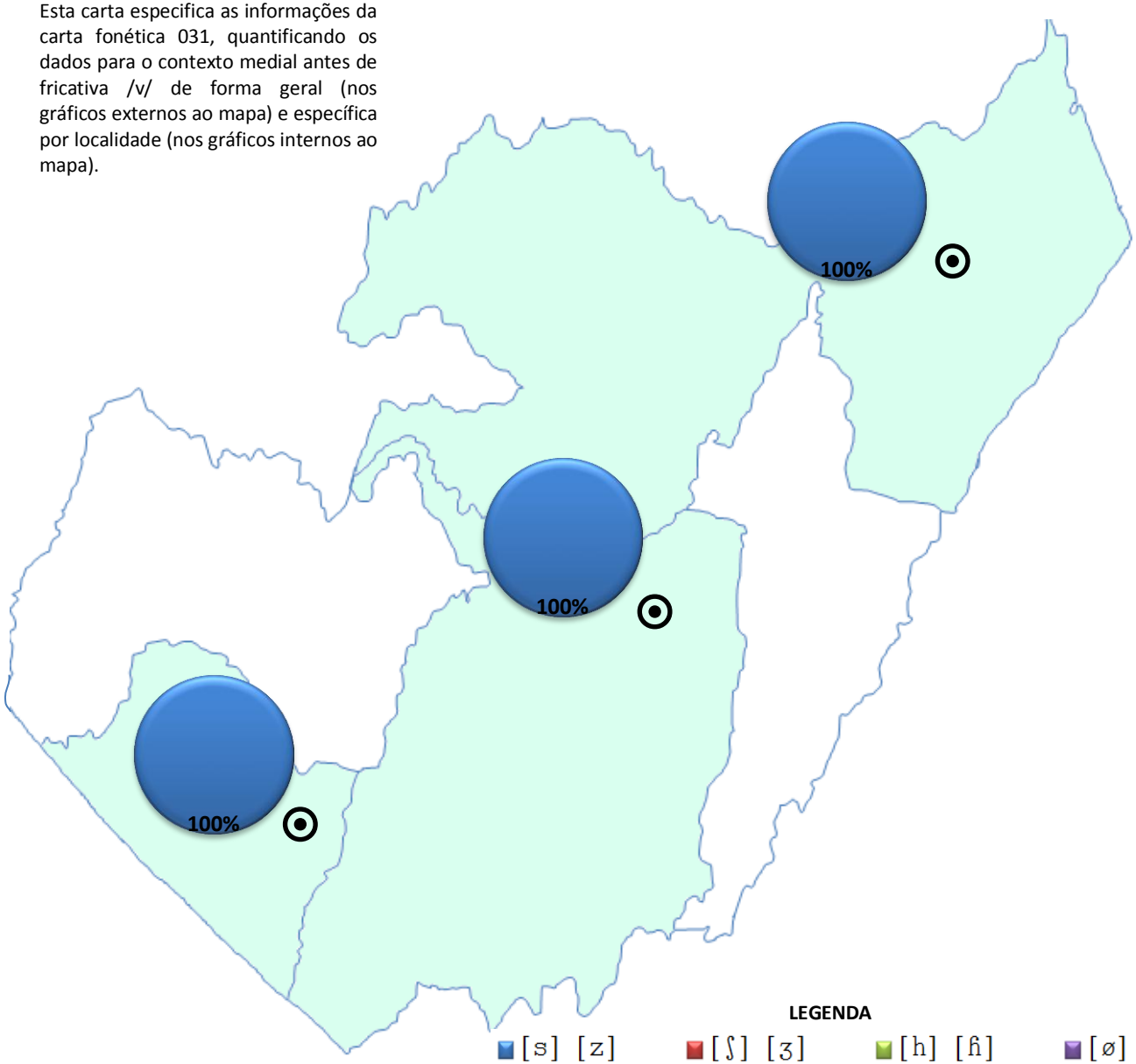


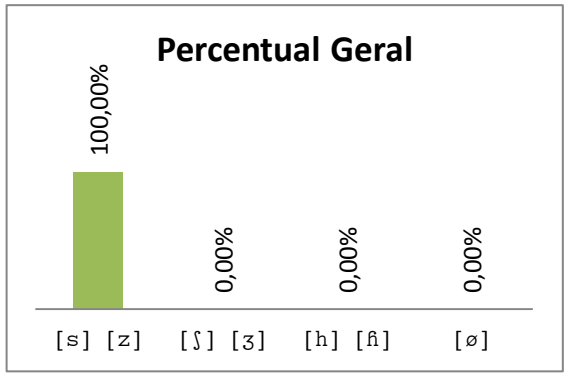


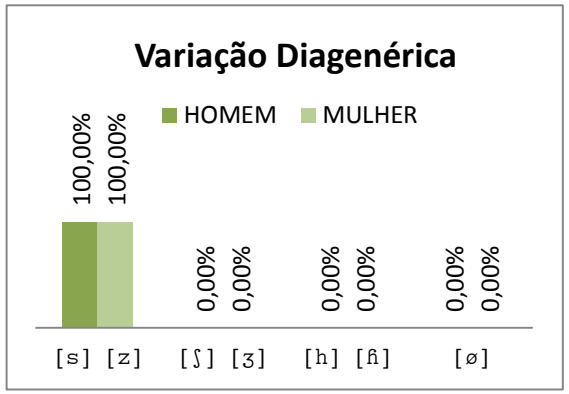
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE FRICATIVA /v/

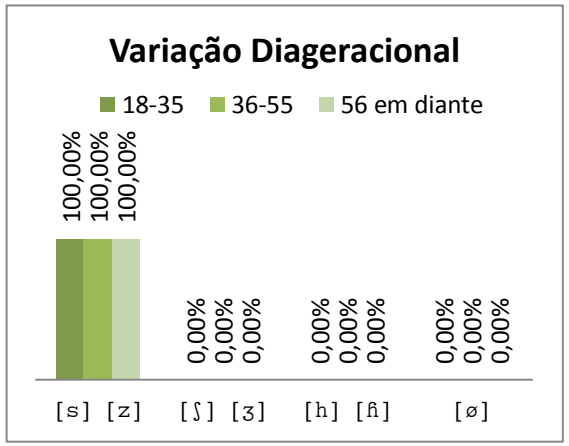
DESCRIÇÃO:

Esta carta especifica as informações da carta fonética 031, quantificando os dados para o contexto medial antes de fricativa /v/ de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





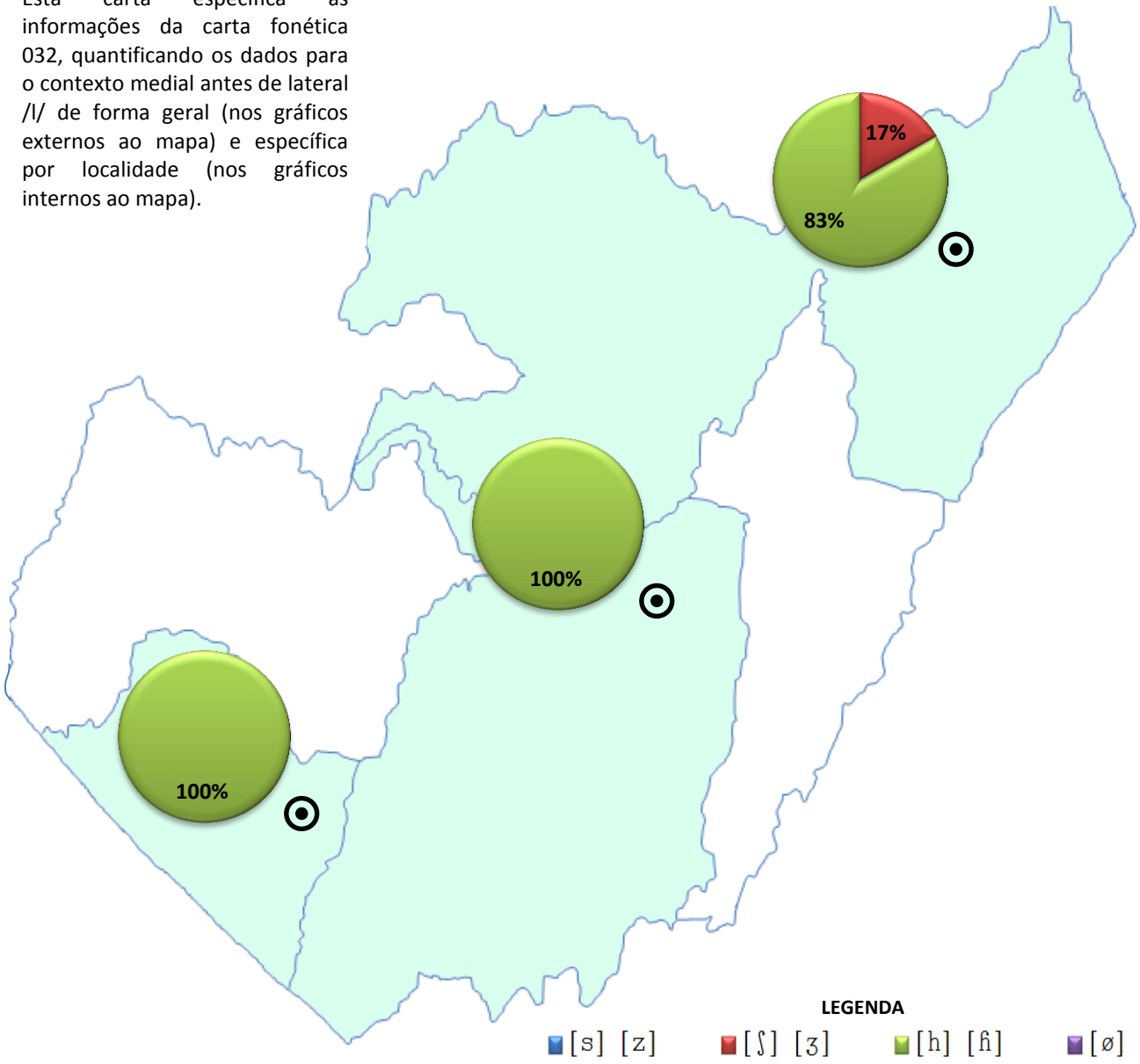


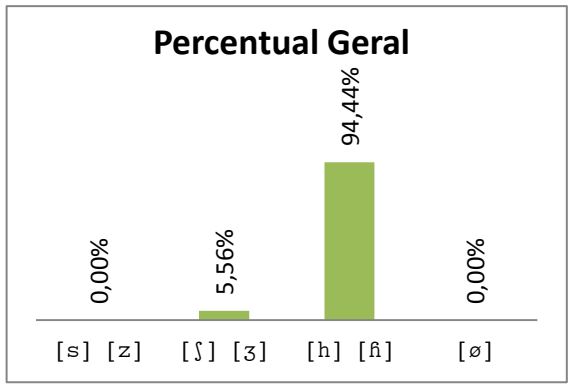


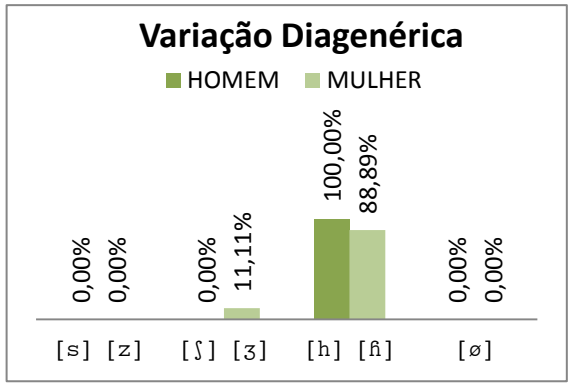
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE LATERAL /l/

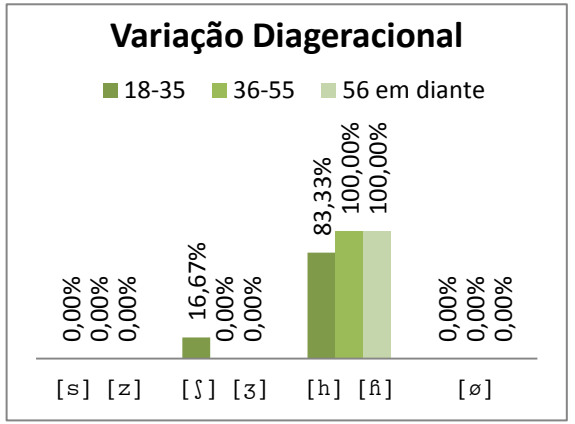
DESCRIÇÃO:

Esta carta especifica as informações da carta fonética 032, quantificando os dados para o contexto medial antes de lateral /l/ de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





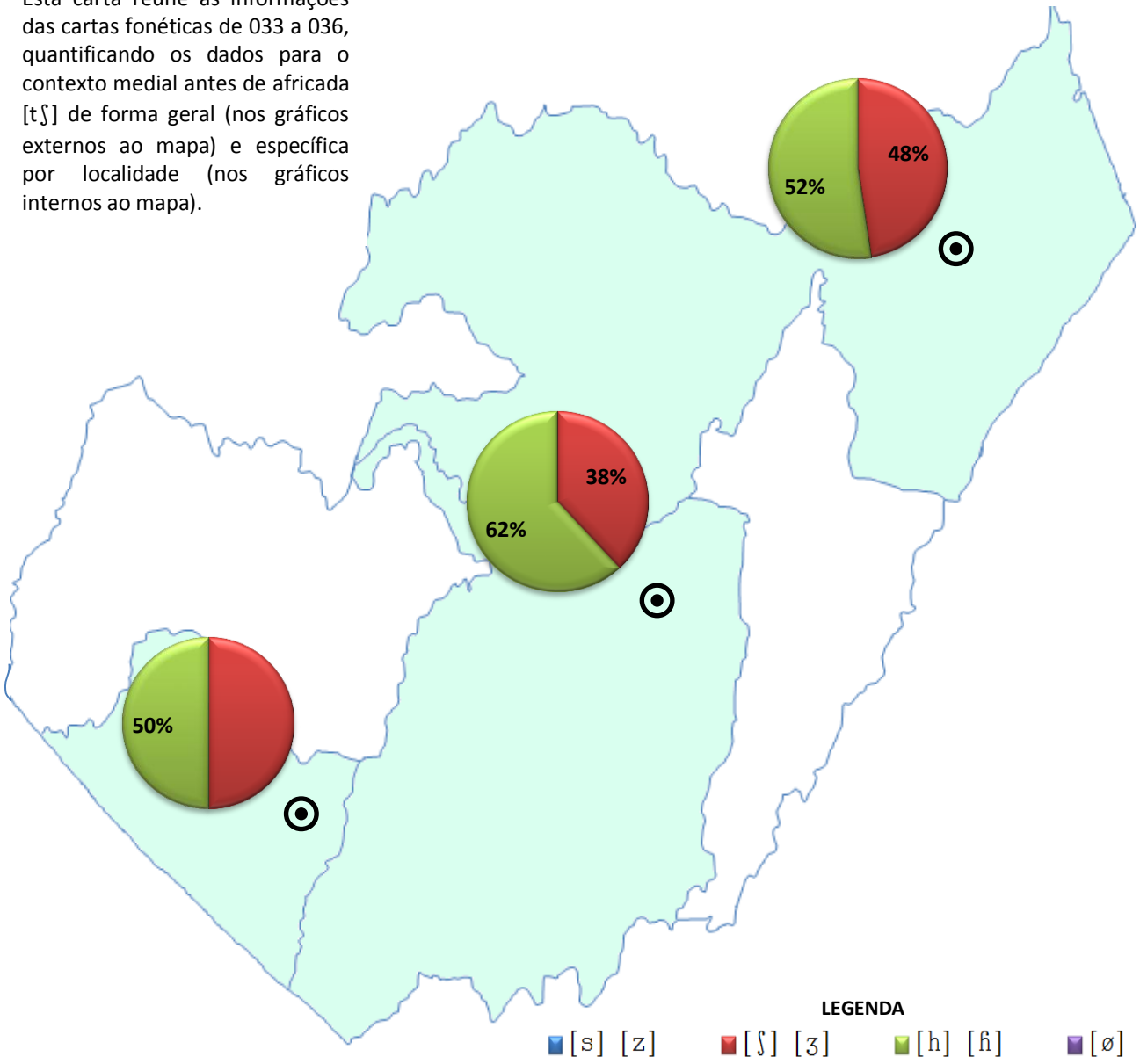


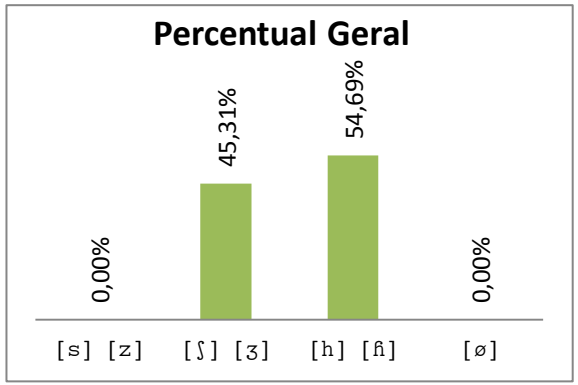


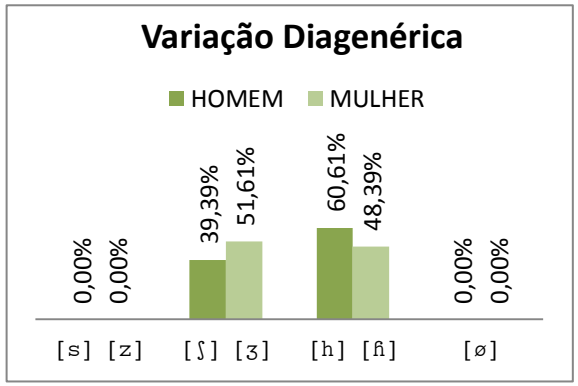
/S/ EM CONTEXTO MEDIAL ANTES DE AFRICADA [tʃ]

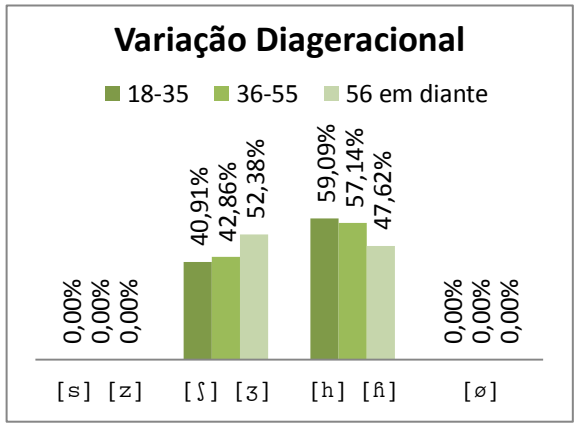
DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonéticas de 033 a 036, quantificando os dados para o contexto medial antes de africada [tʃ] de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).





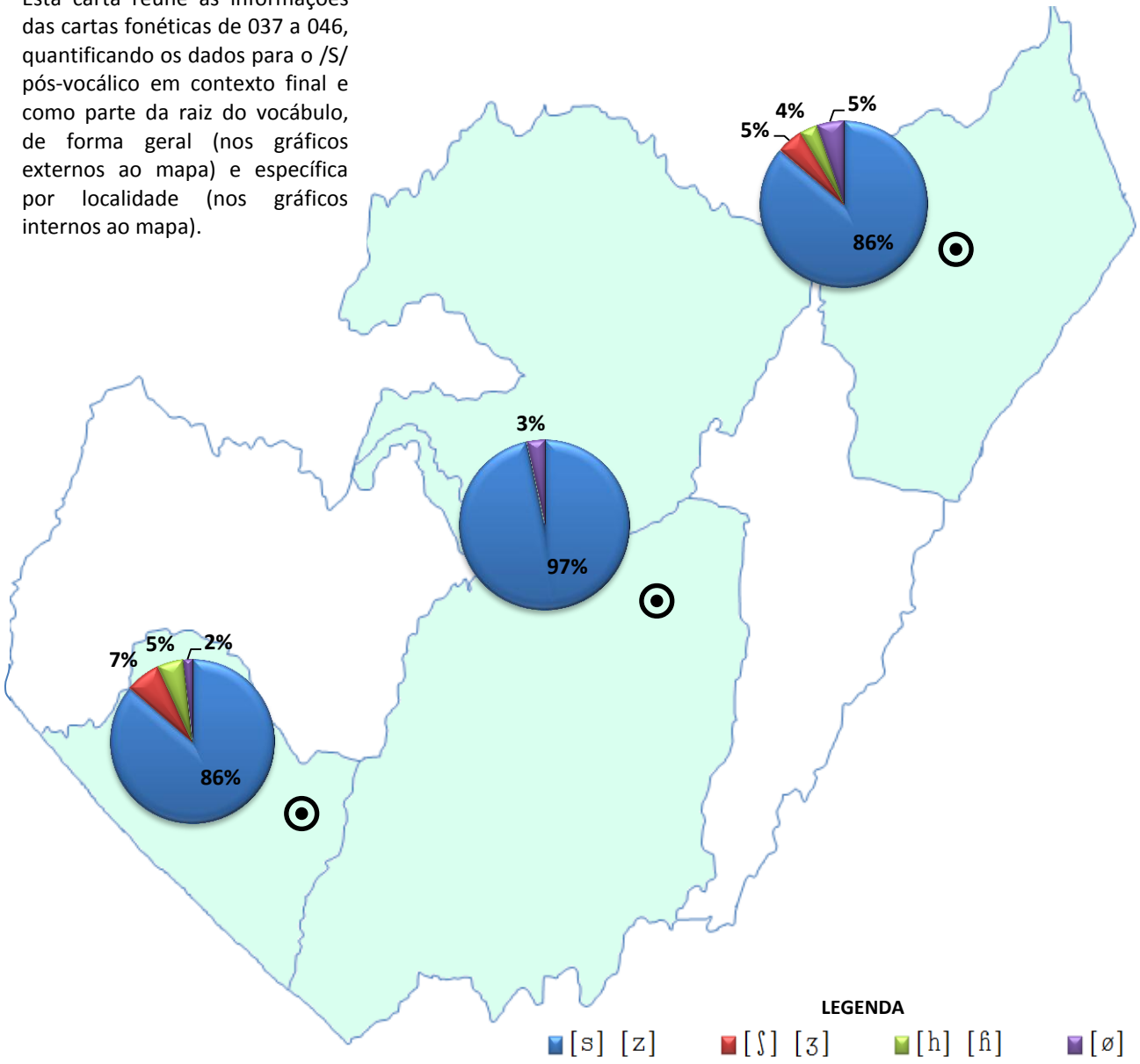


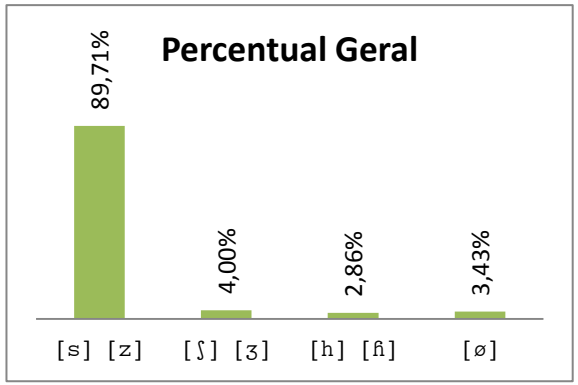


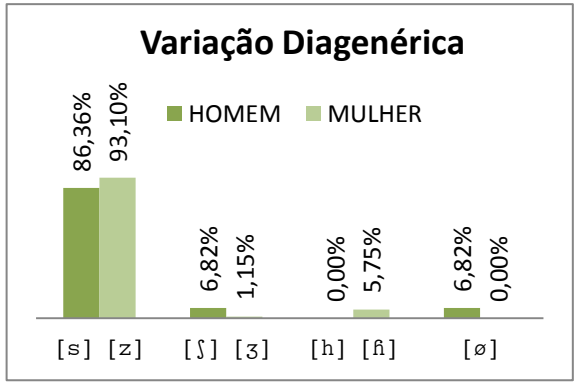
/S/ EM CONTEXTO FINAL COMO PARTE DA RAIZ

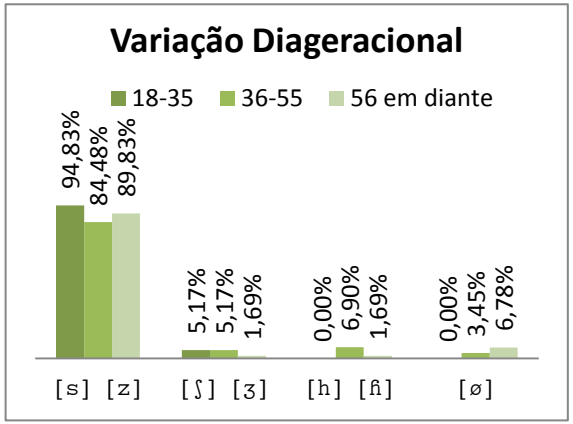
DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonéticas de 037 a 046, quantificando os dados para o /S/ pós-vocálico em contexto final e como parte da raiz do vocábulo, de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).









/S/ EM CONTEXTO FINAL COMO MORFEMA DE PLURAL

DESCRIÇÃO:

Esta carta reúne as informações das cartas fonéticas de 046 a 051, quantificando os dados para o /S/ pós-vocálico em contexto final e como morfema de plural, de forma geral (nos gráficos externos ao mapa) e específica por localidade (nos gráficos internos ao mapa).

